Mikhail Cholokhov

TERRA E SANGUE

Coleção Romances do Povo

TERRA E SANGUE

Coleção ROMANCES DO POVO
Direção de Jorge Amado
Vol. XX

Propriedade da EDITORIAL VITÓRIA LTDA.
Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sob.
Rio de Janeiro

Mikhail Cholokhov

TERRA E SANGUE

Rio de Janeiro
1956

Tradução de
LUIZ PAPI

Capa de PERCY DEANE

1

AOS PRIMEIROS sopros do degêlo, as cerejeiras recendem suave perfume. Ao meio-dia, se brilha o Sol, de permeio com a umidade acre da neve derretida e o cheiro penetrante da terra coberta de fôlhas mortas, sobe dos recessos abrigados do vento um odor leve e quase imperceptível de cascas de árvores.

O sutil aroma de matizes múltiplos paira sôbre os pomares, e ali se impregna até a chegada das primeiras sombras do anoitecer, quando a Lua esverdeia seu quarto crescente entre as ramagens desnudas, e as lebres começam a esparzir na neve os sinais de suas patas aveludadas.

Dos cumes da estepe o vento sopra nos jardins o travo do absinto crestado pelo frio. Dissipam-se os odores e os ruídos do dia, e, qual lôba cinzenta, a noite desce do oriente e passa sôbre as artemísias, a grama trêmula, as sarças avermelhadas e os sulcos abertos no outono, deixando em seu rastro, sôbre a estepe, os retalhos do crepúsculo.

* * *

Numa noite de janeiro de 1930, um homem cavalgava pelo caminho da estepe. Ao chegar às imediações da aldeia de Gremiatchi-Log, fêz alto junto ao rio e apeou de sua esfalfada montaria, cujos flancos estavam encrespados de neve.

Sôbre o negrume dos pomares, que cobriam ambos os lados da estreita senda, e sôbre as ilhotas de tílias, a Lua ia alta, em quarto minguante. Todo o caminho era escuridão e silêncio. Ao longe, do outro lado do rio, um cão uivava. Um ponto de luz amarela piscava. O cavaleiro sorveu o ar gelado em fundos haustos, tirou calmamente uma das luvas e acendeu um cigarro. Depois, ajustou a cilha, introduziu os dedos sob a manta, apalpou a pele suada e quente do cavalo, e, de um salto, encarapitou-se novamente na sela. Pôs-se então a vadear o riacho, que nem mesmo no inverno se congelava. O cavalo, cujas ferraduras ressoavam surdamente nos pedregulhos do leito, quis dessedentar-se, mas seu dono obrigou-o a apertar o passo, e o animal, sacudido por um soluço, começou a subir a margem.

Ao ouvir vozes e o deslizar de um trenó sôbre a neve, o cavaleiro deteve novamente a montaria. Atento, o animal ergueu as orelhas e voltou a cabeça, fazendo brilhar na sombra, banhada por uma réstia de lua, a peiteira e a alta sela cossaca, com incrustações prateadas. O cavaleiro afrouxou as rédeas, cobriu ràpidamente o rosto com o capuz de pele de camelo que lhe pendia na nuca e pôs-se a trote. Ultrapassado o trenó, diminuiu novamente a marcha, conservando porém o capuz.

Ao entrar na aldeia, indagou de uma mulher que passava:

— Ei, comadre, sabe dizer-me onde mora Iakov Ostrovnov?

— Iakov Lukitch?

— Êle mesmo.

— Está vendo aquela casa coberta de telhas, atrás das tílias? Pois é ali.

— Já sei. Obrigado.

O cavaleiro apeou-se em frente da casa indícada, fêz entrar seu cavalo para o interior do cercado e, aproximando-se da janela, bateu levemente na vidraça com o cabo do rêlho.

— Ó de casa! Iakov Lukitch! Abre um momento.

A cabeça descoberta, um casaco sôbre os ombros, o dono da casa apareceu no patamar, escrutando o desconhecido.

— Quem me traz o diabo? — perguntou com um sorriso disfarçado pelos bigodes grisalhos.

— Não adivinha, Lukitch? Você tem que nos abrigar esta noite, a mim e a meu cavalo.

— Não, meu caro, não me recordo. Não será do comitê executivo do setor, por acaso? Ou talvez da seção agrária? Espere... A voz não me é estranha.

O desconhecido, entreabrindo os lábios num sorriso, levantou o capuz.

— Não se lembra de Polovtsev?

Lívido, Iakov Lukitch olhou assustado à sua volta e balbuciou:

— Excelência!... Mas de onde vem?... Meu capitão! Pois não, levemos logo o cavalo... para a estrebaria... quantos anos...

— Vamos, não fale tão alto!... Sim, faz tempo que não nos vemos... Tem um abrigo para o cavalo? Não há gente estranha em casa?

O recém-chegado entregou as rédeas ao dono da casa. O cavalo, pouco obediente à mão desconhecida, distendeu o pescoço, alçou a cabeça e, arrastando com fadiga as patas traseiras, deixou-se levar até a estrebaria. Ali, porém, ao sentir pelo cheiro a presença de outro animal, relinchou fortemente e escarvou o chão com as patas. A mão estranha pousou-lhe na testeira, e dedos hábeis livraram-no com precaução do freio que lhe havia ferido as gengivas. Agradecido, o animal mergulhou a cabeça no feno.

— Desamarrei a barrigueira, por enquanto pode ficar arreado. Quando tiver se refrescado um pouco, tirarei a sela — disse Ostrovnov solícito, enquanto cobria o cavalo com uma manta.

O exame da sela, da cilha e dos estribos já lhe revelara que seu hóspede vinha de longe e viajara bastante naquele dia.

— Tem milho, Iakov Lukitch?

— Tenho algum. Mas primeiro êle deve beber. Vamos entrar. Já não sei como chamá-lo... Devo tratá-lo como antigamente? Perdi o hábito, para não falar no incômodo...

O dono da casa sorria na penumbra com perturbação, embora sabendo que o outro não podia notá-lo.

— Ora, sigamos o costume, use o meu nome. Não o esqueceu? — perguntou o hóspede, saindo da estrebaria.

— Como iria esquecê-lo? Lutamos juntos na guerra contra os alemães, e na outra também... Tenho pensado muitas vêzes no senhor, Alexandre Anissimovitch. Mas desde que nos separamos em Novorossisk, nada mais soube a seu respeito. Tinha para mim que o senhor partira para a Turquia com os cossacos.

Entraram na cozinha, que estava bastante quente. O hóspede tirou o capuz e o gorro de pele branca, pondo à mostra um crânio áspero e anguloso, guarnecido de escassos cabelos louros. Olhou em tôrno e, pregueando os pequenos e fundos olhos azuis, encimados pela testa fugidia e calva — uma testa de lôbo — dirigiu-se amàvelmente às camponesas sentadas num banco: a dona da casa e sua nora.

— Como vão, mãezinhas?

— Com a graça de Deus! — foi a resposta reservada da mais velha, que olhou interrogativamente o marido, como a perguntar: "A quem nos traz, e como devemos tratá-lo?"

— Põe a mesa — ordenou-lhe Ostrovnov sem maiores explicações, convidando o hóspede a ir sentar-se na sala de jantar.

Serviram-lhe uma sopa de repôlho e toucinho, que o hóspede tomou conversando sôbre o tempo e velhos camaradas. Movia pesadamente o forte maxilar inferior, que parecia talhado em pedra. Mastigava lentamente, como um boi cansado. Terminada a refeição, levantou-se e fêz uma breve oração ante os ícones adornados de empoeiradas flôres de papel. Sacudiu depois o farelo de pão da velha blusa justa nas espáduas, e disse:

— Obrigado pela hospitalidade, Iakov Lukitch! Agora vamos conversar.

As duas mulheres levantaram-se ràpidamente e, a um olhar significativo de Iakov Luckitch, dirigiram-se para a cozinha.

2

O secretário do comitê de setor, homem de gestos lentos e vista curta, sentou-se à mesa e fitou Davídov de esguelha. Depois, piscando os olhos congestionados, pôs-se a examinar os documentos do recém-chegado.

Ouvia-se lá fora o sibilar do vento nos fios telefônicos. Uma pêga mordiscava o lombo de um cavalo prêso pela rédea ao cercado. O vento sacudia a cauda da ave, fazendo-a ruflar as asas. Mas, indiferente a tudo, ela voltava a pousar no matungo e, com ar de triunfo, passeava em tôrno seus olhinhos matreiros.

Camadas de nuvens flutuavam sôbre a *stanitsa*. Às vêzes abria-se nelas uma brecha, por onde caíam réstias oblíquas de sol. Surgia então um pedaço de azul brilhante como no verão, e a curva do Don, visível da janela, o bosque que se estendia do outro lado e o píncaro distante, como um minúsculo moinho de vento no horizonte, adquiriam a suavidade comovente de um desenho.

— Quer dizer que uma indisposição o reteve em Rostov? Faz três dias que chegaram os outros oito dos Vinte e Cinco Mil (*). Houve uma reunião. Foram recebidos pelos delegados do colcós.

O secretário moveu os lábios com ar pensativo.

— A situação está bastante confusa. Em nosso setor a coletivização não passa de 14,8 por cento. A maioria pertence à *toz* (**). Os culaques e os ricos não entregaram ainda tôdas as cotas de trigo devidas. Faltam homens! Fazem muita falta! Os colcoses tinham pedido quarenta e três trabalhadores, e vieram apenas nove.

E, semicerrando as pálpebras inchadas, o secretário fitou novamente Davídov, mas desta vez com um olhar inquiridor e penetrante. Fixava-lhe as pupilas como se procurasse julgar o homem.

(*) Em 1930 o Partido Comunista mobilizou vinte e cinco mil trabalhadores para auxiliar a coletivização.

(**) Associação para o cultivo da terra em comum.

— Então, camarada, você era serralheiro? Muito bem. Trabalhou muito tempo em Putilov? Quer fumar?

— Ia entrar nos nove anos... Desde a desmobilização.

Davídov estendeu a mão para tirar um cigarro. O secretário, notando-lhe no pulso o azul esmaecido de uma tatuagem, distendeu num sorriso seus lábios caídos.

— "Nosso orgulho e nosso valor." Você foi da Marinha?

— Fui.

— Vê-se logo: você traz aí uma âncora...

— Bem, eu era jovem na ocasião... Inexperiente. Deixei que me tatuassem.

Desconcertado, Davídov desceu a manga. "Bons olhos para o que não interessa, mas a sonegação de trigo quase não enxerga" — pensou.

O secretário fêz uma pausa. O inexpressivo sorriso de amabilidade desapareceu de repente de seu rosto inchado e doentio.

— Bem, camarada, você segue hoje mesmo como delegado do comitê de setor para proceder à coletivização total. Leu por acaso a última instrução do comitê regional? Você vai para o Soviete rural de Gremiatchi. O tempo urge — descanse depois. O que importa são os cem por cento de coletivização. Funciona ali uma pequena associação, mas devemos criar colcoses gigantes. Assim que estiver formada, uma coluna de agitadores irá ao seu encontro. Enquanto isso, mãos à obra, e trate de organizar o colcós. Todos os camponeses médios e pobres devem participar dêle. Aperte o crânio dos culaques, mas com prudência. Depois você criará um fundo socializado de sementes para tôdas as terras coletivizadas em 1930. Trate com cautela o camponês médio, nada de enraivecê-lo. A célula comunista de Gremiatch conta com três membros. O secretário da célula e o presidente do Soviete são boa gente, antigos guerrilheiros vermelhos.

Moveu os lábios e acrescentou:

— Mas pelo que deduzimos, são fracos em política, compreende, e podem meter os pés pelas mãos. Se você encontrar dificuldades, dirija-se ao setor. É uma maçada não têrmos ainda telefone! Outra coisa: o secretário da célula tem a

condecoração da Bandeira Vermelha. É meio intratável, homem cheio de farpas.

O secretário tamborilou com os dedos no fecho de sua carteira. Vendo que Davídov se levantava, acrescentou vivamente:

— Espere, tenho outra coisa a dizer-lhe: envie-nos diàriamente um boletim pelo estafêta, e ponha os companheiros em atividade. Fale agora com o chefe da seção de organização e avante! Vou mandar fornecer-lhe os cavalos do executivo do setor. Estamos entendidos: você providenciará a coletivização em cem por cento. Seu trabalho será julgado pela percentagem alcançada. Vamos criar um colcós gigantesco com dezoito Sovietes rurais. Que tal? Um Putilov agrícola vermelho, entende?...

Sorriu satisfeito com sua comparação.

— Você dizia há pouco que era preciso prudência com os culaques. Que quer dizer isso exatamente? — perguntou Davídov.

— Muito simples — fêz o secretário com um sorriso paternal. Há o culaque que deu sua parte de trigo ao coletivo, e o que teima em não entregá-la. No último caso não há problema: é só aplicar o artigo 107. Quanto ao primeiro, a coisa não é tão fácil. Que faria você, por exemplo?

Davídov refletiu.

— Exigiria dêle nova contribuição.

— Isso nunca! Não adiantaria coisa alguma. Solaparíamos sua confiança em nossas medidas. E que diria o camponês médio? "Aí está o que é o Poder soviético: pega o mujique e o faz rodar como um pião." Lênin ensinou-nos a levar sèriamente em conta o estado de espírito dos camponeses... E vem você falar em "nova contribuição". Isso, amigo, é uma sandice.

Davídov enrubesceu.

— Uma sandice? Então... a seu ver, Stálin se equivocou, não é isso?

— Que tem Stálin a ver com o caso?

— Li um discurso dêle numa conferência de marxistas, não me lembra quais... Êsses que cuidam das terras... Qual é mesmo o diabo do nome? Terrários...

— Agrários?

— Isso, os agrários.

— E daí?

— Mande buscar o número da *Pravda* que traz êsse discurso.

O chefe do escritório trouxe o jornal. Davídov começou a folheá-lo com o olhar atento. O secretário fitava-o com um sorriso de expectativa.

— Aqui está. Que lhe parece? "Não se podia preconizar a desapropriação dos culaques enquanto nos ativéssemos à limitação de sua... (*)" E mais adiante... Escute: "E agora? Agora é outra coisa. Temos a possibilidade de lançar uma ofensiva resoluta contra os culaques, de romper sua resistência, de liquidá-los como classe..." Como classe, percebe? E por que não impor-lhes uma segunda cota de trigo? Por que não esmagá-los de uma vez?

O secretário, já sem o sorriso, ficou repentinamente sério.

— O artigo diz ainda que os culaques são desapropriados pela massa de camponeses pobres e médios que entra para o colcós... É verdade ou não? Leia só.

— Bem, mas...

— "Bem, mas" coisa nenhuma! — disse o secretário mal-humorado, com a voz trêmula. — Que propõe você? Uma medida administrativa indistinta para todos os culaques. E logo num setor onde a coletivização só vai a pouco mais de quatorze por cento, num setor onde o camponês médio se anima apenas a ingressar no colcós! É de se arrancar os cabelos! Tipos como você, que ignoram as condições locais, vão chegando e...

O secretário conteve-se e continuou em voz mais baixa:

— Com essas idéias você acaba metendo os pés pelas mãos!

— Bem, isso depende...

— Pode crer! Se tal medida fôsse necessária e oportuna, o comitê regional já nos teria dado ordem para aniquilar o culaque. Nesse caso, teríamos seguido a instrução à risco. A milícia e todo o aparelho administrativo estão à nossa disposição. Mas por enquanto só aplicamos, através dos tribunais,

---

(*) ...de sua riqueza.

o artigo 107 para os culaques sonegadores do trigo. Eles são castigados econômicamente, por assim dizer...

— Quer dizer que os assalariados agrícolas, os camponesses pobres e médios, estão contra a desapropriação do culaque? São a favor do culaque? Você acredita, enfim, que é preciso lançá-los contra o culaque?

Com um gesto brusco o secretário fechou a carteira, e disse sêcamente:

— Você pode interpretar as palavras do chefe a seu modo, mas a responsabilidade cabe ao comitê do setor e a mim, pessoalmente. Trate, pois, de aplicar, aonde o enviamos, nossa linha política. A nossa, e não a que você inventa. Desculpe-me, mas não há tempo para discussões. Tenho outro assunto a resolver.

Levantou-se. Nova onda de calor subiu ao rosto de Davídov. Mas êle se conteve.

— Seguirei a linha do Partido... Mas como trabalhador, camarada, digo-lhe sem rodeios: sua linha não é justa — politicamente ela é falsa, sem dúvida.

— Respondo por ela... E quanto ao seu modo de falar "como trabalhador", é mais velho que...

O telefone tilintou, e o secretário correu para atender.

Várias pessoas invadiram então a sala, e Davídov saiu em busca da seção de organização.

"Êste anda com cacoetes da direita — pensou ao sair do comitê. — Vou reler o discurso dos agrários. Acaso estarei equivocado? Não, meu velho, de maneira alguma. Sua tolerância deixa os culaques de mão livre. Diziam dêle no comitê do distrito: é um homem despachado, e no entanto os culaques devem trigo. Apertar o crânio do culaque é uma coisa, mas outra bem diferente é extirpá-lo pela raiz, como um sabotador. E por que a massa não é orientada?"

E assim continuava Davídov a discutir mentalmente com o secretário. E, como sempre acontece, os argumentos mais convincentes chegavam muito tarde. No comitê de setor, nervoso e sufocado, fizera as primeiras objeções que lhe haviam ocorrido. Devia ter agido com mais sangue frio. E pisando nas poças geladas, tropeçando no estêrco endurecido, atravessou a praça do mercado.

— Pena a discussão não ter continuado: boa esfregadela levaria êle — disse Davídov em voz alta. Mas calou-se, envergonhado, ao ver o sorriso de uma mulher com quem cruzava naquele momento.

• • •

Davídov passou ràpidamente pela *Casa do Cossaco e do Camponês* a fim de apanhar sua maleta. Quase riu ao pensar que sua bagagem, afora duas mudas de roupa, alguns pares de meia e um terno, compunha-se de chaves-de-fenda, alicates, uma lima grossa, um compasso, um esquadro, uma chave-inglêsa e outras ferramentas comuns que trouxera de Leningrado.

"Não sei pra que raios vão me servir! Pensei que ia instalar-me num colcós, e que sempre haveria algum trator a consertar. E nem tratores há!... Vou ter de flanar pelo setor na qualidade de representante. Bem, darei as ferramentas a algum ferreiro do colcós, e pronto!"

Era o que dizia Davídov de si para si, ao colocar a maleta no trenó. Os bem nutridos cavalos do executivo do setor partiram sem esfôrço, arrastando o veículo, cujo espaldar era adornado de flôres desenhadas em côres vivas.

Mal saiu da *stanitsa*, Davídov sentiu-se transido de frio. Em vão escondia o rosto na gola pelada do sobretudo; em vão enterrava o gorro até os olhos: o vento e o ar gelado, entrando pela gola e as mangas, enrijeciam-lhe o corpo. Doíam-lhe principalmente os pés, calcados em velhas botas *Skorojod*.

Da *stanitsa* a Gremiatchi-Log, os vinte e oito quilômetros da estrada cortam uma elevação deserta onde o caminho se cobre de uma lama enegrecida pelo estrume. De ambos os lados a neve virgem estende-se até perder de vista. Sob essa brancura, as moitas de artemísia se curvam tristemente à beira da estrada, e nas encostas dos barrancos a terra argilosa aparece vez ou outra. A neve, varrida pelo vento, não pode suster-se ali e se acumula no leito dos riachos.

Para aquecer os pés, Davídov correu longo trecho agarrado ao trenó. Depois, saltou novamente no assento, enrodilhou-se e pôs-se a modorrar.

O trenó fazia estalar a neve. Os cavalos, com um ruído sêco, afundavam as ferraduras na crosta branca. O tirante do cavalo da direita tilintava. Os olhos semicerrados e salpicados de gêlo, Davídov via as asas das galinhas que voavam sôbre a estrada, resplandecendo ao sol em relâmpagos azuis. Um suave torpor apoderou-se dêle novamente.

Despertou com o peito contraído pelo frio. Abriu os olhos e viu, através das sobrancelhas cobertas de gotículas irisadas, o sol glacial, a imensidade majestosa da estepe, um céu de cinza plúmbeo no horizonte e, sôbre o manto branco de um talude próximo, uma rapôsa de pêlo avermelhado, com reflexos ígneos. O animal encolhia-se sôbre as patas traseiras, dava um volteio no ar e, caindo sôbre as patas dianteiras, punha-se a cavoucar a neve, levantando a seu redor uma poeira prateada. Sua cauda, mexendo-se lenta e suavemente sôbre a neve, parecia uma língua de fogo.

Chegaram a Gremiatchi-Log antes do anoitecer. No grande pátio do Soviete via-se um trenó vazio, de dois cavalos. Uns sete ou oito cossacos fumavam, agrupados defronte à porta. Os cavalos de Davídov, com os pêlos endurecidos pelo suor gelado, estacaram diante da escada.

— Saúde, cidadãos! Podem dizer-me onde fica a estrebaria?

Um velho cossaco, levando a mão ao gorro de lebre, respondeu por todos:

— Pois não, é aquêle telheiro ali, coberto de juncos.

— Vamos até lá! — disse Davídov ao cocheiro.

Desceu, exibindo o porte vigoroso e rechonchudo, e seguiu o trenó, esfregando o rosto com as luvas.

Os cossacos encaminharam-se também para a estrebaria. Causava-lhes surprêsa ver o recém-chegado, que tinha ares de funcionário e pronunciava o *g* guturalmente (*), acompanhar o trenó, em vez de entrar no Soviete.

(*) Na Ucrânia pronuncia-se o g como h aspirado.

Do fundo da estrebaria, um vapor luminoso escapava em quentes rajadas. O cocheiro do executivo segurou os cavalos. Davídov, com gestos seguros, começou a desatrelar os tirantes. Os cossacos entreolhavam-se. Um velho, vestido com uma peliça de mulher, sacudiu o gêlo do bigode e disse piscando os olhos maliciosamente:

— Cuidado com os coices, camarada!

Davídov, depois de haver tirado a retranca do selim do cavalo, voltou-se para o velho e sorriu, deixando ver a falha de um dente anterior.

— Fui metralhador, meu velho! E não eram matungos como êstes que eu tratava!

— E êsse dente que lhe falta, não foi arrancado por algum burro? — perguntou outro indivíduo, negro como um corvo e com uma barba encaracolada que lhe tapava as bochechas.

Os cossacos puseram-se a rir sem maldade. Davídov, tirando a coalheira do cavalo, replicou vivamente:

— Não, perdi o dente há muito tempo, num dia de bebedeira. Assim é melhor: as mulheres não terão mêdo de levar dentadas. Não é verdade, avô?

O gracejo foi bem recebido. O velho, simulando desolação, meneou a cabeça:

— Eu menino, já deixei de morder... Faz muito que meu dente se acalmou...

O cossaco da barba negra relinchava como um potro, abrindo a bôca até as orelhas e mostrando uma esplêndida dentadura. Não tirava as mãos do cinto vermelho que lhe prendia o *chekmen* (*), como se receoso de estourar de tanto rir.

Davídov ofereceu cigarro aos cossacos, acendeu um e dirigiu-se para o Soviete.

— Vamos, vamos, o presidente está aí. O secretário do Partido também — disse o velho, que continuava grudado em Davídov.

Os cossacos acompanhavam-no, terminando os cigarros em duas chupadas. Agradara-lhes ver que o recém-chegado, em

---

(*) Roupa cossaca.

vez de entrar diretamente no Soviete, com a pasta debaixo do braço e sem olhar para ninguém, como faziam os funcionários do setor, fôra ajudar o cocheiro a desatrelar o veículo, mostrando que sabia lidar com cavalos. Não obstante, isto os surpreendia.

O homem da barba não pôde mais conter-se.

— Por que se ocupa com os cavalos, camarada? Acha que isso fica bem para um funcionário? Afinal, o cocheiro está aí para quê?

— É mesmo, ficamos admirados — disse francamente o velho.

Davídov não teve tempo para responder.

— Êle é ferreiro! — exclamou desiludido um cossaco jovem, de pequena estatura e bigode ruivo, apontando para as mãos de Davídov, que estavam cheias de manchas cinzentas e tinham nos dedos velhas cicatrizes produzidas pelo trato com metais.

— Sou serralheiro — corrigiu Davídov. — E vocês, que vieram fazer no Soviete?

— Estamos interessados — respondeu o velho por todos, detendo-se no primeiro degrau. — Estamos curiosos em saber o motivo da sua vinda. Se é outra vez por causa do trigo...

— Trata-se do colcós...

O velho deixou escapar um longo assobio de decepção, e foi o primeiro a voltar as costas.

* * *

Da baixa sala escapava um báfio acre de calor. O ambiente cheirava a pele de carneiro molhada e a cinza de madeira. Diante da mesa, à frente de Davídov, um homem corpulento, de ombros quadrados, ajustava o pavio do lampião. Em sua jaqueta cáqui brilhava a ordem da Bandeira Vermelha. Davídov percebeu imediatamente que era o secretário da célula de Gremiatchi-Log.

— Sou o delegado do comitê do setor. Você é o secretário da célula, camarada?

— Êle mesmo. Nagulnov. Sente-se camarada; o presidente do Soviete já vai chegar.

Bateu no tabique com o punho fechado e virou-se para Davídov. Tinha o peito largo e pernas de jóquei, arqueadas como tenazes. Suas sobrancelhas negras uniam-se sôbre dois olhos amarelados de pupilas desmesuradas e negras como breu. Seria bem apessoado e de aparência viril e enérgica, se não fôsse o nariz curto, de abas rapaces, e o olhar meio enevoado.

Do compartimento contíguo saiu um pequeno cossaco gorducho, com um gorro de pele de cabra caído sôbre a nuca. Vestia um capote militar e as tradicionais calças compridas enfiadas em meias de lã branca.

— Eis o presidente do Soviete, André Razmetnov.

O presidente sorriu, alisou os bigodes louros e crespos e, com ar digno, estendeu a mão a Davídov.

— E você, quem é? O delegado do setor? Bem... e seus papéis? Já examinou-os, Nagulnov? Com certeza veio para a coletivização, não é?

Examinava Davídov com ingênua falta de cerimônia. Seus olhos, límpidos como céu de verão, piscavam amiúde. O rosto moreno, mal barbeado e marcado na frente por uma cicatriz oblíqua, revelava uma impaciência não dissimulada.

Davídov, sentado diante da mesa, falava sôbre as tarefas traçadas pelo Partido para os dois meses de campanha de coletivização total. Propôs que se reunissem no dia seguinte os camponeses pobres e o ativo (*).

Ao fazer seu relato, Nagulnov falou sôbre a *toz* de Grem'atchi-Log.

Razmetnov também o escutava atentamente, com o rosto apoiado na palma da mão. De vez em quando o interrompia com uma frase. Visìvelmente excitado, Nagu'nov dizia:

— Temos aqui o que se chama uma associação para o cultivo em comum da terra. Pois ouça, camarada, isto não passa de uma afronta à co'etivização... Tudo em pura perda para os Sovietes. Dezoito famíl'as miseráveis formam a associação. E que vantagem levam? É uma verdadeira burla. Todos os seus bens reunidos somam quatro cavalos e uma parelha de bois. E isso para dezoito famílias com cento e sete bôcas para alimentar. Como vão sair dessa entaladela? Naturalmente,

---

(*) **Ativo** — reunião dos elementos ativos, dos militantes.

contam com crédito a longo prazo para comprar ferramentas e animais de tração. Mas não podem pagar êsses créditos nem a longo prazo. E já lhe digo porque: se tivessem um trator seria diferente, mas não receberam nenhum. O boi, como se sabe, não traz prosperidade rápida. E devo acrescentar que agem muito mal. Por mim, já teria acabado com a associação há muito tempo, porque se agarra ao Poder soviético como um bezerro raquítico que mama e mama sem parar e não cresce nunca. E entre os associados há alguns que pensam: "Ora, sempre nos darão o que nos faltar e nada nos podem confiscar em pagamento das dívidas, pois nada temos." Daí a falta de disciplina. Quanto à *toz*, essa não progredirá muito. Ah, é muito bonita a idéia de reunir todo o mundo num colcós. A vida será um paraíso. Mas a verdade é que os cossacos são amigos da rotina e terão de ser convencidos...

— Algum de vocês pertence à associação? — perguntou Davídov, fitando seus interlocutores.

— Não — respondeu Nagulnov. — Entrei para a comuna em 1920. Mais tarde, porém, ela foi dissolvida, pois cada um só pensava em si mesmo. Renunciei a meus bens por ódio à propriedade. Dei os bois e as ferramentas que possuía a uma comuna vizinha, a nº 6, que ainda se mantém. Em suma, eu e minha mulher nada temos hoje. Razmetnov não podia fazer o mesmo: é viúvo e só tem mãe, uma velhinha. Se ingressasse na comuna, teria muitos dissabores. Iriam dizer dêle: "Além de não trabalhar no campo, traz-nos a velha de presente." Uma questão delicada. O terceiro membro da nossa célula, atualmente em viagem, é maneta. Teve o braço esmagado pela máquina de debulhar. Não se anima a ingressar na associação alegando que esta já tem muitas bôcas para alimentar.

— Sim, nossa *toz* é uma desgraça completa — confirmou Razmetnov. — O presidente, Arkadi Losev, é seu administrador. E foram escolher logo a êle! Confiar-lhe o pôsto foi uma grande asneira.

— Por quê? — perguntou Davídov, que examinava o registro de bens dos camponeses ricos.

Razmetnov sorriu.

— Ora, o homem é doente. Por vocação, devia dedicar-se ao comércio: só sabe negociar. Arruína completamente a associação. Resolveu trocar um touro que tinham comprado, por uma motocicleta. Conseguiu engazopar a gente dêle, e a nós não pediu permissão. Sem mais nem menos, aparece um dia com a máquina. Nosso assombro não teve limites. Uma motocicleta... E não houve ninguém que a fizesse andar. Também, para que nos serviria? Rindo e lamentando-se, levou-a para a *stanitsa*. Depois de examiná-la, os entendidos sentenciaram: "O mais que se pode fazer é empurrá-la!" Faltavam-lhe algumas peças que só podiam ser feitas na fábrica. A meu ver, o presidente que serve para a associação é Iakov Lukitch Ostrovnov. É uma cabeça! Um homem que traz de Krasnodar trigo candial de alta qualidade, que não teme nenhuma sêca, um homem que sabe conservar a neve em seus campos lavrados e consegue sempre a melhor colheita. E também animais de raça. É verdade que resmunga um pouco quando chega a vez de dar a sua contribuição, mas não importa, é um bom camponês! Recebeu um diploma de elogio.

— Sim, mas é arredio, está sempre só, sempre à distância — disse Nagulnov, meneando a cabeça com ar de dúvida.

Razmetnov foi convicto:

— Não, não, êsse homem é dos nossos.

3

Na mesma noite em que o capitão Polovtsev, antigo chefe da centúria em que servira Ostrovnov, chegou a casa dêste, houve entre ambos uma longa conversa.

Ostrovnov gozava, na aldeia, da reputação de homem sensato, prudente e astuto como uma rapôsa. Apesar disso, não conseguiu ficar à margem da violenta luta que lavrava nos campos. Os acontecimentos o arrastaram em seu torvelinho. A partir daquele dia, sua vida resvalou por uma vertente perigosa...

Naquela noite, depois da refeição, sacou do bôlso a tabaqueira e, enroscando as pernas metidas em grossas meias de

lã, começou a desabafar tudo o que havia muitos anos lhe enchia o coração de amargura.

— Que lhe posso dizer, Alexandre Anissimovitch? A vida hoje em dia não é agradável nem alegre. Ouça: os cossacos começavam a prosperar, a enriquecer um pouco. Pelos anos de 26 e 27 os impostos, por assim dizer, eram suportáveis. Hoje é um descalabro. E em sua *stanitsa?* Também se fala em coletivização?

— Lá também se fala — respondeu brevemente o hóspede, umedecendo na ponta da língua um pedaço de papel de fumo, enquanto olhava o interlocutor de soslaio.

— Então esta cantiga faz chorar em tôda parte? Quanto a mim, voltei para cá em 1920, depois da retirada. Deixara todos os meus bens e duas parelhas de cavalos no litoral do mar Negro. Encontrei a casa vazia. Desde então tenho trabalhado dia e noite. Da primeira vez, os camaradas deixaram-me atolado com a requisição do trigo: levaram tudo. Perdi a conta dos golpes que vieram depois. Porém é fácil fazer os cálculos. Tiram tudo de nós, mas em troca nos dão um recibo, para que não nos esqueçamos.

Ostrovnov levantou-se, enfiou a mão atrás do espelho e, com um sorriso que lhe distendeu o bigode, dali retirou um rôlo de papéis.

— Eis os recibos das minhas entregas no ano de 21: trigo, carne, manteiga, couro, lã, aves, bois inteiros, tudo por mim mesmo levado ao coletivo. E estas são as notas da minha contribuição para o impôsto agrário único e da contribuição voluntária, e ainda faltam os recibos do seguro... Cobraram-me até pela fumaça da chaminé, por ter animais no estábulo... Em breve encherei um saco com estas papeletas. Em resumo, Alexandre Anissimovitch, eu vivia, a terra me sustentava e eu sustentava os que me rodeavam. Por mais que me esfolassem, minha pele voltava a nascer. Primeiro tive uma parelha de bois. Os animais cresceram, e dei um dêles ao Estado, para ser carneado. A fim de substituí-lo, vendi a máquina de costura de minha mulher. Possuía então duas parelhas de bois e duas vacas. Não me cassaram o direito de voto, e classificaram-me, para efeitos futuros, como camponês remediado.

— E cavalos, tem alguns? — perguntou interessado o hóspede.

— Um momento, chegarei lá. Comprei a uma vizinha uma potranca, cria puro sangue de uma égua do Don, a única que restava na aldeia. Uma potranca preciosa, uma jóia. Era muito pequena para o serviço militar, mas rápida como não havia outra igual! Foi premiada e diplomada como animal de raça na exposição do distrito. Comecei a seguir os conselhos dos agrônomos do distrito: afolhei minhas terras e cuidei delas como de uma mulher doente. Obtive o melhor milho da aldeia, a melhor colheita. Selecionava minhas sementes, conservava a neve sôbre os sulcos. Plantava o trigo da primavera nas terras preparadas no outono... Meus campos eram sempre arados antes dos outros. Em suma, transformei-me num lavrador modêlo. Cheguei a receber uma carta de felicitações da direção agrícola do distrito. Ali está ela.

O hóspede virou-se para o local da parede que Ostrovnov indicava com o dedo, e viu, ao alto dos ícones e do retrato de Vorochílov, um documento selado e emoldurado.

— Pois foi, e o próprio agrônomo enviou amostras de meu trigo candial para Rostov, para que as autoridades vissem — continuou Ostrovnov com certo orgulho. — Nos primeiros anos semeava cinco hectares. Quando me senti com fôrças fui elevando a cifra: doze, vinte, e depois vinte e oito hectares. E' o que lhe digo. Minha mulher e meu filho me ajudavam. Só duas vêzes, em momentos difíceis, contratei um diarista. Que me dizia então o Poder soviético? Plante o mais possível! E como plantei! Céus, cheguei a ficar com hérnias! E agora, Alexandre Anissimovitch, nosso benfeitor, juro que estou com mêdo. Receio que, por causa de minhas terras plantadas, me façam passar pelo fundo de uma agulha, e me tratem como um culaque. E foi o presidente do nosso Soviete, o camarada André Razmetnov, antigo guerrilheiro vermelho, que me fêz cair na tentação... "Plante Ostrovnov, plante — dizia-me êle, — plante o mais que puder... Ajude os Sovietes. Êles precisam de trigo, muito trigo." Eu tinha minhas dúvidas. E agora temo que tudo o que fiz se enrole em meu pescoço como um nó corrediço.

— E o pessoal daqui se inscreve no colcós? — perguntou o hóspede.

Estáva de pé junto da estufa, as mãos nas costas, os ombros largos, a cabeça avantajada: todo êle maciço como um saco de trigo.

— No colcós? Até agora não nos atormentaram muito por isso. Mas amanhã vai haver uma reunião de camponeses pobres. Foi anunciada hoje. Desde o Natal não fazem outra coisa senão gritar: "Entrem para o colcós, entrem." Mas todos se recusam categòricamente. Não houve um só que se inscrevesse. Ninguém deseja o mal para si mesmo, não é verdade? Amanhã recomeçarão com a mesma cantilena. Parece que chegou um representante do setor para arregimentar todo o mundo no colcós. Nossa vida chegou ao fim. Tenho enfrentado durezas — minhas mãos se calejaram e o pêso da carga vergou-me as costas... E agora terei de dar tudo para o coletivo: os animais, o trigo, as aves, a casa, não acredita? E' como se dissessem: dê sua mulher ao tio Miguel e freqüente bordéis — nem mais nem menos. Julgue o senhor mesmo, Alexandre Anissimovitch: entreguei ao colcós dois bois (felizmente vendi uma parelha ao truste da carne), uma égua com seu potro, tôdas as minhas ferramentas de trabalho, o trigo. Outros levarão apenas seus piolhos. Com todos os bens será formado um fundo comum, e os lucros serão repartidos. Não é de se ficar desesperado?... E há os que passaram a vida aquecendo o lombo na estufa, a sonhar com a sorte, enquanto eu... Mas de que serve falar? — Ostrovnov fêz um gesto de degola com o fio de sua mão enrugada. — Bem, acabou-se. E o senhor como vive? Está empregado ou trabalhando por conta própria?

O hóspede aproximou-se de Ostrovnov, sentou-se numa banqueta e pôs-se a enrolar outro cigarro, com os olhos fitos na tabaqueira. Ostrovnov contemplava a gola de sua velha jaqueta, tão justa no pescoço que lhe fazia estufar as veias.

— Você serviu na minha centúria, Ostrovnov... Lembra-se do que eu dizia aos cossacos a propósito do Poder soviético? Foi em Ekaterinodar, durante a retirada. Já nessa ocasião eu os advertia, lembra-se? "Vocês se enganam estù-

pidamente, rapazes. Os comunistas vão torcer as cravelhas. Um dia vocês se convencerão, mas será tarde!"

Fês uma pausa. As pupilas contraíram-se em seus olhos azulados até o tamanho de cabeças de alfinêtes. Sorriu sutilmente.

— Não tinha eu razão? Não pude escapar de Novorossisk com os nossos... porque fomos traídos e abandonados pelos voluntários e pelos aliados. Incorporei-me então ao Exército Vermelho. Comandei um esquadrão na frente polonesa... Mas havia por lá uma comissão depuradora de antigos oficiais. Fui destituído, prêso e enviado a um tribunal revolucionário. Sem dúvida eu teria sido fuzilado ou recolhido a um campo de concentração. E sabe por quê? Porque um cão cossaco, conterrâneo meu, me denunciara como um dos responsáveis pela execução de Podtielkov. A caminho do tribunal consigo evadir-me... Estive muito tempo oculto sob nome falso. Em 1923 volto para minha *stanitsa*. Guardara comigo um documento atestando que eu havia comandado um esquadrão vermelho... Caí no meio de gente boa... Enfim, tive a vida salva. A princípio fizeram-me comparecer ao distrito, à junta política da *tcheka* do Don. Livrei-me da enrascada como pude... Fiz-me mestre-escola, e me mantive no cargo até há pouco tempo... Mas agora tudo está mudando. Ia tratar de uns assuntos em Ust-Khopersk, e vim vê-lo como velho camarada de regimento.

— Então foi mestre-escola?... Sim, sim... o senhor é letrado, conhece a ciência dos livros... E que vai acontecer agora, diga! Aonde vamos parar com esta dança de colcoses?

— No comunismo, amigo. E num comunismo de verdade. Li Marx e o famoso *Manifesto do Partido Comunista.* Sabe como vai acabar a história dos colcoses? Primeiro o colcós e depois a comuna, isto é, a abolição completa da propriedade. Além de seus bois, você terá de dar também seus filhos, que o Estado se encarregará de educar. Tudo será comum: as crianças, as mulheres, os copos e as xícaras. quando tiver vontade de tomar uma sopa de macarrão com miúdos de ganso, só lhe servirão *kvas* (*). Você será um escravo da gleba.

(*) Bebida fermentada, à base de cereais.

— E se eu não consentir?

— Não lhe pedirão opinião.

— Como assim?

— Assim mesmo.

— Essa é boa!

— Pergunto eu agora: podemos continuar vivendo desta maneira?

— Não... impossível...

— Então é preciso que se faça alguma coisa... é preciso lutar.

— Que está dizendo, Alexandre Anissimovitch? Já tentamos lutar... e nada. Tudo inútil. Não, não se pode pensar nisso.

— Torne a experimentar!

O hóspede aproximou-se de seu interlocutor, quase esbarrando nêle. Depois de olhar de relance a porta da cozinha, que estava cuidadosamente fechada, empalideceu sùbitamente e disse em voz baixa:

— Vou usar de franqueza: conto com você. Os cossacos de minha *stanitsa* estão preparando uma revolta. E não creia que se trate de alguma loucura. Temos ligações com Moscou, com generais que ora servem no Exército Vermelho, com engenheiros que trabalham nas fábricas, e até com o exterior. Havendo uma organização simultânea, e se atuarmos precisamente agora, quando chegar a primavera, com ajuda das potências estrangeiras o Don será livre. Você poderá semear sua terra com seu próprio cereal, exclusivamente por conta própria. Um momento, depois você fala. Nesta aldeia há muita gente que simpatiza com a nossa causa. É preciso reuni-la, organizá-la. Por isso vim a Ust-Khopersk. Você não é dos nossos? Já contamos na organização com mais de trezentos cossacos do antigo exército. Temos grupos de combatentes em Dubrovski, Voiskovói, Tubiansk, Mali-Olkhovatsk e noutras aldeias. Urge formar um grupo dêsses aqui, em Gremiatchi... Bem, diga agora o que pensa.

— O pessoal se queixa do colcós e das requisições do trigo...

— Sim, mas não se trata do pessoal, mas de você. Que tem a dizer?

— Um assunto como êste não se resolve assim de repente... Raios, é a cabeça da gente que está em jôgo!

— Pense bem... Quando fôr dada a ordem tôdas as aldeias se levantarão em armas ao mesmo tempo. Tomaremos conta da *stanitsa* e do setor. Os comunistas e os milicianos serão apanhados, um por um, em suas casas. O resto virá naturalmente.

— E as armas?

— Serão encontradas, não se preocupe! Há de lhe ter sobrado alguma, não?

— É possível... Creio que tenho por aí um fuzil velho... de marca austríaca...

— O essencial é começar. Dentro de uma semana os navios estrangeiros nos trarão canhões e fuzis. Teremos até aviões. Que tal?

— Me dê tempo para refletir, meu capitão! Não me obrigue a resolver assim tão depressa...

O hóspede, sempre lívido, apoiou-se na estufa de tijolos, e disse em surdina:

— Não recrutamos para o colcós, não forçamos ninguém. Será como você quiser, mas cuidado com a língua. Senão, acautele-se. Tenho seis balas para você e a sétima...

Sem concluir a frase, fêz girar com o dedo o tambor do revólver que trazia no bôlso.

— Quanto à minha língua, esteja tranqüilo. Mas a emprêsa do senhor é arriscada. Não escondo que me dá mêdo aceitar uma coisa assim. Por outro lado, a vida está ficando insuportável... E dizer que se os ricos não tivessem sido perseguidos, eu talvez fôsse, agora, o homem mais próspero da aldeia. Se houvesse liberdade, talvez tivesse até automóvel! — Disse isso com amargura, depois de um minuto de pausa. — Mesmo assim, meter-se a gente sòzinha numa enrascada dessas... E' dar a cabeça ao cutelo...

— Sòzinho? Por que sòzinho? — interrompeu o hóspede com azedume.

— Bolas, disse isso sem pensar... Mas os outros... Enfim, o povo... O povo nos acompanhará?

— O povo é um rebanho de carneiros. Só é preciso alguém que o guie. Então, está de acôrdo?

— Já lhe disse, Alexandre Anissimovitch...

— Mas preciso saber ao certo... Está disposto ou não?

— Vou decid'r, já que não há outra saída. Mas deixe-me refletir. Amanhã lhe dou minha palavra definitiva.

— Você terá de influenciar também os cossacos mais firmes — disse Polovtsev, já dando ordens. — Os que estejam mais descontentes com os sovietes.

— Com esta vida que levamos, todos estão descontentes.

— E seu filho?

— O dedo vai com a mão. Êle irá aonde eu fôr.

— E que tal o rapaz, firme?

— Sim, um bom cossaco — respondeu o pai com orgulho íntimo.

À falta de cama, deram ao hóspede uma grossa manta cinzenta e uma pele, que foram estendidas no chão, perto da estufa. Polovtsev descalçou as botas, mas não se despiu. Seu rosto sentiu a tepidez do travesseiro de plumas, e êle adormeceu imediatamente.

* * *

Quando amanhecia, Ostrovnov acordou sua mãe octogenária, que dormia no pequeno quarto da casa, e fêz-lhe um resumo do propósito da visita de seu antigo chefe. A velha escutava com a mão em concha na orelha. Suas pernas, estriadas de veias negras e deformadas nas articulações pelo artritismo, pendiam do leito.

— Mereço sua bênção, mãe? — perguntou Ostrovnov, ajoe'hando-se.

— S'm, sim, lute contra êles, meu filho. Deus o abençoe! A esta hora os tiranos estão fechando as igrejas, os sacerdotes não podem viver... Sim, sim, em marcha, meu filho!

Pela manhã, Ostrovnov despertou o hóspede.

— Já me decidi. Estou às suas ordens!

— Então leia e assine!

Polovtsev tirou um papel do bôlso da jaqueta.

Deus está conosco! Eu, o abaixo assinado, cossaco do Grande Exército do Don, declaro minha adesão à Liga Para a Libertação do Don e me comprometo a lutar sob as ordens de meu chefe, com tôdas as minhas fôrças e por todos os meios, até a última gôta de meu sangue, contra os comuno-bolcheviques, inimigos jurados da fé cristã e opressores do povo russo. Obedecerei incondicionalmente a meus chefes e comandantes. Sacrificarei todos os meus bens no altar da pátria ortodoxa. Certifico e assino.

4

Trinta e dois homens — os camponeses pobres e o ativo de Gremiatchi — estavam presos à palavra do orador. Davídov não era um mestre da oratória, mas era de se ouvi-lo com mais avidez que a um hábil tribuno.

— Camaradas: sou operário da fábrica *Pu'ilov Vermelho*. Nosso Partido e a classe operária me enviaram para ajudá-los a organizar o colcós e aniquilar o culaque, êsse sugador de nosso sangue. Serei breve. Todos vocês devem reunir-se num colcós e fazer da terra, do material e do gado, um bem comum. E por quê? Se temos dificuldades na questão do pão, é porque o culaque esconde o trigo e o deixa apodrecer. Só nos resta tomá-lo à fôrça! Sei que vocês dariam o trigo, se o tivessem de sobra. Mas o trigo dos camponeses pobres e médios não basta para alimentar a U.R.S.S. E' preciso plantar mais. Mas é possível fazê-lo com um deplorável arado? Sòmente o trator pode nos tirar do apuro... Na verdade, não sei o que vocês podem lavrar aqui no Don, durante o outono, com um arado só...

— Dia e noite na rabiça, pode-se lavrar uns doze hectares antes do inverno.

— Doze! Como? E se a terra fôr dura?

— Que está dizendo? — chiou uma voz aguda de mulher. — Um arado necessita de três, e até quatro parelhas de bois rijos. Nós, os que temos alguma coisa, só contamos, aqui e acolá, com um par de animais raquíticos, e muitas vêzes são bois com tetas. Os ricos, êsses sim, marcham de vento em pôpa...

— Não se trata disso!... Morda a barra da saia e cale a bôca — fêz uma voz rouquenha de baixo.

— Espertinho, hein! Ensine isso a sua mulher, e não a mim.

— E com o trator?

Davídov esperou que se fizesse silêncio para responder.

— Um trator dos nossos, manejado por bons mecânicos e trabalhando em dois turnos, não levaria mais de vinte e quatro horas para lavrar doze hectares.

A assistência deixou escapar um brado uníssono de admiração.

— Isto sim! Com um garanhão dêsses dá gôsto lavrar a terra — disse alguém.

Davídov levou as mãos aos lábios, que a emoção secara, e prosseguiu:

— Estamos construindo tratores para vocês. Mas um camponês pobre ou médio não pode, sòzinho, comprar um trator. Não tem meios para isso. Eis porque os assalariados, os camponeses pobres e médios, devem juntar-se. Todo mundo sabe que o trator é uma máquina dispendiosa quando há pouca terra: só serve para grandes espaços. Usá-lo num campo pequeno é o mesmo que ordenhar um bode...

— Pior ainda! — uma voz de baixo berrou com segurança nas últimas filas.

— Que fazer, então? — continuou Davídov, sem levar em conta a interrupção. — O Partido tenciona realizar a coletivização total para tirar vocês das dificuldades com o auxílio do trator. Que disse Lênin antes de morrer? "O camponês só sairá da miséria através do colcós. A não ser assim, está perdido. O culaque-vampiro o sugará até a última gôta." Vocês devem, portanto, seguir êste caminho sem vacilar. Aliados aos operários, os colcosianos derrotarão os culaques e todos os seus inimigos. Esta é a verdade. Vejamos agora a associação de vocês. Ela não é lá grande coisa, e sem dúvida vai indo mal. Não lhes rende nada!... É necessário transformá-la num colcós, que seria o centro em tôrno do qual os camponeses médios... digamos assim... poderiam...

— Um momento! — gritou Demka Uchakov, homem bexigoso e vesgo, que pertencera à associação.

— Peça a palavra e aguarde sua vez — disse severamente Nagulnov, que estava sentado à mesa, ao lado de Davídov e de Razmetnov.

— Vou dizer tudo agora mesmo, sem sua permissão — replicou Uchakov revirando os olhos de tal maneira, que parecia dirigir-se ao mesmo tempo à presidência e ao auditório. — Vão-me desculpar, mas como se explicam nossos prejuízos, e por que temos de viver à custa do Poder soviético? Como, pergunto eu, nos transformamos em parasitas da sociedade de crédito? Graças ao encantador presidente da *toz*! Graças a Arcasha Menok!

— E' mentira, seu patife — gritou dos últimos bancos uma voz de tenor parecida com a de um galo.

E Menok dirigiu-se para a mesa, abrindo caminho a cotoveladas.

— Já vou provar o que disse!

Uchakov empalidecera, seus olhos juntavam-se sôbre o nariz. Sem fazer caso de Razmetnov, que golpeava a mesa com seu punho nodoso, voltou-se para Menok:

— Prove se puder! Não estamos na miséria por sermos poucos no colcós, o que nos arruinou foram os seus cambalachos. E você me pagará bem pago por me chamar de mentiroso. Não foi você que, sem nos consultar, trocou o touro por uma "motocicleta"? E quem teve a idéia de trocar as galinhas poedeiras por...

— É outra mentira — defendia-se Menok avançando.

— E não foi você que nos aconselhou a trocar três bezerros e uma novilha por uma charrete? Heim? Responda seu negociante fracassado! — concluiu Uchakov triunfante.

— Já chega! Ou vocês vão continuar brigando como dois galos? — admoestou-os Nagulnov, com os músculos da face a tremer-lhe sob a epiderme ruborizada.

— Agora peço a palavra! — disse Menok, alcançando finalmente a mesa.

Cofiava a barba alourada, e já se dispunha a falar, quando Davídov o interrompeu.

— Espere até que eu termine... Não me interrompa agora, por favor... Eu dizia então, camaradas, que sòmente o colcós nos permitirá...

— Não precisamos de propaganda! Entraremos todos para o colcós, com tudo o que possuímos — atalhou-o o antigo guerrilheiro vermelho Pavel Liubichkin, que estava sentado perto da porta.

— Já estamos de acôrdo.

— Ora essa, juntos enfrentaremos até o diabo!

— Mas precisamos de uma boa direção.

A voz de Liubichkim impôs-se aos gritos. Levantou-se e tirou da cabeça o gorro negro. Corpulento, os ombros largos, quase tapou a entrada.

— Homem, essa é boa! Vir fazer propaganda do Poder soviético! E logo junto a nós, que o instalamos aqui, durante a guerra, e que o temos sustentado com nossos ombros, para que não o destruam. Sabemos muito bem o que é um colcós e ingressaremos nêle. Mas dêem-nos máquinas!... — Estendeu a mão calejada. — Um trator é uma grande coisa, e não há dúvida de que vocês, operários, fizeram muito pouco, e é isso que criticamos. Estamos encalacrados, esta é a nossa desgraça. Trabalhar com bois é puxar o animal com uma das mãos e enxugar as lágrimas com a outra. Para isso o colcós não nos faz falta... Antes dessa idéia do colcós, eu pensava em escrever a Kalinin pedindo-lhe que ajudasse os lavradores a começar vida nova. É que nos primeiros anos a nossa vida era igual à do antigo regime, onde o importante era a cobrança de impostos, e cada um que se arranjasse como pudesse. Para que então há de servir o Partido Comunista russo? Vencemos, não foi? E que vem depois?... Mandam puxar o arado como antes, mas não existe um animal onde o atrelar! Será o caso de ir pedir esmolas na porta da igreja? Será o caso de se arranjar um machado e ir para debaixo da ponte cortar o pescoço dos comerciantes soviéticos? Os ricos tiveram permissão para alugar terras e contratar assalariados... É essa a revolução de 1918? Não, vocês fecharam os olhos à revolução! E quando alguém diz: "Por que lutamos então?", os troca-tintas que nunca sentiram o cheiro da pólvora põem-se a rir, e por trás dêsse riso tôda a praga branca se torce de gôzo. Não, não nos venha engambelar com frases bonitas! Já estamos fartos delas! Arranje-nos uma máquina, a crédito ou sob garantia de trigo. Mas não uma qualquer, e sim uma

máquina boa de verdade! Arranje-nos êsse trator de que nos falou! Pois de outra forma de nada valeram estas condecorações...

Dirigiu-se para a mesa, passando por cima dos joelhos das pessoas que estavam sentadas, e tirou o cinto esfarrapado. Levantou depois a camisa, reteve-a sôbre o peito, deixando à mostra, sôbre o ventre e os quadris, horríveis cicatrizes que lhe repuxavam a pele.

— Para que recebi esta lembrança dos cadetes?

— Porco! — exclamou indignada a viúva Anísia, que estava sentada perto de Uchakov. — Vai tirar também as calças?

— Não lhe dará êste gôsto! — disse Uchakov com desdém, piscando para ela.

— Cale-se tia Anísia! Não me dá vergonha mostrar meus ferimentos a um operário! Que as olhe!... Com a vida que levo, em pouco tempo não terei com que ocultá-las. Minhas calças... São calças só no nome... Daqui a pouco não poderei passar à luz do dia diante das môças: elas morreriam de mêdo.

Do fundo da sala partiu uma explosão de ruídos e gargalhadas, mas Liubichkin dardejou em tôrno um olhar severo, e novamente ouviu-se o crepitar suave do pavio do lampião.

— Acaso lutei contra os cadetes para que os ricos continuassem vivendo melhor do que eu? Para que êles comam do melhor, e eu pão com cebola? É ou não verdade, camarada operário? Não adianta piscar-me o ôlho, Makar. Falo uma vez por ano e digo o que me dá na telha.

— Continue, continue — disse Davídov meneando a cabeça.

— Vou continuar. Plantei êste ano três hectares de trigo. Tenho três carneiros, uma irmã inválida e mulher doente, e no entanto entreguei o trigo de acôrdo com o plano. Responda se não é verdade, Razmetnov?

— Sim, mas não faça tanto escândalo.

— Não faca uma ova! E enquanto isso, êsse culaque, êsse Frol, o Arreganhado... Êsse sujo de merda!

Nagulnov deu um sôco na mesa.

— Vamos, vamos!

— Cumpriu êle o plano? Não.

— O tribunal multou-o e confiscou o trigo dêle — interveio Razmetnov, que, com os olhos brilhantes, ouvia Liubichkin visìvelmente satisfeito.

"Só queria ver você aqui, com a sua cautela" — disse Davídov consigo mesmo, pensando no secretário do setor.

— Êste ano ainda terei que chamá-lo de "Frol Ignatich". E na primavera virá novamente contratar-me como assalariado.

Liubichkin lançou aos pés de Davídov seu gorro ordinário de pele negra.

— Que adianta vir você aqui falar sôbre o colcós? Primeiro corte as veias do culaque, e depois veremos! Só haverá igualdade quando tomarmos as máquinas, os bois e o poder que êles têm. Só se ouve dizer: "É preciso destruir o culaque." Mas êle, enquanto isso, prospera de ano para ano, e nos rouba à luz do sol.

— Se tomarmos os bens de Frol, Menok os trocará por um avião! — interrompeu-o Uchakov.

— Ah, ah, ah!

— Por que não se cala? Não se ouve nada!

— Êsse idiota acha que tudo é permitido!

— Silêncio, já disse!

— É exatamente essa a política de nosso Partido! — continuou Davídov, depois de grande esfôrço para fazer cessar o tumulto. — Quando encontramos a porta aberta, não precisamos bater, não é verdade? Claro que é possível destruir o culaque como classe e entregar seus bens ao colcós. E você age mal, camarada guerrilheiro, em jogar seu gorro debaixo da mesa, pois precisa dêle para cobrir a cabeça. Não se pode mais arrendar terras nem contratar assalariados. Acabou-se êsse tempo! Vínhamos tolerando o culaque por necessidade, já que êle entregava mais trigo que qualquer colcós. Mas agora acontece o contrário. O camarada Stálin estudou bem tôda essa aritmética e disse: "É preciso suprimir o culaque de nosso meio e entregar todos os seus haveres aos colcoses." Você se queixa de não ter máquinas... E os quinhentos milhões que foram dados aos colcoses para que funcionassem? Que diz a isso? Não valia a pena fazer tanto alvorôço!

Primeiro vamos criar o colcós, depois pensaremos nas máquinas. Você, porém, parece querer comprar uma sela sem ter cavalo. Nem mais nem menos!

Liubichkin quer passar o carro adiante dos bois!

— Mas...

— De qualquer modo, apoiamos a criação do colcós.

— Que noite, essa!

— Inscrevam logo a gente!

— Vamos desapropriar os culaques.

— Os que querem inscrever-se no colcós, levantem a mão! — propôs Nagulnov.

Feita a contagem, verificou-se que havia trinta e três mãos levantadas. Um dos presentes, atarantado, levantara as duas.

O calor obrigara Davídov a tirar o paletó. Desabotoou a gola da camisa e, com um sorriso, esperou que o ambiente serenasse.

— Vocês mostraram consciência, foi uma grande decisão! Mas acham que basta entrar para o colcós para que tudo se resolva? Não, isso não basta! Vocês, os pobres, são a viga mestra do Poder soviético. Vocês são a fôrça e a seiva: devem entrar para o colcós e arrastar também o companês médio que ainda vacila...

— Mas se êles não concordam, que vamos fazer? — perguntou Menok. — Êles não são bois para que os amarremos a uma corda!

— É necessário convencê-los. Quem não sabe persuadir os outros, não é um lutador de nossa causa. A propósito, amanhã haverá reunião. Venha assisti-la e convença o camponês médio, seu vizinho, a fazer o mesmo. E agora vamos discutir a lista dos culaques. Qual vai ser a decisão? A expulsão dêles do Cáucaso setentrional?

— De acôrdo!

— Vamos eliminá-los até à raiz.

— Até à raiz, não, com raiz e tudo — corrigiu Davídov, e acrescentou, virando-se para Razmetnov: — Passe-me a lista dos culaques. Vamos aprovar imediatamente a desapropriação.

Razmetnov entregou uma fôlha de papel a Davídov.

— Frol Damaskov merece êste castigo proletário?

Tôdas as mãos se levantaram ao mesmo tempo. Mas ao contá-las, Davídov notou que havia uma abstenção.

— Você discorda? — indagou, erguendo as sobrancelhas umedecidas de suor.

— Eu me abstenho — respondeu lacônicamente um cossaco de aparência calma e sombria.

— E por que motivo? — perguntou Davídov.

— Porque é meu vizinho e me tem feito muitos favores. Não posso levantar a mão contra êle.

— Fora daqui, depressa! — gritou Nagulnov com um estremeção na voz, erguendo-se como um cavaleiro nos estribos.

— Não, isso não se faz, camarada Nagulnov — atalhou-o severamente Davídov. — Não vá-se embora, cidadão! Explique seu ponto de vista. Que acha você? Damaskov é culaque ou não?

— Eu não entendo nada. Sou um ignorante e peço licença para abandonar a reunião.

— Não, conte-me primeiro que espécie de favores você deve a êle.

— Sempre me ajudou, emprestando-me seus bois e suas sementes... Mas eu não traio o Poder. Eu estou com o Poder...

— Êsse homem lhe pediu que o defendesse? Deu-lhe por acaso algum presente? Confesse, não tenha mêdo — interpôs-se Razmetnov.

— Vamos, que lhe prometeu êle?

Razmetnov sorriu com embaraço, corando por suas próprias perguntas, diretas demais, e por aquêle a quem eram dirigidas.

— Ou talvez nada.

— Você está mentindo, Timóteo. Você é um homem vendido, um defensor dos culaques — gritou alguém.

— Podem me chamar de que quiserem...

Davídov interpelou-o então, como se lhe chegando um punhal à garganta:

— Você está com o Poder dos sovietes ou com os culaques? Não se deve desonrar a classe dos pobres. Diga francamente à assembléia com quem está.

— Não percamos tempo com êle — interrompeu Liubchkin indignado. — Êle se vende com tripas e tudo por uma garrafa. Me dá náuseas olhá-lo.

Timóteo Borschev respondeu finalmente, com fingida resignação:

— Estou com o Poder dos sovietes, por que me hostilizam? M'nha culpa tôda é ser ignorante...

Na segunda votação, porém, levantou a mão com manifesta má-vontade. Davídov escreveu apressadamente em seu caderno de notas: "Timóteo Borschev, enganado pelo inimigo de classe. Precisa ser trabalhado."

A assembléia decidiu ainda, por unanimidade, a desapropriação de outros quadros camponeses ricos. Mas quando Davídov anunc'ou: "Tito Borodin. Quem vota?", fêz-se impressionante silêncio... Confuso, Nagulnov trocou olhares com Razmetnov. Liubichkin pôs-se a enxugar o rosto com seu gorro de pele.

— Por que não dizem nada? Que signi'ica isto?

Embaraçado, Davídov contemplava o auditório. Como seu olhar não se cruzasse com o de ninguém, voltou-se para Nagulnov.

— O que há é o seguinte — começou o outro com indecisão. — O tal Borodin alistou-se conosco como voluntário na Guarda Vermelha, em 1918. Era filho de pobres, combateu muito bem. Foi ferido e recebeu um relógio de prata por suas façanhas revolucionárias. Serviu no destacamento de Dumenko. Mas ouve só, camarada, a decepção que nos causou. Ao voltar da frente, apegou-se a seus bens como um cão ao osso. Foi inútil adverti-lo. Começou a enriquecer. Trabalhava dia e noite, sujo como um porco, atravessando verão e inverno com a mesma calça de brim. Tinha três parelhas de bo's, e ficou com hérnias de tanto carregar fardos. Pois ainda achava pouco. Começou a contratar assalari'ados, primeiro dois e depois três. Comprou um moinho de vento, depois um motor de cinco cavalos. Queria montar uma moenda. Em pouco tempo começou a vender gado. Pri'vava-se de comer e deixava seus trabalhadores à míngua, com uma jornada de vinte horas, e tendo de se levantar cinco vêzes durante a noite para alimentar os cavalos ou ajeitar a palha dos animais. Mais de uma vez o

fizemos vir ao Soviete, à célula do Partido. Procuramos envergonhá-lo, dizendo-lhe: "Deixe disso, Tito, não atrapalhe a marcha de nosso querido Poder soviético. Você mesmo não se sacrificou por êle, na frente, quando lutávamos contra os brancos?

Nagulnov suspirou e abriu os braços em sinal de impotência.

— Que fazer quando um homem está obcecado? Bem se via que o instinto da propriedade o devorava. Mandamos chamá-lo novamente, evocamos nossos combates, nossos sofrimentos comuns, argumentamos com êle, ameaçamos de boicotá- o até a ruína, para que aprendesse a não nos cortar o caminho, a não converter-se num burguês e não prejudicar a revolução mundial.

— E então? — disse Davídov com impaciência.

A voz de Nagulnov estremeceu, tornando-se mais surda.

— A história tem de ser longa... É como uma chaga aberta... Pois bem, êle, quer dizer, Borodin, nos responde: "Eu executo as ordens do Poder soviético, aumento a semeadura. Tenho os assalariados que a lei me permite; minha mulher está achacada de tudo quanto é mal. Eu antes não era nada, agora sou tudo. Por isso combati! E além do mais, o Poder soviético não repousa sôbre os ombros de vocês. Eu o alimento com minhas mãos, enquanto vocês, com tôdas as credenciais, eu os considero como o buraco da mão." Quando lhe falamos de guerra e das dificuldades que passamos juntos, uma lágrima brilha, às vêzes, em seus olhos, mas êle não a deixa cair. Vira se, põe um ferrôlho no coração, e diz: "O passado é passado!" E como o privamos do direito de votar, começou a mexer-se, a enviar papéis à região, a Moscou. Mas penso que nos organismos centrais deve haver velhos revolucionários que compreenderão que êle traiu, que é um inimigo e não merece compaixão.

— Bem, e depois...

— É só. Não lhe deram atenção no centro, e assim continua. É verdade que despediu os assalariados.

— E então?

Davídov fixou em Nagulnov um olhar penetrante. Êste baixou as pestanas curtas, crestadas pelo sol e respondeu:

— É por isso que ninguém diz nada. Expliquei-lhe simplesmente o que o culaque Tito Borodin foi no passado.

Davídov apertou os lábios sombriamente.

— Então por que tenta comover-nos com suas histórias? Foi guerrilheiro? Glória a êle! Virou culaque, isto é, inimigo? Pois acabemos com êle. Não adianta discutir mais o assunto.

— Não falei por pena dêle. Não me faça críticas injustas camarada!

— Quem aprova a desapropriação de Borodin?

Davídov relanceou os olhos em todo o auditório. Embora indecisos, os presentes foram aos poucos levantando as mãos.

Depois da reunião, Nagulnov convidou Davídov a passar a noite em sua casa.

— Amanhã providenciaremos acomodação para você — disse, tateando para encontrar a saída no escuro saguão do Soviete.

Caminhavam lado a lado, sôbre a neve que estalava a seus passos. Nagulnov disse em voz baixa:

— Camarada operário, senti um grande alívio ao saber que tôda a propriedade agrícola vai ser reunida no colcós. Desde criança tenho ódio a essa propriedade. Dela vem todo o mal, como disseram nossos sábios camaradas Marx e Engels. Até com os sovietes no poder, a gente vê pessoas a brigar e a se empurrar como porcos na gamela por causa dessa maldita praga! E antes, no antigo regime, que acontecia? Só pensar nisso dá calafrios! Meu pai era um cossaco rico, tinha quatro parelhas de bois e cinco cavalos. Nossas semeaduras eram das maiores, sessenta, setenta e até cem hectares. Não precisávamos de ajuda. Escute: eu tinha três irmãos casados. A história que vou contar está gravada na minha memória, e explica porque me tornei inimigo da propriedade privada. Um dia o porco de um vizinho entrou em nossa propriedade e pisoteou vários pés de batatas. Minha mãe o avista, apanha uma vasilha de água fervente e me diz: "Makar, espante-o para a vala, que o espero lá." Eu teria uns doze anos, e naturalmente comecei a perseguir o pobre porco. E num átimo minha mãe o escalda com água, a ponto de fazer o couro dêle fumegar. Como estivéssemos no verão, as feridas se agravaram e o pobre animal acabou morrendo. O vizinho jurou vingança. Uma

semana depois vinte e três almiares de nosso trigo foram queimados na estepe. Meu pai, sabendo quem era o responsável, apresentou denúncia contra o vizinho. O ódio era tão grande que um já não podia sequer ver o outro. Quando bebiam, aí as coisas iam às vias de fato. Os processos duraram uns cinco anos, até que um dia houve uma morte... O filho do vizinho foi encontrado assassinado num palheiro durante a Páscoa, tinha o peito varado a golpes de forcado. Certos indícios me levaram a crer que tinham sido meus irmãos. O caso foi investigado, mas não se descobriram os assassinos. A justiça decidiu que o rapaz morrera durante uma bebedeira. Depois disso abandonei meu pai para trabalhar numa fazenda, indo em seguida para a guerra. Às vêzes, estando acaçapado contra o solo, enquanto os obuses alemães voavam da terra ao céu, entre o fumo negro, eu dizia comigo mesmo: "Por que estou aqui? Pela propriedade de quem me exponho assim ao mêdo e à morte?" E diante de um bombardeio daqueles a gente só quer virar prego e afundar na terra até a cabeça! Aí, os petardos não eram nada! Foram os gases que me envenenaram. Hoje, quando subo uma ladeira, tenho vertigens, faltam-me fôrças. Havia por lá pessoas inteligentes que me abriram os olhos: voltei convertido em bolchevique. E durante a guerra civil manejei meu sabre sem a menor compaixão! Fui ferido em Kastornaia, e desde então sofro acessos. Hoje possuo isto...

Nagulnov levou a mão à condecoração da Bandeira Vermelha que trazia no peito, e um matiz novo, de inesperada suavidade, animou-lhe a voz.

— Com isto meu coração se aquece... Sinto-me neste momento, caro camarada, como nos tempos da guerra civil, na linha de frente. Mesmo que tenhamos de fazer o impossível, vamos reunir todo o mundo no colcós. Ao menos isso teremos feito pela revolução mundial.

— Você conheceu Tito Borodin intimamente? — perguntou Davídov pensativo, continuando a andar.

— Se conheci! Éramos bons amigos. Se nos desentendemos foi justamente por causa do apêgo exagerado que êle tinha à propriedade. Em 1920 fizemos juntos a repressão de um levante na região do Donetz. Dois esquadrões e um bata-

lhão especial lançavam-se ao ataque. Detrás da aldeia ficou um monte de sublevados passados a fio de espada. Quando é noite, Tito volta ao alojamento carregando um grande embrulho. Sacode-o e deixa cair ao chão oito pernas cortadas. "Está louco?", interpela-o um camarada. "Retire-se imediatamente!" E Tito lhe responde: "Já não se revoltarão mais! São quatro pares de botas que me vem a calhar. Tenho calçado para tôda a família." E pôs as pernas cortadas sôbre a estufa, para fazê-las degelar. Depois, com o auxílio do sabre, corta as botas pela costura, jogando as pernas nuas sôbre um monte de palha. "Enterrei os corpos" — disse. Se o caso tivesse transpirado, a estas horas êle estaria fuzilado. Mas os companheiros não quiseram denunciá-lo. Perguntei-lhe mais tarde se aquilo era verdade. "É verdade, respondeu-me, não havia jeito de descalçar as botas, as pernas estavam congeladas e duras como se fôssem de pau. Cortei-as então com o sabre. Eu, que sou sapateiro, fiquei com pena de ver que uma mercadoria de primeira qualidade ia apodrecer debaixo da terra. Mas agora é horrível, nem queira saber" — disse-me... "As vêzes, acordo durante a noite e minha mulher tem de me ceder o canto da parede, pois me dá mêdo ficar na beira da cama"... Bem, já estamos em casa.

Nagulnov entrou no pátio e levantou o trinco da porta.

5

Em 1913, André Razmetnov partiu para o serviço militar. Por lei, era obrigado a ingressar nas fileiras com cavalo próprio. Mas além de não poder comprar um animal, Razmetnov não possuía sequer meios para adquirir o equipamento regulamentar. Seu falecido pai deixara-lhe apenas um sabre velho e gasto, que pertencera ao avô. André nunca se esquecia da humilhação por que passara. Na assembléia da aldeia os velhos haviam decidido equipá-lo por conta da comunidade. Compraram-lhe no barato um matungo avermelhado, uma sela, dois capotes, um par de botas... Os velhos diziam-lhe: "Você foi equipado por conta da comunidade, não se esqueça disso. Não desmereça a aldeia, ouviu? Sirva honradamente o tzar!"

Enquanto isso, os filhos dos cossacos ricos pavoneavam-se em corridas, exibindo espécimes das cavalariças Korolkov ou garanhões da raça de Provalie, ricamente ajaezados, com bridões e arreios incrustados de prata...

As autoridades da *stanitsa* tomaram a seu cuidado a terra de André. Enquanto o jovem soldado se batia na frente para defender a fortuna de outros, a boa vida dos demais, sua terra permaneceu arrendada.

André foi condecorado sucessivamente na frente alemã com três cruzes de São Jorge. O dinheiro destas condecorações foi-lhe útil: enviou-o à mulher e à mãe, que dêle foram vivendo.

Pelo fim da guerra, a mulher de André, que trabalhava desde o outono na debulha, foi visitá-lo na frente com o pouco dinheiro que havia economizado. Permaneceu ali vários dias (o II Regimento dos Cossacos do Don, no qual servia André, estava em descanso), e dormiu sôbre o ombro do marido. As noites passaram como relâmpagos no estio. Acaso precisa a mulher de muito tempo para saciar sua fome de felicidade? Voltou com os olhos mais claros e, no prazo costumeiro, deu à luz em pleno campo, sem gritos nem choros, como por descuido, um menino que era o retrato vivo do pai.

Em 1918, Razmetnov voltou a Gremiatchi-Log para um breve repouso. Consertou a madeira apodrecida do arado e as vigas do celeiro, arou dois hectares de terra. Durante todo um dia brincou com o filho: punha-o montado no pescoço vigoroso que tinha o cheiro de quartel, galopava pela casa e ria às gargalhadas. Sua mulher notou, porém, que de vez em quando as lágrimas inundavam-lhe os olhos límpidos, habitualmente duros. Empalideceu e disse: "Está pensando na volta, André?" — "Sim, amanhã. Prepare-me o farnel."

No dia seguinte Nagulnov, Borodin e mais oito cossacos que tinham voltado da frente, reuniram-se cedo em frente à casa de André. Cavalgaram para além do moinho de vento, e durante muito tempo viu-se erguer atrás dêles o fino pó da primavera, levantado pelos cascos dos animais.

Naquele dia, sôbre Gremiatchi-Log, sôbre as inundações do degêlo, bandos de patos negros voavam silenciosamente para o Norte, fendendo os espaços virgens do firmamento.

Em Kamenskaia, André separou-se de seus camaradas. Com um destacamento de Vorochílov, seguiu para a frente de Morozovskaia-Tsaritsin; Nagulnov, Liubichkin e os demais, dirigiram-se para Voronej.

Três meses mais tarde, em Krivaia-Musga, André, levemente ferido por um estilhaço de granada, soube por um conterrâneo, encontrado casualmente no pôsto de socorro, que os cossacos brancos de sua aldeia, depois de haverem exterminado em Gremiatchi-Log o destacamento de Podtielkov, tinham-se vingado dêle, por ter acompanhado os vermelhos, violentando bàrbaramente sua mulher. Tôda a aldeia ficara sabendo, e Eudóxia, para não sobreviver à desonra, tinha-se matado.

É um dia gélido de fim de dezembro em Gremiatchi-Log. As casas, os currais, as cêrcas, as árvores, estão cobertas de neve. Ao longe, atrás de uma elevação, estruge a batalha. Os canhões do general Gusselstchikov troam surdamente. Ao entardecer André aproxima-se da aldeia, galopando em seu cavalo branco de espuma. Mesmo assim tem lembranças. Basta-lhe fechar os olhos e dirigir a rápida estrada de sua memória para o passado... A portinhola da sebe range. Desalentado, André entra, tirando o freio do cavalo, cujas patas tremem de cansaço. Sua mãe, com a cabeça descoberta, corre a seu encontro.

Que tormento lhe causaram os queixumes sinistros da velha, chorando a morta:

— Oh, meu querido!... Aquêles olhos claros... fechados... para sempre...

Razmetnov teve a sensação de haver chegado a uma casa estranha. Amarrou o cavalo no balaústre da escada e entrou. Seus olhos, afundados nas órbitas, esquadrinharam o quarto deserto, o berço vazio.

— E o menino?

A mãe, escondendo o rosto num avental, meneava a cabeça grisalha, quase calva. Não foi fácil obter-lhe a resposta.

— Não soube cuidar dêle, o anjinho... Morreu duas semanas depois de Dúnia... da garganta.

— Não grite... Ah, se ao menos!... Se ao menos eu tivesse uma lágrima... Quem violentou Eudóxia?

— Anikei Deviatkin arrastou-a ao celeiro... A mim, derrubou-me a chibatadas. Depois chamou os homens dêle... Os braços dela, tão brancos, ficaram arroxeados com as pancadas. Voltou para casa tôda negra... Só se viam seus olhos...

— Êle está aqui?

— Não, partiu.

— Há alguém da família dêle?

— A mulher e o velho. Mas não faça mal a êles, André. Não podem responder pelos pecados alheios.

— Como?... Tem coragem de me dizer isso?

André, com o rosto congestionado, mal podia respirar. Arrancou de um repelão os botões do capote, rasgou a gola da camisa. Apoiou o peito largo na borda de um caldeirão, e bebeu a longos tragos, mordendo a barba. Aprumou-se depois e perguntou sem erguer os olhos:

— Mãe... que mandou ela dizer-me antes de morrer?

A velha dirigiu-se para o canto dos fundos, e retirou de trás das imagens santas um papel amarelado. E as palavras da morta soaram-lhe como sua voz querida:

Meu querido André, aquêles malditos me desonraram, riram-se de mim e do nosso amor. Não verei mais você, não mais verei a luz do dia. Minha consciência não me permite viver com uma doença ruim. André, meu encanto, já faz noites e noites que não durmo, o travesseiro está encharcado de lágrimas. Não me esqueço do nosso amor, e dêle me lembrarei no outro mundo. Só lamento por você e por nosso filho, e também por nosso amor ter sido tão curto. Se você casar com outra mulher, que ela, por amor de Deus, se compadeça de nosso menino. Cuide também do pobre òrfãozinho. Diga a sua mãe que dê minhas saias, minhas mantilhas e minhas blusas a minha irmã menor. Ela vai casar-se e precisa delas...

André atravessou a galope a distância que o separava da casa de Deviatkin. Apeou-se, desembainhou o sabre e subiu as escadas de um salto.

O pai de Anikei Deviatkin, um velho de cabelos grisalhos, ao percebê-lo, persignou-se e foi ajoelhar-se diante dos ícones.

— André Stepanóvitch! — foi a única coisa que disse, inclinando-se diante de André até o chão, e ali ficando sem dizer palavra, a cabeça baixa.

— Vai pagar-me por seu filho!...

André segurou o velho pela barba, abriu a porta com um pontapé e arrastou Deviatkin até o saguão. A velha desmaiou perto da estufa. Mas a nora dos Deviatkins, a mulher de Anikei, reuniu todos os seus filhos (tinha seis), e correu para êle dando gritos lancinantes.

André, pálido como um osso lambido pelos ventos, já levantava o sabre sôbre o pescoço do ancião, quando um chorrilho de crianças que choravam e gritavam veio lançar-se a seus pés.

— Degole-os todos! São sangue de Anikei! Degole-me a mim também! — gritava Avdotia, a mulher de Anikei.

E abrindo a camisa côr-de-rosa, agitando os seios flácidos de cadela prolífica, avançava para André em tôrno do qual se agitavam os pequenos, cada qual menor...

André retrocedeu com selvageria no olhar. Embainhou o sabre e encaminhou-se para a sua montaria aos cambaleios. O velho, chorando de alegria e do terror sofrido, seguiu-o até a cancela. Procurou segurar o estribo para beijá-lo, mas André, retirando o pé, murmurou com voz rouca, virando o rosto com asco:

— Teve sorte!... Se não fôssem as crias!...

Deixou-se ficar três dias em casa bebendo. Uma vez embriagado, punha-se a chorar. Na segunda noite ateou fogo ao celeiro onde Eudóxia tinha-se enforcado. No quarto dia, sombrio, com o rosto inchado, despediu-se ternamente de sua mãe. Pela primeira vez, a velha viu na cabeça que apertava contra o seio fios de prata mesclados com cabelos louros.

Dois anos depois André retornou a Gremiatchi. Vinha da frente polonesa. Passou ainda outro ano percorrendo o Alto Don com um destacamento aprovisionador. Depois ocupou-se com sua casa. Respondia com o silêncio sempre que a mãe lhe sugeria novo matrimônio. Certa ocasião, porém, ela insistiu em obter-lhe uma resposta.

— Case-se logo André! Não tenho mais fôrça nem para mexer as panelas. Qualquer môça o aceitará encantada. Posso arranjar-lhe uma noiva?

— Não quero casar-me, mãezinha. Deixe-me em paz.

— Você só sabe dizer isso! Pois olhe: as primeiras cãs já tingiram sua cabeça. Quando vai resolver? Quando estiver completamente encanecido? E sua mãe, você não pensa nela? Eu que esperava ter netos para mimá-los. Guardei a lã de duas cabras para fazer meias para os pequenos... Como seria bom dar banho nêles. Mas ordenhar a vaca com os meus dedos endurecidos, isso é que já não posso.

E punha-se a choramingar:

— Não sei para que trouxe você ao mundo! — continuava. — Você até parece um boi: olha de lado e muge. Por que se cala, pedaço de asno?

André apanhava o gorro e saía sem dizer palavra. A velha não se dava por vencida: expandia-se com as vizinhas, cochichava, dava conselhos...

— Depois de Eudóxia, não porei ninguém em casa — repetia obstinadamente André.

Então a velha maldizia a defunta nora:

— Aquela víbora o enfeitiçou! — dizia às comadres que encontrava. — Enforcou-se e acabará matando-o também. Êle não quer mulher nenhuma. Boa vida, a minha! Ai, comadre, meus olhos se enchem de lágrimas ao ver os filhos dos outros! Essa gente, digo comigo mesma, é que tem alegria e consôlo, enquanto eu pareço um animal na toca...

Naquele mesmo ano André amasiou-se com Marina, viúva de Poiarkov, cossaco de brigada, morto em Novetcherkaska. Marina fizera quarenta anos no outono, mas suas carnes opulentas e seu rosto bronzeado conservavam ainda a beleza da estepe.

Era no mês de outubro. André assentava telhas na casa da viúva. Ao entardecer, Marina fê-lo entrar, arrumou diligentemente a mesa, pôs diante de André uma tigela de sopa de couve e ajeitou-lhe um guardanapo bordado e muito limpo nos joelhos.

Sentou-se então à sua frente, o rosto apoiado na mão. Silenciosamente, André olhava furtivamente aquela cabeça altaneira, encimada por um coque negro e lustroso. Seus cabelos eram bastos, parecendo duros como crina de cavalo, mas junto às orelhas delicadas, anelavam-se indóceis e suaves como

as melenas de uma criança. Marina tinha fixos em André seus olhos negros e amendoados, ligeiramente oblíquos.

— Quer mais? — perguntou.

— Está bem, aceito — disse André.

Limpou os bigodes grisalhos com as costas da mão, preparando-se para comer outra vez. Marina, que voltara a seu lugar, olhava-o atentamente, com sagacidade animal. André notou de repente, no pescoço roliço da mulher, a pulsação rápida de uma veia azul. Sentindo um impulso inexplicável, soltou a colher.

— Que é? — fêz ela surprêsa, batendo os cílios como asas.

— Já estou satisfeito. Obrigado. Voltarei amanhã cedo para terminar o telhado.

Marina deu a volta à mesa. Um sorriso descobriu seus dentes bem plantados, enquanto murmurava, apertando contra André os seios grandes e tépidos:

— E será que não pode passar a noite em minha casa?

Desconcertado, André limitou-se a responder:

— Sim, também pode ser.

Marina, vingando-se dessa resposta tôla, dobrou o corpo maciço numa reverência.

— De qualquer forma, obrigada... É muito gentil com a pobre viúva... E eu, infeliz pecadora, que tinha mêdo de ser recusada...

Soprou o lampião, fêz a cama no escuro, correu o trinco da porta da entrada, e disse em tom desdenhoso, quase com desprêzo:

— Que grande cossaco você é... Parece mais um funileiro de Tambov.

— Que quer dizer? — ofendeu-se André, parando de descalçar a bota.

— Você é igual aos outros! Pelo olhar parece audacioso, mas não se atreve a pedir nada a uma mulher. E pensar que você foi condecorado na guerra.

Com os grampos do cabelo entre os dentes, falava em voz quase ininteligível, enquanto desfazia as tranças.

— Lembra-se de meu marido Mischa? Era menor do que eu. Você é justamente da minha altura. Pois eu gostava dêle

principalmente pela audácia. Na taberna nunca cedia aos mais fortes. Ainda que sangrasse pelo nariz, nunca se dava por vencido. Talvez por isso tenha morrido. Ah, êle bem sabia porque eu o amava!

André lembrava-se de que contavam os cossacos, companheiros de regimento do marido de Marina e testemunhas de sua morte. Durante uma operação de reconhecimento, êle atacou, à frente de seus homens, uma patrulha de soldados vermelhos duas vêzes mais forte. Uma metralhadora Lewis liquidou quatro cossacos e pôs os demais em fuga. Separado dos seus e perseguido, Mikhail Poiarkov matou, à queima-roupa, três soldados vermelhos que iam em seu encalço. Sendo o melhor cavaleiro do regimento, teria escapado às balas se sua montaria não tivesse caído ao tropeçar num buraco. Poiarkov teve uma perna fraturada, e ali findaram-se os dias do bravo soldado de brigada. André sorriu ao lembrar-se do relato daquela morte.

Marina já estava deitada. Respirando anelosamente aconchegou-se a André. Meia hora mais tarde, continuando a conversação iniciada, murmurou:

— Eu gostava de Mischa por seu arrôjo... De você gosto como você é... por mais nada.

E apoiou no peito de André sua pequena orelha abrasada. Na penumbra, pareceu a André que os olhos dela cintilavam, coruscantes e rebeldes como os de um cavalo selvagem.

Pouco antes do amanhecer, Marina perguntou:

— Você vem amanhã para terminar o telhado?

— Decerto! — estranhou André.

— Não é preciso...

— Por quê?

— Porque não conhece o ofício. O tio Chukar trabalha melhor do que você.

Marina soltou uma gargalhada.

— Chamei você de propósito!... Não tinha outro meio de atraí-lo. Menino, não é por dizer, mas você me fêz cada estrago! O trabalho terá que ser refeito de ponta a ponta...

Dois dias depois, o tio Chukar recomeçou a tarefa, não sem antes criticar o trabalho de André.

Depois disso, André passou a visitar Marina tôdas as noites. Como achava doce o amor daquela mulher dez anos mais velha do que êle! Doce como uma maçã silvestre queimada pelos primeiros gelos...

A aldeia logo se inteirou de suas relações. Cada qual fêz comentários à sua maneira. A mãe de André chorou e lamentou-se com as vizinhas. "Que vergonha! Ligar-se com uma velha!" Depois optou pelo silêncio.

Niurka, a filha do vizinho, com quem às vêzes André gracejava e brincava, evitou encontrá-lo por muito tempo, mas ao dar com êle face a face, durante o corte de lenha, empalideceu e, sem procurar dissimular as lágrimas que lhe assomavam aos olhos, perguntou-lhe sorrindo:

— A velha enrabichou você, não foi?

— Até tirar-me o alento! — disse André, tentando gracejar.

— Como se você não pudesse encontrar outra mais jovem! — replicou Niurka afastando-se.

— Mas olhe como já estou — disse André tirando o gorro, para mostrar seus cabelos cheios de cãs.

— E eu, como uma idiota, que fui apaixonar-me por você com cabelos brancos e tudo! Que homem! Adeus.

A môça ergueu a cabeça afastou-se, como se ofendida.

— Não aprovo sua conduta, André — repreendeu-o Makar Nagulnov. — Essa mulher fará de você um pequeno proprietário... Ora, não se aborreça, estou apenas gracejando.

Um dia, num assomo de indulgência, a mãe disse-lhe:

— Case-se com ela como Deus manda, homem, e que ela seja também um pouco de nora.

— Não vale a pena — respondeu André evasivamente.

Marina parecia ter rejuvenescido vinte anos. Recebia André, à noite, com os olhos ligeiramente oblíquos iluminados por uma luz interior. Abraçava o amante com fôrça viril. Até o amanhecer, as salientes maçãs de seu rosto conservavam um rubor de cereja madura. Parecia ter recuperado a juventude. Bordava tabaqueiras de sêda para André, observava seus menores gestos, fazia por agradá-lo em tudo. E com pouco despertaram nela, com temível ímpeto, os ciúmes e o temor de perder o amante. Só ia às reuniões para vigiá-lo de perto,

para ver se se divertia com as jovens, se flertava com alguma delas. A princípio esta inesperada tutela aborreceu André. Discutiu com Marina e chegou mesmo a espancá-la. Finalmente habituou-se e sentiu o seu amor-próprio de homem lisonjeado. Enternecida, Marina presenteou-o com tôda a roupa do marido. André, mal vestido até então, não teve o menor escrúpulo em aceitar o título de sucessor legítimo, e passou a usar as calças largas, as camisas e as blusas, curtas para êle, do defunto cossaco.

Em casa ajudava sua amante. Saía para caçar, e trazia-lhe ora uma lebre ora uma enfiada de perdizes. Marina nunca abusava de seu poder para molestar a mãe de André, embora, no íntimo, lhe guardasse certo rancor.

No mais, ela se arranjava na granja sòzinha. Podia passar sem ajuda masculina. Razmetnov muitas vêzes a vira, com secreta satisfação, levantar na ponta do forcado uma carga de cinqüenta quilos, ou então, montada na segadora mecânica, abater sob as pás da máquina, vagas trêmulas de espiga de cevada. Era dotada de grande destreza e de fôrça viril. Até o cavalo ela encilhava como os homens, apoiando o pé na armação da sela e apertando a cilha com um só puxão.

No correr dos anos, o amor por Marina enraizou-se-lhe firmemente no coração. Pensava de vez em quando em sua primeira mulher, mas a recordação já não o torturava como antes. Entretanto, ainda empalidecia ao encontrar-se com o primogênito de Ankei Deviatkin, tão grande era a sua semelhança com o pai, que emigrara para a França.

Mas o trabalho, a luta pelo pão de cada dia, as preocupações cotidianas reabsorviam-lhe a cólera: a dor surda, por vêzes lancinante, atenuava-se, como acontecia com os ferimentos a sabre que um oficial húngaro lhe fizera na frente de batalha.

* * *

Ao deixar a reunião dos camponeses pobres, André rumou diretamente para a casa de Marina. Esta o esperava fiando lã. A roca soava como um acalento no exíguo quarto de teto baixo, excessivamente aquecido. Um pequeno cabrito travêsso e frisa-

do golpeava o solo com seus minúsculos cascos, procurando subir na cama.

Irritado, Razmetnov franziu o cenho.

— Pare um pouco essa máquina!

Marina afastou do pedal da roca seu pé calçado num ch'nelo pontiagudo. Relaxou o corpo com deleite, erguendo as espáduas amplas como o dorso de uma égua.

— Que houve na reunião?

— Amanhã começaremos a estripar os culaques.

— É mesmo?

— Tôda a assembléia de pobres decidiu entrar hoje mesmo para o colcós.

Sem tirar o paletó, André estirou-se na cama, tomando nos braços o cabrito, quente como uma trouxa de lã.

— Faça amanhã sua declaração.

— Minha declaração? — estranhou Marina.

— Sim, seu pedido de ingresso no colcós.

Marina, enrubescendo de súbito, empurrou bruscamente a roca na direção da estufa.

— Você está louco, homem! Que vou fazer eu ali?

— Escute, Marina, não há discussão possível. É preciso que você seja do colcós. Senão, vão dizer de mim: "Êsse empurra os outros, mas deixa de fora a sua Marina." Eu não teria a consciência tranqüila.

— Não irei! Nem assim não irei!

Marina passou ao seu lado. O odor cálido de seu corpo, empapado de suor, envolveu André.

— Então eu lhe previno: teremos que nos separar, cada um segue o seu caminho.

— Isso é uma ameaça?

— Não ameaço, mas não posso fazer outra coisa.

— Pois bem, suponhamos que eu dê minha vaca... e depois, que me restará? Você mesmo virá pedir-me de comer.

— O leite será comum.

— E também as mulheres, pelo que vejo.

— Eu bem podia dar-lhe uma surra, mas não estou disposto.

Fêz o cabrito descer da cama, levou a mão ao gorro e enrolou no pescoço, como uma serpente, seu cachecol de lã.

"Que miséria!... Será preciso convencer e suplicar a cada um. Até Marina se revolta. Que acontecerá amanhã na assembléia geral? Se exigirmos muito, quebrarão nossa cara" — pensava furioso, enquanto atravessava os jardins, no rumo de casa. Ficou muito tempo acordado, revolvendo-se na cama. Ouviu sua mãe levantar-se duas vêzes para deitar óleo à massa. Numa granja vizinha, um galo barulhento lançou seu grito infernal.

André pensava com inquietação no dia de amanhã, na iminente reforma da agricultura. Temia que Davídov, que lhe parecera ríspido e intransigente, cometesse a inépcia de afastar do colcós os camponeses médios. Mas lembrou-se de seu porte roliço, forte como um bloco de pedra, de suas bochechas sulcadas por fundas rugas, de seus olhos travessos e inteligentes. Lembrava-se de como, na reunião, Davídov se havia inclinado para êle, nas costas de Nagulnov, enquanto Liubichkin falava, e lhe dissera, soprando em seu rosto o hálito áspero de sua bôca desdentada: "O guerrilheiro é um rapaz bronco, mas vocês o abandonaram, não o educaram. Esta é a verdade! É preciso trabalhá-lo."

Esta lembrança levou Razmetnov a uma conclusão reconfortante. "Não, êsse homem fará bem as coisas. Nagulnov é quem precisa ser vigiado para não fazer uma das suas... Por um nada é capaz de deitar tudo a perder. Êsse, eu posso jurar!... Por um nada... Nada o quê?... Nagulnov... Borodin... amanhã..."

O sono, sub-reptício como um lôbo, embotava-lhe a consciência. André adormeceu. Um sorriso deslizou em seus lábios como uma gôta de orvalho na borda de uma fôlha.

6

Quando Davídov chegou ao Soviete, por volta das oito horas da manhã, já se encontravam ali os quatorze camponeses pobres de Gremiatchi-Log.

— Já o esperávamos há um bom pedaço — sorriu Liubichkin, apertando vigorosamente a mão de Davídov.

— Estamos impacientes — explicou o tio Chukar.

Fôra êle quem, envolto numa peliça branca de mulher, gracejara com Davídov, no pátio do Soviete, no dia de sua chegada. Considerava-se desde então um velho amigo de Davídov, e, à diferença dos demais, tratava-o com uma cordial familiaridade. Antes da chegada de Davídov, dizia aos outros: "Tudo será feito conforme decidimos com Davídov. Anteontem tivemos uma conversa longa e minuciosa. É claro que dissemos também piadas, mas a conversa girou principalmente em tôrno de coisas sérias. Discutimos os planos e a organização do colcós. É um homem alegre... assim como eu..." A peliça branca fêz com que André o reconhecesse e, inadvertidamente, o magoasse bastante:

— Por aqui vovô? Veja só, anteontem você não achou muita graça na minha chegada, ao saber que eu vinha. E agora o vejo transformado em colcosiano!... Bravo!

— Tinha pressa... Isto é, não tinha tempo... Por isso vim logo — balbuciou tio Chukar esquivando-se.

Decidiram formar dois grupos para proceder à expulsão dos culaques. O primeiro grupo começaria pela aldeia alta, o segundo pela aldeia baixa. Mas Nagulnov, a quem Davídov propusera a chefia do primeiro grupo, negou-se redondamente. Desconcertou-se sob o fogo dos olhares, e chamou Davídov à parte.

— Que significa isto? — perguntou êste friamente.

— Prefiro ir com o outro grupo à parte baixa da aldeia.

— Mas qual a diferença?

Nagulnov mordeu os lábios, virou a cabeça e disse:

— Teria preferido... De qualquer maneira você vai ficar sabendo. Minha mulher, Luchka... é amante de Timóteo, o filho de Frol Damaskov, o culaque. Não quero ir lá! Haveria cochichos. Irei à parte baixa, e Razmetnov que vá à de cima.

— Já que você faz questão, não importa. Irá comigo no segundo grupo.

Davídov lembrou-se de repente que, naquela mesma manhã, quando fazia a primeira refeição, havia notado na mulher de Nagulnov uma equimose de côr amarelo-esverdeada sôbre uma das sobrancelhas. Sacudiu a cabeça como se a observação lhe ocorresse no momento, perguntou:

— Foi você quem bateu nela? Costuma espancá-la?
— Não, eu não.
— Foi quem, então?
— Êle.
— Êle quem?
— O outro, como lhe digo, Timóteo, filho de Frol...
Admirado, Davídov ficou um momento em silêncio.
— Bem, para o diabo com suas histórias! — disse finalmente com irritação. — Não entendo nada. Vamos, conversaremos depois sôbre o assunto.

Nagulnov, Davídov, Liubichkin, o velho Chukar e mais três cossacos saíram do Soviete.

— Vamos começar por quem? — indagou Davídov sem fitar Nagulnov.

— Depois da conversa anterior, ambos sentiam, cada qual a seu modo, um certo mal-estar.

— Por Borodin.

Puseram-se a andar em silêncio pela rua. Rostos curiosos de comadres assomavam às janelas. Um bando de garotos quis segui-los, mas Liubichkin cortou uma comprida vara do tapume, e os pequenos, adivinhando o que ia acontecer, escapuliram.

Chegados a casa de Borodin, Nagulnov, sem dirigir-se a ninguém em particular, disse:

— Instalaremos aqui a direção do colcós. A casa é espaçosa. Podemos transformar os celeiros em estrebarias.

Realmente, a casa era muito grande. Borodin a comprara em 1922, no ano da fome, por uma vaca estéril e cinqüenta quilos de farinha, na aldeia vizinha de Tubiansk. Todos os membros da família dos proprietários haviam morrido, e ninguém pensou em processar Borodin por aquela trapaça. Desmontou a casa, transportou-a para Gremiatchi-Log, armou-a novamente, construindo galpões de madeira, uma estrebaria, e instalou-se na nova residência. Uma inscrição em velhos caracteres eslavos, feita pelo pincel de um pintor fantasista, destacava-se na cornija revestida de ocre: "T. K. Borodin, 1923".

Davídov examinou a casa com um olhar curioso. Nagulnov foi o primeiro a entrar. Ao ruído da cancela, um enorme mastim cinzento saiu de sob o telheiro. Sem ladrar, erguendo-se

sôbre as patas trasciras, deixando à mostra o ventre peludo, de deslumbrante brancura, forcejava e rosnava surdamente. Dando saltos e agachando-se tentou várias vêzes romper a corrente que o sujeitava, mas não o conseguiu. Correu então para a estrebaria, fazendo tilintar elos de metal, que resvalavam sôbre o arame estendido até ali.

— Maldito cão! Se pudesse cairia em cima de nós, e ninguém escaparia — tartamudeou a mêdo o velho Chukar, olhando o cão de lado, e, como se o fizesse por acaso, não se afastando muito da cêrca.

Entraram aos atropelos na casa. A mulher de Borodin, alta e esguia, dava de beber a um bezerro numa tina. Depois de lançar aos visitantes um rápido olhar de malévola suspeita, respondeu à saudação dêles engrolando algo parecido com: "Que diabo os traz aqui?"

— Tito está em casa? — perguntou Nagulnov.

— Não.

— Onde está?

— Não sei de nada.

— E sabe para que viemos? — perguntou enigmàticamente o velho Chukar.

Nagulnov fulminou-o com tal olhar, que o velho engoliu a saliva, tossiu para se acalmar e foi sentar-se num banco, antes porém levantando com ar digno as pontas da peliça.

— Os cavalos estão aqui? — perguntou Nagulnov, fingindo não se ter dado conta da hostil acolhida.

— Estão.

— E os bois?

— Não. Mas que desejam os senhores a estas horas?

— Não podemos dizer... — começou Chukar de novo.

Mas desta vez Liubichkin retrocedeu até a porta, puxou-o pela peliça, e o velho, arrastado bruscamente para o saguão, não teve tempo de terminar a frase.

— Onde estão os bois?

— Tito levou-os.

— Para onde?

— Já lhe disse que não sei.

Nagulnov piscou para Davídov e saiu. Ao passar perto de Chukar, chegou-lhe o punho à barba, dizendo:

— Cale-se! Só responda o que lhe perguntarem.

Virou-se depois para Davídov:

— A coisa vai mal. É preciso encontrar os bois. Parece que foram escamoteados!

— O quê? — fêz Nagulnov espantado. — Êsses bois são os melhores da aldeia. São tão altos, que uma pessoa não lhe chega a ponta dos chifres. Não, isso nunca! Temos de encontrar Borodin, e também os bois.

Depois de trocar cochichos com Liubichkin, dirigiram-se para o estábulo, e dali até o telheiro e o celeiro. Cinco minutos depois Liubichkin, armado de um porrete, fêz o mastim recuar para um canto do telheiro, enquanto Nagulnov retirava do estábulo um enorme cavalo. Colocou-lhe o freio, agarrou-o pela crina e montou-o.

A mulher de Borodin correu furiosamente até a porta, e começou a gritar:

— Que está fazendo, Nagulnov? Por que se mete a dono do estábulo de seu vizinho? Espere só a volta de meu marido... Êle vai-lhe ensinar com quantos paus se faz uma canoa!

— Não se esgoele, comadre! Se seu marido estivesse em casa eu também lhe diria umas verdades. Camarada Davídov, venha cá!

Davídov, desorientado com a conduta de Nagulnov, aproximou-se.

— Aqui há rastros frescos de bois que levam até a estrada. Isto quer dizer que Borodin pressentiu o perigo e partiu com os animais para a feira. Todos os trenós estão no telheiro. A comadre mente. Tratem de ir acertar contas com Kochetov, que nesse meio tempo irei a Tubiansk. Êle só pode estar ali... Passem-me uma vara, preciso fustigar o animal.

Nagulnov atravessou a eira e partiu, levando atrás de si uma poeira branca que se depositava lentamente sôbre as sebes e a vegetação marginal, revestindo-as de brilhante película prateada. As pegadas dos bois e, a seu lado, as de um cavalo levavam até a estrada e ali desapareciam. Nagulnov galopou uns quinhentos metros na direção de Tubiansk. Encontrou novamente no caminho, sôbre o manto de neve, as mesmas

pegadas recobertas de estrume e, certo de não se haver equivocado no rumo, diminuiu o passo. Cobriu assim cêrca de mil e qu.nhentos metros e, deparando uma nova extensão de neve, verificou que as pegadas haviam desaparecido. Deteve bruscamente o cavalo e apeou-se para ver se a neve fresca havia coberto os rastros. A neve, de uma brancura virginal, estava intacta. Não longe dali viam-se pequenos sinais, em forma de cruz, deixados pelas pêgas. Nagulnov praguejou e encetou a volta, olhando para ambos os lados do caminho. Os bois hav.am abandonado a estrada, a pequena distância de uma pradaria. Nagulnov, que da primeira vez por ali passara a galope, de nada se havia dado conta. Mas daí a pouco voltou a encontrar os sinais dos cascos, e concluiu que Borodin tomara o caminho da direita, pela colina, na direção de Voiskovói.

"Sem dúvida foi à casa de algum conhecido" — disse consigo mesmo, refreando o cavalo e fazendo-o seguir as pegadas. Na outra vertente da colina, pelo lado da Barranca Morta, viu sôbre a neve um excremento fresco, apenas revestido de delgada película de gêlo. Meteu a mão no bôlso e segurou a coronha fria do revólver. Desceu a barranca devagar. Caminhou ainda outros quinhentos metros antes de descobrir, atrás de um pequeno bosque de carvalhos desnudos dois bois sem canga e um homem a cavalo. Curvado sôbre a sela, o cavaleiro empurrava os animais com o aguilhão. Por cima de seu ombro subia uma espiral azul de fumo que se dissipava no ar.

— Meia volta à direita!

Borodin deteve sua égua que começara a nitrir. Voltou a cabeça, cuspiu a bagana do cigarro. Lentamente foi colocar-se diante dos bois e disse sem levantar a voz:

— Que há? Ei!... Alto lá!

Nagulnov aproximou-se. Borodin acolheu-o com um olhar penetrante.

— Aonde ia você?

— Queria vender meus bois. Não nego.

Borodin assuou-se. Limpou com o cachecol os bigodes compridos e lisos como os de um mongol. Os dois homens estavam frente a frente, e seus cavalos cheiravam-se um ao

outro, relinchando. O rosto de Nagulnov, queimado pelo vento, avermelhara-se de raiva. Borodin parecia tranqüilo.

— Volte com seus bois para a granja — ordenou Nagulnov afastando-se.

Borodin hesitou um momento... Manuseava as rédeas, com a cabeça inclinada, como se ausente, os olhos semicerrados. A roupa de côr cinza, o capuz enterrado no rosto, parecia um abutre adormecido. "Se traz alguma arma escondida, terá que desabotoar o capote" — pensava Nagulnov sem despregar os olhos dêle. Mas Borodin, como que voltando a si, brandiu o aguilhão. Os bois empreenderam o caminho de volta.

— Você vai tomá-los? Vai desapropriar-me? — perguntou Borodin depois de um longo silêncio.

E sob o capuz caído sôbre o cenho, seus olhos de córnea azulada relampejaram.

— Você assim o quis — disse Nagulnov sem poder mais conter-se. — Levo-o como um prisioneiro imundo.

Borodin deu de ombros, e nada disse enquanto não chegaram ao pé da colina. Aí perguntou:

— Que vai fazer comigo?

— Deportá-lo. Que ponta é essa que está aparecendo? Que leva debaixo do capote?

— Uma carabina de cano curto.

Borodin, olhando Nagulnov de relance, levantou a ponta do capote. A coronha grosseira e graxenta de um trabuco emergia de um dos seus bolsos.

— Passe-a para cá.

Nagulnov estendeu a mão, porém Barodin empurrou-a calmamente.

— Não, não a darei!

Sorriu, mostrando sob os bigodes caídos a dentadura amarelada de fumo. Fixou em Nagulnov seus olhos penetrantes como os de uma doninha, porém alegres.

— Não a darei! Tiram-me tudo e ainda querem que dê minha arma? Um culaque precisa de uma carabina, nunca aparece sem ela nos jornais... Quem sabe se com ela poderei ganhar meu pão.

Riu, meneando a cabeça. Sua mão não se afastava do arção da sela. Nagulnov não insistiu. "Vou amaciá-lo na aldeia" — disse consigo mesmo.

— Estou certo de que você está indagando a si próprio: Por que saiu êle com a carabina? Não é verdade, Nagulnov? — prosseguiu Borodin. — É que a tenho desde... O diabo saberá desde quando... Ah, sim, a revolta dos brancos... Lembra-se? Foi então que a encontrei. Estava enferrujando. Mas eu a limpei e engraxei. "Pode servir-me, pensei, contra um animal selvagem ou um ladrão..." Mas ontem eu soube que vocês iam dar caça aos culaques... Ah, se chego a saber que vocês iam começar hoje, teria resolvido a questão dos bois ontem à noite!...

— Quem lhe contou?

— Ora, quem me contou!... Corriam rumôres em tôda parte. O fato é que, ontem à noite, minha mulher e eu decidimos pôr os bois a salvo. Quanto à carabina, trouxe-a para enterrá-la na estepe, a fim de que não fôsse encontrada em casa. Depois arrependi-me... Enfim, você agora me faz voltar à fôrça. Cheguei a sentir um tremor nas pernas! — dizia animado, com zombaria no olhar, empurrando o cavalo de Nagulnov com o peito de sua égua.

— Deixe os gracejos para depois — disse Nagulnov. — Enquanto isso, muito cuidado.

— Ué, êste é o momento oportuno para gracejar... Eu havia conquistado uma vida tranqüila, havia defendido um poder justo e agora me apertam o gasganete.

A voz de Borodin extinguiu-se. Daí por diante guardou silêncio, refreando sua montaria para que Nagulnov lhe passasse à frente. Mas êste, sempre em guarda, encurtava também as rédeas. Os bois iam muito à frente dêles.

— Vamos, vamos! — dizia Nagulnov, que observava Borodin com atenção redobrada, apertando no bôlso a coronha do revólver.

É que conhecia Borodin! Conhecia-o como ninguém.

— Vamos, não fique para trás. Se você pensa em matar-me, vai ficar desapontado. Não terá tempo de disparar.

— Você está vendo fantasmas! — disse Borodin sorrindo.

E, esporeando seu cavalo, adiantou-se a galope.

7

O grupo de André Razmetnov chegou à casa de Frol Damaskov quando a família começava a almoçar. Sentados à mesa, viam-se: Frol em pessoa, velhinho magricela, de barba pontiaguda, que tinha a asa esquerda do nariz dilacerada (em criança caíra de uma macieira, ficando com o rosto desfigurado, e daí o apelido de "Arreganhado"); sua mulher, uma velha de aspecto imponente; seu filho Timóteo, que tinha vinte e dois anos, e uma filha casadoura.

Timóteo, que era um môço guapo, o retrato vivo da mãe, levantou-se da mesa. Limpou com um esfregão os lábios vermelhos, sombreados por um bigodinho, apertou os olhos atrevidos e, com a desenvoltura que lhe valia a fama de ser o melhor sanfonista da aldeia e o favorito das môças, disse aos recém-chegados.

— Entrem, entrem e sentem-se, ilustres autoridades!

— Não temos tempo para sentar.

André retirou um papel de sua carteira.

— A assembléia de camponeses pobres decidiu, cidadão Frol Damaskov, expulsá-lo desta casa e confiscar todos os seus bens e seu gado. Sendo assim, quando acabar de comer, retire-se. Nós vamos fazer o inventário.

Largando a colher, Frol levantou-se.

— Mas por quê?

— Você foi banido como membro da classe dos culaques — explicou-lhe Uchakov.

Frol, fazendo ranger suas botas de fêltro com sola de couro, foi até a sala, e trouxe de lá um documento.

— Veja êste certificado, André, foi você mesmo quem o assinou.

— Que certificado?

— De haver entregue o trigo de acôrdo com o plano.

— Não se trata disso.

— Então por que me expulsam da casa e confiscam meus bens?

— Já lhe disse antes que os pobres assim o decidiram.

— Vocês estão cometendo um abuso! — interveio Timóteo impulsivamente. — Papai, irei ao executivo do setor. Onde está a sela?

— Irá a pé, se quiser. Não lhe dou o cavalo.

André, sentado na borda da mesa, sacou do bôlso uma fôlha de papel e lápis. O nariz dilacerado de Frol ficara azulado, a cabeça tremia-lhe. Seu corpo arriou de repente, e sua língua negra e inchada movia-se com dificuldade.

— Canalhas! Bastardos! Vocês só aparecem para roubar e saquear!

— Levante-se, papai, pelo amor de Deus! — gritou a môça.

Banhada em lágrimas, sustinha o velho pelas axilas. Frol voltou a si e levantou-se. Estirou-se então num banco e, indiferentemente, pôs-se a escutar Uchakov e o tímido e grandalhão Ignatenok, que ditava para André:

— Uma cama de ferro com incrustações brancas, um adredom, três travesseiros e mais duas camas de madeira. Um aparador com louças. É preciso discriminar tôdas as peças?...

— Não, faremos a anotação em bloco.

— Doze cadeiras, uma poltrona com espaldar, uma sanfona...

— A sanfona você não leva! — disse Timóteo, arrancando-a das mãos de Uchakov. — Não se aproxime, caolho que lhe quebro as ventas!

— Eu é que vou surrá-lo!

— Dê-nos as chaves dos baús, patroa!

— Não lhes dê nada, mamãe. Que arrombem as fechaduras, se se julgam com direito a isso.

— Temos êsse direito? — perguntou Demid Molchunov, que tinha a fama de só falar em casos de extrema necessidade.

Trabalhava em silêncio, fumava em silêncio com os cossacos reunidos na rua nos dias de festa, assistia em silêncio às reuniões, respondia raramente o que lhe perguntavam e sorria confundido. O vasto mundo parecia-lhe repleto de ruídos excessivamente sonoros. Não cessavam nunca, nem sequer à noite. Não o deixavam escutar a calma, rompiam o sábio silêncio que por vêzes banha a estepe e o bosque, quando chega o outono. O estrépito humano não agradava

a Demid. Vivia num ponto afastado, nos confins da aldeia. Era uma rapaz trabalhador, tido como o homem mais forte da aldeia. Mas o destino não cessava de pregar-lhe peças: era para êle uma madrasta.

Durante cinco anos servira de criado na granja de Damaskov. Depois casou-se e estabeleceu-se por conta própria. Mal se instalara, sua casa pegou fogo. Um ano depois, outro incêndio só lhe deixou os arados fumegantes. Em seguida a mulher o abandonou: "Vivemos junto dois anos e não ouvi de você duas palavras! Estou farta, viva sòzinho! Até no mato, com um lôbo, terei mais alegria! Com você acabaria perdendo a razão. É como se eu já estivesse meio variada..."

Pensar que começara a acostumar-se a Demid! Nos primeiros meses, é verdade, havia chorado: "Vamos, Demid, fale um pouco comigo! Diga-me qualquer coisa!" Demid limitava-se a sorrir, com seu sorriso de menino, coçando o peito cabeludo. E, às vêzes, cansado da insistência da mulher, não resistia mais e dizia com sua voz de baixo, saída do mais profundo de seu ser: "Você é uma verdadeira gralha!", e afastava-se dela. Na voz do povo, não se sabia porque, Demid era tido como um homem orgulhoso e astuto, dêsses "que sabem o que fazem". Talvez porque durante tôda a sua vida permanecera afastado das pessoas palradeiras.

Por isso, quando André ouviu a voz possante de Demid, levantou a cabeça, olhando-o como se o visse pela primeira vez.

— Direito? Claro que temos êsse direito.

Demid, que se movia lentamente e manchava o chão com sua alpercatas velhas e molhadas, dirigiu-se para a sala. Sorridente, estendeu a mão e, como quem afasta um ramo, afastou Timóteo que estava em pé junto à porta. Passando pelo aparador, cuja louça tilintou melancòlicamente, aproximou-se do baú. Pôs-se de cócoras e começou a dar voltas ao enorme cadeado, que daí a um minuto, todo retorcido, estava sôbre o baú.

Menok, que contemplava Demid estupefato, exclamou com admiração:

— De bom grado trocaria minhas fôrças pelas dêle!

André mal tinha tempo de anotar os objetos. Do quarto grande e da sala, Uchakov, Menok e Vassilissa, a única mulher do grupo de André, gritavam interrompendo-se mùtuamente.

— Um abrigo de mulher!

— Uma jaqueta!

— Três pares de botas novas, com galochas!

— Quatro peças de tecido!

— Veja, André, há tanta coisa aqui que um carro seria pouco. Há chita, cetim negro e muitas outras peças.

Quando se dirigia para a sala, André ouviu no vestíbulo as lamentações da môça, os gritos da dona da casa e a voz exasperada de Ignatenok. Abriu a porta de par a par.

— Que há por aqui?

Com o rosto inchado de chorar, a môça, que tinha o nariz arrebitado, gritava, encostada à porta, como se a estivessem esfolando. Sua mãe se agitava em tôrno dela, matraqueando. Ignatenok, bastante corado e sorrindo com embaraço, puxava a môça pela saia.

— Que faz aí, desgraçado?

Cego de raiva, André deu tamanho empurrão em Ignatenok que êste caiu de costas, com as pernas para cima, mostrando as botas de fêltro em farrapos.

— Estamos em plena batalha política, iniciamos a ofensiva contra o inimigo, e você, enquanto isso, anda apalpando as môças pelos cantos. Vou denunciá-lo, vai ver...

Aterrado, Ignatenok levantou-se de um salto.

— Ei... Espere, espere. Apalpá-la, eu?... E o que você pensa!... Olhe só o que ela está fazendo: pondo a saia número nove... e porque eu protestava, vem você e me desanca.

Até então André não tinha visto que a môça, tendo conseguido tirar do quarto uma enorme trouxa de roupa, sem que a vissem, já pusera vários vestidos de lã, um por cima do outro. Encolhida em seu canto, baixava as saias, lentamente e com dificuldade, já que mal podia mover-se com tanta roupa. Seus olhinhos tristes, úmidos e vermelhos como os de um coelho, enojaram André.

— Deixe-a em paz! Que fique com o que já teve tempo de vestir. Traga o resto — disse André, batendo a porta.

O inventário da casa chegara ao fim.

— As chaves do celeiro! — exigiu André.

Frol, negro como um tição, gesticulou.

— Não há chaves.

— Arrombe a porta — ordenou André a Demid.

Êste dirigiu-se para o celeiro. Passando pelo pátio, apanhou a ferramenta de um carro que estava ali. O cadeado, que pesava uns três quilos, só cedeu a golpes de machado.

— Cuidado com a esquadria. Não a estrague, o telheiro agora é nosso!... Cuidado! Cuidado! — aconselhava Uchakov a Demid, que ofegava.

Puseram-se a medir o cereal.

— E se o passássemos já pela peneira?... Vejam, há uma peneira grande sôbre o caixão de trigo — disse Ignatenok, louco de alegria.

Riram-se dêle e continuaram a gracejar, enquanto enchiam as vasilhas de trigo.

— Ainda podemos entregar ao estoque uns duzentos pudes — dizia Uchakov, afundado no trigo até os joelhos.

Removia o cereal com a pá, afundava as mãos, deixava-o escorrer entre os dedos.

— É ouro puro... Mas bem se vê que estêve enterrado...

Menok e outro rapaz do grupo davam-se ares de patrão na estrebaria. Menok, acariciando a barba loura, apontava o estrume, pontilhado de grãos de milho não digeridos:

— Como não hão de trabalhar êstes bois, se são alimentados a cereal puro? Os nossos, na associação, só comem feno.

Do celeiro saíam vozes animadas, risos, pó de trigo e, às vêzes, uma praga...

André voltou a casa. A patroa e sua filha haviam colocado num saco as caçarolas e a louça. Frol, com os braços cruzados sôbre o peito, como um morto, continuava deitado no banco, tendo nos pés apenas as meias. Timóteo, já calmo, olhou-o com raiva e encaminhou-se até a janela.

No quarto André viu Demid acocorado. Calçara as botas de fêltro com sola de couro de Frol... Não viu André, pois

estava ocupadíssimo na tarefa de tirar mel do pote com uma colher de sopa. Os olhos revirados de prazer, estalava a língua e levava a colher à bôca, salpicando a barba de gotas douradas.

8

Cêrca de meio-dia, Nagulnov e Borodin voltaram à aldeia. Durante sua ausência, Davídov fizera o inventário de duas casas de culaques e delas expulsara os proprietários. Depois regressou à casa de Borodin, e pôs-se a medir o trigo com Liubichkin. O velho Chukar deu de comer aos carneiros, e afastou-se prontamente, ao ver que Borodin se aproximava.

Borodin andava pelo pátio com a jaqueta desabotoada e a cabeça descoberta. Antes, dirigira-se para o celeiro, mas Nagulnov lhe gritara:

— Quieto, ou mando prendê-lo!

Nagulnov estava irritado, inquieto: sua bochechas tremiam mais que de costume... Não vira Borodin deitar fora a carabina. Por isso, quando chegara, ao perguntar-lhe pela arma, advertindo-o que ela seria tomada se não a desse, o outro sorriu.

— Não entendo a graça. Sem dúvida você sonhou que eu tinha uma arma.

Não foi encontrada debaixo do seu capote, e seria insensato ir procurar a arma na neve. Nagulnov, indignado consigo mesmo, contou o ocorrido a Davídov, que se aproximou de Borodin, observando-o com curiosidade:

— Devolva-nos a arma, cidadão — disse, aproximando-se dêle. — Assim você ficará mais tranqüilo.

— Eu não tenho arma nenhuma. Nagulnov inventou isso por ter raiva de mim.

Borodin sorria maliciosamente com seus olhos de doninha.

— Bem, então teremos de prendê-lo e enviá-lo ao setor.

— A mim?

— Sim, você. Que pensava? Que íamos levar em conta o seu passado? Nada disso!... Você escondia trigo, você prepara...

— Vão prender-me? — repetiu Borodin, com a respiração ofegante e encolhendo-se como se armasse um bote.

Tôda a sua pretensa alegria, seu sangue frio, seu autodomínio, desvaneceram-se num instante. As palavras de Davídov fizeram explodir nêle tôda a ira acumulada. Deu um passo na direção de Davídov, que recuou. Tropeçou então numa canga que estava atirada no meio do pátio, agachou-se e sacou um ferro pontiagudo.

Nagulnov e Liubichkin correram para Davídov. O velho Chukar desabalou em fuga. Suas pernas embaraçaram-se nas abas do abrigo, demasiadamente comprido, e êle caiu, gritando como um possesso.

— Socorro, socorro! Estão-nos matando!

Davídov segurou Borodin pelo pulso esquerdo. Com a mão direita, Borodin esmurrou-lhe o rosto. Davídov cambaleou mas continuou em pé. O sangue jorrou da ferida aberta, deixando-o meio cego. Soltou Borodin e, trôpego, cobriu os olhos com a mão. Um segundo golpe o lançou sôbre a neve. Nesse instante Liubichkin segurou Borodin pela cintura, mas apesar de seu esfôrço não conseguiu dominá-lo. Borodin desvencilhou-se dêle e correu para o celeiro. Nagulnov alcançou-o quando êle já ia entrar e, com a coronha do revólver, assestou-lhe um golpe na nuca.

A mulher de Borodin fêz aumentar ainda mais a confusão. Vendo que Liubichkin e Nagulnov corriam atrás do marido, precipitou-se até o telheiro e soltou o mastim O animal, fazendo soar sua coleira de ferro, atravessou o pátio de um salto e, atraído pelos gritos de pavor do velho Chukar, e pelo seu casaco de pele estendido sôbre a neve, atirou-se sôbre êle. Pequenos pedaços de pele de cordeiro e de lã, arrancados do abrigo, voavam numa nuvem de poeira. Num abrir e fechar de olhos, o velho levantou-se, defendendo-se frenèticamente a pontapés e procurando arrancar uma estaca da cêrca. Arrastou por vários metros o cão enfurecido, que se havia agarrado à gola de seu abrigo, fazendo-o cambalear. Finalmente, num esfôrço desesperado, conseguiu arrancar uma estaca. O mastim fugiu ladrando, depois de haver rasgado o abrigo em dois.

Rejuvenescido de pronto, o velho Chukar gritou com voz roufenha, os olhos fora das órbitas:

— Dê-me o seu revólver, Nagulnov! Deixe-me acertar as contas com êsse canalha e a mulher dêle, antes que passe a minha raiva!

Haviam levado Davídov para dentro de casa e estavam cortando os cabelos em tôrno da ferida, de onde brotava um sangue negro. No pátio, Liubichkin atrelava dois cavalos no trenó de Borodin. Nagulnov escrevia ràpidamente:

Ao camarada Zakharenko, agente da GPU no setor: Envio-lhe o culaque Borodin, Tito Konstantinóvitch, vil elemento contra-revolucionário. Enquanto inventariávamos seus bens, êle agrediu o camarada Davídov, da mobilização dos «Vinte e Cinco Mil», golpeando-o duas vêzes na cabeça com uma barra de ferro.

Declaro, além disso, que Borodin tinhá uma carabina de modêlo russo, que não pude confiscar em vista das condições, temendo nova efusão de sangue. Borodin, sem que o percebêssemos, atirou-a na neve. Caso a arma seja encontrada, nós a remeteremos como peça de convicção.

O secretário da célula do P. C. de Gremiatchi, condecorado com a Bandeira Vermelha:

M. Nagulnov.

Colocaram Borodin num trenó. Pediu água e quis que chamassem Nagulnov. Êste gritou-lhe dos degraus da porta:

— Que quer?

— Makar, lembre-se! — gritou-lhe Borodin, agitando como um bêbedo as mãos manietadas. — Você vai-me pagar! Nossos caminhos voltarão a cruzar-se. Você me espezinhou, mas minha vez há de chegar. Hei de matá-lo, seja como fôr! Nossa amizade morreu!

— Fora, contra-revolucionário!

E os cavalos arrancaram alegremente.

9

Ao entardecer, Razmetnov despediu seu *grupo de iniciativa*, formado de camponeses pobres. Enviou à casa de Borodin, onde estavam sendo guardados todos os bens confiscados

aos culaques, um carro cheio de objetos confiscados a Gaiev. Feito isso, rumou para o Soviete. Pela manhã, combinara encontrar-se ali com Davídov, uma hora antes da assembléia geral, que deveria realizar-se ao cair da tarde.

Do saguão, André avistou luz no quarto do canto. Abriu a porta e entrou. Percebendo o ruído, Davídov, que estava inclinado sôbre um caderno, levantou a cabeça envôlta numa atadura branca.

— Olá, André! Já por aqui? — disse sorrindo. — Sente-se... Estamos fazendo a conta do trigo apreendido aos culaques. E você, como se saiu?

— Bem... Que foi isso na cabeça?

Nagulnov, que estava fazendo um quebra-luz com uma fôlha de jornal, respondeu de má-vontade:

— Um golpe de Borodin. Enviei-o a Zakharenko, da GPU.

— Tenha paciência, nós o informaremos de tudo.

E Davídov empurrou o ábaco para Nagulnov.

— Vamos, continue... cento e quinze... Está certo? Cento e oito...

— Um momento, um momento! — interrompeu Nagulnov com voz inquieta, movendo cuidadosamente as bolas com a ponta dos dedos.

André pôs-se a fitá-los e, com os lábios trêmulos, disse surdamente:

— Acabou-se, não trabalho mais.

— Não trabalha mais como? Em que você não trabalha mais?

Nagulnov afastou o ábaco de si.

— Não volto mais a desapropriar ninguém. Não adianta arregalar os olhos! Vai-nos dar o espetáculo de um ataque?

— Você está bêbedo? — perguntou Davídov, olhando atenta e inquietamente para André, cujo rosto expressava uma decisão malévola.

— Que há com você? Explique-se.

O tom tranqüilo da voz atenorada de Davídov deixou André fora de si. Tremendo de raiva, gaguejou:

— Não me ensinaram... não me ensinaram... a fazer guerra a crianças... Na frente é outra coisa. Lá maneja-se

o sabre contra qualquer um... Ah, e depois... chega!... para mim acabou-se...

Como a vibração de uma corda esticada, sua voz subia, subia como se fôsse romper-se. Mas depois de exalar um suspiro igual a um estertor, André baixou repentinamente a voz:

— Acaso nossa tarefa é essa? Não sou verdugo, tenho coração... Estive na guerra, já sei...

E recomeçou a gritar:

— Gaiev tem oito filhos pequenos! E os gritos que davam quando entramos... Fiquei com os cabelos em pé. Começamos a despojá-los... Então fechei os olhos, tapei os ouvidos e saí... para o estábulo. As mulheres pareciam mortas... Tivemos de jogar água fria sôbre a nora e os pequenos... Não, deixem-me em paz...

— Chore, chore, isso o aliviará — aconselhou-o Nagulnov, esfregando com a mão o músculo que tremia em seu rosto, e fixando em André seus olhos chamejantes.

— Acho que o caso é mesmo para chorar... Quando penso que meu filho...

André parou de brusco, rilhando os dentes, e com um movimento rápido virou as costas para a mesa.

Fêz-se silêncio.

Davídov levantou-se lentamente da cadeira... A parte descoberta de seu rosto estava lívida, cadavérica, e sua orelha empalidecera. Aproximou-se de André, agarrou-o pelos ombros e, sem esfôrço, fê-lo virar-se. Depois, com a respiração entrecortada e os olhos fixos em André, cujo rosto parecia ter-se dilatado, disse-lhe:

— Você tem pena dêles... Tem compaixão. Bem.. E êles, tiveram piedade de nós? As lágrimas de nossos filhos fizeram o inimigo chorar? Tiveram êles pena de nossos órfãos? E então?... Depois de uma greve despediram meu pai da fábrica e deportaram-no para a Sibéria. Minha mãe ficou só com quatro crianças... Eu, o maior, tinha então nove anos. Não havia o que comer. Então minha mãe — preste atenção, homem! — minha mãe teve que se prostituir para que não morrêssemos de fome. Trazia os clientes para nossa casa... Vivíamos num porão. Só tínhamos uma cama... Nós, as

crianças, dormíamos no chão, atrás de uma cortina. Eu tinha nove anos... Vinham também bêbedos... Eu tapava a bôca de minhas irmãzinhas para que não chorassem... Quem enxugou nossas lágrimas? Está-me ouvindo? Pela manhã eu apanhava aquêle maldito rublo...

Davídov, cerrando convulsivamente os dentes, levantou o punho até o nariz de André.

— ...aquêle maldito rublo que minha mãe tinha ganho, e ia correndo comprar pão.

De repente, com violência feroz, deixou cair o punho sôbre a mesa.

— E você — gritou — como pode ter piedade dêles?

O silêncio voltou a reinar. Nagulnov, agarrado à borda da mesa, sujeitava-o como uma águia a sua prêsa. André estava calado. Davídov, respirando entrecortadamente, deu uns passos pelo cômodo. Depois, enlaçando André pelos ombros, sentou-se junto dêle no banco, e disse-lhe com a voz conturbada:

— Mas que tolice a sua! Faz algum sentido vir aqui para se esgoelar? "Eu não trabalho mais... as criancinhas... dão tanta pena." Vamos reflita um pouco, conversemos. Você tem pena das famílias dos culaques expulsos? Mas se os expulsamos é para que não nos impeçam de construir nossa vida... nela não existirão essas sujeiras... Você é o representante do Poder soviético em Gremiatchi... E eu tenho de fazer-lhe propaganda!

Fêz um esfôrço para sorrir.

— Expulsamos os culaques, muito bem... Serão enviados a Solovki. Mas não tenha receio, não morrerão! Se trabalharem, terão o que comer. E quando tivermos terminado de nos organizar, os pequenos dêles já não serão filhos de culaques. A classe operária os terá reeducado.

Apanhou um maço de cigarros — tremiam-lhe tanto os dedos, que levou longo tempo para retirar um.

André, sem afastar os olhos do rosto de Nagulnov, que se ia cobrindo de palidez mortal, levantou-se. Então Nagulnov deu um salto e, como se projetado por um trampolim, foi cair a seu lado.

— Víbora! — bufou apertando os punhos. — E assim que você ajuda a revolução? Está com pena... Pois olhe, eu... Podiam pôr em fila milhares de velhos, de velhas e de pirralhos... Se me disserem que é necessário acabar com êles... que é necessário para a revolução... eu ceifaria todos com minha metralhadora... Liquidaria todos! — gritou Nagulnov com selvageria na voz.

Suas pupilas dilatadas brilharam de furor; saía-lhe espuma dos cantos da bôca.

— Não grite! — inquietou-se Davídov. — Sente-se!

André empurrou a cadeira, e aproximou-se apressadamente de Nagulnov, que, colado à parede, a cabeça jogada para trás, os olhos desmesuradamente abertos, lançou um grito penetrante:

— Vou cortá-lo em pedaços...

Mas já começava a perder o equilíbrio, buscando com a mão esquerda a bainha do sabre e com a direita crispada sôbre o punho imaginário da arma.

André apenas teve tempo de segurá-lo. Todos os músculos do corpo de Nagulnov se distendiam horrìvelmente, as pernas pareciam retesadas por uma mola de aço.

— É um acesso — gritou em tempo André a Davídov. — Agarre-o pelos pés!

10

Quando chegaram, a escola já estava apinhada. Muita gente não encontrara lugar. Cossacos, mulheres e môças comprimiam-se no corredor e nos degraus da entrada. Da porta escancarada escapavam jactos de vapor misturados com exalações de fumo.

Nagulnov, lívido, com os lábios pisados, cheios de sangue coagulado, foi o primeiro a passar. Sementes de girassol cuspidas no chão estalavam sob seus passos retumbantes. Os cossacos, abrindo-lhe caminho, olhavam-no com reserva. A presença de Davídov fêz levantar um murmúrio.

— Êsse é Davídov? — perguntou em voz alta uma môça que trazia um xale de flôres, assinalando Davídov com o lenço cheio de sementes de girassol.

— Êsse de paletó, o baixinho.

— Não é alto, mas bem robusto. Vejam que pescoço de touro!

— Mandaram-no para aumentar a raça — disse uma môça rindo e olhando Davídov com interêsse.

— Tem as espáduas quadradas, o homem dos Vinte e Cinco Mil... Como deve saber apertar bem, minhas filhas — dizia calmamente uma mulher, arqueando as sobrancelhas pintadas.

A voz rouca e descansada de um rapaz replicou:

— Nossa Natalka não pode ver calças!

— Já quebraram a cabeça dêle? Está com uma atadura...

— Talvez seja dor de dentes.

— Não, foi Borodin...

— Ué, meninas! Pombinhas! Nunca viram um forasteiro? Será êle mais bonito do que eu?

Um cossaco nada jovem, bem barbeado, enfeixou num abraço um grupo inteiro de môças e empurrou-as contra a parede. Houve uma explosão de gritos. Os punhos das môças tamborilaram surdamente sôbre as espáduas do cossaco.

Davídov, antes de chegar à porta da escola, nadava em suor. Desprendia-se da multidão um odor de óleo de semente de girassol, de cebola, de fumo e de urina. As môças e as senhoras jovens exalavam um cheiro de roupa guardada durante muito tempo e de pomadas. Era como se houvesse na escola um surdo rumor de abelhas, e também as pessoas se moviam num agitado torvelinho que lembrava um enxame.

— Como são atrevidas as môças desta aldeia! — disse Davídov atarantado, ao subir a plataforma.

Duas carteiras encostadas uma na outra ocupavam o estrado. Davídov e Nagulnov sentaram-se, e André deu início à sessão. A presidência foi eleita sem dificuldades.

— Tem a palavra o representante do comitê de setor do Partido, camarada Davídov, que falará sôbre o co'cós.

André calou-se. O murmúrio das conversações foi-se extinguindo pouco a pouco. Davídov levantou-se e ajustou a atadura. Falou meia hora, e por fim já estava meio rouco. O auditório mantinha silêncio. O ar estava sufocante. Ao brilho pálido dos lampiões, Davídov via os rostos suados das

primeiras filas; a penumbra ocultava os restantes. Nem uma voz sequer o interrompeu. Mas quando, depois de terminar, estendeu a mão para tomar água, desencadeou-se uma avalanche de perguntas.

— Tudo será de todos?

— E na casa da gente?

— O colcós será provisório ou para sempre?

— O que vai ser dos camponeses independentes?

— Perderão a terra?

— Teremos de comer em comum?

Davídov ia respondendo calmamente, sem se cansar. Quando se tratava de perguntas complicadas sôbre agricultura, Nagulnov e André vinham em socorro dêle. Foi lido o estatuto padrão, mas as perguntas não cessavam de chover.

No centro da sala, um cossaco que trazia um gorro de pele de rapôsa e vestia um curto abrigo negro aberto de alto a baixo, levantou-se e pediu a palavra. A luz do lampião iluminava-lhe o gorro obliquamente, e os pêlos avermelhados da pele de rapôsa pareciam fumegantes.

— Sou camponês médio, cidadãos, e digo-lhes que sem dúvida o colcós é uma boa coisa; só que é preciso pensar bem nêle... Não é o caso de ir entrando assim, de supetão... O representante do Partido nos disse: "Vocês precisam reunir suas fôrças e seus bens em comum. Será o mais vantajoso. Lênin disse o mesmo." O camarada representante não entende lá muita coisa de agricultura; em sua vida de operário não trabalhou com o arado, e aposto que não sabe de que lado se deve aproximar do boi. Por isso se equivoca em algumas coisas. Para o colcós, na minha opinião, a solução é a seguinte: os trabalhadores que tiverem gado formarão um colcós; os pobres, outro, os que tiverem propriedades ficarão a parte, e os vagabundos serão expulsos para que a GPU os ensine e trabalhar. Não basta arrolar todo mundo num colcós, isso de nada adiantaria. Seria como na fábula: o cisne bate as asas, o caranguejo anda para trás e o peixe afunda-se na água.

Um riso reprimido percorreu tôda a assembléia. Do fundo da sala uma jovem desferiu um grito agudo. Ouviu-se imediatamente uma voz de indignação:

— Escandalosa!... Por que não arranja outro lugar para ser bulinada? Vamos, fora daqui!

O homem do gorro, depois de ter enxugado o rosto e os lábios com um lenço, continuou:

— Os homens devem ser escolhidos como um bom lavrador escolhe seus bois. Êstes têm de ser do mesmo tamanho e de fôrças iguais. Que aconteceria se pusessem na mesma canga um assim e outro assado? O mais forte avançaria com demasiada pressa, o mais fraco ficaria para trás, e logo o forte teria de parar. Bom trabalho seria!... O camarada diz: "Todos ao colcós, menos os culaques." Que resultaria disso? O mesmo caso da fábula.

Liubichkin levantou-se, retorceu maliciosamente os bigodes negros e emaranhados, e dirigiu-se ao orador.

— Às vêzes você fala bem, Kusma... Se eu fôsse mulher não me cansaria de ouvi-lo! *(sussurro de risos)*. Você procura convencer a assembléia como se ela fôsse Pelagueia Kuzmicheva...

Explodiu uma gargalhada. A chama do lampião avançou como o dardo agudo de uma serpente. Todos compreenderam a alusão. Até os olhos de Nagulnov iluminaram-se num sorriso. Davídov ia indagar da causa da hilaridade, quando Liubichkin, dominando o ruído, continuou:

— A voz não deixa de ser a sua, mas a canção foi-lhe ensinada! Para você convém que as pessoas sejam escolhidas dêsse modo. Com certeza o instruíram assim quando você era sócio de Frol, o Arreganhado. Confiscaram o motor de vocês no ano passado, não é verdade? Só lhe digo que a seu Frol deram o que merecia... Em tôrno do motor dêle vocês formaram um colcós, mas um colcós de culaques... Já se esqueceu do preço que nos fazia pagar pela debulha? Não ficavam com a oitava parte? A você, talvez, agradasse fazer o mesmo agora, encostar-se nos ricaços...

O alvorôço foi tamanho, que custou a André restabelecer um pouco a ordem. As exclamações crepitavam como granizo.

— Bom resultado deu a sociedade de vocês!

— Não há trator que possa exterminar os piolhos que vocês têm!

— Aquêle culaque deixou-o de coração empedernido.

— Bajulador!

— Uma cabeça como a sua só serve para moer girassol.

Nikolai Luchnia, camponês médio desbocado, pediu a palavra. Nagulnov advertiu-o:

— Nada de debates, ouviu? O problema está claro.

— Que é isso? E se eu quiser discutir o caso? Ou não tenho o direito de contrariar sua opinião?... Bem, o que quero dizer é que o imgresso no colcós é facultativo: a pessoa entra se lhe der na telha, senão fica na porta. Nós ficaremos na porta para ver o que acontece.

— Que quer dizer êsse "nós"? — perguntou Davídov.

— Ora, os camponeses...

— Fale por você, meu velho. Todos têm língua.

— Também posso falar por minha conta. Estou falando por mim mesmo. Quero ver em que pé fica o colcós. Se der certo, entro. Se fôr mal, nem a bala. Idiota é o peixe que se mete na rêde.

— Tem razão.

— Esperemos para ver.

— Vida nova, que outros a sigam.

— Ora essa! Trata-se acaso de alguma saia, para a gente estar seguindo?

— Tem a palavra Akhvatkin. Pode começar.

— Falarei sôbre o meu caso, caros cidadãos. Vivíamos juntos, meu irmão Pedro e eu, sempre às turras... As mulheres seguiam nosso exemplo e não havia meio de separá-las, pois éramos nós os principais responsáveis. E agora vocês querem reunir tôda a aldeia! Ninguém poderá entender-se. A rixa começará assim que nos pusermos a trabalhar. Eu vou achar que Ivã estourou meus bois, e êle dirá que não tive cuidado com os cavalos dêle. Todo o mundo terá a bôca cheia de reclamações. Será necessário que a milícia passe a viver aqui... Muitos vão-se considerar prejudicados. O trabalho não é igual para todos... A fábrica é diferente. Ali, finda a jornada das oito horas, cada um apanha a sua bengala e vai-se embora.

— Você já trabalhou em alguma fábrica?

— Não, camarada Davídov, mas sei como é.

— Que pode saber, se nunca estêve numa fábrica? Você não deve falar sôbre o que não viu. São os culaques que espalham essa história do operário que apanha a sua bengala...

— Bem, mas finda a jornada êle vai embora, mesmo sem bengala... Nós, para lavrar a terra, temos que acordar de madrugada. Antes do anoitecer já suamos quarenta vêzes e nossos pés estão com bôlhas do tamanho de ovos de galinha. À noite não se pode dormir, pois é preciso apascentar os bois... Porque se não tiverem comido bastante não puxam o arado... Suponhamos que eu trabalhe no colcós até deitar os bofes pela bôca, e outro, Koliba, por exemplo, fique a dormir no sulco do arado. O Poder soviético pode dizer que não há vagabundos entre os pobres, que isso é invenção dos culaques, mas não é verdade. Koliba passou a vida inteira sem fazer nada. Tôda a aldeia sabe que uma vez êle se deitou perto da estufa, com os pés na porta da rua. No dia seguinte estava cóm a ilharga queimada e os pés enregelados. Tamanha era a sua preguiça que nem sequer por seu bem foi capaz de se levantar! Como poderia eu trabalhar com tal pessoa? Não, não me inscrevo no colcós.

— Tem a palavra Maidannikov, se quiser falar.

Um cossaco de pequena estatura, vestido com um abrigo de côr cinza, abriu caminho lentamente através da assistência. Seu velho boné de cavalariano de Budiêni sobressaía por entre os gorros de pele, os bonés e os barretes. Chegando ao pé da tribuna, voltou as costas para a mesa e, sem pressa. enfiou a mão no bôlso da calça.

— Será que vai ler um discurso? — perguntou Uchakov sorrindo.

— Tire o gorro!

— Tem que falar de memória.

— Êsse não faz nada sem tomar nota num papel.

— Ah, ah! É um homem letrado!

Maidannikov sacou uma caderneta ensebada, e começou a folhear ràpidamente as págnas cobertas de rabiscos.

— Riam se quiserem... Mas o caso talvez seja para chorar — disse em tom enfadado. — Sim, vou dizer o que

lhes convem... Já falaram vários, mas ninguém disse algo sensato. Vocês pensam pouco na vida...

Davídov aguçou os ouvidos. Os das primeiras filas começaram a sorrir. Um murmúrio perpassou na assistência.

— Sou camponês médio — começou Maidannikov com voz firme, sem perturbar-se. — No ano passado semeei cinco hectares. Vocês sabem, tanto quanto eu, que tenho uma parelha de bois, um cavalo, uma mulher e três filhos. Minha mão-de-obra está aqui: são meus dez dedos. Quanto à arrecadação, entreguei noventa pudes de trigo candial, dezoito de cevada, vinte e três de aveia. Preciso de sessenta pudes para alimentar minha família, e uns dez para o aviário. A aveia é para o cavalo. Que me resta para vender ao Estado? Trinta e oito pudes, não é? Ponhamos um rublo e dez por têrmo médio, e terei quarenta e um rublos líquidos. Calculemos também que entre umas galinhas que vendo e uns patos que me compram na cidade eu ganhe outros quinze rublos. — E alterando a voz com um olhar melancólico: — Posso eu, com êste dinheiro, calçar-me, vestir-me e comprar fósforo, sabão e pão? Também ferrar as quatros patas do cavalo custa dinheiro, não? Por que não dizem nada? Respondam: posso continuar assim? Quando a colheita é boa, ou mesmo má, ainda vai. Mas quando se perde tudo? Que será então de mim? Serei apenas um pobre velho. Nesse caso, com que direito, pelo sangue de Cristo, querem separar-me do colcós, heim? Estarei pior dentro dêle? Impossível... E quase a mesma coisa acontece com todos os camponeses médios... Já vou dizer porque vocês põem tantas pedras no caminho e transtornam a cabeça dos outros...

— Adiante, Maidannikov, dê duro nesses sem-vergonhas — gritou Liubichkin entusiasmado.

— Pois claro que darei... Terão que se ver comigo!... O idiota que está contra o colcós é porque tem uma vaca e uma casinha que o impede de ver a luz do dia. Cada qual pensa: é uma miséria, não há dúvida, mas são minhas. O Partido Comunista os empurra para uma vida nova, e vocês se portam como o bezerro recém-nascido: quando é levado para mamar na vaca escoucei a e dá marradas. Mas se não

chupa a têta, morre sem remédio. E nada mais. Vou fazer hoje mesmo o pedido de admissão ao colcós, e aconselho a todos que façam o mesmo. Os que não estão de acôrdo que não atrapalhem os demais.

André levantou-se.

— Cidadãos, a situação está clara. A luz dos lampiões está morrendo, é tarde. Os que estão a favor do colcós levantem a mão. Os chefes de família votam sòzinhos.

Dentre os duzentos e dezessete votantes, sessenta e sete levantaram a mão.

— Ninguém é contra?

Não se levantou mão nenhuma.

— Não querem entrar para o colcós? — perguntou Davídov. — Então é verdade o que disse o camarada Maidannikov?

— Não queremos! — gritou uma voz fanhosa de mulher.

— Maidannikov não é modêlo para nós!

— Nossos pais e avós viveram sem...

— Não nos obrigue...

Quando cessaram as interrupções, uma voz arrastada, impregnada de rancor, fêz-se ouvir das últimas filas, onde a escuridão era de vez em quando marcada pelas pontas vermelhas dos cigarros:

— Não é preciso nos acossar como se fôssemos comilões. Borodin talvez não seja o único a sangrá-lo...

Fêz-se impressionante silêncio. A sensação de Davídov foi a de ter sido açoitado. Ficou mais de um minuto em pé, completamente imóvel, mudo, a bôca entreaberta e cada vez mais pálido. Finalmente, exclamou com voz rouca.

— Quem fala aí? Um inimigo! Não fui bastante sangrado... viverei ainda o necessário para assistir ao entêrro de todos os da sua casta... E se fôr preciso estou disposto a dar pelo Partido... por meu Partido, pela classe operária, todo o meu sangue. Está ouvindo, víbora de culaque? Todo o meu sangue, até a última gôta!

— Quem foi que gritou? — exclamou Nagulnov, impelindo o corpo para a frente.

André, de um salto, desceu do estrado. Nas filas de trás um banco estalou, e uns vinte homens saíram ruidosa-

mente para o corredor. No centro da sala o pessoal começara a levantar-se. Uma vidraça espatifou-se. O vento frio entrou pela brecha fazendo remoinhar o vapor como uma nuvem branca.

— Sem dúvida foi Timóteo, o filho de Frol, o Arreganhado...

— Devem ser expulsos da aldeia!

— Não, foi o pequeno Akim. Há cossacos de Tukiansk por aqui.

— Que malta de vagabundos! Fora com êles!

A reunião terminou muito depois da meia-noite. Falou-se pró e contra o colcós até as vozes se enrouquecerem. Já ninguém mais via com clareza. Os contendores aglomeravam-se em diversos pontos, e até ao lado da plataforma agarravam-se uns aos outros para demonstrar a justeza de sua posição. O próprio compadre e vizinho de Maidannikov, com um violento repelão, rasgou a camisa dêste até o umbigo, e pouco faltou para que se engalfinhassem. Uchakov, saltando por cima das cabeças e dos bancos, correu em socorro de Maidannikov, mas Davídov já havia separado os dois compadres. Uchakov foi o primeiro a espicaçar Maidannikov:

— Conte só as vêzes que sua mulher...

— Ei... se continuar com as porcarias, farei com que o expulsem da reunião.

No fundo da sala Demid ressonava tranqüilamente num banco, como um animal, a cabeça exposta ao vento que penetrava pela soleira da porta. Tinha porém os ouvidos tapados com as abas do capote para não ouvir tanto o alvorôço. As velhas, que haviam trazido suas costuras para fazer na reunião, dormitavam como galinhas no poleiro, deixando cair as agulhas e os rolos de linha. Muitos já se haviam retirado.

E quando Menok, que pedira a palavra várias vêzes, quis novamente advogar a causa do colcós, não saiu de sua garganta mais que um ruído semelhante ao grasnar de um ganso enfurecido. Levou a mão ao pescoço, fêz um gesto de amargura, mas não pôde conter-se e, ao sentar-se em silêncio, juntou as unhas enegrecidas do polegar num estalo, para explicar a Akhvatkin, inimigo jurado do colcós, o que seria dêle depois

da coletivização. Em resposta, Akhvatkin cuspiu, soltando uma praga.

11

Encerrada a reunião, Maidannikov encaminhou-se para casa. As constelações cintilavam no firmamento como um braseiro mal extinto. Era tão profundo o silêncio, que se ouvia ao longe o estalar da terra gelada e o farfalhar de ramos revestidos de neve. Já em casa, Maidannikov foi ver seus bois, e lançou à manjedoura uma mesquinha braçada de feno. Depois, lembrando-se de que no dia seguinte teria de levá-los para o estábulo comum, dobrou-lhes a ração, dizendo em voz alta:

— Por fim chegou o momento da separação... Quer voltar atrás, meu velho careca?... Boi e cossaco, trabalhamos durante quatro anos um para o outro... E nada conseguimos... Você não comia o bastante, e eu tampouco me fartava. Êste o motivo por que vou trocá-lo por uma vida em comum É natural que você faça caretas! Qualquer um diria que você me compreende.

Empurrou o animal com o pé, afastou de si o focinho babujento e, ao fitar-lhe o ôlho glauco, lembrou-se de repente do quanto desejara tê-lo cinco anos atrás. A velha vaca recebera o touro tão em segrêdo que nem o pastor nem Maidannikov se haviam dado conta. Chegado o outono, muito tempo passou sem que se notassem sinais de sua fecundação. Maidannikov gelava-se ao vê-la.

— Maldita bêsta! Continua estéril.

Mas pelo fim de novembro, como acontece a tôdas as vacas velhas um mês antes de dar cria, começou a inchar. Quantas vêzes, durante as gélidas noites da quaresma, Maidannikov não despertara sobressaltado, calçara precipitadamente as botas de fêltro e correra em trajes menores ao estábulo para ver se a vaca já havia parido. O frio era tão intenso que o bezerro ter-se-ia enregelado antes que a vaca terminasse de lambê-lo.

Nos últimos dias da quaresma, Maidannïkov quase não dormiu. Certa manhã, sua mulher Ana entrou no quarto tôda radiante, mesmo solene.

— A vaca está "arrebentando". Faz crer que é para esta noite.

Maidannïkov deitou-se cedo, completamente vestido e sem apagar o lampião. Foi ver o animal sete vêzes! Por fim, da oitava vez, antes do amanhecer, ao chegar à porta do estábulo ouviu um gemido profundo e doloroso. A vaca estava expelindo a placenta: um bezerro minúsculo de focinho branco, tremia de causar pena, buscando a teta com seus beiços frios. Maidannïkov recolheu a placenta para que a vaca não a comesse (*). Ergueu o bezerro com os braços, enrolou-o no capote e pôs-se a correr para casa.

— Um boi! — gritou deleitado.

Ana persignou-se com devoção.

— Glória ao Senhor, que nos viu na miséria e foi misericordioso.

Ora, Maidannikov, que só possuía um cavalo, já estava farto de miséria. Mas o boi, quando cresceu, trabalhou honradamente para seu amo, desgastando seus cascos nos campos e caminhos, arrastando o arado ou a carrêta.

Contemplando seu boi, Maidannikov sentiu sùbitamente que se lhe formava um nó na garganta, e que seus olhos começavam a marejar. Chorou e acreditou-se consolado ao sair do estábulo. Passou o resto da noite fumando.

Que ia acontecer no colcós? Compreenderiam todos, como êle compreendia, que esta era a única solução? Por mais penoso que fôsse entregar à comunidade os animais que cresceram com as crianças da isbá, não se podia fazer outra coisa. Ah, êsse maldito apêgo que as pessoas têm por sua comunidade, era preciso extirpá-lo, impedir que tomasse conta do coração!...

Assim pensava Maidannïkov deitado ao lado de sua mulher que roncava. Com os olhos abertos, cegos pelas trevas, contemplava os negros espaços da escuridão. E continuava

---

(*) Até a época atual, está disseminada no Don superior a crença de que se a vaca comer a placenta, seu leite não poderá ser usado durante doze dias.

pensando: "Aonde levaremos os cordeiros, os cabritos? Os pobres necessitam de uma casa aquecida... precisam de cuidados e atenção... Como distinguir êstes condenados tão parecidos uns com os outros? Não serão reconhecidos nem pelas mães nem pelas pessoas. E as vacas? Como recolher a forragem? Quanto se desperdiçará! E se a gente, assustada pelas dificuldades, se dispersar ao cabo de uma semana? Então já não terei razão alguma de viver aqui. Partirei de Gremiatchi e irei trabalhar numa mina para sempre."

Amanhecia quando Maidannikov adormeceu, mas até em sonhos se sentia agitado. A decisão de ir ao colcós saíra-lhe cara. Gemendo e sangrando, rompia o cordão umbilical que o prendia à sua propriedade, a seus bois, à sua porção de terra natal...

Pela manhã, depois do almôço, redigiu penosamente seu requerimento, com o rosto contraído e brilhante de suor.

Ao camarada Makar Nagulnov, célula do P. C. de Gremiatchi.

DECLARAÇÃO

O abaixo assinado, Kondrat Kristoforóvitch Maidannikov, camponês médio, solicita ingresso no colcós, com sua mulher, seus filhos, sua propriedade e seus animais. Pede sua admissão à nova vida por estar de acôrdo com tudo.

Maidannikov.

— Resolveu ingressar? — perguntou a mulher.

— Resolvi.

— E levará os animais?

— Naturalmente... Mas para que essa gritaria? Já não gastei saliva demais para convencê-la? Vai começar outra vez? Você não disse que está de acôrdo?

— Kondrat, só falo por causa da vaca... Sinto o coração pequenino por causa dela... Estou de acôrdo... Mas que posso fazer, tenho muita pena — dizia ela sorrindo e enxugando as lágrimas com o avental.

Ao ver as lágrimas de sua mãe, a menor das criaturas, uma menina de quatro anos, desatou também a chorar.

— Maidannikov retirou do estábulo a vaca e os bois, escarranchou-se no cavalo e tocou os animais para o rio.

Os bois, depois de se dessedentarem, queriam voltar para casa, mas Maidannikov, prêso de surda irritação, barrou-lhes o caminho e os conduziu na direção do Soviete.

As mulheres, coladas às janelas, observavam a cena. Os homens olhavam por cima das sebes. Maidannikov sentia um grande mal-estar. Mas ao dobrar a curva da estrada, viu perto do Soviete grande número de bois, cavalos e carneiros, amontoados como numa feira. Liubichkin apareceu por uma ruela próxima, arrastando uma vaca meio manca, atrás da qual trotava um bezerro com uma corda no pescoço.

Liubichkin ensaiou um gracejo:

— Velho, podíamos amarrá-los pela cauda e levá-los todos juntos.

Mas êle mesmo estava triste e pensativo. Tinha no rosto um arranhão recente, testemunho do que lhe custara trazer a vaca.

— Quem arranhou você assim?

— Não tenho por onde negar: foi minha mulher, o demônio agarrou-se à vaca como uma doida.

Liubichkin, mordendo a ponta do bigode, rezingou:

— Lançou-se ao ataque como um tanque. Que briga tivemos na porta do estábulo! Passei vergonha na frente dos vizinhos. Caiu em cima de mim com um porrete, imagine! "Ué! — disse-lhe eu. — Você agora achou de perseguir um guerrilheiro vermelho? Saiba que moemos o couro até de generais!" E zás, meto-lhe a mão nas ventas. Que espetáculo para os enxeridos, meu velho!

Do Soviete rumaram para a granja de Borodin. Desde cedo, doze camponeses médios, tendo mudado de idéia durante a noite, haviam solicitado ingresso e agora traziam seu gado.

No pátio de Borodin, Nagulnov e dois carpinteiros cortavam amieiro para as manjedouras do primeiro estábulo coletivo de Gremiatchi-Log.

12

Maidannikov manejava uma enxada contra a terra endurecida pelo gêlo, abrindo buracos para assentar estacas. Liu-

bichkin labutava junto dêle. Escorria-lhe suor de sob o gorro de pele, suspenso como uma nuvem tempestuosa sôbre seu rosto abrasado. A bôca aberta, descia a enxada arquejando de furor. Os torrões de terra gelada voavam em tôdas as direções, salpicando o muro. Com pouco o estábulo ficou pronto. Alojaram nêle vinte e oito bois escolhidos por uma comissão.

Nagulnov, vestindo uma blusa cáqui que se lhe grudava nos ombros suados, entrou no telheiro.

— Você não pegou tanto no machado para encharcar dêsse modo a camisa. Para trabalhar, Nagulnov, você não vale grande coisa — disse Liubichkin abanando a cabeça. — Olhe para mim!... É das boas esta enxada de Borodin... Vamos, vista o capote, senão você se resfria, ou então...

Nagulnov enfiou-se no casaco de pele de carneiro. Suas bochechas avermelhadas iam perdendo lentamente a côr.

— Conseqüência dos gases. Quando trabalho ou subo uma ladeira, fico sem fôlego e o coração dispara... Esta é a última baia? Assim vai bem, já temos instalações!

O olhar febril de Nagulnov percorreu a longa fila de bois alinhados diante de suas novas manjedouras, que recendiam a madeira recém-cortada.

Enquanto instalavam as vacas no estábulo descoberto, chegou André acompanhado de Uchakov. Segurou Nagulnov pelo braço e o levou consigo.

— Bem, suponho que não esteja aborrecido pela cena de ontem... De tanto ouvir o chôro de crianças, lembrei-me de meu filho e fiquei comovido...

— Foi um papelão, seu choramingas!

— Está certo, mas já passou! Estou vendo que você não me guarda rancor...

— Já tagarelou bastante, seu charlatão. Mas aonde vai? É preciso transportar o feno. Onde está Davídov?

— No Soviete, com Menok. Estão examinando os pedidos de admissão ao colcós. Vou andando... Tenho que desapossar ainda uma família inteira de culaques, os Lapchinovs...

Nagulnov sorriu...

— Chegando lá não comece outra vez, heim?

— Não tenha mêdo! Quem poderia ajudar-me?... Veja como são as coisas. Parece que estamos em pleno combate! Uns trazem seus animais, outros transportam o feno. E houve até quem já trouxesse as sementes. Mas foram devolvidas: só vamos querer as sementes mais tarde... Bem, quem posso levar comigo?

— Leve Kondrat Maidannikov... Ei, Kondrat! Venha cá. Você vai ajudar o presidente a despejar os Lapchinovs. Terá mêdo? Sim... há os que recusam... consciências delicadas, como no caso de Timóteo Borschev... Quando é para lamber as botas, não se envergonha... Mas apropriar-se do que antes foi roubado, disso tem remorsos...

— Por que não hei de ir? Claro que irei. Com prazer!

Uchakov juntou-se a êles. Saíram os três juntos. André, olhando Maidannikov de soslaio, perguntou-lhe:

— Por que esta cara tão fúnebre? Você devia alegrar-se. Olhe como a aldeia está animada. Parece um formigueiro.

— É muito cedo para ficar alegre. As dificuldades serão grandes — respondeu Maidannikov sêcamente.

— Quais?

— As semeaduras, os cuidados com os animais. Você já viu como é: três homens trabalham, e outros dez se refestelam no feno, enrolando cigarros.

— Todo mundo trabalhará... Isto é apenas o comêço. Quando não houver nada para levar à bôca, fumarão menos.

No ângulo da estrada viram um trenó caído de lado. Perto dêle, sôbre um monte de feno esparramado, os bois desatrelados mascavam sempre-vivas, cujo verde sobressaía na neve. Um jovem, filho de Seminon Kujenkov, que acabava de entrar para o colcós, recolhia preguiçosamente o feno com um forcado.

— Você parece morto! Na sua idade eu era muito mais ágil! Então é assim que se trabalha! Dê cá êsse forcado!

Uchakov arrebatou a ferramenta ao rapaz, que sorria, e levantou de uma vez um molho inteiro de feno.

— Que fêz você para capotar? — perguntou Maidannikov examinando o trenó.

— Nada, os animais tropeçaram na descida.

— Vai correndo buscar um machado. Ali mesmo, na casa dos Donetskis.

Levantaram o trenó, e ajustaram os seus montantes. Uchakov carregou o montão de feno e o fêz baixar a golpes de ancinho.

— Ah, Kujenkov, Kujenkov! Deviam dar-lhe com um pau até moê-lo. Olhe como seus bois encheram o bandulho. Você não podia ter dado a ração dêles junto da cêrca? Quer que os animais estourem de tanto comer?

O rapaz pôs-se a rir e aguilhou os bois.

— Tudo isto já não é nosso, é do colcós.

— Viu só que sem-vergonha?

Uchakov, com os olhos oblíquos, fitou Maidannikov, em seguida André, e soltou um palavrão.

Enquanto faziam o inventário dos bens de Lapchinov, umas trinta pessoas invadiram o pátio. Algumas eram cossacas, e as restantes, mulheres das vizinhanças.

Quando Lapchinov, um velho grandalhão de cabelos grisalhos e barba pontiaguda, foi convidado a deixar a casa, um murmúrio partiu da multidão.

— Vejam, aí está um que gozava a vida... e agora vai para a rua.

— Será divertido...

— Um golpe muito duro para êle... heim?

— Cada qual sabe onde lhe dói o calo.

— Certamente não lhe agrada, mas no outro regime, quando embargava os bens de Trifonov porque êste lhe devia dinheiro, não poderia imaginar o que lhe ia acontecer.

— Levou o que merecia!

— É o que merece êsse diabo, êsse cabra barbudo! Ainda bem que o apanharam!

— É pecado rir da desgraça alheia, minhas comadres... Nunca se sabe o que nos espera.

— E mais esta! Se não temos terras nem propriedades, por que nos irão molestar?

— Por uma segadora que me emprestou durante dois dias no verão passado, me fêz pagar dez rublos, preço de amigo, dizia êle. Isso lá é ter consciência!

Desde muito o velho Lapchinov tinha fama de possuir dinheiro. Sabia-se que antes da guerra fizera uma pequena fortuna, porque não desdenhava praticar usura a juros exorbitantes nem comprar às escondidas o produto de roubos. Durante algum tempo correram rumôres de que os cavalos furtados encontravam boa acolhida em seus currais. Ciganos mercadores de cavalos vinham vê-lo de vez em quando, geralmente à noite. Dizia-se que tocava logo os cavalos pela estrada, e os levava a Tsaritsin-Taganrog-Uriupinaskaia. O povo sabia que no passado Lapchinov ia, duas ou três vêzes ao ano, à cidade para trocar por ouro seu dinheiro em cédulas. Certa ocasião, em 1912, tentaram até assaltá-lo, mas Lapchinov era destro e vigoroso: rechaçou os agressores e fugiu a galope. Mas êle tampouco tinha as mãos limpas. Em jovem o haviam pilhado na estepe com uns feixes de trigo roubados. E depois de adulto deixou por completo de distinguir o próprio do alheio: valia-se de tôdas as oportunidades que se lhes ofereciam. Demais, era tão avaro que, se acendia uma vela de um copeque ante a imagem de São Nicolau, soprava-a no mesmo instante e a guardava no bôlso, persignando-se com devoção. Desta maneira, usava a mesma vela o ano inteiro. Aos que lhe reprovavam a mesquinharia e a avareza para com Deus, respondia: "Deus sabe mais do que vocês, imbecis! O que êle quer é a homenagem, e não a vela. Êle não tem interêsse em que eu faça gastos. Foi êle mesmo quem expulsou os vendilhões do templo."

Lapchinov recebeu com calma a notícia da desapropriação dos camponeses ricos. Nada tinha a temer: tudo o que tinha de valioso havia muito que estava em lugar seguro. Êle mesmo ajudou a levantar o inventário, batendo com o pé para fazer calar sua mulher que não cessava de se lamentar, e passado um minuto disse com voz resignada:

— Cale-se, mulher. Deus levará em conta nossas provações. O Senhor é misericordioso, nada lhe escapa...

— E'e saberá então por acaso onde você escondeu seu casaco novo?

— Que casaco?

— O que você trazia domingo passado na igreja.

— Eu não estava de casaco novo.

— Estava, sim, mas agora o escondeu...

— Que está dizendo? Juro por Deus que não o trazia.

— Deus o castigará, avô! Você será esmagado como um percevejo.

— Juro por Cristo... Olhe, você está enganado... — dizia Lapchinov fazendo o sinal-da-cruz.

— É mais um pecado na sua consciência!

Entre a multidão, homens e mulheres respondiam com sorrisos as piscadelas de Uchakov.

— Estou limpo de pecado, juro!

— E o abrigo de peles que escondeu? Terá que responder por êle no dia do juízo final.

— Como! Por ter escondido meu próprio abrigo? — bramiu Lapchinov.

— Sim, por havê-lo enterrado.

— Seria preciso que Deus tivesse uma cabeça igual à sua, seu charlatão! E êle não se mete nesses negócios... Eu não tenho nenhum abrigo. Não tem vergonha de zombar de um velho? Você devia corar diante de Deus e dos homens.

— E você — interveio Maidannikov, — não teve vergonha de cobrar-me três medidas de milho miúdo por duas que me havia emprestado para semente?

A voz baixa e rouca de Maidannikov quase não se fazia ouvir por causa do ruído, porém Lapchinov virou-se para êle com vivacidade juvenil.

— Maidannikov, seu pai era um homem de bem, mas você... Quando mais não fôsse por respeito à memória dêle, você deveria afastar-se do pecado. A Sagrada Escritura diz: "Não empurrarás o que cai." E você, que é que faz? Quando lhe cobrei eu três medidas de milho por duas? Você se esqueceu do Senhor? Deus tudo vê!...

— No mínimo você queria que lhe déssemos o milho de graça, seu andrajoso! — gritou exasperada a mulher de Lapchinov.

— Não faça escândalo, mulher! O Senhor sofreu, e manda que também soframos. Êle usou a coroa de espinhos e chorou lágrimas de sangue...

Lapchinov enxugou uma lágrima com a manga do casaco. As vozes das mulheres se acalmaram. Ouviram-se suspiros. André, que acabara de escrever, disse em tom severo:

— Vamos, vovô, já é hora de sair. Suas lágrimas não nos comovem. Você causou muito mal, e agora vamos ajustar as contas sem a ajuda de Deus. Fora daqui!

Lapchinov tomou a mão de seu filho, um rapaz meio idiota e gago, pôs-lhe um gorro de orelheiras e saiu. A multidão precipitou-se atrás dêles. No estábulo, o velho ajoelhou-se sôbre as abas do seu abrigo de pele de carneiro. Persignou-se com o rosto anuviado, inclinou-se até encostar o rosto no chão, e saudou os quatro pontos cardeais.

— Vamos, ande, ande! — ordenou André.

Mas da multidão levantou-se um murmúrio surdo.

Ouviram-se alguns gritos.

— Deixe ao menos êle despedir-se de sua casa!

— Não exagere, André! Êsse homem já tem um pé na sepultura, e você...

— Já devia ter os dois, não merece outra coisa! — rugiu Maidannikov.

O velho Gladilin, tesoureiro da paróquia, interrompeu-o:

— Que zêlo você mostra na frente das autoridades! Você e os da sua laia mereciam ter a cara quebrada.

— Vou-lhe dar uma surra tal, cabeça de melancia, que você nem poderá voltar para casa!

Lapchinov persignava-se, e falava em voz alta para que todos o ouvissem. Comovia os corações sensíveis das mulheres.

— Adeus crentes! Adeus, irmãos! Deus os tenha em sua santa guarda!... Desfrutem de meus bens... Tenho vivido... e trabalhado honradamente...

— E comprado objetos roubados! — gritou Uchakov dos degraus da porta.

— Ganhei meu pão com o suor de meu rosto...

— Você arruinou pessoas, praticou agiotagem, chegou até a roubar, confesse. Devíamos agarrá-lo pelo pescoço, seu bastardo de cadela, e arrebentá-lo contra o chão.

— O pão de cada dia, é o que digo, e agora, no fim da vida...

As mulhéres fungavam, contendo os soluços e levando aos olhos as pontas dos lenços. André ia levantar Lapchinov para expulsá-lo. Já lhe gritara: "Basta de propaganda, senão...", quando ocorreu um tumulto no patamar das escadas da porta.

A mulher de Lapchinov saiu da cozinha, levando numa das mãos um cêsto com ovos de pato e na outra uma pata resignada, cega pela neve e pelo sol. Uchakov não teve dificuldades em tomar o cêsto da velha, mas a ave, ela a segurou com as duas mãos e não queria soltá-la.

— Larga daí, sem-vergonha, larga! A pata agora é do colcós! — gritava Uchakov, puxando a ave pelo pescoço.

A mulher de Lapchinov segurava o palmípede pelas patas, e cada um puxava furiosamente para seu lado.

— Solte a pata, caolho!

— Não solto!

— Solte, estou-te dizendo!

— A pata agora é do colcós! — gritou Uchakov, gorgorejando.

— Vai ficar choca na primavera... Solte-a ou lhe dou um pontapé... Digo-lhe que vai ficar choca... Vocês já comeram o que lhes pertence...

Desgrenhada, deitando espuma pela bôca, a velha fazia finca-pé na soleira da porta, ofegava e arquejava, puxando o animal.

A princípio a ave grasnara lastimosamente, depois silenciara, sufocada por Uchakov, mas suas asas continuavam a bater frenèticamente. As penas brancas volteavam nos degraus como flocos de neve. Parecia que Uchakov ia arrancar das mãos ossudas da tia Lapchinov a ave já meio morta, quando de repente o frágil pescoço da pata partiu-se com um leve estalido. A velha caiu de costas, com a roda da saia sôbre a cabeça, rolando estrepitosamente pelos degraus da escada. Uchakov, tendo nas mãos apenas a cabeça da ave, lançou uma exclamação de surprêsa e caiu sôbre o cêsto colocado atrás dêle, espatifando os ovos.

Uma explosão de gargalhada fêz desprender os pingentes de gêlo da cornija. Lapchinov levantou-se, enterrou o gorro na cabeça até os olhos e, puxando furiosamente pelo braço do filho, indiferente a tudo, arrastou-o quase correndo.

A velha pôs-se em pé, roxa de raiva e de dor. Enquanto sacudia as saias estendeu a mão para a ave decapitada, que ainda estrebuchava perto da escada. Neste momento um galgo avermelhado, que rondava por ali, vendo esguichar o sangue, saltou com os pêlos eriçados sôbre a ave e arrebatou-a, deixando estarrecida a velha Lapchinov, em meio aos assovios e aos gritos da garotada.

Uchakov atirou sôbre a velha a cabeça da pata, cujos olhos redondos e amarelos pareciam fitar os presentes com assombro. Por muito tempo ainda ouviam-se as gargalhadas da multidão no pátio e na rua, alvoroçando e assustando os pardais pousados nos ramos desnudos.

13

A vida se detivera em Gremiatchi-Log como um cavalo teimoso empaca ante um obstáculo difícil. Durante o dia os cossacos se reuniam nas casas e nas ruas para discutir os assuntos do colcós. Quatro noites seguidas houve reuniões que duraram até o canto do galo.

Nesses quatro dias Nagulnov emagreceu como se tivesse tido uma longa enfermidade. Davídov, como de costume, conservava uma calma aparente, mas as profundas rugas que davam a seu rosto uma expressão obstinada se haviam tornado ainda mais profundas. Terminou inculcando uma sensação de segurança em André, inclinado tanto a entusiasmar-se como a ceder a pânico sem fundamento. André percorria a aldeia, inspecionava os estábulos comuns com um sorriso bonachão e confiante a iluminar-lhe os olhos um tanto severos. A Menok, que chefiava o colcós antes de eleito o conselho de administração, comprazia-se em dizer:

— Vamos torcer-lhes os cornos! Todos terão que entrar para o colcós!

Davídov notificou o setor, pelo correio montado, que sòmente uns trinta e dois por cento dos camponeses haviam dado sua adesão, mas que as atividades prosseguiam em ritmo acelerado.

Os culaques, expulsos de suas casas, foram recolhidos por parentes e amigos. Frol, o Arreganhado, que enviara seu filho ao distrito em busca do procurador, havia-se instalado em casa de seu compadre Borschev, o mesmo que na reunião dos pobres se abstivera de votar. Era ali, nas duas pequenas dependências da casa, que os culaques mais ativos se reuniam.

Para escapar aos ouvidos e aos olhares indiscretos, só entravam de um em um, ou de dois em dois, passando pelas alamêdas e granjas, a fim de não chamar a atenção. Reuniam-se ali, David Gaiev e o patife Lapchinov, convertido depois de sua desapropriação num "inocente que pedia esmola em nome de Cristo". Ostrovnov aparecia à tarde para sondar o terreno. Também alguns camponeses médios, adversários ferrenhos da coletivização, como Nikolai Luchnia e outros, gravitavam em tôrno daquele "quartel-general". Além de Borschev compareciam ali dois dos camponeses pobres, Vassili Atamanchukov, um cossaco corpulento, sem sobrancelhas, sempre silencioso, com a cabeça e o rosto lisos como um ôvo, e Nikita Khoprov, antigo artilheiro da guarda, companheiro de arma de Podtielkov. Durante a guerra civil conseguira esquivar-se durante muito tempo ao serviço militar, e por fim foi cair, em 1919, no destacamento punitivo, chefiado pelo coronel calmuco Achtimov. Foi êste fato que decidiu sua vida ulterior sob o regime soviético. Três homens da aldeia: Iakov Ostrovnov, seu filho e o velho Lapchinov, tinham-no visto em Kuschevka, durante a retirada, em 1920, ostentando o galão branco de corneteiro. Tinham-no visto acompanhado de três cossacos calmucos, conduzindo uns operários da estação ferroviária para o "interrogatório" de Achtimov... Como lhe ardera o sangue mais tarde, quando voltou de Novorossisk para Gremiatchi-Log, ao saber que os Ostrovnovs e Lapchinovs ainda estavam vivos! Que ansiedade experimentou aquêle artilheiro da guarda, de porte hercúleo, naqueles rudes anos de ajuste de conta com a contra-revolução! Êle, que na oficina do ferreiro, sustentava qualquer cavalo segurando-o pelo casco de uma das patas traseiras, tremia agora como uma fôlha de carvalho queimada pelo frio, vendo apenas o sorriso malicioso de Lapchinov. Temia êste último mais que a todos.

— Não cause a ruína de uma alma ossaca, avô! — balbuciava movendo os lábios com dificuldade. — Não me denuncie.

Lapchinov o tranqüilizava com fingida indignação:

— Que diz, Nikita! Cristo esteja com você! Acaso não levo eu uma cruz? O Salvador disse: "Tem piedade do próximo como de ti mesmo." Nem sequer pense nisso, não direi nada! Podem cortar-me um braço que não despregarei os lábios. Eu sou assim... Mas você também, de sua parte, se as coisas ficarem mal, não me negue auxílio. Se às vêzes me atacarem na reunião, ou se as autoridades me hostilizarem... Você me defenda, chegada a ocasião... Ajuda mútua. Quem com o ferro fere com o ferro será ferido. Não é verdade? Ah, sim, a propósito, queria pedir-lhe que me ajudasse um pouco no amanho da terra. Deus me deu um filho meio idiota; não me serve para nada... E contratar um homem custa caro...

E ano após ano, Nikita Khoprov "dava uma mão" a Lapchinov. Lavrava suas terras gratuitamente, recolhia sua colheita, ajudava na debulha. Quando voltava para casa, sentava-se à mesa, afundava entre as mãos férreas o enorme rosto de bigodes avermelhados, e pensava: "Até quando vai durar isto?... Hei de matá-lo, hei de matá-lo!"

Ostrovnov não o aborrecia com reclamações, nem o ameaçava, embora soubesse que Khoprov jamais ousaria recusar qualquer coisa que lhe pedisse, nem uma garrafa de aguardente, nem algo de mais valor. Tratando-se de aguardente, Ostrovnov vinha amiúde tomar um copo, não sem agradecer com um "obrigado pela atenção".

"Que se dane!" — pensava Khoprov com ódio, apertando sob a mesa os enormes punhos.

Polovtsev continuava vivendo em casa de Ostrovnov, no pequeno quarto até pouco antes ocupado pela avó dêste. A velha instalara-se permanentemente junto da estufa. Polovtsev fumava sem cessar, estirado sôbre a estreita cama, com os pés desnudos e musculosos apoiados nos ladrilhos quentes. À noite deambulava pela casa adormecida (nem uma porta chiava, todos os gonzos estavam cuidadosamente azeitados). Às vêzes, vestido com um abrigo curto, o cigarro apagado,

ia examinar seu cavalo, escondido no depósito de farelo. O animal, cansado da inatividade, acolhia o amo com um nitrido abafado, como se desse conta de que o momento não era oportuno para expressar seus sentimentos a plena voz. O amo acariciava-o. Seus dedos rijos, oomo se fôssem de ferro, apalpavam-lhe as articulações. Certa vez, numa noite muito escura, retirou-o do depósito e partiu a galope pela estepe. Regressou antes do amanhecer. O cavalo estava todo empapado, como se banhado em suor. Seus flancos estremeciam e fortes tremores o sacudiam.

Pela manhã, Polovtsev disse a Ostrovnov:

— Estive em minha *stanitsa*. O pessoal de lá não me esqueceu... Os cossacos estão dispostos, só esperam ordens.

Por instrução de Polovtsev, na segunda assembléia geral dos camponeses de Gremiatchi, Ostrovnov usou da palavra para declarar que entrava para o colcós, convidando os demais a fazer o mesmo. Seu discurso, positivo e sensato, com as trinta e uma adesões que arrastou, causou alegria indizível a Davídov.

Ostrovnov falara bem do colcós, mas no dia seguinte saiu em visita a camponeses médios, hostis ao colcós, todos êles gente de confiança, convidou-os a beber com o dinheiro de Polovtsev. Êle mesmo bebêra um pouco e falara de modo muito diferente.

— Como? Não percebe, irmão? Sou forçado a ingressar no colcós, não posso falar contra êle. Antigamente vivia bem, poderiam desapropriar-me. Mas você, que obrigação tem? Não viu como dominam? No colcós você terá de obedecer cegamente, quer queira quer não.

E pôs-se a recitar em voz baixa as instruções que trazia na memória sôbre o levante próximo, sôbre a socialização das mulheres. E se o interlocutor se mostrava crédulo, irritado e disposto a tudo, êle o convencia e exortava, ameaçava-o com o ajuste de contas quando os "nossos" chegassem do estrangeiro. E acabava por obter o que queria: uma adesão à "liga".

Tudo marchava de vento em pôpa. Ostrovnov recrutou uns trinta cossacos, aos quais proibiu terminantemente de falar com quem quer que fôsse sôbre sua adesão à "liga" ou suas conversas com êle. Quanto aos desapossados e àqueles que

os rodeavam, Polovtsev e Ostrovnov depositavam nêles uma fé inquebrantável; de modo que, considerando seu recrutamento uma coisa fácil, tinham-nos deixado para o fim. Ostrovnov foi ao "quartel-general" para terminar a obra empreendida e sofreu um revés... Envolto em seu capote, chegou à casa de Borschev ao cair da tarde. Na habitação ardia uma estufa. Todos estavam reun'dos. Timóteo Borschev, o dono da casa, ajoelhado diante da chaminé, deitava galhos secos ao fogo. Frol, o Arreganhado, Lapchinov, Gaiev, Liuchnia, Atamachukov e o artilheiro Khoprov estavam sentados nos bancos ou em abóboras raiadas de negro e laranja, como a faixa de São Jorge. O filho de Frol, o Arreganhado, Timóteo, que voltara naquele mesmo dia do d'strito, permanecia de pé, de costas para a janela. Relatava a severa acolhida do procurador, que ao invés de atender a queixa, falara em prendê-lo e enviá-lo de novo para o setor. Ostrovnov entrou e Timóteo calou-se, mas seu pai animou-o a continuar.

— É de confiança, Timóteo. Não há nada a temer.

Timóteo concluiu seu relato com os olhos brilhantes.

— Que vida de cão! Se houvesse agora gente disposta... Eu montaria a cavalo e começaria a sangrar comunistas.

— De fato a vida se tornou muito difícil — confirmou Ostrovnov. — E se ao menos as coisas ficassem como estão!

— Que mais nos pode acontecer? — resmungou Frol, o Arreganhado. — Não se intrometeram na sua vida, por isso você pode falar... No tempo do tzar você e eu estávamos mais ou menos na mesma situação. E agora me deixam sem camisa, enquanto você goza a vida...

— Não estou falando disso... O que receio é...

— O quê?

— A guerra... Sim, a guerra!

— Que ela venha, Senhor. Concedei-nos essa mercê, São Jorge Vitorioso! Sem perda de tempo! Os Sermões dos Apóstolos dizem...

— Lutaríamos até com porretes, como em 1919!

— Eu os esfolaria vivos!

Atamanchukov, ferido na garganta durante um combate travado nas imediações da *stanitsa* de Filonovskaia, falava com voz fina e ininteligível, como se tocasse uma flauta de pastor:

— O pessoal está tão enfurecido, que lutaria até com os dentes.

Ostrovnov insinuou prudentemente que algo se preparava nas aldeias vizinhas, e que em certos lugares, segundo o costume cossaco, até se dava aos comunistas a boa lição que se infligia outrora aos indesejáveis otomanos: a cabeça metida dentro de um saco e... bum!, dentro d'água. Falava em voz baixa, com delicadeza, pesando cada palavra. Fêz notar incidentalmente que no Cáucaso Setentrional falava-se em agitação; que as mulheres já estavam socializadas nas aldeias do baixo Don; que os comunistas eram os primeiros a juntarem-se com as mulheres dos outros, abertamente, e que se esperava um desembarque na primavera. Soubera tudo isso por um oficial seu conhecido, que havia servido no mesmo regimento e passara por Gremiatchi, uma semana antes. Ostrovnov só ocultou uma coisa: que êste oficial ainda permanecia escondido em sua casa.

Nikita Khoprov, até então silencioso, perguntou:

— Diga-me uma coisa, Ostrovnov, nós nos revoltamos, massacramos os comunistas, e depois? Resistiremos à milícia, mas o que faremos quando enviarem a tropa contra nós? Quem assumirá o comando? Entre nós não há oficiais, somos ignorantes... Encontramos nosso caminho guiando-nos pelas estrêlas... Mas o exército, em guerra, não marcha ao acaso. Encontra sua rota marcada nos planos; seu estado-maior se encarrega de fazer os mapas. Teremos as mãos para lutar, mas não teremos um chefe.

— Haverá um chefe! — afirmou Ostrovnov com calor. — Virão oficiais, e mais instruídos que os comandantes vermelhos: chefes das velhas escolas militares... que estudaram as ciências nobres. Que chefes têm os vermelhos? Veja Nagulnov. Pode rachar uma cabeça, mas poderá comandar um esquadrão? Nunca. Homens que nem sabem consultar um mapa...

— E de onde virão êsses oficiais?

— Serão paridos pelas mulheres! — disse Ostrovnov com raiva. -— E você, Khoprov, por que se gruda em mim como um sanguessuga: "De onde virá, de onde virão..." Eu vou lá saber?

— Chegarão do estrangeiro, não resta dúvida — afirmava Frol, o Arreganhado, cheio de esperança.

Saboreava o prazer da catástrofe próxima, a doçura do sangue da vingança, dilatando a única narina, para aspirar melhor o ar esfumaçado.

Khoprov levantou-se, empurrou com o pé uma abóbora, cofiou os bigodes compridos, e disse calmamente:

— Pode ser, não digo que não... Mas quer-me parecer que os cossacos de hoje estão muito sabidos. As revoltas têm-lhe saído caras.

Ostrovnov, rindo maliciosamente sob os bigodes grisalhos, empenhava-se em afirmar:

— Marcharão como um só homem! Todo o Kuban se levantará... E quando se combate, ocorre sempre a mesma coisa: o primeiro a ser subjugado, a dar com os ombros em terra, volta um momento depois a reagir e mata o outro!

— Bem, irmãos, façam o que quiserem, mas não estou de acôrdo — disse Khoprov, empolgado por uma súbita resolução. — Não me levantarei contra as autoridades e não aconselho êsse caminho a ninguém. E você age mal, Ostrovnov, em instigar a gente... Não se sabe quem é nem de onde vem o oficial que dormiu em sua casa. Turvará a água e desaparecerá, e nós pagaremos por êle. Durante a guerra eram êles quem nos lançavam contra os sovietes. Distribuíam galões aos cossacos, fabricavam oficiais a três por dois, mas êles se emboscavam na retaguarda, nos quartéis do Estado-Maior e iam passear com senhoritas finas... E quando houve o ajuste de contas, quem teve de pagar pelo que todos haviam feito?... Em Novorossisk os vermelhos degolaram os calmucos no cais, enquanto os oficiais e outros nobres fugiam de navio para o estrangeiro, para as regiões quentes. Todo o exército do Don se concentrara em Novorossisk, aquilo parecia um rebanho de carneiros. E os generais onde estavam?... Heim! E a propósito queria perguntar-lhe: êsse excelentíssimo que passou a noite em sua casa, por acaso não se encontra ainda por lá? Já uma ou duas vêzes vi você levar água ao celeiro. Qual o desgraçado que iria beber água ali dentro?, perguntava eu a mim mesmo. E noutra ocasião ouvi o relincho de um cavalo...

Khoprov via com satisfação que o rosto de Ostrovnov adquiria o mesmo matiz cinzento de seus bigodes. O mêdo e a perturbação eram visíveis em todos. Uma alegria feroz invadiu o peito de Khoprov, fazendo-o inflar. Suas próprias palavras soavam-lhe como se partissem de outra pessoa.

— Não há oficial nenhum em minha casa — disse surdamente Ostrovnov. — O relincho deveria ser de minha égua. Eu nunca levei água ao celeiro, lavagem pode ser... temos ali um porco.

— Conheço de sobra os relinchos de sua égua. Mas, enfim, pouco se me dá. Respeito o plano de vocês. Só que não estou de acôrdo, conforme compreenderão...

Khoprov enfiou o gorro na cabeça e, depois de olhar em redor, dirigiu-se para a porta. Lapchinov cortou-lhe o passo. Com a barba trêmula e os braços absurdamente separados, perguntou-lhe:

— Vai denunciar-nos, judas? Você se vendeu? E se dissermos que você pertenceu à expedição punitiva dos calmucos?

— Nada de gracinhas, avô! — disse Khoprov com fria indignação, chegando seu formidável punho no nariz do velho. — Eu primeiro me denunciaria a mim mesmo... Pertenci à expedição, diria a êles, tinha o grau de corneteiro, podem julgar-me, mas abram o ôlho! E você, velho canalha... você...

Faltou-lhe ar. Seu enorme peito silvava como o fole de uma forja.

— Você me chupou o sangue! Hoje cabe a mim divertir-me um pouco.

Abateu Lapchinov com um murro na cara, e saiu batendo a porta, sem olhar para o velho estendido no chão.

Timóteo Borschev trouxe um balde vazio, ao lado do qual Lapchinov se ajoelhou. De suas narinas brotava um sangue negro como de uma veia cortada. Em meio ao silêncio só se ouviam os gemidos do velho Lapchinov que rangia os dentes, e o ruído dos filêtes de sangue que caíam de sua barba sôbre as paredes do balde.

— Agora sim, estamos perdidos de todo! — disse Gaiev, que tinha uma família numerosa.

Liuchnìa levantou-se imediatamente e, com a cabeça descoberta, saiu às pressas, sem se despedir. Atamanchukov acompanhou-o calmamente, dizendo com sua voz fina e rouca:

— Dispersemo-nos, senão isto acaba mal.

Ostrovnov ficou calado alguns momentos. Seu coração, como se dilatado, parecia ter-lhe subido à garganta. Respirava com dificuldade. O sangue afluía-lhe à cabeça, e um suor frio brotava dc seu rosto. Muitos haviam saído quando êle se levantou. Com ar de nojo, evitou olhar o velho Lapchinov, que continuava inclinado sôbre o balde, e disse em voz baixa a Timóteo:

— Venha comigo.

Este, sem dizer palavra, pôs o casaco e o gorro. Saíram. Na aldeia extinguiam-se as últimas luzes.

— Aonde vamos? — perguntou Timóteo.

— À minha casa.

— Para quê?

— Mais tarde você saberá. Vamos depressa!

Ostrovnov passou de propósito diante do Soviete. Não se via luz alguma. As janelas estavam escuras. Chegaram à granja. A poucos passos da escada, Ostrovnov segurou o braço de Timóteo e se deteve.

— Espere aqui um pouco. Chamo você depois.

— Está bem.

Ostrovnov bateu à porta. Sua nora abriu o ferrôlho.

— É o senhor, pai?

— Sim, sou eu.

Fechou cuidadosamente a porta atrás de si e, sem entrar na cozinha, dirigiu-se ao quarto pequeno. Chamou com a voz abafada, e uma voz de baixo, ligeiramente rouca, perguntou:

— Quem é?

— Eu, Alexandre Anissimovitch. Posso entrar?

— Entre.

Polovtsev escrevia defronte à janela tapada com um lenço negro. Cobriu a fôlha escrita com a palma da mão musculosa, e virou a cabeca.

— E então? Como vão as coisas?

— Mal... Uma desgraça!

— Que há? Diga logo!

Polovtsev levantou-se de um salto, meteu no bôlso a fôlha escrita, abotoou ràpidamente a gola e, todo corado, os olhos injetados de sangue, agachou-se e encolheu-se como uma fera prestes a desferir o bote.

Ostrovnov o pôs confusamente a par do que se passava. Polovtsev deixou-o falar sem pronunciar uma palavra. Do fundo de suas órbitas, seus pequenos olhos azulados cravavam-se pesadamente em Ostrovnov. Aprumou-se pouco a pouco, fechando e abrindo os punhos. Por fim, contraindo horrìvelmente os lábios, deu um passo na direção de Ostrovnov.

— Canalha!... Então você quer ver a minha ruína, cretino? Quer que fracasse tôda a emprêsa? Já deu com os burros n'água com a sua estúpida imprudência. Que lhe mandei fazer eu?... Sondar primeiro a cada um, individualmente! E você se lança às tontas como um touro!

O sussurro de sua voz de baixo fêz empalidecer Ostrovnov, aumentando seu terror e sua confusão.

— Que fazer agora? Êsse Khoprov já nos denunciou? Não?... Fale, idiota! Não? Aonde foi êle? Você o seguiu?

— Não... Alexandre Anissimovitch, nosso benfeitor; agora estamos perdidos...

Ostrovnov pôs a cabeça entre as mãos. Uma lágrima escorreu em seu rosto queimado até o bigode, fazendo-lhe cócegas, mas Polovtsev apenas rangeu os dentes.

— Vamos, choramingas! É hora de fazer alguma coisa e não de... Seu filho está em casa?

— Não sei... Trouxe um homem.

— Quem?

— O filho de Frol.

— Ah! Por que o trouxe?

Seus olhares cruzaram-se. No mesmo instante compreenderam-se sem palavras. Ostrovnov foi o primeiro a afastar os olhos. E quando o outro perguntou-lhe: "É de confiança?" — moveu a cabeça afirmativamente.

Polovtsev livrou-se do abrigo de peles com um gesto furioso, tirou de sob o travesseiro o revólver recém-brunido, e olhou o tambor. O níquel das balas despediu um reflexo.

Enquanto se abotoava, ordenou com voz enérgica, como se estivesse em pleno combate:

— Apanhe um machado. Leve-nos pelo caminho mais curto. Quanto tempo leva até lá, a pé?

— É perto, umas oito ou dez casas...

— Êle tem família?

— Tem mulher.

— Vizinhos?

— De um lado fica o celeiro; do outro, o jardim.

— E o Soviete?

— É longe da casa...

— Bem. Avante!

Enquanto Ostrovnov ia buscar o machado no alpendre da lenha, Polovtsev, segurando Timóteo pelo cotovêlo, disse-lhe em voz baixa:

— Obedeça-me incondicionalmente! Quando chegarmos lá, você dirá com a voz disfarçada que vem do Soviete com um papel. É preciso que êle mesmo abra a porta.

— Tenha cautela, camarada... não sei como chamá-lo, não conheço o senhor... Êsse Khoprov é forte como um touro. Se não fôr apanhado de surprêsa é capaz de matar alguém só com os punhos — disse Timóteo em tom desafogado.

— Cale-se! — interrompeu-o Palovtsev, estendendo a mão para Ostrovnov. — Dê-me isso. Guie-nos.

Desapertou o cinto, ocultando sob o capote o cabo de freixo do machado, que ainda conservava a umidade da palma da mão de Ostrovnov, e saíram.

Seguiram pelo atalho em silêncio. Ao lado do maciço corpo de Polovtsev, Timóteo, que parecia um adolescente, esforçava-se por distinguir-lhe o rosto na escuridão, mas esta e a gola levantada do capote de Polovtsev o impediam.

Pularam a cêrca e entraram na eira.

— Ponham os pés exatamente onde eu pisar, para que só fique uma pegada — disse Polovtsev em voz baixa.

Avançaram em fila indiana sôbre a neve imaculada, cada qual pondo o pé no lugar de onde o pé do outro se levantava. Ao se aproximarem da cancela do pátio, Ostrovnov levou a mão ao seu flanco esquerdo e cochichou com angústia.

— Senhor...

Polovtsev indicou a porta:

— Chame!

O ordem foi mais adivinhada do que ouvida por Timóteo. Fêz soar levemente a aldrava, e no mesmo instante ouviu o desconhecido de gorro branco, que se postava à direita da porta, romper furiosamente com os dedos os colchêtes do capote.

Timóteo chamou outra vez. Transido de terror, Ostrovnov viu um cãozinho sair do pátio. Mas o animal, encolhido de frio, deu um ladrido imperceptível, uivou lastimosamente e afastou-se na direção do telheiro.

* * *

Khoprov voltou para casa com o rosto franzido de preocupações. A caminhada acalmou-o um pouco. A mulher serviu-lhe a ceia.

Depois de comer sem apetite, disse tristemente:

— De boa vontade comeria agora uma melancia salgada.

Ela sorriu.

— Para curar a carraspana? hein?

— Não, hoje não bebi. Amanhã mesmo vou declarar às autoridades que servi num destacamento punitivo. Não agüento mais.

— Homem, que idéia! Você está muito nervoso. Tem algum motivo?

Sem responder, Khoprov repuxava seus espessos bigodes ruivos. Ao deitar-se, disse:

— Prepare-me um farnel de viagem. Vou pôr-me ao fresco.

E depois, sem escutar as exortações da mulher, permaneceu longo tempo de olhos abertos, pensando: "Vou denunciar-me e denunciar Ostrovnov. Que prendam também êsses patifes. Que poderão fazer comigo? Não irão fuzilar-me! Cumprirei meus três anos, irei cortar lenha nos Urais e voltarei de lá limpo. Ninguém poderá reprovar meu passado. Acabou-se, não trabalharei mais de graça para ninguém. Direi francamente porque me alistei com o Achitimov. É muito simples: eu queria escapar da frente, ninguém gosta de expor

a cabeça a balas. Que me julguem. Isto já faz tanto tempo, que talvez não me tratem com muita severidade. Contarei tudo! Não fuz'lei ninguém. Quanto a espancar... isso sim... Açoitei cossacos desertores e também alguns que se diziam bolcheviques... Eu era então um completo ignorante, não sabia a razão das coisas.

Acabou dormindo. Pancadas na porta, interromperam seu primeiro sono. Esperou. "Quem poderá ser a essas horas?"

Bateram outra vez. Levantou-se mal-humorado, arrenegando-se. Quis acender a lâmpada, mas sua mulher, Maria, que também despertara, cochichou:

— Deve ser para outra reunião. Não acenda! Já não se pode viver tranqüilo nem de dia nem de noite... Enlouqueceram, os malditos!

Khoprov saiu descalço para o saguão.

— Quem é?

— Sou eu, Nikita, venho do Soviete.

Khoprov sentiu uma espécie de inquietação, uma sombra de alarma, e perguntou:

— Mas quem é você? Que quer?

— Sou eu, Nikolai Kujenkov. Trago-lhe um papel do presidente. Diz que você precisa vir imediatamente ao Soviete.

— Passe-o por baixo da porta.

Houve um silêncio que durou um segundo... Sob o boné de pele branca brilhou um olhar imperioso, ameaçador, Timóteo desorientado por um momento, encontrou a solução:

— Você precisa assinar. Vamos, abra.

Ouviram-se os passos impacientes de Khoprov, que arrastava os pés descalços pela terra batida do saguão. Logo ouviu-se o ferrô'lho correr. Na moldura da porta, destacou-se a silhueta de Khoprov, tôda branca, sôbre um fundo escuro. Nesse momento, Polovtsev firmou o pé esquerdo na soleira da porta, brandiu o machado e, com o reverso da lâmina, golpeou Khoprov entre os olhos.

Como um boi ferido de morte, Khoprov caiu de joelhos, e depois lentamente para trás.

— Para dentro! Feche o ferrôlho! — ordenou Polovtsev num sussurro.

Sem largar o machado, procura, tateando, a porta do quarto, encontrando-a, abre-a de par em par. Do canto, onde se encontra o leito, uma voz de mulher pergunta alarmada:

— Você derrubou alguma coisa, Nikita?... Quem está aí?

Polovtsev deixa cair o machado e se lança com as mãos estendidas para o leito.

— Meu Deus! Quem é? Socor...

Timóteo, que tropeçara no umbral da porta, entra correndo, e ouve o tumulto, os gritos abafados naquele canto.

Polovtsev jogara-se sôbre a mulher. Comprime-lhe um travesseiro sôbre o rosto. Ata-lhe as mãos com um toalha. Seus cotovelos resvalam sôbre os seios ondulantes da mulher, cujo busto esbelto cede sob seu pêso. Polovtsev sente o calor de seu corpo vigoroso, que tenta libertar-se, sente as batidas aceleradas de seu coração que palpita como o de um pássaro prisioneiro. De repente, forte como uma queimadura, acende-se nêle o desejo, que não dura mais que um segundo. Mas ruge como uma fera e, cheio de fúria, enfia a mão sob o travesseiro e abre a bôca da mulher à fôrça. Sob seus dedos curvos, o lábio elástico distende-se, cede e rasga-se. O dedo está banhado em sangue quente, mas o grito surdo e prolongado da mulher cessou: na bôca tem uma anágua, enterrada até a garganta.

Polovtsev deixa Timóteo cuidando da mulher manietada e volta ao saguão. Sua respiração é rouca como a de um cavalo atacado de mormo.

— Um fósforo!

Ostrovnov acende um fósforo, e, à luz pálida, Polovtsev se inclina sôbre Khoprov, que está estendido de bôrco. O antigo artilheiro, com as pernas absurdamente dobradas sôbre o corpo, está com o rosto colado ao chão. Todavia respira. Seu amplo peito convexo se levanta espasmòdicamente, e a cada respiração o bigode se empapa numa poça vermelha. O fósforo se apaga. Polovtsev apalpa no escuro o lugar onde golpeou. O ôsso range sob seus dedos. A inchação cobre a pálpebra do ôlho esquerdo.

— Deixe-me ir embora... Não suporto ver sangue... — balbucia Ostrovnov.

A febre o faz tremer, suas pernas se dobram, mas Polovtsev sem responder ordena-lhe:

— Traga o machado... Está aí dentro, junto da cama. Traga água também.

Com a água Khoprov recobra os sentidos. Polovtsev põe um joelho sôbre seu peito. Sua voz é um murmúrio que silva:

— Você nos denunciou, traidor? Confesse! E você, aí, um fósforo!

O rosto de Khoprov, com seu ôlho semi-aberto, ilumina-se de novo durante uns segundos. A mão de Ostrovnov treme e faz tremer a minúscula chama. No saguão, sôbre os feixes de trigo que pendem do teto, oscilam manchas amarelas. O fósforo, perto de apagar-se, queima as unhas de Ostrovnov. Mas êle não sente a dor. Polovtsev repete sua pergunta duas vêzes, e começa a torcer os dedos de Khoprov. O ferido geme, e de repente dá uma volta e fica deitado sôbre o ventre. Lentamente, penosamente, encolhe-se e levanta. Polovtsev gemendo com o esfôrço, tenta virá-lo outra vez pelos ombros, mas o artilheiro, graças a seus fortes ossos, consegue por-se de pé. Com a mão esquerda segura Ostrovnov pela cintura, e com a direita agarra Polovtsev pela garganta. Este encolhe o pescoço entre os ombros, pois Khoprov o procura com seus dedos frios, e grita:

— Luz, luz! Maldito seja! Luz, já disse.

Na escuridão, suas mãos não podem encontrar o machado. Timóteo, surgindo da cozinha, sem se dar conta do que se passa, disse quase em voz alta:

— Ei, vamos! Dê-lhe uma machadada nas costas e veremos se êle fala ou não.

O machado está nas mãos de Polovtsev. Com um esfôrço prodigioso consegue libertar-se de Khoprov e, desta vez com o fio do machado, dá um golpe, dois golpes. Khoprov cai. Sua cabeça bate contra um banco. Um balde cai ao chão. O ruído soa como um estampido.

Polovtsev, rangendo os dentes, acaba de liquidar o homem estendido no chão. Com o pé procura a cabeça e golpeia. Ouve-se o borbulhar do sangue. Polovtsev obriga Ostrovnov a entrar de novo no quarto, fecha a porta e diz-lhe a meia voz:

— Seu maricas! Segure a mulher pela cabeça. É preciso que saibamos se êle teve tempo de falar. Você, rapaz, segure-lhe as pernas.

Polovtsev deita-se com todo o seu pêso sôbre a mulher amarrada. Cheira a suor. Articulando cada palavra, pergunta:

— Depois que voltou da reunião, seu marido foi ao Soviete, ou a qualquer outra parte?

Na penumbra, vê dois olhos alucinados de espanto, inchados de lágrimas contidas, um rosto intumescido pela asfixia. Sente-se mal, anseia por sair dali para o ar livre, para o ar, o ar. Enojado e cheio de ódio, aperta os dedos atrás das orelhas da mulher. Sacudida por uma dor violenta, ela perde os sentidos por um momento. Depois, ao voltar a si, cospe violentamente a mordaça empapada de saliva quente, mas não grita, implora, num fraco murmúrio arquejante:

— Misericórdia, misericórdia. Eu direi tudo!

Pensa reconhecer Ostrovnov. Não é o seu compadre? Há sete anos, batizaram juntos o filho de sua irmã. A infeliz se move com dificuldade, e gagueja, com seus lábios mutilados, dilacerados:

— Compadre querido! Por quê?

Polovtsev, assustado, fecha-lhe a bôca com a palma da mão.

Com seus lábios sangrentos, tenta ainda, num sobressalto de esperança, beijar aquela mão. Quer viver. Tem mêdo.

— Seu marido foi a alguma parte? Sim ou não?

— Ela faz que não com a cabeça. Ostrovnov segura as mãos de Polovtsev.

— Excelência... Excelência... Alexandre Anissimovitch... Poupe-a... poupe-a... Nós a ameaçaremos, ela não dirá nada... nada... nunca...

Polovtsev o repele. Pela primeira vez nesses momentos difíceis, enxuga com as costas da mão o suor que lhe escorre pelo rosto e pensa: "Ela nos denunciará amanhã mesmo. Mas é uma mulher, uma cossaca... Que vergonha para um oficial! Diabo! Vou vendar-lhe os olhos para que não veja o fim..."

Amarra-lhe a camisola por cima da cabeça. O olhar do homem detem-se um instante sôbre o belo corpo daquela mulher de trinta anos que não teve filhos. Está deitada de

lado, com as pernas ligeiramente dobradas, como um enorme passáro branco derrubado...

Polovtsev vê de repente que os seios nus e o ventre da mulher começam a reluzir sob as emanações de suor que os cobrem. "Compreendeu porque lhe cobri a cabeça. Para o diabo!..."

E ofegante, Polovtsev descarrega o fio do machado sôbre a camisa que cobre o rosto.

Ostrovnov adivinha o corpo de sua comadre atravessado por uma forte convulsão. O cheiro de sangue fresco sobe até suas narinas... Vai cambaleando até a estufa. Um terrível estremecimento o sacode e revolve-lhe dolorosamente as entranhas...

Sôbre os degraus da porta, Polovtsev vacila como ébrio, cola os lábios no corrimão da escada, e sorve àvidamente a fina poeira de neve que o reveste. Abrem a cancela.

Timóteo deixa-se ficar para trás, entra por uma travessa e dirige-se para as bandas da escola, de onde vem a música de uma sanfona. Jovens divertem-se ali. Timóteo, beliscando as môças, abriu caminho até o centro de círculo e pediu ao músico que lhe emprestasse o instrumento.

— Timóteo, — disse-lhe uma das môças, — toque o *Cigano* para nós, com os floreios que você sabe.

Timóteo, que recebia o instrumento das mão do seu dono, deixou-o cair... Rindo, estendeu de novo a mão e novamente deixou-o cair, não conseguindo colocar a correia no ombro esquerdo. Seus dedos não o obedeciam. Agitou-os, pôs-se a rir e devolveu o instrumento.

— Reparem, meninas, êle está bêbedo.

— Até vomitou na roupa. Vejam o que foi arranjar!

As môças afastaram-se de Timóteo. O dono da sanfona limpou, mal-humorado, a neve que cobria o fole e começou, sem segurança alguma, a executar o *Cigano*.

Uliana Akhvatkina, a mais alta das môças, "feita para um soldado da guarda", segundo voz corrente na aldeia, pôs-se a dançar, com as mãos na cintura, tamborilando o solo com os tacões baixos de seus sapatos.

"Você precisa ficar aqui até o amanhecer" — pensou Timóteo, como se se tratasse de outra pessoa. "Assim, se fizerem investigações, ninguém poderá dizer nada."

Levantou-se e, imitando propositadamente o andar de um bêbedo, foi cambaleando descansar a cabeça no regaço aconchegante de uma môça que estava sentada no umbral da escola.

— Cate os meus piolhos, beleza...

. . . . . .

Ostrovnov, com um váçuo nas entranhas, verde como uma fôlha de couve, mal entrou na granja, deixou-se cair no leito e não levantou mais a cabeça. Ouviu Polovtsev derramar água, ensaboar e enxaguar as mãos e depois retirar-se para o quarto. Cêrca da meia-noite, Polovtsev despertou a dona da casa:

— Tem bebida, mulher? Dê-me um copo.

Bebeu (Ostrovnov, com a cabeça mergulhada no travesseiro, olhava-o de esgue'ha), apanhou uma pêra cozida, mordeu-a e afastou-se envolto no fumo de seu cigarro, esfregando a mão no pe'to gordo e liso como o de uma mulher.

Já em seu canto, Polovtsev estendeu os pés descalços sôbre os ladrilhos ainda quentes. Agradava-lhe aquecer, durante a noite, os pés retorcidos pelo reumatismo. Êle o contraíra no inverno de 1916, ao atravessar o Bug a nado, para servir, com alma e consciência, a Sua Majestade, e defender sua pátria. Desde então Polovtsev sente prazer ao contacto do calor, os pés metidos em boas botas de fêltro...

14

Durante a primeira semana em Gremiatch'-Log, Davídov viu levantar-se à sua frente, como uma muralha, um mundo de problemas... À noite quando voltava do Soviete ou da direção do colcós, instalado na espaçosa casa de Borodin, passeava longo tempo pelo quarto, fumava, lia a *Pravda* e o *Molot*, que o carteiro lhe trazia. Absorto em suas reflexões,

pensava nas pessoas de Gremiatchi, no colcós, nos acontecimentos do dia. Como um lôbo encurralado, tentava escapar do círculo de idéias ligadas ao colcós; pensava em sua oficina, em seus amigos, em seu trabalho; entristecia-se ao imaginar que muitas coisas teriam mudado em sua ausência; que nunca mais poderia passar noites inteiras estudando a disposição de um motor para atinar com um novo método de transformar a caixa de velocidades; convencia-se que outro trabalhava agora em sua máquina exigente e caprichosa, provàvelmente aquêle Godschmidt, sempre com um ar tão seguro de si mesmo; que sem dúvida se haviam esquecido dêle, depois de tantos discursos inflamados que pronunciara na despedida dos Vinte e Cinco Mil.

E de súbito seu pensamento voltava a Gremiatchi, como se alguém, com gesto firme, houvesse acionado o comutador para impor uma nova corrente a seu pensamento. Ao vir para a aldeia não era tão ingênuo como se poderia crer: mas a luta de classes, com seus intricados fios e infinitos subterfúgios, não se lhe afigurava antes tão complexa como lhe pareceu desde o primeiro dia de sua chegada a Gremiatchi.

Não lograva compreender de onde vinha aquêle empenho tenaz de quase todos os camponeses médios de não ingressar no colcós, apesar das imensas vantagens que a exploração coletiva oferecia. Não acertava com a chave capaz de permitir-lhe conhecer bem muitas pessoas e as relações que mantinham, tais como Borodin, ontem guerrilheiro vermelho, hoje culaque e inimigo; Timóteo Borschev, um pobre, tomando abertamente a defesa de um culaque; Ostrovnov, agricultor inteligente, que se aproximara conscientemente do colcós, e a atitude de franca hostilidade que Nagulnov tinha para com êle. Todos os habitantes de Gremiatchi desfilavam na imaginação de Davídov... E havia nêles muitas facêtas que Davídov não compreendia, como se o toldasse uma espécie de véu invisível, impalpável.

A aldeia parecia-lhe uma espécie de motor complicado, de um modêlo totalmente novo. Davídov concentrava-se no estudo de todos os seus pormenores, buscando perceber as menores falhas na palpitação cotidiana, incansável e intensa daquele engenhoso mecanismo.

O misterioso assassínio de Khoprov e de sua mulher fê-lo pressentir, naquela máquina, a atuação de uma mola secreta. Adivinhava confusamente um laço de causalidade entre a morte dêsse camponês pobre e a coletivização, elemento novo que assaltava impetuosamente os muros podres da exploração parcelar. Na manhã em que foram descobertos os cadáveres dos Khoprovs, teve uma longa conversa com Nagulnov e André. Também êstes se perdiam em conjeturas. Khoprov era pobre; no passado fôra guarda branco. Não intervinha na vida pública e vivia como imantado, não se sabia porque motivo, ao culaque Lapchinov. A teoria formulada por alguém, de que o móvel do crime fôra o roubo, era absurda, uma vez que nada haviam levado: mesmo porque nada havia em sua casa para levar.

André atalhou o problema:

— Deve haver saias na história. Vai ver que conquistou a mulher de alguém, e isto lhe custou a vida.

Nagulnov calou-se. Não lhe agradava falar sem reflexão. Mas quando Davídov lançou a hipótese de que algum dos culaques podia muito bem estar implicado no assassinato e propôs que todos êles fôssem expulsos da aldeia, Nagulnov apoiou-o resolutamente:

— Há de ter sido um dêles, não resta dúvida! Tôda essa corja tem que ser mandada para as zonas frias.

André deu de ombros:

— Não há outro remédio senão expulsá-los. Impedem os demais de entrar para o colcós. Mas não têm culpa de que tenham matado Khoprov. Não pertencia ao meio dêles. É claro que se entendia com Lapchinov, não digo o contrário!... Mas se trabalhava sempre para êle era porque a necessidade o forçava. Não podemos lançar a culpa de tudo sôbre os culaques. Isso, amigos, seria um exagêro. Pensem dêles o que quiserem, mas quanto a mim, repito que há mulher no meio disso.

Do setor chegou o juiz de diligências e o médico. Fêz-se a necrópsia dos cadáveres, os vizinhos de Khoprov e Lapchinov foram interrogados. Mas o juiz não logrou encontrar o fio da meada capaz de indicar os culpados e as causas do assassínio.

No dia seguinte, 4 de fevereiro, a assembléia geral do colcós resolveu, por unanimidade, expulsar as famílias culaques do Cáucaso Setentrional. A assembléia confirmou a eleição, por seus mandatários, de um conselho administrativo do colcós, do qual faziam parte Ostrovnov (cuja candidatura foi calorosamente defendida por Davídov e André, apesar das objeções de Nagulnov), Liubichkin e Uchakov. Menok também foi eleito, mas não tão fàcilmente. Davídov, o quinto candidato, foi aprovado sem discussão; sua eleição foi facilitada por uma carta, enviada na véspera, pela *União Agrícola*, declarando que o comitê do setor, de acôrdo com a *União Agrícola*, apoiava, para a presidência do conselho administrativo do colcós, a candidatura do camarada Davídov, delegado do comitê do setor, da mobilização dos Vinte e Cinco Mil.

A assembléia geral discutiu longamente o nome que se deveria dar ao colcós. Finalmente, André pronunciou um verdadeiro discurso.

— Não concordo com o nome de *Cossaco Vermelho*... É um nome morto e comprometido. Antigamente, para meter mêdo às crianças, os operários ameaçavam-nos com a vinda do cossaco. Proponho, caros camaradas, o nome de Stálin para o nosso colcós. Sim, devemos adotar o seu nome — continuou André. — E além disso, vou contar-lhes um fato verídico. Quando defendíamos Tsaritsin, eu mesmo vi e ouvi, na linha de frente...

— Você está fugindo da questão, André — interrompeu Davídov.

— Sim, mas insisto no nome que proponho.

— Tudo isso já é conhecido. Também estou de acôrdo.

— Sem dúvida alguma! — prosseguiu André, com um sorriso. — E agora lhes direi que, em 1919, perto da aldeia...

— Bem, lá vem você outra vez com suas recordações — disse Davídov. — Proceda a votação.

— Mil perdões... Votem, cidadãos! Mas quando se pensa nas coisas de guerra, sente-se um comichão... Sente-se uma tal vontade de contar coisas...

André sentou-se, sorrindo com ar de culpado.

Ficou decidido, por unanimidade, que se daria ao colcós o nome de Stálin.

* * *

Davídov continuava a viver em casa dos Nagulnovs. Dormia em cima de uma arca separada do casal por uma cortina de chita. O primeiro quarto era ocupado pela dona da casa, uma viúva sem filhos. Davídov percebia que incomodava Nagulnov, mas a atividade febril e as preocupações dos primeiros dias não lhe haviam dado uma folga para procurar outro cômodo.

Luchka, a mulher de Nagulnov, mostrava-se sempre muito atenciosa com Davídov, mas êste, desde que soube pelo próprio Nagulnov que ela era amante de Timóteo Damaskov, o filho do Arreganhado, não conseguiu ocultar sua aversão por ela, e sentia-se incomodado naquela casa.

De manhã, Davídov, sem tomar parte na conversa, freqüentemente olhava Luchka de esguelha. Ela não teria mais de vinte e cinco anos. Suas faces ovais estavam cobertas de pequeninas sardas, e essas manchas faziam lembrar um ôvo de pêga. Mas que singular beleza atrativa e impura em seus olhos negros como breu e em todo o seu corpo esbelto e um tanto sêco! Suas sobrancelhas suaves e redondas estavam sempre um pouco levantadas, como se estivesse sempre esperando uma boa notícia. Seus lábios lustrosos, que não recobriam completamente a ferradura bem incrustada de seus dentes, conservavam nas comissuras um sorriso sempre pronto a entreabrir-se. Costumava andar balançando os ombros, como se temesse que alguém lhe fizesse alguma travessura pelas costas, que alguém estreitasse num abraço suas esbeltas espáduas de mulher môça. Vestia como tôdas as cossacas de Gremiatchi, talvez um pouco mais limpa.

Certa manhã, bem cedo, Davídov, através da cortina, ouviu Nagulnov dizer:

— Tenho umas ligas no bôlso de minha capa. Você as encomendou a Semion? Êle chegou ontem da cidade e me disse que as desse a você.

— É verdade, Makar?

A voz de Luchka, ainda quente de sono, estremeceu de prazer...

Pulou da cama em camisa, correu até a capa de seu marido, pendurada num prego, e tirou de um bôlso, não umas ligas comuns, que apertam as coxas, mas ligas como se usam na cidade, azuis, prêsas a um cinto.

Davídov viu-a refletida no espelho: estava de pé, experimentando a nova aquisição e esticando o pescoço delgado para olhar sua perna bem torneada. Davídov via no espelho como sorriam seus olhos sùbitamente animados e o ligeiro rubor que coloria suas faces sardentas. Enquanto admirava a meia preta, bem esticada sôbre a barriga da perna, virou-se para Davídov e, no decote de sua camisa, estremeceram seus seios bronzeados, firmes e pontiagudos, separados como as têtas de uma cabra. Viu Davídov por cima da cortina, cobriu o colo com a mão esquerda e, sem virar-se, continuou a sorrir. Seus olhos semicerrados diziam sem o menor acanhamento: "Veja como sou bonita."

Davídov deixou-se cair outra vez sôbre a arca, fazendo-a ranger. Estava todo vermelho.

— Diabo! Na melhor das hipóteses vai pensar que eu a estava espiando, disse para si mesmo, alisando os cabelos de um negro brilhante. E agora vai talvez pensar que me agrada...

— Pelo menos diante de um estranho você não devia passear em pêlo — grunhiu Makar mal-humorado, ao ouvir o pigarrear confuso de Davídov.

— Não se vê nada.

— Sim. Vê-se.

Davídov tossiu por detrás da cortina.

— Pois bem, tanto melhor. Que me olhe tanto quanto queira — disse Luchka indiferente, enfiando a saia pela cabeça. — E não há estranho, Makar. Estranho hoje, meu amanhã, se eu quiser.

Pôs-se a rir e, de um salto, meteu-se na cama outra vez.

— Você é bom como um santo! Nunca faz nada de mal, nunca... É um verdadeiro cordeirinho!

Apenas transpuseram a porta da rua, depois do café da manhã, Davídov disse a seu amigo:

— Puxa, que mulherzinha você tem!

— Isso não é da sua conta — respondeu o outro em voz baixa, sem olhar para Davídov.

— Não, mas é da sua conta. Hoje mesmo vou mudar de casa. Revolta-me ver vocês dois assim. Um homem de luta como você, deixar-se manobrar por uma tal mulher! Você mesmo me disse que ela andava com Timóteo, o filho do Arreganhado...

— E daí? Você acha que eu deveria bater-lhe?

— Bater-lhe, não, mas influir sôbre ela. Digo-lhe francamente: sou comunista, mas nesse ponto tenho os nervos delicados. Eu a teria mandado passear. Homem, você se desmoraliza perante a massa, e não dá nem um pio. Onde é que ela passa as noites? Quando voltamos das reuniões, nunca está em casa. Eu não me meto nos seus assuntos particulares...

— Você é casado?

— Não. E agora que vi a sua vida conjugal, ficarei solteiro até o fim de minha vida.

— A mulher para você é como uma propriedade.

— Vá para o inferno, anarquista abortado! Propriedade, propriedade... No entanto, existe, não é verdade? Então por que você pretende suprimi-la? Existe a família! E você... você fomenta a libertinagem, a tolerância. Vou lançar a questão na célula. O camponês deve seguir o seu exemplo! Sim, bonito exemplo!

— Muito bem. Eu a matarei.

— Que disparate!

— Olhe, escute — pediu Nagulnov parando no meio do caminho. — Não se mêta nesse assunto... Eu resolverei o problema, você verá. Mas agora tenho outras coisas que fazer. Você sabe que isso não é de ontem, mas aprendi a suportar com paciência. Esperarei algum tempo, e depois... É que a tenho aqui no coração, que quer você?... Já faz tempo que...

E para mudar de conversa:

— Aonde é que você vai? Ao Soviete?

— Não, vou à casa de Ostrovnov. Tenho vontade de vê-lo em sua granja e conversar com êle. É um camponês

entendido. Devíamos nomeá-lo administrador do colcós. Que é que você diz a isso? Precisamos de um administrador que saiba fazer tinir cada copeque como um rublo. Ostronov me parece ser um dêsses.

Nagulnov fêz um gesto de contrariedade.

— Sempre o mesmo estribilho! Então você e André não sabem mais arranjar-se sem êle? O colcós precisa de um arcebispo... Eu me oponho. Conseguirei a expulsão dêle do colcós! Dois anos seguidos tive de impor uma multa e êsse porco ricaço... Antes da guerra era culaque, e agora nós é que vamos promovê-lo.

— Ostrovnov é um camponês inteligente. Então, de acôrdo com você eu estou defendendo um culaque?

— Homem, se nós não lhe tivéssemos cortado as asas, há muito tempo êle seria um verdadeiro culaque.

Separaram-se sem chegar a um acôrdo, muito descontentes um com o outro.

15

Fevereiro...

O frio morde e fende a terra. O sol nasce envolto numa alva incandescência gelada. Ali, onde os ventos lamberam a neve, a terra estala ruidosamente durante a noite. Os túmulos da estepe estão sulcados de grêtas sinuosas, como os melões demasiado maduros. Detrás da aldeia, dos campos cobertos de neve elevam-se reflexos deslumbrantes. Os álamos, além do rio, parecem cinzelados de prata.

Pela manhã, sobem das chaminés das casas cones alaranjados e colunas de fumo. Na eira, a palha das espigas de trigo, pela ação do frio, recorda com seu aroma o agôsto ameno, o hálito ardente do vento sêco, o céu de verão.

Vacas e bois vagueiam dentro dos frios currais até a madrugada. Ao amanhecer não se encontra uma só vergôntea de erva nas manjedouras. Os cordeiros e os cabritos são abrigados dentro das casas: mulheres semi-adormecidas os levam de noite a suas mães, e os trazem em seguida, entre as dobras das saias, para o calor fumarento dos interiores. Da lã crêspa

dos cabritos desprende-se um perfume sutil de ar puro de inverno, de feno cortado, de doce leite de cabra.

A neve do caminho é grossa como sal, granulosa e quebradiça. Tal é o silêncio da meia-noite, e tão solitário parece o céu gelado em meio à poeira cintilante das estrêlas, que se acreditaria haver a vida abandonado o mundo.

Na estepe azul, passa um lôbo sôbre a neve intacta. Suas patas macias não deixarão rastros na imensidade branca, e ali onde suas garras arrancam torrões de terra gelada, fica apenas uma ranhadura diamantina.

De noite, se uma égua prenhe relincha de repente, sentindo afluir o leite a suas têtas de veludo, seu relincho é ouvido num raio de várias verstas.

Fevereiro...

O silêncio azul antes da alva.

A Via-Láctea deserta e pálida.

Nas janelas escuras das casas bailam clarões vermelhos: são os reflexos dos fornos que se acendem.

Uma enxada faz tilintar o gêlo frágil do rio.

Fevereiro...

Ostrovnov despertou a mulher e os filhos antes de romper o dia. Acenderam o forno. Semion, o filho de Ostrovnov, afia as facas num esmeril. O capitão Polovtsev enrolou cuidadosamente uma faixa em suas meias de lã e calçou botas de fêltro.

Dirigem-se os três para o redil.

Ostrovnov tem duas cabras e dezessete ovelhas. Semion sabe qual delas deve ser coberta, qual já deu cria. Escolhe os carneiros e as ovelhas, arrasta-os um a um para o estábulo quente. Polovtsev, com seu gorro de pele branca enterrado até os olhos, agarra um carneiro pela espiral fria de seus chifres, lança-o por terra e, debruçando-se sôbre êle, corta-lhe o pescoço, de onde brota um jôrro de sangue negro.

Ostrovnov é um homem prático. Não quer que a carne de seus carneiros sirva para alimentar, no rancho de alguma fábrica, a operários ou soldados vermelhos. Êstes carneiros são dos sovietes. Mas os sovietes, durante dez anos, oprimiram-no com impostos e contribuições, impedindo-o de expandir seus negócios e viver com desafôgo. O Poder soviético e êle são

inimigos irreconciliáveis. Iakov Lukitch durante tôda a sua vida propendeu para a riqueza como uma criança para os folguedos. Já em vésperas da revolução começava a prosperar, pensava matricular o filho na escola de cadetes de Novocherkask. Alimentava o projeto de montar uma azenha. Guardara algumas economias, contando empregar três trabalhadores, e seu coração pulsava ante essa visão milagrosa. Sonhava em estabelecer um pequeno comércio, em adquirir o moinho abandonado de um proprietário mal sucedido... Via-se, então, em sonhos, não mais vestido em suas calças largas de *pele do diabo*, mas impando num traje de boa fazenda, com uma corrente de ouro sôbre o abdome, e as mãos sem calos, brancas e suaves, depois que suas unhas tivessem perdido, como a serpente perde a pele, a escuridão da sujeira. O filho já estaria feito coronel e teria desposado uma môça instruída. Ostrovnov iria um dia buscá-lo na estação, não de charrete, mas de automóvel, como o proprietário Novopavlov...

O que não sonhara naqueles tempos inolvidáveis, quando a vida fulgia e estalava entre seus dedos como uma cédula de banco!

Soprou o vento glacial da revolução, produzindo transtornos inauditos, e a terra tremeu sob os pés de Ostrovnov, que entretanto não perdeu a cabeça. Soube discernir de longe, com a lucidez e astúcia que lhe eram habituais, a aproximação do mau tempo. Sem que os vizinhos ou os habitantes do lugar o soubessem, liquidou apressadamente grande parte de seus bens... Vendeu a máquina a vapor comprada em 1916, enterrou num pequeno cofre trinta peças de ouro de dez rublos e uma bôlsa de couro cheia de moedas de prata. Vendeu o gado que lhe sobrava, reduziu a semeadura. Estava preparado para o que viesse. A revolução, a guerra, as frentes de batalha, haviam passado sôbre êle como um negro torvelinho sôbre as ervas da estepe. Curvou-se, — não havia outra alternativa — mas resistiu sem quebrar-se nem aluir. A tempestade só arranca os álamos e os carvalhos, as plantas rasteiras dobram-se até o solo e aprumam-se em seguida. Mas Ostrovnov não podia ainda "aprumar-se". E por isso estava contra o Poder dos soviétes; por isso vivia, triste como um boi castrado, sem a alegria embriagadora do trabalho criador. Por isso Polovtsev

o atraía mais que sua própria mulher, era-lhe mais querido que o próprio filho. Oh, marchar com êle para reconquistar a vida de antigamente, que fulgia e estalava entre seus dedos como uma cédula brilhante de cem rublos, ou então, renunciar à vida!

Por isso Ostrovnov, membro do conselho de administração do colcós *Stálin*, de Gremiatchi, degolava quatorze carneiros. "Antes lançar a sua carne àquele cão prêto, que aos pés do capitão Polovtsev lambia àvidamente o sangue negro e fumegante, do que entregar os animais ao redil coletivo, para que engordem, multipliquem-se e nutram o poder inimigo" — pensava Ostrovnov.

O capitão Polovtsev, homem instruído, tinha muita razão ao dizer: "O gado deve ser abatido! Urge socavar a terra sob os pés dos bolcheviques! Que os bois morram por falta de cuidado! Conseguiremos outros quando subirmos ao Poder. Virão da América e da Suécia. Sitiaremos os bolcheviques pela fome, e os aniquilaremos com a ruína e a revolta! Não se preocupe com sua égua, Ostrovnov... É até melhor que os cavalos sejam socializados... Quando estourar a rebelião e ocuparmos as aldeias, será mais fácil tirá-los das estrebarias comuns do que ir buscá-los de casa em casa..."

Palavras de ouro! O capitão Polovtsev tem na cabeça a mesma segurança das mãos!

Ostrovnov quedou-se um momento no telheiro, fitando Polovtsev e Semion, que esfolavam os carneiros pendurados numa viga. Uma lanterna iluminava os flocos de lã. A operação de esfola era fácil. Ostrovnov contemplava um carneiro degolado, pendurado pelos pés e com a pele descolada até o umbigo. Seus olhos deram com a cabeça negra do animal atirada junto ao balde, e sentiu um tremor, como se lhe tivessem dado uma pancada no vão da rótula. Empalideceu.

No ôlho amarelo do carneiro, em sua enorme pupila que ainda não se toldara, perdurava o horror da morte. Ostrovnov lembrou-se da mulher de Khoprov, de suas terríveis palavras entrecortadas: "Compadre querido!... Por quê?"

Ostrovnov olhou com asco a carne de côr lilás-rosado, os tendões expostos. Como então, o cheiro áspero de sangue causou-lhe náuseas e fê-lo cambalear.

— Não posso suportar a carne, Senhor! — disse, apressando-se em sair. — Não posso sequer cheirá-la.

— Então por que raios veio? Não precisamos de você, melindroso! — respondeu Polovtsev com um sorriso.

E com os dedos ensangüentados, que cheiravam a gordura de carneiro, enrolou um cigarro.

Terminaram na hora exata do almôço. Os carneiros abatidos foram pendurados no celeiro, Polovtsev encerrou-se em seu exíguo cômodo: durante o dia nunca saía dêle. Levaram-no uma sopa de couve com pedaços de carneiro e torresmo. Mal a nora regressara com a tigela vazia, a cancela rangeu.

— Pai! É Davídov! — gritou Semion, que foi o primeiro a vê-lo.

Ostrovnov ficou mais branco que farinha. Davídov, já no saguão, sacudiu a neve dos sapatos. Tossia ruidosamente e dava passadas firmes, levantando os pés com segurança.

"Estou perdido — pensou Ostrovnov. — Só de ver êsse cão andar a gente compreende que êle se julga o dono de tôda a terra. Até parece que está na casa dêle! Com certeza vem prender-me por causa de Khoprov... Estou perdido! Deve saber de tudo, o velhaco!"

Uma voz roufenha de tenor chama da porta:

— Pode-se entrar?

— Entre...

Ostrovnov queria falar alto, mas sua voz afogou-se num murmúrio. Davídov esperou um momento e abriu a porta. Ostrovnov não se levantou da mesa. Não o conseguiu... Teve mesmo de levantar os pés trêmulos, para que não se ouvisse o tamborilar do salto de suas botas contra o assoalho.

— Bom dia, patrão!

— Bom dia, camarada! — responderam simultâneamente Ostrovnov e sua mulher.

— Está geando aí fora!

— É, está geando.

— Mas o trigo, pelo menos, não vai perder-se, hein?

Davídov enfiou a mão no bôlso, sacou um lenço negro como fuligem e introduziu-o na manga para assoar-se.

— Entre, camarada, entre — dizia Ostrovnov persuasivo...

"Mas por que se assusta desta maneira? Que homem mais estranho!" — pensava Davídov, estarrecido de vê-lo empalidecer, movendo penosamente os lábios trêmulos.

— Bem, que acha do trigo?

— Acho que não vai gelar... Está bem coberto... Nos lugares onde o vento varreu a neve, pode ser...

"Começa pelo trigo para dizer depois: vamos andando! Não terão denunciado Polovtsev? Talvez alguma investigação..." — pensava Ostrovnov.

Pouco a pouco ia-se refazendo do susto. O sangue subiu-lhe num jacto ao rosto. O suor brotou-lhe de todos os poros, umedeceu-lhe o rosto e escorreu por seus bigodes grisalhos e pela barba encaracolada.

— Esteja à vontade, passemos para a sala.

— Vim falar com você... Qual é o seu nome de batismo?

— Iakov, filho de Luka.

— Iakov Lukitch? Pois bem, Iakov Lukitch, você, na reunião do Soviete, falou muito sensatamente sôbre o colcós. Naturalmente, você tem razão em dizer que o colcós precisa de máquinas complicadas. Mas quanto à organização do trabalho, você se enganou completamente. Pensamos em chamá-lo para o pôsto de administrador. Ouvi falar de você como um lavrador instruído...

— Mas, entre, querido camarada. Gacha, acenda o samovar. Ou talvez você prefira um prato de sopa? Uma fatia de melancia salgada? Vamos, entre. Você nos chama para uma nova vida...

Ostrovnov exultava de contentamento; parecia-lhe que tinham-lhe tirado uma montanha de cima do peito.

— Sim, tenho trabalhado como um lavrador instruído, é bem verdade o que você diz... Quis alterar a velha rotina de nossos avós... Como cultivavam êles?, saqueando a terra! Tenho uma carta de felicitações do distrito... Semion, traga a carta da moldura. Não, deixe, nós iremos lá.

Ostrovnov conduziu o visitante para a sala, tendo antes piscado o ôlho para Semion. Êste compreendeu logo, e foi ao corredor fechar a porta do quarto de Polovtsev. Dominou-o o mêdo; o quarto estava vazio. Foi então até a sala. Polovtsev, calçando meias de lã, estava atrás da porta. Fêz sinal para

que Semion se afastasse e colocou ao tabique sua orelha nervosa, erguida como de uma fera. "Êle não tem mêdo de nada, êste demônio" — pensou Semion afastando-se.

A grande sala fria não era usada no inverno. Cada ano, amontoavam num canto, sôbre o chão pintado, as sementes de cânhamo. Perto da porta, havia uma tina com maçãs em conserva. Polovtsev sentou-se na beira da tina. Ouvia tôdas as palavras da conversa. Uma claridade rosa, crepuscular, entrava pelas janelas recobertas de geada. Polovtsev sentia os pés frios, mas continuava sentado, sem se mover, escutando àvidamente, com o coração apertado de ódio, o filête de voz rouca do inimigo, do qual apenas a porta o separava. "Ah! bandido, você ficou rouco em suas reuniões! Eu gostaria... Ah! se fôsse possível, agora mesmo..." Polovtsev apertava os punhos contra o peito; as unhas se lhe cravavam na palma das mãos.

E atrás da porta:

— Eis o que lhe digo, caro diretor do colcós: de nada vale trabalhar como antigamente. Assim, por exemplo, o trigo, por que é que êle gela, de maneira que um hectare dá apenas vinte pudes no máximo? E isso já é muito, pois há quem não recupere nem as sementes. Minhas espigas são tão cerradas que não se pode passar através delas. Às vêzes, eu montava na minha égua, e imagine que eu juntava as espigas por cima do arção! Espigas que não cabiam na mão! E tudo isso porque eu retinha a neve, porque dava de beber à terra. Há cidadãos que, por avareza, cortam o girassol pela raiz... Assim teremos combustível, dizem... E não lhes ocorre que, cortando sòmente a cabeça dos girassóis, os talos retêm a neve, não a deixam resvalar até as barrancas, e o vento só pode soprar ali enviezado... Na primavera, essa terra valerá mais que qualquer semeadura que se tenha feito no outono... Mas se a neve não é retida, então, que diacho, derrete-se num abrir e fechar de olhos. E se converte em água de barragem que não aproveita ao homem nem à terra.

— Sem dúvida, tem razão.

— Não foi por acaso, camarada Davídov, quê o nosso bendito Poder soviético me concedeu um certificado de elogio... Eu sei porque foi... Os agrônomos às vêzes podem equivocar-se mas há muita verdade em sua ciência: Um exem-

plo: eu assinava uma revista de agricultura, nessa revista escrevia um dêsses homens instruídos que ensinam os estudantes... Pois bem, êle escreveu que o trigo não gela, mas morre porque a terra nua, que não esteja coberta de neve, racha, e ao rachar esmaga a raiz das espigas.

— Ah, é? Não sabia.

— Pois é verdade. Estou de acôrdo com êle. Fiz até uma experiência para me convencer. Cavo um pouco, e que vejo? Tôdas as radículas, delgadas como um fio, as mesmas por onde o grão chupa o sangue da terra, estão rôtas e dilaceradas. O grão, que já não tem com que se alimentar, acaba morrendo. Pode o homem continuar vivendo com as veias cortadas? Pois o mesmo acontece com o cereal.

— Tem razão, Iakov Lukitch, a neve tem que ser conservada. Empreste-me essas revistas de agronomia para eu dar uma olhadela.

"Para o tempo de vida que lhe resta, de pouco vão-lhe servir..." — pensava Polovtsev sorrindo.

— E se estivermos no outono, como se conserva a neve? É preciso represá-la com valas. Inventei para meu uso um valado de ramos secos. É necessário, além disso, combater as enxurradas, que nos fazem perder mais de mil hectares por ano.

— Bem, isso é verdade. Mas eu queria saber como poderíamos aquecer os estábulos sem muita despesa, mas que saísse uma coisa razoável.

— Os estábulos? Disso me encarrego. Em primeiro lugar compete às mulheres besuntar o tapume. Se não houver com quê, poremos estêrco entre as fileiras de paliçadas.

— Bem, bem... E para o remôlho das sementes?

Polovtsev quis instalar-se melhor na tina, mas a tampa resvalou e caiu no chão com estrépito. Seus dentes rilharam quando êle ouviu Davídov perguntar:

— Que foi que caiu aí?

— Com certeza o gato fêz uma das suas. Êste quarto no inverno fica vazio. Venha, vou mostrar-lhe um cânhamo de alta qualidade que encomendei. Fica guardado nesta sala durante todo o inverno. Entre.

Polovtsev precipitou-se na direção da porta do corredor. Esta, que estava cuidadosamente untada com banha de ganso, não rangeu, deixando-o passar sem o menor ruído...

Davídov deixou a casa de Ostrovnov com um pacote de revistas debaixo do braço, contente com a visita e mais convencido do que nunca da utilidade de Ostrovnov para o colcós.

"Com homens como êste transformaríamos a aldeia em um ano. Que cabeça tem êsse mujique! E além disso gosta de ler! Em matéria de administração e de trabalho é dos bons. Não compreendo porque Nagulnov desconfia dêle. Não resta dúvida de que prestará grandes serviços ao colcós" — pensava Davídov dirigindo-se para o Soviete.

16

Foi como se Ostrovnov tivesse dado o sinal. Os habitantes de Gremiatchi começaram a matar o gado tôdas as noites. Bem não anoitecia, ouvia-se o balido sufocado de uma ovelha, o grunir agônico de um porco degolado, o mugido breve de uma novilha. Tanto os camponeses independentes como os que haviam entrado para o colcós, davam morte a seus animais: bois, ovelhas, porcos, até vacas, não havia contemplação para com nenhum. Eram abatidos mesmo os animais reservados para a reprodução... Em duas noites o gado de Gremiatchi ficou reduzido à metade. Os cães arrastavam as vísceras pelos caminhos; os celeiros e os alpendres enchiam-se de carne. Em dois dias, a cooperativa deu saída a uns trinta quintais de sal, quantidade que estava em depósito há dezoito meses.

"Matemos o gado, já não é nosso." "Matemos o gado, só assim êle não nos será confiscado para o abastecimento de carne." "Matemos nossos animais, porque no colcós não teremos nem um bocado de carne para levar à bôca." Tais eram os inquietantes rumôres que corriam pela aldeia.

Todos se fartavam de carne. Todos, do mais jovem ao mais velho, tinham indigestão. À hora da refeição as mesas vergavam sob o pêso de assados e guisados. Os comensais, com a bôca suja de gordura, arrotavam como durante as ceias

de comemoração dos mortos. Uma embriaguez de sacledade toldava-lhes os olhos.

O velho Chukar foi um dos primeiros a matar uma novilha. Com a ajuda de sua mulher, tentou pendurar o animal numa viga para poder esfolá-lo mais fàcilmente. Durante muito tempo esforçaram-se em vão. A novilha pesava demais, e a mulher ficou achacada dos rins por causa do esfôrço. Durante uma semana inteira veio uma curandeira para aplicar-lhe um pote quente nas costas.

Na manhã do dia seguinte, Chukar preparou pessoalmente a comida, e fôsse por pena da mulher, fôsse por simples glutoneira, o fato é que devorou tamanha porção de peito de vitela cozida, que durante vários dias se viu na impossibilidade de sair de casa e até de abotoar as calças. A cada instante, apesar do frio, desaparecia entre os girassóis plantados atrás do alpendre. Os que passavam ao lado de sua casinha meio desmoronada, viam, às vêzes, o peludo gorro do velho, imóvel no meio das altas hastes de girassóis. Depois Chukar saía de seu esconderijo e se dirigia para a casa, segurando com as duas mãos e calça desabotoada, e sem olhar para a rua. Ao chegar à porta, arrastando penosamente os pés, sùbitamente, como se se lembrasse de algo urgente, voltava apressadamente para a moita de girassóis. Seu gorro de pele reaparecia, imóvel e imponente por cima das moitas. E que frio! O vento na horta fazia redemoinhar a neve, formando cômoros brancos e pontiagudos em tôrno do velho.

Na tarde do segundo dia, André, inteirado de que a matança de gado assumia um caráter geral, correu até a casa de Davídov:

— Descansando?

— Estou lendo.

Davídov tinha na mão um livro de capa amarela, que estava lendo, e sorriu pensativo:

— Isto sim é que é livro! Prende até o fim! — disse, mostrando a dentadura falhada e abrindo os braços.

— Então você está aí lendo novelas, ou talvez versos!... Enquanto a aldeia...

— Imbecil! Que novela e versos coisa nenhuma!

Davídov, sem parar de rir, fêz André sentar-se à sua frente, numa banqueta, e pôs o livro entre suas mãos.

— É o informe de Andreiev aos militantes comunistas de Rostov. Basta dizer que vale por dez novelas!... Interessou-me tanto que até esqueci de comer... e de beber... E o diabo é que a esta hora a comida deve estar fria...

No rosto moreno de Davídov desenhou-se uma sombra de mau humor e de fastio. Levantou-se, deu um esticão nas calças, um pouco curtas, e dirigiu-se para a cozinha.

— Mas não me vai ouvir? — gritou André furioso.

— Como não, homem! Fale.

Davídov trouxe da cozinha uma tigela cheia de sopa de couve, já meio fria. Levou à bôca um enorme pedaço de pão, e começou a mastigar mexendo muito as bochechas. Calado, cravou em André seus olhos cinzentos, fatigados, que as pestanas velavam. Sôbre a sopa boiavam uns círculos amarelados de gordura coalhada e uma casca de pimenta brilhante como uma chama.

— Essa sopa é de carne? — perguntou André pèrfidamente, apontando na direção da tigela seu indicador manchado de fumo.

Davídov, meio engasgado, fêz um sinal afirmativo com a cabeça e sorriu com satisfação.

— E a carne, de onde vem?

— Não sei. Por que pergunta?

— Porque mataram na aldeia a metade do gado.

— Quem?

Davídov pôs-se a voltear um pedaço de pão entre os dedos, e por fim largou-o.

— Diabos! — A cicatriz que André tinha no rosto ficou avermelhada. — E você é o presidente do colcós!... Ora, quem? Seus próprios colcosianos. E os *independentes* também. Ficaram todos doidos! Não perdoam nada, matam até — veja se não é bandalheira — até mesmo os bois de tração!...

— Você tem o maldito costume de... vociferar como se estivesse em pleno comício, disse Davídov de mau humor e voltando a sua sopa de couve. Vamos, explique-me a coisa tranqüilamente, sem se enraivecer... Quem são os que abatem os animais, e por que fazem isso?

— E como vou saber?

— Você não pode passar sem gritar e fazer escândalos... É só a gente fechar os olhos que imagina imediatamente que você está no ano da graça de 1917.

— A situação não é para menos!

André contou tudo o que sabia sôbre a matança havia pouco iniciada. Até o fim de seu relato, Davídov engoliu quase sem mastigar. De seu tom de mofa não restava sequer vestígio. Em tôrno de seus olhos surgiram rugas, e seu rosto pareceu repentinamente envelhecido.

— Convoque imediatamente uma reunião geral. Diga a Nagulnov... Não, eu mesmo irei vê-lo.

— E a reunião é para quê?

— Ainda pergunta? Vamos proibir o abate de gado. Os responsáveis serão expulsos do colcós e julgados. A situação é muito séria! São os culaques que estão outra vez em ação para atrapalhar a nossa marcha... Vamos, fume um cigarro, e caia em campo... Ah, ia-me esquecendo de contar...

Um sorriso de felicidade esboçou-se no rosto de Davídov, suavizando-lhe o olhar. Por mais que apertasse os lábios para continuar sério, não podia dissimular sua alegria.

— Acabo de receber um pacote de Leningrado... Presente de meus companheiros...

Abaixou-se, retirou de sob a cama uma pequeno caixa e, corado de contentamento, levantou a tampa. Em seu interior, todo revolvido, havia carteiras de cigarros, uma caixa de bolachas, livros, uma piteira trabalhada em madeira e uma porção de pacotinhos.

— Os camaradas pensaram em mim, mandaram-me isto... Cigarros dos nossos, de Leningrado... Até chocolate, está vendo?... Para que vou querê-lo?... Será melhor para as crianças... Enfim, o que importa é a atenção, não é verdade? O essencial é que se tenham lembrado... Veio também uma carta...

A voz de Davídov soava com estranha doçura; era a primeira vez que André o via tão perturbado e feliz. Sua emoção acabou por contagiar André, que, desejando mostrar-se agradável, só se lembrou de dizer:

— Muito bem. Você é um excelente rapaz, por isso foi lembrado. E quanta coisa lhe mandaram! Vai ver que gastaram mais de um rublo!

— Não se trata disso! Você já sabe quem sou... como diria... um órfão... Não tenho mulher, não tenho ninguém. E de repente, zás, recebo um pacote. É de comover... Veja quantas assinaturas!

Com uma das mãos Davídov abria uma carteira de cigarros, e na outra segurava uma carta assinada por numerosas pessoas. Tremiam-lhe os dedos.

André acendeu um cigarro de Leningrado e perguntou:

— Então, está contente com a nova moradia? Que tal a senhoria? Já arranjou lavadeira? Se quiser, pode levar a roupa para minha velha que ela se encarrega de lavar. Que acha? Ou então se entenda com a dona da casa... Veja a sua camisa, não se pode pegar nela nem com pinças... e fede como um cavalo suado.

Davídov enrubesceu até ficar como um tomate.

— Sim, é verdade... eu morava em casa de Nagulnov e não era muito agradável... fazia sòzinho os remendos, e a própria roupa às vêzes eu lavava... Mas a verdade é que, desde que estou aqui, ainda não tomei banho... não há sabão no depósito... Já pedi à senhoria... mas ela também não tem. Vou escrever aos companheiros para ver se me mandam algumas barras. A casa não é má. Não há crianças, pode-se ler, e em geral...

— Bem, leve a roupa para minha mãe, ela pode lavar para você. E não se acanhe. Minha velha é boa como pão.

— Eu me arranjarei, não se preocupe, obrigado. Precisamos construir uma casa de banho para o colcós, isto sim! Bem, trate de organizar a reunião.

André terminou de fumar o cigarro e partiu.

Davídov, para fazer alguma coisa, pôs em ordem os pacotes da caixa, suspirou, ajeitou a gola suja de sua camisa amarela escura e, depois de alisar o cabelo negro, penteado para trás, vestiu-se.

Ao passar em frente da casa de Nagulnov, entrou para vê-lo. Êste o recebeu com o cenho franzido, o olhar ausente.

— Degolam o gado... Têm pena de sua propriedade...

É indescritível a agitação que há entre a pequena burguesia... — murmurou, depois de ter apertado a mão de Davídov.

Em seguida, voltando-se para a mulher, disse-lhe severamente:

— Luchka, dê o fora... Vá para junto da senhoria... Não posso falar na sua presença.

Com ar triste, Luchka dirigiu-se para a cozinha.

Desde que Timóteo deixara a aldeia com as famílias culaques, deambulava como alma penada. Olheiras azuis, de um azul de lago melancólico, sombreavam seus olhos inchados. Seu nariz se aguçara como o de uma morta. Sem dúvida magoava-a profundamente a separação do amado.

Por ocasião da partida dos culaques para as regiões polares, deixou-se ficar todo o santo dia em tôrno da granja dos Borschev, sem a menor preocupação de ocultar-se, à espera de Timóteo. E quando, ao cair da tarde, os carros partiram de Gremiatchi, levando as famílias culaques com todos os seus pertences, Luchka lançou um grito estridente e se atirou sôbre a neve, prêsa de um ataque de nervos. Timóteo saltou do carro para acudi-la, mas o pai exortou-o severamente a voltar. Êle seguiu adiante, voltando freqüentemente os olhos para Gremiatchi e mordendo os lábios brancos, retorcidos de ódio.

As doces palavras murmuradas por Timóteo foram-se como as fôlhas dos álamos: Luchka nunca mais voltará a ouvi-las. Como não estiolar-se de desgôsto? Como não se atormentar? Quem lhe dirá, agora, fitando seus olhos com êxtase amoroso: "Como lhe assenta bem esta saia verde, Luchka! Você está mais elegante do que a mulher de um oficial do antigo regime!" Ou então as palavras daquela cantiga popular:

Adeus, amada e querida,
Doçura da minha vida.

Com suas lisonjas e seu arrebatamento amoroso, sòmente Timóteo pudera comover a alma de Luchka. Desde então, o marido fôra para ela como um estranho.

Nagulnov, sem irritação, falava-lhe tranqüilamente, com abundância de palavras:

— Passe aqui os poucos dias que lhe restam de nossa vida em comum. Depois apanhe seus trastes, suas ligas e seus potes de pomada e vai para onde lhe parecer melhor. Por gostar de você, passei muita vergonha e suportei tudo. Você andava com o filho de um culaque, eu não dizia nada. Mas me fartei quando vi você chorando por êle diante dos camponeses conscientes e organizados. Acabou-se tudo. Com você, filha, eu não viveria até a revolução mundial, e muito menos estou disposto a estourar de uma hora para outra. Na minha vida você é uma carga supérflua que carrego nos ombros. Agora vou livrar-me dela! Compreende?

— Compreendo — respondeu Luchka lacônicamente.

Naquela tarde Davídov tivera uma conversa confidencial com Nagulnov.

— Sua mulher desonrou-o por completo! Qüe vai fazer agora para olhar de frente os membos do colcós?

— Já vem você outra vez...

— Você é um asno! Um cabeça dura!

O pescoço de Davídov ficara rubro, e as veias de sua testa inchavam.

— É difícil conversar as coisas com você! — Nagulnov passeava pelo quarto, estalava as falanges, sorria com uma ponta de malícia. — Daqui a pouco você vai me chamar abertamente de anarquista e divisionista trotskista! Sabe qual é a minha opinião a respeito de mulheres e por que suportava esta asquerosa situação? Creio que já lhe falei nisso: ela não me transtorna a cabeça. Diga-me, já pensou alguma vez na cauda da ovelha?

— Não! — disse Davídov estupefato com o inesperado curso que tomava a conversa de Nagulnov.

— Pois olhe, eu tenho pensado nela. Por que diabo a natureza terá dado uma cauda à ovelha? Não lhe serve para nada, aparentemente. Um boi, um cavalo ou um cão, vá lá... Podem com ela espantar as môscas. Mas a ovelha? Com os quatro quilos de gordura que pesam em sua cauda, começa a movê-la e não pode espantar uma só môsca. No calor a cauda a incomoda, enche-se de vermes...

— Mas a propósito de que vem essas caudas tôdas?

Davídov ia aborrecer-se outra vez, mas Nagulnov continuou imperturbável:

—- Bem, pois lhe deram a cauda, digo-lhe eu, por... por pudor, para ocultar sua vergonha... Não é muito cômodo, mas que faria você no lugar da ovelha? Pois o mesmo ocorre comigo: a mulher, uma espôsa, eu preciso dela como a ovelha de sua cauda. Eu só me interesso pela revolução mundial. Espero-a como se fôsse uma noiva... Enquanto as mulheres, bolas!, cuspo nelas tranqüilamente. A mulher é assim. Não se pode passar sem ela... Porque é preciso esconder a vergonha. Sou um homem cheio de vigor, embora adoentado, e, em caso de necessidade, posso comportar-me bem. Mas se ela quis cair, que se dane. Disse-lhe francamente: "Divirta-se se você tem necessidade, mas cuidado para não me trazer na saia alguma doença ruim! Senão torço-lhe o pescoço!" Você, camarada Davídov, você não entende nada disso. Você é como uma fita métrica de aço. Também a revolução, você a entende de maneira diferente... Enfim, que tem você de reprovar-me pelas faltas de minha mulher? Ela chega também para mim... Mas que ela se tenha ligado a um culaque e chorado por êle, por um inimigo de classe, isto sim, é uma bandalheira, e qualquer dia dêstes vou expulsá-la de casa. Quanto a surrá-la, falta-me coragem. Ingresso numa vida nova, e não quero sujar minhas mãos. Já você, aposto que teria dado uma surra nela, não é? Então, qual seria a diferença entre você, um comunista, e, digamos, um funcionário qualquer? Os outros sempre surraram as mulheres. Por aí você vê. Não, camarada, não me fale de Luchka. Eu mesmo resolverei esta questão, você é demais no assunto. Mulher é coisa séria. Dela dependem muitas coisas.

Nagulnov, com um sorriso sonhador nos lábios, continuou impetuosamente:

— Quando tivermos abolido tôdas as fronteiras, serei o primeiro a dizer: "Tragam-nos mulheres de outro sangue!" Todos se misturarão, não haverá mais no mundo essa vergonha de corpos brancos que se julgam superiores aos corpos amarelos e aos corpos negros, como se fôsse crime ter alguém a pele desta ou daquela côr. Então seremos todos de uma

agradável côr morena e todos iguais. Penso nisto algumas vêzes, durante a noite...

— Você vive sonhando — disse Davídov de mau humor. — Há em você uma porção de coisas que não compreendo. Quanto ao ódio racial, está certo, mas no resto... Nas questões da vida corrente não estou de acôrdo com você. Enfim, de qualquer modo, que o diabo o carregue. Agora que já não vivo em sua casa, para mim tanto faz.

Davídov retirou sua maleta de sob a mesa (os instrumentos que de nada lhe tinham servido, fizeram um ruído surdo), e saiu. Nagulnov acompanhou-o até a nova acomodação, na casa do colcosiano Filimonov, que não tinha filhos. Durante o trajeto conversaram sôbre a lavoura, mas não abordaram questões de família nem de moral. Suas relações, que já não eram muito calorosas, esfriaram mais a partir daquele momento...

Desta vez Nagulnov acolheu também Davídov com o olhar baixo e evasivo, mas quando Luchka saiu, começou a falar em tom mais animado.

— Estão matando o gado, êsses sem-vergonhas! Preferem isso a entregar os animais ao colcós. Eu, de minha parte, faço a seguinte proposta: hoje mesmo será posta em votação, na assembléia geral, uma resolução para o fuzilamento de todos êsses patifes.

— O quê?

— É isso mesmo, que sejam fuzilados! Quem mais iria dar a ordem? O Tribunal Popular não tem êsse direito. Enquanto estivesse liquidando dois ou três assassinos de vacas prenhes, os outros se poriam ao fresco. Não podemos ter contemplação.

Davídov atirou o gorro sôbre o baú e pôs-se a passear pelo quarto. Estava perplexo e mal-humorado.

— Você e seus exageros de sempre... Ninguém pode com você, Nagulnov. Vamos, reflita um pouco: deve-se fuzilar um homem porque matou uma vaca? Não há lei que permita isso! O decreto do Comitê Executivo Central diz claramente: dois anos de prisão... O culpado pode ser desapropriado... os incorrigíveis serão deportados... No entanto,

você pede imediatamente a pena capital. Realmente, nem sei o que pensar de você...

— Pensar de mim! Ora, essa é boa! Você só sabe medir e fazer planos. E com que vai ser feita a semeadura? Com que animais, se os que não entraram para o colcós degolaram seus bois?

Nagulnov aproximou-se de Davídov e apoiou as mãos nos seus ombros largos. Era quase uma cabeça mais alto do que Davídov. Olhou-o de alto a baixo e disse:

— Semion, caro Semion, por que tem a cabeça tão dura?

E quase gritando:

— Estamos perdidos se fracassarmos na semeadura! Não compreende? É preciso fuzilar dois ou três vagabundos dêsses, só isso! É preciso fuzilar os culaques! O golpe vem dêles. É preciso pedir autorização aos órgãos superiores.

— Imbecil!

— Bem, já sou "imbecil" outra vez...

Nagulnov baixou tristemente a cabeça, mas levantou-a em seguida, como um cavalo que sentiu as esporas, e gritou com voz de trovão:

— Êles arruinarão tudo! Temos que defender nossas posições a todo custo, como durante a guerra civil. O inimigo nos ataca por todos os lados, e você... Com homens como você terminaremos perdendo a revolução mundial. São vocês, os cabeças duras, que nos levarão ao fracasso! Longe daqui os burgueses torturam o povo trabalhador, aniquilam os chineses vermelhos, massacram todos os negros do mundo, e você a tratar o inimigo com brandura! É vergonhoso! Fico desesperado quando penso que os burgueses se cevam em nossos irmãos do estrangeiro. Por isso não posso ler os jornais!... Sinto um nó nas tripas! E você... você não pensa em nossos irmãos que apodrecem nos calabouços do inimigo? Não tem pena dêles?

Ofegante, Davídov revolveu os cabelos com a mão.

— Claro que tenho pena! Mas para que essa gritaria? Você está com manias e quer contagiar os outros. Não foi pelos olhos de Luchka que eu combati a contra-revolução na guerra. Enfim, que propõe você? Medite um pouco! Não é caso de fuzilamento! Você faria melhor se trabalhasse a

massa, se explicasse a ela a nossa política. Fuzilar é muito fácil. Você é sempre o mesmo. Pela menor coisa cai no ponto extremo. Onde estêve até agora?

— No mesmo lugar que você.

— Exatamente... Essa malta nos fêz uma das boas... Cumpre agora ajeitar outra vez as coisas, e não de fuzilar ninguém. Acabaram-se os ataques de histerismo. Ponha novamente mãos à obra. Você até parece uma senhorita. É pior ainda que uma melindrosa que pinta as unhas.

— As minhas estão pintadas de sangue vermelho!

Claro, como as de todos os que fizeram a guerra sem luvas.

— Semion, não sei como você pode chamar-me de "senhorita".

— Bolas, é uma maneira de dizer.

— Retire essa palavra — rogou humildemente Nagulnov.

Davídov contemplou-o em silêncio e soltou uma gargalhada.

— Pois bem, está retirada. Acalme-se e vamos à reunião. Temos que trabalhar a valer contra a matança do gado.

— Passei ontem o dia inteiro correndo de casa em casa para convencer essa gente.

— É um bom método. É preciso continuar, e não você apenas, mas todos nós.

— Estamos outra vez no mesmo pé... Precisamente ontem, eu dizia comigo mesmo ao sair da casa de um vizinho: "Parece que consegui convencê-lo." Não havia ainda transposto a porta, quando ouço o grunhir de um leitão que estavam matando. E eu que perdera uma hora falando da revolução mundial e do comunismo àquele proprietário imundo! E de que maneira falei! Mais de uma vez vieram lágrimas aos meus próprios olhos. Não, é inútil procurar convencê-los... Só mesmo dando na cabeça dêles e repetindo: "Não dê ouvidos ao culaque, miserável! Não se deixe contagiar pela paixão dêle à propriedade! Não degole seu gado, canalha!" Êle acredita que está matando um boi, quando na verdade está cravando um punhal nas costas da revolução mundial.

Davídov se obstinava:

— Sim, alguns só com pancadas, mas outros podem ser convencidos.

Entraram no cercado. Caía uma neve aquosa, e os flocos que cobriam a neve velha endurecida, derretiam-se sôbre os telhados. Em meio a uma escuridão completa chegaram à escola. Sòmente a metade dos cidadãos de Gremiatchi haviam comparecido. André procedeu à leitura do decreto do Comitê Executivo Central e do Conselho de Comissários da Aldeia sôbre as medidas que deviam ser tomadas contra a "criminosa matança de gado". Davídov falou depois, expondo a questão sem rodeios:

— Cidadãos, temos vinte e seis mil adesões ao colcós. Vamos estudá-las amanhã na assembléia. Está visto que os que morderam a isca dos culaques e degolaram seus animais antes de entrar para o colcós, não serão admitidos.

— E os que já são membros do colcós e matam o gado? — perguntou Liubichkin.

— Serão expulsos!

— Ah! — fêz unânimimente a assembléia. E através da multidão perpassou um murmúrio surdo.

— Então é melhor dissolver o colcós! Não há uma só casa na aldeia em que não se matou algum animal! — gritou Borschev.

Nagulnov, os punhos erguidos, voltou-se contra êle.

— Cale a bôca, cupincha de culaque! Não se mêta nos assuntos do colcós! Nós nos arranjamos sem você. Não foi você mesmo quem degolou um boi de três anos?

— Eu sou o dono de meu gado.

— Pois amanhã, quando estiver na cadeia, você vai ver o que é bom ser dono!

— Isso já é demais!... Você já passou da conta — vociferou uma voz rouca.

Havia pouca gente, mas a assembléia nem por isso transcorreu menos tempestuosamente. Os aldeões se separaram em silêncio. Já na rua, divididos em pequenos grupos, puseram-se a trocar impressões.

— Foi o diabo quem me aconselhou a matar duas ovelhas! — deplorava Kujenkov, falando com Liubichkin. — Agora vão-me arrancar essa carne da garganta!

— Eu também fui na conversa — disse Liubichkin com um profundo suspiro. — Cortei o pescoço de uma cabra. E agora não sei o que vou dizer na reunião. A desgraçada de minha mulher! Maldita seja!... Foi ela quem me obrigou a pecar. Vamos, mate a cabra, dizia-me ela. Que gana de comer carne tinha aquela bruxa! Mas quando eu chegar em casa ela vai ver se não lhe tiro a mania de falar demais.

— Não será mal... não será mal — aconselhava o velho Akim Beskhlebnov, compadre de Liubichkin. — A coisa não é muito divertida, hein? Logo você, que é membro do colcós.

— Justamente — suspirava Liubichkin, tropeçando em torrões de barro na escuridão, e sacudindo os flocos de neve do bigode.

— E você, Akim, também matou seu boi malhado, não foi? — perguntou Uchakov, vizinho de Beskhlebnov, com um pigarro.

— Pois foi. Não tive outro remédio! O animal tinha quebrado a perna. O maldito malhado! Não sei que droga ia fazer no buraco, mas o fato é que caiu lá dentro e quebrou a perna.

— Certamente, não há dúvida... De manhã vi você e sua nora empurrando o animal a chicotadas naquela direção...

— Que está dizendo? Que está dizendo? — murmurou o velho Akim, plantando-se assustado no meio do beco, piscando na escuridão.

— Vamos, vamos! — dizia-lhe Uchakov em tom animoso. — Vai ficar aí como uma carroça atolada? Você empurrou o boi no buraco...

— Êle caiu sòzinho! É um pecado o que você está dizendo... Um pecado sem nome!

— Você é sabido, mas o boi é mais ainda. Êle ao menos pode passar a língua debaixo do rabo, e você não pode fazer o mesmo, hein? Compreendo. Você pensou: "Quebro a perna dêle e o resto é fácil."

Um vento úmido soprava tempestuosamente sôbre a aldeia. Os salgueiros e os álamos estalavam nas margens do rio. Trevas opacas cobriam o casario. As vozes afogadas pela

umidade ressoaram longo tempo pelos caminhos. O inverno sacudia sua última geada...

17

Davídov e André voltavam juntos da reunião. Caía espêssa neve derretida. Aqui e ali luzes rompiam a escuridão. O uivar de um cão e as rajadas do vento, enchiam a aldeia de melancólica tristeza. Davídov, lembrando-se das palavras de Ostrovnov sôbre a necessidade de reter a neve, suspirou: "Não, êste ano temos outras preocupações! E, no entanto, haverá muita neve sôbre os campos lavrados, com uma tempestade como essa! Só de pensar nisso, parte-se o coração da gente!"

— Se passássemos para a estrebaria? — propôs André. — Daríamos uma olhada nos cavalos do colcós.

— Vamos.

Entraram na travessa. Logo apareceu uma pequena luz: a lanterna pendurada perto do celeiro de feno dos Lapchinovs, transformada em estrebaria. Entraram no pátio. Sete ou oito cossacos estavam de pé, sob o beiral, na porta da estrebaria.

— Quem é que está de serviço? — perguntou André.

Um dos cossacos respondeu, apagando o cigarro contra a bota:

— Maidannikov.

— E por que há tanta gente aqui? Que é que vocês vieram fazer?

— Nada, camarada Davídov... Estamos fumando.

— Acabamos de trazer o feno, e estamos fumando e conversando para deixar passar a tempestade.

Ouve-se o ruído dos cavalos, a mastigarem em suas baias. Um cheiro de suor, estêrco e urina misturava-se ao leve perfume do feno da estepe. Uma coalheira, uma retranca e correias estão penduradas em frente de cada baia. O piso bem varrido, está recoberto de areia amarela do rio.

— Maidannikov! — gritou André.

— Hum, hum! — respondeu uma voz no fundo da estrebaria.

Maidannikov vem trazendo palha na ponta de um forcado. Entra na quarta baia a contar da porta, e com o pé obriga um cavalo baio a levantar-se. Ajeita então a palha, sacudindo-a.

— Mexa-se, que diabo! — gritou êle, mal-humorado. E ameaça o animal adormecido, com o cabo do forcado.

O cavalo, assustado, bate os cascos contra o chão, relincha e adianta-se para a manjedoura, desistindo de se deitar novamente. Cheirando a estrebaria e palha, Maidannikov se aproxima de Davídov, estendendo-lhe a mão rugosa e gelada.

— E então, camarada Maidannikov?

— Vai tudo bem, camarada presidente do colcós.

Davídov sorriu.

— Puxa, você está falando difícil: "Camarada presidente do colcós"...

— É que estou no exercício de minhas funções, neste momento.

— Por que está tôda essa gente aí na porta?

— Pergunte-lhes você mesmo!

A irritação e o despeito transpareceram na voz de Maidannikov.

— É revoltante. Êles chegam todos assim, quando está na hora de preparar as camas de palha para a noite. Não se esquecem da propriedade individual. São os antigos donos de cavalos que vêm aqui perguntar-me: "Você deu feno ao meu baio? Deu palha ao alazão? Ainda está aí a minha èguazinha?" E onde estaria, pergunto eu? Não vou devorá-la, pois não? Mas não param de me cacetear. "Quer que lhe dê uma mãozinha?" E cada um só pensa em dar um pouco mais de palha ao seu animal... Ah! é um desastre! Era preciso uma ordem proibindo que os que nada tenham a fazer venham vagabundear por aqui.

— Você está ouvindo?

André lançou um olhar em Davídov e balançou a cabeça com ar contrariado. Davídov, em tom severo, ordenou:

— Mande-os passear, e nada mais! Que ninguém fique aqui, a não ser a pessoa de guarda e seus ajudantes. Que quantidade de feno você está dando? Você pesa as rações?

— Não. Meço a ôlho: uns oito quilos por cabeça.

— Você prepara a cama de palha para todos?

— Que dúvida!

Maidannikov agitou violentamente seu boné. Fiapos de palha caíram sôbre a gola de seu capote.

— Nosso administrador, Ostrovnov, estêve aqui hoje de noite... Êle me disse que preparasse as camas com ervas sêcas. Isso é coisa que se faça? Que diabo, e dizer que êsse homem tem fama de entendido! Uma tolice dessas... Olhe, Davídov, tudo isso é forragem pura. Carneiros e cabras o devorariam até a última palha. E êle quer dar tudo isso para os cavalos pisarem! Quis explicar-lhe isso mas êle me fêz calar o bico dizendo: "Quem é você para querer ensinar-me?"

— Está bem, não use essa palha. Você tem razão. Amanhã passar-lhe-ei um carão — prometeu Davídov.

— Outra coisa ainda. Tiramos o monte de feno que estava perto do poço. Queria saber porquê.

— Ostrovnov me disse que aquêle feno não era muito bom. Êle quer dar o pior no inverno e guardar o melhor para a época da aradura.

— Se é assim, está certo — concordou Maidannikov. — Mas fale-lhe sôbre o caso das ervas.

— Está bem, tome um cigarro... de Leningrado... — Davídov tossiu. — Os companheiros da fábrica mandaram-me uns pacotes... Todos os cavalos estão bem?

— Obrigado. Fogo, faz favor... Os cavalos estão bem. Na noite passada, um dos cavalos de Lapchinov, o andador, estêve mal. Felizmente, notou-se a tempo. O resto vai bem. Tem aí um, uma espécie de demônio, que teima em não se deitar. Passa tôda a noite em pé, ao que me dizem. Amanhã, vamos pôr-lhes ferraduras novas nas patas dianteiras. Tem havido muito gêlo ùltimamente e as ferraduras se desgastaram. Bem, então até à vista, pois ainda não terminei a minha tarefa.

André foi acompanhar Davídov. Conversando, venceram uma parte do caminho. Na esquina da travessa que levava à casa de Davídov, André parou em frente ao cercado do camponês independente Luka Chebakov, e tocando o ombro de seu companheiro, murmurou:

— Atenção!

Uma silhueta escura se destacava a três passos dêle, perto da porta. André lançou-se bruscamente e, com a mão esquerda, segurou o homem atrás da cêrca, enquanto com a direita segurava a coronha de seu revólver.

— É você Luka?

— Ah! É você, André Stepanóvitch?

— O que é que você tem na mão direita? Dê-me isso, depressa!

— Ora, ora, o que é que você está pensando, camarada Razmetnov?

— Dê-me isso, já lhe disse. Vamos, senão eu lhe dou um tiro.

Davídov aproximou-se, guiado pelas vozes, semicerrando os olhos como um míope.

— O que é que há?

— Dê-me isso, Luka, senão eu atiro.

— Está bem... tome. Mas o que foi que lhe deu?

— Estava esperando-nos com isso. Canalha! Que estava fazendo aí, de tocaia, com um punhal na mão? Esperava alguém? Não seria Davídov? Fale, por que estava aí com êsse punhal? Contra-revolucionário! Queria cometer um assassínio?

Fôra preciso o atilado olhar de caçador de André para perceber uma lâmina branca na mão do homem escondido atrás da cêrca. Mas, quando começou a interrogá-lo, com a voz ofegante, Luka abriu a porta da cêrca e, mudando de voz, disse:

— Bom, se é assim, já não posso mais calar. Vocês vão suspeitar de coisas que não existem. Deus me livre, André Stepanóvitch! Venham.

— Aonde?

— Ao estábulo.

— Por quê?

— Venham ver. Vocês compreenderão logo porque saí para a travessa com um punhal...

— Vamos ver — propôs Davídov, entrando na frente. — Por onde é que se vai?

— Sigam-me.

No estábulo atulhado, uma lanterna acesa estava pousada sôbre um banco. Ao lado, estava acocorada a mulher de Luka, uma bela criatura de rosto redondo e sobrancelhas finas. Ao ver estranhos, levantou-se, assustada, escondendo perto do muro duas tinas d'água e uma bacia. Um porco bem cevado remexia num canto sua cama de palha fresca. Com a cabeça dentro de uma grande bacia, devorava glutonamente uma água gordurosa, com estalos de língua.

— Eis aí a história — balbuciou Luka, confuso, mostrando o bicho. — Íamos matar o porco às escondidas... Minha mulher dava-lhe comida, e eu estava pensando em começar o trabalho quando ouvimos vozes no caminho. "É preciso ir ver o que há, disse comigo mesmo, poderiam ouvir alguma coisa." E saí como estava, de mangas arregaçadas, avental, e faca. E aparecem vocês! Ora, o que é que vocês pensavam? Será que alguém sai de avental e mangas arregaçadas para assassinar um homem?

Luka, sorrindo com acanhamento, tirou o avental e gritou para a mulher, com uma raiva mal contida:

— O que é que está esperando, sua bôba? Enxota o porco!

— Não o mate — disse André um pouco confuso. — Acabamos de resolver na assembléia que é proibido...

— Fique tranqüilo... você já me tirou tôda a vontade...

Até chegar em casa, Davídov levou André na troça.

— Você impediu um atentado à vida do presidente do colcós! Desarmou um contra-revolucionário! Foi uma proeza de guerra, sem dúvida! Ah! Ah! Ah!

E André replicou no mesmo tom:

— Em todo caso, salvei a vida de um porco.

18

No dia seguinte, na sessão privada da célula do Partido em Gremiatchi, tomou-se a decisão unânime de socializar todo o gado, grande e pequeno, pertencente aos membros do colcós *Stálin*. A decisão abrangia as aves.

A princípio, Davídov se levantou resolutamente contra a socialização do gado pequeno e das aves, mas Nagulnov declarou peremptòriamente que se a assembléia geral do colcós não votasse essa decisão, as semeaduras da primavera seriam comprometidas sèriamente, pois o gado seria abatido e as aves também. André o apoiou, e Davídov cedeu depois de um momento de hesitação.

Além disso, resolveu-se transcrever na ata da reunião que se realizaria uma enérgica campanha de agitação contra o abate criminoso do gado. Para êsse fim, todos os membros do Partido se comprometiam a ir procurar os camponeses naquele mesmo dia. Quanto a processar judicialmente os culpados de transgressão dessa ordem, isso deveria ser evitado por enquanto, para esperar os resultados da campanha de agitação.

— Assim o gado e as aves carrerão menos perigo. Senão, ao chegar a primavera, não se ouvirá nem um mugido de boi, nem o canto de um galo — dizia com satisfação Nagulnov, que guardava a ata numa pasta.

A assembléia do colcós aceitou de bom grado a socialização do gado, pois os animais de carga e as vacas leiteiras já eram propriedade coletiva, e a nova medida apenas atingia o gado pequeno, carneiros e porcos. Mas a questão das aves suscitou longos debates. Foram sobretudo as mulheres que fizeram oposição. Mas a resistência delas acabou sendo vencida. Nagulnov muito contribuiu para isso. Apertando as compridas mãos sôbre a insígnia da Bandeira Vermelha que lhe ornava o peito, dizia em tom inspirado:

— Minhas comadres, caras amigas! Não se agarrem às galinhas e patos! Deixem que êles façam parte do colcós. Na primavera, mandaremos vir uma chocadeira, e ela nos fabricará pintos às centenas. Existe uma máquina assim, e se chama chocadeira. Ela faz nascer pintos que é uma beleza. Por favor, não digam não. As galinhas continuarão a ser de vocês, mas serão guardadas no galinheiro comum. As galinhas não devem ser propriedade de ninguém, minhas amigas. E qual é o lucro que lhes dão essas galinhas? Pois se agora elas nem estão pondo. E na primavera, que trabalheira! Às vêzes é uma galinha que foge para a horta e faz grandes estragos; depois é outra que perde um ôvo debaixo de um

telheiro, ou ainda uma outra que é machucada... Enfim, sabe-se lá o que pode acontecer? E é sempre preciso que vocês vão ao galinheiro ver qual a que está pondo e qual a que não está. E vocês voltam cheias de piolhos, uma verdadeira praga! É de se ficar maluco. E no colcós, como viverão as suas galinhas? Levarão uma vida de rosas. Serão maravilhosamente tratadas. Serão confiadas a um velho, um viúvo, talvez ao vovô Akim Beskhlebnov... Êle só terá que as apalpar todo o santo dia, vendo-as subir nos poleiros! É uma coisa divertida e fácil, exatamente o trabalho para um velho. Nesse trabalho, nunca há perigo de se ter uma hérnia. Vamos, comadres, vocês só precisam dizer que sim.

Depois de rir, suspirar e matraquear, as mulheres acabaram por dizer — "sim".

Logo depois da reunião, Nagulnov e Davídov foram fazer a inspeção das granjas. Logo nas primeiras, verificaram que em tôda parte o gado havia sido abatido... Chegaram a casa do velho Chukar, à hora do jantar.

— É muito ativo. Êle mesmo dizia que era necessário cuidar do gado. Pelo menos êsse não terá tocado no seu — dizia Nagulnov ao entrar no cercado.

O "muito ativo" estava deitado na cama com os pés para o alto. Sua camisa estava enrolada até a barbicha emaranhada, e um enorme pote de barro de aproximadamente seis litros tinha suas bordas afiadas pousadas sôbre um ventre pálido e encovado, recoberto de uma juba grisalha. Duas ventosas, como sanguessugas, estavam pregadas de cada lado. O velho Chukar não teve um olhar para seus visitantes. Tremiam-lhe os braços cruzados sôbre o peito, como de um morto. Seus olhos, arregalados e desvairados pela dor, reviravam lentamente. Nagulnov imaginou sentir na casa um cheiro de defunto.

A gorda mulher de Chukar estava de pé junto da estufa. À cabeceira do doente, ágil e cinzenta como um camundongo, agitava-se a curandeira Mamitchikha, famosa na região pela sua habilidade em aplicar ventosas, potes, curar entorses, doenças do sangue e provocar abortos com uma agulha de tricô. Era ela, Mamitchikha, quem estava tratando do infeliz Chukar.

Davídov entrou e arregalou os olhos.

— Bom dia, vovô. O que é que você tem sôbre a barriga?

— Sinto dores na barriga... — articulou penosamente o velho. E gemeu com uma pequena voz aguda, latindo depois como um cachorro.

— Tire o pote! Tire, sua bruxa! Ai!, minha barriga vai estourar! Minha gente, faça alguma coisa por mim.

— Paciência, paciência! Você já vai melhorar — respondia a curandeira, tentando levantar a borda do pote enterrada profundamente na carne.

De repente, o velho Chukar uivou como uma fera e empurrou Mamitchikha com um pontapé, segurando o pote com as duas mãos. Nesse momento, Davídov veio em seu socorro e, afastando a velha, agarrou uma acha de lenha e deu uma pancada no fundo do pote, que se quebrou, deixando escapar o ar com um assovio. Roncaram as tripas de Chukar, sua respiração aliviada se acelerou e êle descolou as ventosas sem esfôrço.

Davídov olhou de relance aquêle ventre, que mostrava sob os cacos um enorme umbigo azulado, e deixou-se cair sôbre um banco, sufocado por um acesso de riso. As lágrimas lhe corriam pelas faces, seu boné escorregara para o chão, e os cabelos caíam-lhe sôbre os olhos.

O velho Chukar tinha fôlego. Mal a curandeira começara a resmungar por causa do pote quebrado, êle abaixou a camisa e levantou-se. Mamitchikha lamentava-se:

— Pobre de mim! Quebraram o meu pote. Malditos.

Eis o que se ganha em tratar velhos bodes como êsse.

— Vá-se embora, sua velha, vá-se embora, e depressa! — disse Chukar indicando a porta com o dedo. — Mais um pouco e você me matava. É sôbre a sua cabeça que eu deveria ter quebrado êsse pote. Saia daqui ou faço uma loucura. Sou capaz de tudo quando começo.

— O que fêz você para ficar assim? — perguntou Nagulnov, logo que a porta se fechou atrás da curandeira.

— Ah!, meus cordeirinhos, meus bons amigos!... Pensei que ia morrer de verdade... Há dois dias que não saio e que seguro as calças dia e noite... Parecia que estava com a pele furada.... como um coador... Escorria como do buraco de um passarinho... de segundo em segundo...

— Uma indigestão de carne?

— De carne, sim.

— Você matou sua novilha?

— Liquidada, a novilha... E não me adiantou de nada... Nagulnov tossiu, dardejou no velho um olhar de ódio e disse entre os dentes:

— Ah!, velho barbudo! Não era um pote que se deveria ter pôsto sôbre a sua barriga, e sim um caldeirão dos grandes... Para que êle te chupasse inteiro, com tripas e tudo! Quando o expulsarmos do colcós, aí sim, é que você terá diarréia de verdade! Por que abateu a novilha?

— Não sei o que me deu. Cedi aos pedidos da velha... E quando as mulheres se metem num assunto, está tudo acabado e bem acabado... Perdoem-me, sim? Camarada Davídov, somos companheiros, nós dois, não me expulse do colcós... Já fui bem castigado.

— Não se pode com êle! — Nagulnov teve um gesto de impaciência. — Vamos, Davídov. E você, sua peste, beba óleo de fuzil com sal que ficará bom.

Os lábios do velho Chukar, que estava encabulado, tiveram um estremecimento nervoso.

— Você agora está troçando de mim.

— Não, é verdade. No exército era assim que se tratava de cólicas.

— Não. Não sou de ferro. Então devo beber óleo de untar fuzil? Nunca. Prefiro estourar entre meus girassóis a engolir óleo.

No dia seguinte, o velho Chukar, que não tivera tempo de morrer, percorria a aldeia capengando, contando a todo o mundo que Davídov e Nagulnov tinham-lhe feito uma visita na véspera, para pedir-lhe a opinião sôbre os consertos das ferramentas para a semeadura, e sôbre outros assuntos do colcós. Terminando sua história, o velho fazia uma longa pausa, enrolava um cigarro e suspirava:

— Estava-me sentindo um pouco indisposto, e êles logo foram procurar-me. Quando não estou lá, os negócios não andam. Ofereceram-me remédios de tôda espécie. "Tratc de si, vovô, diziam êles, porque se você morrer — Deus nos livre! — o que será de nós?" E é verdade, estariam perdidos sem

mim. Assim que surge uma complicação, êles logo me chamam à célula: dou-lhes conselhos e tudo se arranja. Falo pouco, mas falo bem. O que eu digo, não se deixa de lado.

E procurando adivinhar a impressão produzida pela sua história, levantava para o interlocutor seus pequenos olhos risonhos e apagados.

A aldeia, que parecia ter-se acalmado, viveu novamente seus dias de efervescência... Já não se abatia o gado. Durante dois dias inteiros, cabras e ovelhas de raças diversas foram conduzidas aos estábulos coletivos. As galinhas eram levadas em sacos. Os berros dos animais e o cacarejo das aves pairavam sôbre Gremiatchi-Log, confundindo-se num só lamento.

O colcós já reunia cento e sessenta economias individuais. Haviam sido organizadas três brigadas. O conselho de administração encarregara Ostrovnov de distribuir pelos pobres que necessitavam de roupa e de calçado, os abrigos de pele, as botas e os demais vestuários confiscados aos culaques. Pela lista feita prèviamente, verificou-se não ser possível satisfazer a todos.

No terreiro de Borodin, onde Ostrovnov procedia à distribuição da roupa, o rumor das vozes perdurava até o crepúsculo.

Os contemplados descalçavam-se ali mesmo, na neve, perto de um telheiro, para experimentar as excelentes botas dos culaques, casacos, jaquetas, blusas e abrigos de pele. Os afortunados que recebiam calçado ou roupa da comissão, a crédito sôbre o produto de seu futuro trabalho, despiam-se no telheiro e, entre exclamações de alegria, os olhos brilhantes e o rosto iluminado por sorrisos trêmulos, ligeiramente esboçados, enrolavam apressadamente seus trajes cheios de remendos e vestiam os novos, que não lhes deixavam nenhuma parte do corpo à vista.

E as discussões, os conselhos e os xingamentos que precediam a escolha definitiva! Davídov determinou que fôssem entregues a Liubichkin uma jaqueta, uma calça e um par de

botas. Ostrovnov, com o cenho franzido, retirou de um baú um pacote de roupas e atirou-o aos pés de Liubichkin:

— Escolha à vontade.

Os bigodes do cossaco estremeceram, tremeram-lhe as mãos... Teve tanto trabalho para escolher a jaqueta, que suava como um condenado. Dava dentadas no tecido para comprovar-lhe a resistência, colocava-o contra a luz buscando vestígios de traça, ou o amarfanhava entre os dedos negros por uns bons dez minutos.

Em redor dêle vozes em côro se impacientam.

— Vamos, fique com essa mesma! Vai durar até para vestir seus filhos.

— Onde é que você tem os olhos? Não vê que êste pano foi virado pelo avêsso?

— Trapaceiro!

— Trapaceiro é você!

— Escolha, Pavlo!

— Não faça isso! Experimente outra coisa.

Liubichkin tem o rosto da côr de tijolo. Mastiga os bigodes negros, lança em tôrno olhares de fera acuada, estende a mão e apanha outra jaqueta. Escolhe uma. É perfeita de todos os pontos de vista! Veste-a: as mangas chegam-lhe até os cotovelos, as costuras do ombro quase rebentam. E Liubichkin, emocionado, sorrindo com decepção, continua a rebuscar o monte. Seus olhos fixam-se em tôda parte, como os de uma criança na feira ante a variedade de brinquedos. Tão infantil é o sorriso que ilumina suas feições, que se poderia acariciar-lhe paternalmente os cabelos, ao imenso cossaco Liubichkin.

Gastou metade do dia para fazer sua escolha. Pôs as botas e as calças, e, contendo um suspiro, disse ao sombrio Ostrovnov:

— Amanhã virei buscar o resto.

Saiu dali envergando calça nova e botas estupendas, sùbitamente rejuvenescido em dez anos. Seguiu de propósito pela rua principal, embora não fôsse êsse seu caminho. Parava amiúde nas esquinas para acender um cigarro ou dar um dedo de prosa. Levou cêrca de três horas para chegar a casa.

Antes de anoitecer tôda a aldeia já repetia: "Vestiram Liubichkin como se fôsse para o serviço militar. Passou o dia inteiro escolhendo roupas... Voltou para casa vestido de novo, com calças domingueiras. Caminhava como uma garça real, dando a impressão de pisar em nuvens..."

Deu trabalho separar a mulher de Uchakov de um baú. Vestiu uma saia de lã, pregueada, que pertencera à mulher de Borodin, calçou sapatos novos, cobriu os ombros com um xale florido... Só então foi notado que a mulher de Uchakov não era feia, e tinha um corpo bem feito.

E como não ia ficar a coitada boquiaberta ante aquêles bens colcosianos, logo ela que em tôda a sua dolorosa vida jamais comera uma boa iguaria, jamais vestira uma blusa nova? Como seus lábios, descorados pelas constantes privações, não haveriam de empalidecer no momento em que Ostrovnov sacava de um baú uma braçada de vestidos e mantilhas? Anualmente ela punha no mundo um filho que envolvia em cueiros velhos e em tiras de pele de carneiro. Perdidas a frescura, a saúde e a beleza que tinha antes, em razão da incessante lida, trazia o verão inteiro uma horrível saia usada e transparente como uma peneira. No inverno, quando lavava sua única camisa cheia de piolhos, ficava nua junto da lareira, rodeada dos pequenos, porque não tinha outra muda de roupa...

— Ei, minha gente!... Tenha paciência, talvez eu não fique ainda com esta saia. Em vez dela, seria melhor... Se eu encontrasse umas peças para as crianças... Para Micha... ou para Dúnia... — murmurava com voz extática, grudada à tampa do baú. os olhos presos à pilha multicor dos vestidos.

Davídov, que casualmente presenciava a cena, sentiu o coração confranger-se-lhe no peito... Abrindo caminho a cotoveladas, chegou até o baú.

— Quantos filhos tem, cidadã?

— Sete — murmurou a mulher de Uchakov sem se atrever a levantar os olhos, prêsa de doce esperança.

— Você tem aí roupas de criança? — perguntou Davídov em voz baixa a Ostrovnov.

— Tenho.

— Dê a essa mulher tudo o que ela pedir para os filhos.

— É muita coisa!

— E daí?

Davídov gesticulou encolerizado, e Ostrovnov inclinou-se imediatamente sôbre o baú.

Atrás de sua mulher, Uchakov, habitualmente tagarela e desbocado, umedecia os lábios secos com a língua, contendo a respiração. Ouvindo as últimas palavras de Davídov, levantou o olhar para êle... seus olhos vesgos encheram-se de lágrimas, como o sumo de uma fruta madura. Precipitou-se para a saída, abrindo caminho com a mão esquerda, enquanto tapava os olhos com a direita. Transposta a sebe de um salto, Uchakov se afastou envergonhado, escondendo-se para que não vissem suas lágrimas, que sob a mão espalmada continuavam a escorrer-lhe pelo rosto uma após outra, claras e reluzentes como gotas de orvalho.

O velho Chukar apareceu de tarde, entrando como um pé-de-vento no local destinado à direção do colcós. Quase sem tomar fôlego, dirigiu-se a Davídov:

— Salve, camarada Davídov! Folgo em ver você tão bem disposto.

— Salve.

— Vim lhe pedir uma autorização.

— Que autorização?

— Para que me forneçam roupa.

— E por que hão de fornecer-lhe roupa?

Nagulnov, sentado perto de Davídov, levantou as sobrancelhas em arco.

— Talvez por ter degolado a novilha?

— Águas passadas não movem moinho, Nagulnov, você bem sabe. Além disso, quem levou os golpes quando desapossaram Borodin?... Eu e o camarada Davídov. Acertaram a cabeça dêle de raspão, uma miséria de nada. E a mim? Aquêle cachorro reduziu meu abrigo de peles a frangalhos, não se lembram?... Só me restaram umas tiras, que estou usando para enrolar os pés. Vocês vêem por aí o quanto eu sofri pelos sovietes, e no entanto não querem me dar nada... Desgraça por desgraça, eu teria preferido que Borodin me partisse a cabeça em pedacinhos, mas que deixasse inteiro o meu abrigo de peles. A verdade é que aquela pele

era de minha mulher!... Nem queiram saber como a velha me atormenta por causa dela! Não é à-toa que vocês estão calados... Que poderiam responder?

— Se você não tivesse corrido, sua pele agora estaria inteira.

— Como assim? Então você não viu, Nagulnov, o que fêz aquela desgraçada bruxa do Borodin? Açulou o cão contra mim: "Avance nêle, Serco, gritava ela, ataque para morder! Êle é o pior de todos." Está aí o camarada Davídov que pode dizer se isso é verdade ou não.

— Apesar de velho, você mente como um charlatão.

— Camarada Davídov, diga se não é verdade.

— Homem, digo-lhe francamente que não me lembro...

— Pois é verdade, juro por Deus. Naturalmente que senti mêdo e desandei a correr. Se ao menos fôsse um mastim como os outros... Mas qual... pior que um tigre, é o que lhes digo.

— Ninguém açulou o cão contra você, é pura invenção.

— Vamos, Makaruchka, faça um esfôrço de memória. Você mesmo tinha tremedeira, tanto que mudou de cara. Como é que você vai-se lembrar!... Naquele momento cheguei a pensar: "Nagulnov vai desandar a fugir." Que o maldito animal me arrastou pelo terreiro, disso eu me lembro perfeitamente... Se não fôsse aquêle cachorro, Deus é testemunha de que Borodin não teria escapado com vida de minhas mãos. Quando me queimo sou terrível.

Nagulnov fêz uma careta, como se os dentes lhe doessem, e disse a Davídov:

— Dê-lhe logo um cartão para ver se êle nos deixa em paz.

Mas daquela vez o velho Chukar sentia-se mais do que nunca disposto a conversar.

— Eu, nos meus bons tempos, teria derrubado todos êles a sopapos...

— Mas que matraca!... Chega, você já falou bastante! Se quiser, poderemos dar-lhe um cartão para um pote de vinte litros. Só assim você poderá curar a barriga!

Profundamente ofendido, o velho Chukar apanhou o cartão em silêncio e saiu sem se despedir. Mas o esplêndido

abrigo de peles que recebeu das mãos de Ostrovnov deixou-o novamente de excelente humor. Seus olhos se entrecerravam de satisfação. Com dois dedos em pinça, como se estivesse beliscando sal, segurava a aba de sua nova peliça e levantava-a como uma mulher o faz com a saia para atravessar uma poça d'água; estalava a língua e pavoneava-se na frente dos cossacos.

— Vejam a pele que ganhei! E muito bem merecida! Todo o mundo sabe: quando desapossamos Borodin, êle se lançou sôbre o camarada Davídov com uma barra de ferro nas mãos. "Vão liquidar o meu amigo" — pensei eu... E de um salto fui em socorro dêle, como um herói, e dominei o outro. Se não fôsse por mim, Davídov a estas horas não existia.

— Pois o que dizem é que você caiu quando ia fugindo de um cachorro, e que levou dentadas na orelha como um leitão — intercalou um dos circunstantes.

— Conversa fiada! Há gente capaz de mentir sem mexer sequer com as sobrancelhas. Afinal, o que é um mastim? Um animal estúpido e vil. Não entende coisa nenhuma.

E o velho Chukar desviava hàbilmente a conversa para outros assuntos.

20

É noite...

Ao norte de Gremiatchi-Log, bem ao longe, atrás dos cumes e dobras das escuras colinas da estepe, mais além dos barrancos e dos vales, além ainda da imensidão dos bosques, encontra-se a capital da União Soviética. Há sôbre ela uma inundação de luzes elétricas. Seu palpitante resplendor azul, que parece o reflexo de um imenso e silencioso incêndio, flutua sôbre as casas altas, eclipsando a claridade inútil da Lua e das estrêlas da meia-noite.

Separada de Gremiatchi-Log por mil e quinhentos quilômetros, Moscou, prêsa à pedra, continua a viver à noite; as locomotivas lançam silvos longos e penetrantes, as buzinas

dos automóveis evocam o som de uma gigantesca sanfona, os bondes passam com estrépido de ferro, rangendo e trepidando.

Atrás do mausoléu de Lênin, além da muralha do Krêmlin, a bandeira vermelha, sacudida pelo vento frio, tremula no céu. Iluminada pela branca incandescência da luz elétrica que se eleva até ela, a bandeira arde e revoluteia, vermelha como sangue derramado. O vento impetuoso muda de direção. Durante um momento o pesado tecido pende imóvel do mastro, para em seguida voltar a estender-se, flutuando ora para o oriente, ora para o ocidente, num apêlo à rebelião e à luta...

Há dois anos, Maidannikov, tendo ido a Moscou assistir a um congresso dos sovietes de tôda a Rússia, visitou de noite a Praça Vermelha. Quando viu o mausoléu e a bandeira escarlate resplendendo vitoriosamente no céu, tirou prontamente seu gorro de antigo soldado da cavalaria vermelha. Descoberto e com seu grosseiro capote desabotoado, permanecera longo tempo imóvel...

Dá-se o contrário em Gremiatchi-Log: um profundo silêncio paira sôbre a noite. Brilham ao redor as alturas desertas, que a neve recobre de uma brancura de penas de cisne.

Os vales, as dobras do terreno, os campos de espinheiros, estão submersos numa sombra azul escura. A Ursa Maior quase toca o horizonte. A antena do T. S. F., nas proximidades do Soviete rural, parece um círio negro, que se eleva no firmamento sombrio, esmagador, inacessível. A água de uma fonte goteja com um sussurro feiticeiro, correndo para o rio. Tombam na corrente os astros que deixaram de brilhar no mundo.

Apure o ouvido, amigo, no pretenso silêncio da noite, e ouça a lebre roer um ramo com seus dentes amarelos de seiva. Uma gôta de resina brilha dèbilmente no tronco de uma cerejeira. Arranque-a e observe-a: a bolinha de resina, como uma ameixa madura e intacta, está coberta de uma leve camada de bruma cinzenta. De vez em quando um pedaço de gêlo cai de uma ramagem, e a noite envolve em quietude a sua queda cristalina. Os botões das cerejeiras, cobertos de minúsculos cristais de gêlo que as crianças chamam de "lágrima de cuco", estão imóveis, como mortos...

Reina absoluto silêncio...

Sòmente quando amanhece, e chega do norte, sob uma nuvem, o vento de Moscou, ferindo a neve com suas asas frias, soam em Gremiatchi-Log as vozes matinais da vida: os ramos dos álamos começam prontamente a farfalhar. As perdizes que hibernam nos arredores e à noite vêm comer nas eiras, chilreiam chamando-se mùtuamente. Quando fôr dia voarão para as sarças e as arenosas escarpas dos barrancos, deixando junto aos celeiros de farelo, sôbre a neve, as impressões de suas patas, constelações de pequenas cruzes e fiapos de palha. Os novilhos mugem chamando suas mães; os galos coletivizados começam furiosamente a se alvoroçar. Sente-se no ar o cheiro do estêrco queimado, cheiro acre e leve que se espalha por tôda a aldeia...

Enquanto a noite ainda envolve Gramiatchi, Maidannikov é, sem dúvida, o único homem que não dorme. Tem a bôca amarga de fumo, a cabeça pesa-lhe como se fôsse de chumbo. Sente náuseas...

Meia-noite. Maidannikov sonha com o esplendor triunfante das luzes de Moscou. Vê o tremular ameaçador e enfurecido da bandeira vermelha desfraldada sôbre o Krêmlin, sôbre um mundo imenso onde gemem, fora das fronteiras da União Soviética, milhões de trabalhadores como êle. Maidannikov se recorda do que lhe dissera certa vez sua defunta mãe, para secar-lhe as lágrimas de menino...

— Não chore, Kondrat. Não irrite Deus, meu filho. Já são muitos os pobres da terra que choram todos os dias e se queixam a Deus de suas misérias e dos ricos que tudo lhes tomaram. Mas é por vontade de Deus que os pobres sofrem. E êle acabará aborrecendo-se com os pobres famintos que não param de chorar. Recolherá então tôdas as suas lágrimas e fará com elas uma névoa espêssa e a soltará sôbre o mar azul e no céu, para que ninguém o veja. E os navios se perderão sôbre as águas, irão de encontro às pedras ruins que existem debaixo do mar e naufragarão. Ou então o Senhor transformará as lágrimas em orvalho, e o orvalho salgado cairá numa noite sôbre todos os trigais da terra, os nossos e os dos países distantes. As lágrimas amargas queimarão as espigas nascentes, e a fome assolará o mundo... Por

aí você vê que os pobres não devem queixar-se nunca, para não atrair a desgraça... Compreendeu, benzinho?

E concluiu com voz severa:

— Reze, Kondrat, reze. Sua oração chegará mais depressa a Deus.

E o menino interrogava sua devota mãe:

— E nós, mãezinha, somos pobres? Papai é pobre?

— É, sim, meu filho.

Kondrat caía de joelhos diante do icone do velho rito, rezava e esfregava os olhos até que ficassem bem secos, para que aquêle Deus resmungão não lhe visse as lágrimas infantis...

Maidannikov está deitado e faz desfilar na memória tôdas as passagens de sua vida, como se examinasse as malhas de uma rêde. Cossaco do Don por parte de seu pai, está agora convertido num colcosiano. Tem refletido muito durante as noites, longas e numerosas como os caminhos da estepe. Seu pai, durante o serviço militar, açoitava e acutilava, como todos os membros de sua centúria, os tecelões grevistas de Ivânov-Vosnesensk, defendendo os interêsses dos fabricantes. Morreu-lhe o pai, êle cresceu e, em 1920, acutilava os brancos da Polônia e os homens de Wrangel, para defender seu próprio poder, o Poder dos sovietes, o poder daqueles mesmos tecelões de Ivânov-Vosnesensk, contra a invasão dos fabricantes e de seus mercenários.

E faz muito tempo que Maidannikov deixou de crer em Deus; crê no Partido Comunista, que conduz os trabalhadores do mundo inteiro no caminho da liberdade, para um porvir azul. Entregou aos estábulos do colcós todos os animais que possuía, tôdas as suas aves, até a última pena. Acha que sòmente a quem trabalha assiste o direito de comer o pão e pisar a relva. Ligou-se resolutamente e para sempre ao Poder soviético. E no entanto, à noite, não consegue dormir... É que ainda lhe dá pena ter renunciado voluntàriamente ao gado... Esta mágoa, que se lhe enrosca no coração como uma víbora, gela-o de tristeza e de desgôsto...

Antes passava o dia inteiro ocupado: pela manhã tinha que dar de comer e de beber aos bois, à vaca, às ovelhas, ao cavalo; ao meio-dia, ia buscar o feno e a palha no celeiro,

com cuidado para não perder um só fiapo; à tarde, tinha de pôr tudo em ordem novamente. Mesmo de noite visitava várias vêzes os estábulos para um rápido olhar aos animais, para recolher o feno caído a seus pés, e colocá-lo outra vez na manjedoura. Nessa lida o coração do dono pulsava de satisfação. E agora o estábulo de Maidannikov está vazio, morto. Não há animais para cuidar. As baias estão vazias, as portas gradeadas permanecem abertas. Não se ouve um cacarejo durante tôda a noite, já nenhum sinal anuncia a aurora...

O desgôsto só se dissipa quando Maidannikov está de guarda nas estrebarias do colcós. Durante o dia qualquer pretexto serve para sair de casa e não ver o quintal deserto, para não ver os olhos dolorosos e fundos de sua mulher, que agora dorme a seu lado, respirando tranqüilamente. Sua filha, a pequena Cristina, deitada na estufa, agita-se, mexe os lábios, murmura palavras confusas: "Devagar, paizinho... devagar, mais devagar..." Sem dúvida está sonhando, sonhos puros e ingênuos de criança. Sua vida é fácil, sua respiração sossegada. Uma caixa de fósforos vazia é o bastante para que se divirta. Fará com ela um trenó para sua minúscula boneca de pano. O trenó a entreterá até a noite, e o dia seguinte lhe porá nos lábios o sorriso de um novo brinquedo.

Maidannikov rumina suas próprias meditações, e nelas enredado debate-se como um peixe nas malhas da rêde.

"Quando me deixará esta maldita mágoa?... Por que me persegue?... Quando vejo os cavalos dos outros na estrebaria, nada sinto... Mas quando chego ao meu, quando distingo sua garupa estriada de negro, sua orelha esquerda marcada, sinto tamanha emoção, que nesse momento lhe quero mais que à minha mulher. E sinto logo um comichão, uma vontade de dar-lhe do melhor e do mais fino feno. E aos outros acontece o mesmo: cada qual se interessa por seu cavalo, sem se preocupar com os demais. Entretanto, já não há o seu nem o meu, porque tudo é nosso... Mas... Kujenkov estava de guarda ontem... e não se deu o incômodo de levar os cavalos ao bebedouro. Mandou um rapaz em seu lugar. Êste saltou sôbre um dos animais e conduziu os outros em tropel até o rio. Trouxe-os logo de volta da mesma forma, sem verificar se

todos haviam bebido. E vai a gente se queixar para ver o escândalo que fazem... "É isso, você quer ter mais que os outros." A gente só dá valor ao que adquiriu com muito trabalho, essa a causa de tudo. Os que nadavam na fortuna até o pescoço, êsses com certeza não sentem tanto... Tenho que contar amanhã a Davídov como Kujenkov dá de beber aos cavalos. Se é assim que tratam dêles, quando chegar a primavera não poderão puxar nem um ancinho. A primeira coisa que farei amanhã é ir ver como tratam das galinhas; dizem as comadres que já liquidaram sete. Uma lástima. Sendo assim, de que adiantou recolher as aves? Deviam ao menos deixar um galo em cada casa para servir de relógio. Não há mercadorias na cooperativa, e Cristina com os pés descalços... Dá vontade de chorar, afinal ela precisa de sapatos! Mas não me atrevo a pedir nada a Davídov... Não, é melhor que ela passe êste inverno na estufa, quando chegar o verão já não sentirá falta de sapatos...

Maidannikov pensa nas privações do país, que está realizando seu plano qüinqüenal. Aperta os punhos sob o grosso pano que lhe serve de cobertor e exorta os trabalhadores do Ocidente que ainda não estão com os comunistas:

"Vocês nos venderam pelo salário maior que lhes pagam os seus patrões! Venderam-nos, falsos irmãos, para levar uma vida cômoda... Como é possível que não tenham ainda um Poder soviético? Como se explica o atraso de vocês, hein? Se vocês levassem uma vida de cachorro já teriam feito sua revolução, mas até agora só nos têm feito mal. Vocês apenas arranham o inimigo, não dão impulso à luta e não estão coesos. São vacilantes... Mas em breve vocês passarão dificuldade, e aí hão de gritar. Será que vocês não vêem, através da fronteira, o trabalho que nos dá organizar nossa vida? As privações que sofremos, quase descalços, seminus, rilhando os dentes e, apesar de tudo, trabalhando? É uma vergonha que vocês esperem primeiro que tudo se acomode para virem então tomar lugar à mesa! Se eu pudesse levantar um mastro bastante alto para que o vissem em tôda parte, eu treparia nêle e lhes gritaria o que vocês merecem..."

Maidannikov adormece. O cigarro cai-lhe dos lábios e faz um grande buraco negro na camisa, a única que tinha. A

dor da queimadura o desperta. Levanta-se, praguejando em voz baixa. Tateando, procura no escuro uma agulha para dar uns pontos na camisa, senão Ana não cessará de resmungar por causa do maldito furo... Mas a agulha não aparece, e Maidannikov adormece novamente.

Ao amanhecer vai ao estábulo para fazer suas necessidades... De repente chega-lhe aos ouvidos um clamor estranho: os galos coletivizados, que passam a noite sob o mesmo teto, cantam lá dentro em uníssono. As diversas vozes formam um côro impressionante. Assombrado, Maidannikov abre os olhos e escuta, minutos seguidos, aquela atoarda incessante, e quando o último galo silencia, sorri com o rosto inchado pelo sono: "Que gritaria fazem êsses endiabrados!... Uma verdadeira música de instrumentos de sôpro. Está bem arranjado o vizinho: já não há sono nem tranqüilidade que valha: antes só se ouvia um galo aqui e outro acolá, em todos os cantos da aldeia... Sem pé, nem cabeça! Ah, é a vida!..." E Maidannikov entra em casa, disposto a continuar o sono interrompido.

* * *

Pela manhã, depois do almôço, foi dar uma volta no aviário.

— Que veio fazer aqui tão cedo? — perguntou-lhe com voz colérica o velho Akim Baskhlebnov.

— Vim ver você, e também as galinhas. Como vão as coisas, avô?

— Ai, nem me fale!... Isto não é vida... Não sei o que vai ser de mim...

— Por quê?

— Êste galinheiro me arrasa.

— Vamos, explique-se...

— Se você passar algum tempo aqui, verá o que é bom... Estes galos do diabo brigam todo o santo dia, já não tenho mais fôlego de tanto correr atrás dêles. E até as galinhas! São fêmeas, não são? pois agarram-se pelo topête e armam uma verdadeira batalha. Ouça, homem, um serviço dêsses foi feito para o diabo... Hoje mesmo vou pedir a Davídov que me mande para outro lugar, prefiro trabalhar nas colmeias.

— As aves acabarão por se habituar.

— Sim, mas até lá o velho Akim é capaz de estourar. De mais a mais, isso é ofício para um homem? Hein? Afinal de contas sou um cossaco, que diabo!... Fiz a campanha da Turquia. E agora o que acontece? Eis-me aqui feito comandante-geral das galinhas! Estou aqui apenas há dois dias, e a meninada já não me deixa em paz. Quando volto para casa, os pequenos plantam-se no meu caminho e começam a berrar: "Tio Papa-Galinhas, tio Papa-Galinhas!" Eu, que antes era respeitado por todo o mundo, terei de acabar meus dias com o apelido de Papa-Galinhas. Nunca, não me conformo!

— Não faça caso, avô Akim. O senhor sabe como são as crianças...

— Ainda se fôssem só as crianças! Mas até as mulheres ja começam a me azucrinar. Ontem, ao meio-dia, quando eu ia para casa almoçar, vejo Nastenka Donetzkov, que tirava água do poço. "Vai indo bem com as galinhas?" — pergunta-me ela. "Sim, vou indo" — digo-lhe eu. "Algumas já estão pondo?" — continua ela. "Algumas estão, comadre, mas não muitas." E de repente aquela vaca prorrompe em gargalhadas. "Cuidado, — me diz ela — faça por ter uma cesta cheia de ovos antes que os trabalhos do campo comecem, porque senão você vai ser obrigado a cobrir as galinhas." Já passei da idade de ouvir gracejos dessa espécie. Não, êsse emprêgo é mesmo humilhante.

O velho ia acrescentar algo quando, debaixo do telheiro dois galos se empenharam num furioso combate; da crista de um brotou um jôrro de sangue e do pescoço do outro voou um punhado de penas... O velho Akim, munido de um porrete, correu para separar os contendores.

Apesar da hora matinal, as dependências do colcós estavam repletas de gente. No pátio um trenó de cavalos esperava Davídov, que estava de partida para o setor. O cavalo de Lapchinov, já encilhado, escarvava a neve com os cascos. A seu lado, Liubichkìn apertava-lhe a cilha. Também êle ia a Tubiansk para entender-se com o colcós dali sôbre a questão da máquina selecionadora.

Maidannikov entrou na primeira sala. O contador, recém-chegado da *stanitsa*, folheava os livros colocados sôbre a mesa.

Sentado à sua frente, Ostrovnov, mais descarnado e sombrio ùltimamente, escrevia. Alguns colcosianos, encarregados do transporte do feno, aguardavam de pé. O bexigoso Dubtsov, chefe da terceira brigada, e Menok, discutiam num canto com o único ferreiro da aldeia, Ipolit Chaly. No quarto contíguo ouvia-se a voz forte e alegre de André.

Acabava de chegar e, entre risos, fazia seu relatório a Davídov.

— Quatro velhotas apareceram esta manhã lá em casa, bem cedinho. Uliana, a mãe de Ignatenok, vinha à frente do rebanho. Você a conhece? Não? É uma boa mulher. Deve pesar seus cento e vinte quilos e tem uma verruga no nariz. Pois bem, elas chegam, a Uliana entra furiosa, parecia uma tempestade prestes a desabar. Se você visse como lhe dançava a verruga no nariz! Foi entrando e logo gritando: Seu isso, seu aquilo! E justamente naquele instante eu tinha visita lá no Soviete, mas a mulher, sem se importar, não parava de insultar-me. Então, como é natural, eu disse a ela em tom severo: "Cale já essa bôca, senão eu mando prendê-la por desacato à autoridade. Vamos, — perguntei-lhe — que motivos tem para rugir dessa maneira?" E ela: "Quer dizer então que chegou a hora das velhas, não é? Como se atrevem a abusar da nossa velhice?" Só a muito custo me inteirei do que se passava. Corriam rumôres, segundo elas me disseram, de que tôdas as velhas de mais de sessenta anos, incapazes de trabalhar, seriam encarregadas pela administração do colcós, na primavera... — De tanto rir, André tinha as bochechas infladas — ... Devido à falta de chocadeiras, as velhas seriam encarregadas de chocar os ovos. Era isto que as havia deixado fora de si. Tia Uliana gritava como se as estivessem torturando: "Essa é boa... Fazerem com que me sente sôbre ovos! Eu? Ainda não nasceram as galinhas que ponham ovos para eu chocar!... Eu antes moeria vocês a pancadas, e depois me afogaria no rio!" Não creia que foi fácil chamar as velhas à razão. "Calma, calma, Uliana, — digo-lhe eu. — Além do mais, nosso rio não tem água que dê para você se afogar. Tudo isso são patranhas dos culaques." Eis aí o que acontece. O inimigo lança mão de todos os recursos para impedir nossa marcha. Procurei saber de onde partiam semelhantes invencionices, e

apurei que uma freira chegada anteontem de Voiskovói, espalhara a história... Passou a noite em casa de Borstchev. Com certeza disse que as galinhas foram recolhidas para serem enviadas à cidade, onde serviriam para fazer uma sopa com talharim; e também que iam fabricar para as velhas, cadeiras especiais, com palha e tudo, e elas seriam obrigadas a chocar os ovos. As que protestassem seriam amarradas à cadeira.

— E onde anda agora essa freira? — perguntou vivamente Nagulnov, que escutava o relato.

— Já partiu. Foi sabida: deu o golpe, e até logo...

— Essas biscas, é preciso prendê-las e mandá-las para... vocês já sabem para onde. Se lhe ponho as mãos, levanto-lhe a saia até a cabeça e dou-lhe uma surra!... Também você, que é presidente do Soviete, deixa que qualquer um passe a noite na aldeia. Muito bonito!

— Que diabo, não posso vigiar todo mundo!

Sentado diante da mesa, Davídov, com um abrigo de pele atirado sôbre o capote, examinava pela última vez o plano dos trabalhos da primavera aprovado pela assembléia do colcós. Sem levantar a cabeça, disse:

— A calúnia é um dos estratagemas mais velhos do inimigo. O parasito procura envenenar tudo o que construímos. E nós, às vêzes, o ajudamos, como no caso das aves.

— Como? — disse Nagulnov, dilatando as asas do nariz.

— Coletivizando as aves.

— Não é verdade!

— Sim, é verdade! Não devíamos desperdiçar nossos esforços. As sementes não estão ainda preparadas, não é mesmo? E já nos ocupamos com a coletivização das aves! Que asneira!... Mordo-me de raiva!... Que irão dizer-me no setor quando souberem que o fundo das sementes não está ainda preparado?... A coisa é bem desagradável.

— Mas diga-me, por que não se deve socializar as aves? Se foi a assembléia que decidiu...

Davídov fêz um trejeito.

— Ora, a assembléia! Será que você não compreende que a questão das aves não tem importância? Temos que resolver o principal: reforçar o colcós, elevar as adesões a cem por cento, enfim, fazer a semeadura. Escute o que lhe proponho,

Nagulnov. Politicamente, cometemos um equívoco nessa maldita questão das aves, não resta dúvida. Ontem à noite li muita coisa sôbre a coletivização dos colcoses, e compreendi onde está o êrro: nós formamos um colcós, quer dizer, um artel... Não obstante, orientamo-nos para a comuna. Isto é, incorremos precisamente num desvio de esquerda. Você tem que refletir sôbre isto. Em seu lugar, já que foi você quem nos fêz tomar essa decisão, eu reconheceria meu êrro francamente, com coragem bolchevique, e daria ordens para devolver a seus donos as galinhas e tôdas as outras aves. Que lhe parece? E se você não concordar, eu mesmo assumirei essa responsabilidade quando estiver de volta. E agora vou chegando. Até à vista.

Pôs o gorro na cabeça, levantou a alta gola de pele de seu abrigo que pertencera a um culaque e cheirava a naftalina, e disse fechando sua pasta:

— E agora são as freiras que andam passeando por aí e inventando histórias para lançar as mulheres contra nós! A obra do colcós é nova e terrìvelmente necessária. Todo mundo deve ingressar nêle. Tanto os velhos como os jovens. A mulher também, está claro, tem seu papel no colcós.

Dito isto, saiu dando grandes passadas.

— Vamos, Nagulnov, urge devolver as galinhas a seus respectivos galinheiros. Davídov tinha razão no que disse.

À espera de uma resposta, André fitou longamente Nagulnov, que, sentado no parapeito da janela, com o abrigo de pele desabotoado, movia os lábios em silêncio, girando o gorro na mão. Passaram-se três minutos. Nagulnov levantou sùbitamente a cabeça, e os olhos de André esbarraram em seu olhar franco.

— Sim, fizemos uma burrada. É verdade. Êsse velhaco de Davídov, com sua bôca desdentada, tem razão de sobra...

Nagulnov sorriu um tanto confuso.

Davídov instalava-se no trenó. Em pé, junto dêle, Maidannikov exaltava-se gesticulando e agitando muito os braços. Já impaciente, o cocheiro segurava as rédeas e levantava o rêlho. Davídov escutava mordendo os lábios.

— Tenha calma... — André ouviu-o dizer ao descer os degraus da entrada. — Somos nós quem mandamos. Isto se

ajeitará. Vamos estabelecer um sistema de multas, os chefes de brigada terão de vigiar bem, com responsabilidade pessoal. Não se preocupe... Bem, até à vista.

O chicote estalou sôbre os cavalos, e o trenó imprimiu na neve um duplo sulco curvo e azulado, desaparecendo pelo arco da estrada.

No aviário da comunidade pululavam centenas de galinhas de tôdas as côres. O velho Akim, com uma vara na mão, percorre o aviário. Uma suave aragem agita sua barbicha grisalha e seca o suor que lhe umedece a fronte. O Papa-Galinhas empurra os bichos com seus pés calçados em fêltro. Leva ao ombro um saco contendo milho até a metade, e o vai espalhando numa estreita faixa desde o alpendre até o celeiro. As galinhas, zaranzando em tôrno de seus pés, lançam sem cessar seus impacientes e apressados cacarejos.

Na eira, alvos bandos de patos agitam-se como ondas de espuma, batendo as asas num alvorôço de estrídulos, grasnidos e guinchos estridentes. Um grupo compacto de pessoas se comprime nas proximidades do telheiro. Vêem-se apenas costas e fundilhos. As cabeças agachadas desapareceram. Todo mundo olha para baixo, cravando os olhos do centro do terreno.

André aproxima-se, procurando ver, por cima das cabeças, o que se passa por ali. Os espectadores, ofegantes, falam em voz baixa.

— O vermelho vai ganhar.

— Uma ova! Olhe, já está de crista caída.

— Acabe com êle!

— Está abrindo o bico, não agüenta mais...

— Não empurre o bicho, não empurre! — ouve-se dizer o velho Chukar. — Não vê que êle se levanta sòzinho! Não o empurre, imbecil, não está ouvindo?... Daqui a pouco quem vai empurrar você sou eu!...

Dois galos, com as asas abertas, dão voltas em círculo. Um é vermelho como brasa, o outro, prêto como um corvo. Suas cristas dilaceradas estão enegrecidas com o sangue que secou. No chão esvoaçam penas negras e ruivas. Fatigados, os combatentes se separam, simulam catar grãos, escarvam a neve amolecida, mas continuam a se fitar. Sua suposta indiferença

é breve: sùbitamente o negro se desprende do solo, eleva-se como um tição aceso. O vermelho imita-o, e os dois chocam-se no ar, duas vêzes...

O velho Chukar assiste à briga, esquecido de tudo. Tôda a sua atenção está fixa no galo vermelho. O vermelho tem que vencer. O velho Chukar apostou nêle com Demid. Uma mão arranca-o sùbitamente de seu embevecimento. Segura-o sem nenhuma delicadeza pelo pescoço, e o seu rosto se contrai numa fúria insana, tal como a do galo que vai lançar-se sôbre o adversário. Mas instantâneamente essa expressão se modifica, porque aquela mão é a de Nagulnov. Com o cenho carregado, Nagulnov dispersa os espectadores, separa os galos, e diz com ar sombrio:

— Vamos acabar com as rinhas de galos... Fora daqui! Ao trabalho, vagabundos! Se não têm nada que fazer, toquem a preparar o feno na estrebaria. Levem estêrco para as hortas. Dois de vocês devem ir de casa em casa dizer às mulheres que venham buscar suas galinhas.

— Como! Então vai ser dissolvido o colcós de galinhas? — perguntou um fanático das rinhas de galos. É Bannik, um dos camponeses independentes, que traz na cabeça um boné de pele de rapôsa.

— Pelo que vejo, as aves de capoeira ainda não são bastante conscientes para o colcós! Mas no socialismo, os galos vão brigar ou não?

Nagulnov empalidece e olha de alto a baixo o tagarela com um gesto de ameaça.

— Brinque se quiser, mas sem abusar, ouviu? Os melhores filhos da humanidade morreram pelo socialismo, e você, seu sem-vergonha, põe-se aí a gracejar! Fora daqui imediatamente, contra-revolucionário... Vamos, senão lhe parto os ossos. Suma-se logo, víbora, antes que eu o faça em picadinho. Porque eu também sei gracejar!

Nagulnov se afastou dos cossacos que se mantêm em silêncio, dá uma última olhada no cercado cheio de aves, e dirige-se lentamente, com os ombros caídos, para a porta da cêrca, abafando um doloroso suspiro.

21

No comitê de setor a fumaça subia em espirais azuladas. Ouvia-se o batido da máquina de escrever; o braseiro holandês exalava calor.

A junta deveria reunir-se às duas horas da tarde. O secretário do setor, barbeado, banhado em suor, com o colarinho desabotoado, estava ocupadíssimo. Depois de indicar uma cadeira a Davídov, coçou o pescoço branco e roliço e disse:

— Não tenho muito tempo disponível, tome nota. Como vão as coisas por lá? Qual é a percentagem da coletivização? Chegará a cem? Seja breve.

— As coisas vão indo. Mas não se trata de percentagem. Trata-se da situação interna. Que fazer? Trago um programa dos trabalhos para a primavera... Quer passar uma vista?

— Não, não! — disse o secretário assustado.

Seus olhos inchados semicerraram-se num gesto de mal-estar. Com um pequeno lenço enxugou o suor da fronte.

— Vá mostrar isso a Lupetov, que está na *União Agrícola* do setor. Êle o examinará e dará a sanção. Eu não tenho tempo. Chegou um camarada do comitê do distrito. Vamos ter agora mesmo uma reunião da junta. Mas, diga-me, por que diabo me mandou você os seus culaques? Você tem cada uma! Deixei bem claro em tôdas as minhas cartas: "Não se apresse neste caso, pois ainda não temos instruções precisas." Em vez de perseguir os culaques, tomando suas propriedades antes da criação do colcós, você teria feito melhor completando a coletivização integral. E, quanto ao fundo das sementes, o que se passa? Já lhe demos instruções a respeito, e não compreendo porque você ainda nada fêz para executá-las. Serei obrigado, na sessão de hoje, a tratar da sua atitude e da de Nagulnov. Insistirei para que isso conste nos seus assentamentos. É escandaloso! Tome cuidado, Davídov! A não execução das instruções do comitê de setor poderia ter para você conseqüências muito desagradáveis. Depois do último comunicado, quanto já reuniu você de sementes? Vou ver...

O secretário tirou de sua gaveta uma fôlha dividida em colunas, percorreu-a, cerrando os olhos e ficou vermelho:

— Naturalmente! Nem um pude a mais! E por quê é que você não diz nada?

— Você não me deixa falar! É verdade, ainda não nos ocupamos do fundo das sementes. Hoje mesmo, logo que voltar, vamos começar. Até agora, temos tido reuniões diárias, organizamos o colcós, o conselho de administração, a brigada: acho que não é pouco. Há muito que fazer, e o que você quer é impossível. Um passe de mágica e, pronto, está o colcós formado, os culaques suprimidos e o fundo das sementes reunido. Faremos tudo isso. Não se apresse em sujar nossos assentamentos... Você terá muito tempo.

— Como não insistir, se o distrito e a região insistem, não me dando tempo nem para respirar? O fundo deveria estar criado em primeiro de fevereiro...

— O nosso estará criado no dia 15 de fevereiro, sem falta. Em todo caso, não se vai semear em fevereiro. Mandei hoje um membro da direção a Tubiansk, para que lhe dêem uma máquina de triagem. Mas o presidente daquele colcós, Gnedikh está opondo dificuldades. Escrevemos-lhe perguntando quando sua máquina estará livre, e êle nos respondeu rabiscando na margem: "No futuro." Deve ser algum engraçadinho.

Não precisa falar-me de Gnedikh, fale-me antes do seu colcós.

— Fizemos uma campanha contra a destruição do gado. Acabou-se, já não se mata mais os animais. Há pouco tomamos a decisão de socializar as aves e o gado pequeno, com receio de que fôssem exterminados... Mas hoje recomendei a Nagulnov que devolva as aves...

— Por quê?

— Porque me parece que seria um êrro socializar o gado pequeno e as aves. O colcós não precisa disso no momento.

— Mas a assembléia geral não tinha tomado uma decisão nesse sentido?

— Sim.

— E então?

— Não há galinheiros, e os membros do colcós estão perdendo o entusiasmo, essa é a verdade... Não valia a pena

irritá-los com bobagens... A socialização das aves não é obrigatória, pois formamos um colcós e não uma comuna.

— Bonita teoria! Você tem alguma razão para devolver as aves? Naturalmente, você nunca deveria tê-las tomado. Mas desde que o fêz, não vale a pena recuar. O que vocês fazem é andar vacilando em círculos, sem sair do mesmo lugar. É preciso trabalhar com afinco. O fundo das sementes não foi criado, a coletivização em cem por cento não foi alcançada, o material agrícola não foi consertado...

— Já entramos em entendimento com o ferreiro, hoje mesmo.

— É o que eu digo, falta-lhes rapidez... Vamos enviar-lhes uma coluna de agitadores. Êles lhes ensinarão a trabalhar.

— Muito bem! Formidável.

— Vocês só se apressam quando não é preciso... Quer fumar? — o secretário estendeu a sua cigarreira. — De repente, sem nenhum aviso prévio, eis que chegam os carros cheios de culaques. Zakharenko me telefonou da GPU: "Onde colocá-los? Não temos instruções do distrito. Seria preciso trens para isso. Para onde enviá-los e como?" Veja o que você foi arranjar. E isso sem consultar ninguém...

— E o que é que eu devia fazer?

Davídov se aborrecia. Esquentado, falava mais depressa e ceceava um pouco, pois sua língua tropeçava na falha do dente, tornando suas palavras menos claras.

Agora, falava alto, apaixonadamente, e sua voz de tenor enrouquecida ceceava ligeiramente.

— O que é que eu devia fazer? carregá-los ao colo? Êles assassinaram Khoprov e sua mulher...

— O inquérito nada provou — interrompeu o secretário.

— Poderia haver outros motivos.

— Com efeito, o inquérito nada provou, porque o juiz de investigações não era lá essas coisas. Quanto a falar de outros motivos, isso é bobagem. O crime foi cometido pelos culaques, disso não há dúvida alguma. Fizeram todo o possível para impedir a organização do colcós, provocaram agitação contra nós, e então nós os mandamos para o inferno. Não

compreendo porque você só fala nisso. Pelo que vejo, você não está muito satisfeito...

— Não me venha com tolices! Cuidado, veja como fala. Sou contra as iniciativas, quando o plano, a ação dirigida é substituída por ações de guerrilhas. Você agiu assim para ser o primeiro a expulsar os culaques de sua aldeia, e agindo assim você nos colocou numa situação delicada. E além disso, por que êsse espírito regionalista? Por que mandou os carros só até o limite da região? Por que não à estação, ao distrito?

— Precisávamos dos carros.

— É o que eu digo, espírito regionalista! Bem, chega. Agora, escute o que você deve fazer nos próximos dias: reunir integralmente o fundo das sementes, consertar o material para a semeadura, elevar a cem por cento a coletivização. O seu colcós será independente. Territorialmente, está afastado de outros locais habitados e, infelizmente, não fará parte do *Gigante*. No distrito — que o diabo os carregue — êles embrulham tudo: ora querem o *Gigante*, ora querem descentralizar! É de enlouquecer qualquer um!

O secretário segurou a cabeça com as mãos, calou-se por um instante. Depois, mudando de tom:

— Bem, vá entender-se com a *União Agrícola* do setor a respeito do seu plano. Volte para jantar no refeitório. Se a comida tiver acabado, passe lá por casa, que minha mulher lhe arranjará alguma coisa para comer. Espere, vou-lhe dar um bilhete.

Ràpidamente, rabiscou qualquer coisa numa fôlha de papel e entregou-a a Davídov; depois, já com o nariz sôbre os seus papéis, estendeu a mão fria e úmida.

— Vá agora mesmo. Até logo. Mas previno-o de que falarei de vocês na secretaria. Ou melhor, não, não falarei. Mas faça um esfôrço, que diabo! Senão, cuidado com as sanções.

Davídov saiu e, desdobrando o bilhete, recorberto de grandes letras a lápis azul, leu:

> **Lisa, ordeno-lhe categòricamente que dê de jantar imediatamente ao portador dêste.**
>
> **P. Kortchzinski.**

"Ah, não. Prefiro ficar sem jantar a me utilizar de tal ordem" — pensou Davídov desanimado e sentindo um vácuo no estômago.

Dirigiu-se para a *União Agrícola* do setor.

22

Naquele ano, o plano estabelecia para Gremiatchi-Log quatrocentos e setenta e dois hectares de aradura, dos quais cento e dez de terras virgens. Durante o outono, haviam sido lavrados sob o regime individual, seiscentos e quarenta e três hectares, tendo sido semeados duzentos e dez hectares de trigo de inverno. A totalidade da superfície cultivada deveria abranger cereais e plantas oleaginosas da seguinte maneira: trigo candial, seiscentos e sessenta e sete hectares; centeio, duzentos e dez; cevada, cento e oito; aveia, cinqüenta; milho miúdo, sessenta e cinco; milho, cento e sessenta e sete; girassol, quarenta e cinco; cânhamo, treze. Total: mil e trezentos e vinte e cinco hectares, mais noventa e um hectares de terras arenosas que se estendiam ao sul da aldeia até o barranco de Ujatchi e estavam reservadas para os melões e pepinos.

Na grande conferência sôbre produção, realizada a 12 de fevereiro, e que reuniu mais de quarenta pessoas do quadro ativo do colcós, falou-se em criar o fundo das sementes, em fixar normas de rendimento para os trabalhos do campo, no consêrto do material para a semeadura, e em reservar uma parte do estoque de forragem para o período de trabalho da primavera.

Aconselhado por Ostrovnov, Davídov propôs fôssem semeados, em cifras redondas, sete pudes de trigo candial por hectare, ou seja, um total de quatro mil seiscentos e sessenta e nove pudes. Essa proposta provocou um clamor ensurdecedor. Cada um gritava, sem prestar atenção ao vizinho, e o barulho era tal que fazia tremer as vidraças da velha casa de Borodin.

— Ah!, não, isso é demais!

— Nunca semeamos assim em terras cinzentas.

— É fazer troça dos outros.

— Cinco pudes por hectare, e olhe lá!

— Digamos, cinco e meio.

— A terra boa daria sete pudes por hectare, mas temos muito pouco dessa terra.

— Cidadãos! Vejamos, cidadãos! Por todos os demônios! Estão danados, êsses filhos de cães. Deixem-me falar — gritava Liubichkin, o chefe da segunda brigada.

— Faça o que quiser, estamos de acôrdo.

— Que gente danada! São uns brutos. Ignat, por que está a mugir como um touro? Você está roxo de tanto gritar.

— E você? A baba chega a escorrer da sua bôca como de um cão raivoso.

— Deixem Liubichkin falar.

— Não é possível, já não se entende nada.

A conferência estourava de clamores frenéticos. Finalmente, quando os mais agitados ficaram roucos, Davídov gritou com uma ferocidade que lhe era pouco habitual:

— Que maneira de realizar uma conferência! Para que serve todo êsse barulho? Cada um deve falar por sua vez, os outros que se calem. Não há razão para se conduzirem como bandidos. É preciso ter consciência.

E um pouco mais baixo:

— Aprendam com a classe operária a realizar conferências com espírito de organização. Vejam, por exemplo, quando há uma reunião no clube ou na oficina, tudo corre às mil maravilhas. Um camarada fala e os outros escutam. Vocês gritam todos ao mesmo tempo. Não há quem se entenda!

Liubichkin levantou-se, com uma enorme tranca de carvalho na mão, e disse:

— Dou com isso na cabeça de quem abrir o bico enquanto outro fala. Palavra de honra! Estendo-o no chão.

Uchakov emitiu uma suposição:

— Até o fim da sessão você nos terá abatido a todos.

Os assistentes riram, fumaram um pouco, e depois se puseram a estudar as normas da semeadura. Não havia necessidade de discussão nem de gritos... A coisa era clara.

Ostrovnov, tomando a palavra em primeiro lugar, solucionou tôdas as desinteligências:

— Não valia a pena ficar rouco... Por que o camarada Davídov propôs sete pudes? É muito simples, e estamos todos de acôrdo. Vamos molhar as sementes e passá-las pela máquina de triagem? Evidentemente que sim. Teremos refugo. Certamente. Talvez até demais, porque existem lavradores pouco cuidadosos que não separam as sementes. Elas estão misturadas com o trigo de consumo e serão passadas pela peneira tanto quanto possível. Suponhamos que haja refugo; êle não será jogado fora — dá-lo-emos ao gado e às aves.

A cifra de sete pudes foi aceita. A situação tornou-se mais difícil quando se pretendeu fixar as normas de rendimento por arado. Houve uma tal mistura de opiniões que Davídov quase perdeu a cabeça.

— Como é que você vai fixar de antemão o rendimento de um arado, se não sabemos ainda como vai ser a primavera? — gritava para Davídov o chefe da terceira brigada, Dubtsov, um grandalhão de cara bexigosa. Você sabe como será o degêlo? Sabe se a terra ficará sêca ou úmida? Ah!, você enxerga debaixo da terra, talvez.

— Está bem, o que é que você propõe, Dubtsov? — interrogou Davídov.

— Proponho que não se desperdice papel e que nada se fixe de antemão. A semeadura virá e veremos.

— Como! Você, um chefe de brigada, fala contra o plano, como um inconsciente? Segundo você, não precisamos de plano?

Contra qualquer expectativa, Ostrovnov apoiou Davídov:

— Não podemos dizer de antemão o que acontecerá! E depois, como estabelecer a norma? Você, por exemplo, atrela ao seu arado três juntas de bois vigorosos enquanto eu só disponho de bois tenros. Posso fazer tanto quanto você? Certamente que não!

Depois foi a vez de Maidannikov:

— Estamos admirados de ouvir tais palavras da parte do nosso administrador Ostrovnov. Como trabalhar sem programa? Ao acaso? Ficarei todo o dia a manejar o arado enquanto você se estende ao sol, e receberemos a mesma coisa? Não, você está louco, Ostrovnov.

— Não estou não, Maidannikov, graças a Deus. Mas como igualar a fôrça dos bois e a qualidade da terra? Sua

terra é mole, a minha é dura, a sua está em baixo, a minha está nas alturas. Explique-nos isso, você que é tão esperto.

— Haverá uma tarefa para a terra mole e outra para a terra dura. A fôrça dos bois pode ser igualada no atrelar. Pode-se levar tudo em conta, diga você o que disser.

— Uchakov quer dizer uma palavra.

— Fale.

— Irmãos, eis o que direi. Para o gado magro, acho que se deveria começar por dar-lhe rações aumentadas de feno, milho e cevada, antes da semeadura. Agora, a grande questão é saber como estamos em forragens... A estocagem nos levou todo o grão.

— Falaremos mais tarde do gado. No momento, você está-se afastando do assunto. É preciso solucionar o problema das normas de aradura: quantos hectares para a terra dura, quantos por arado, quantos para a semeadeira?

— As semeadeiras também não são iguais. A semeadeira de onze fileiras não pode lutar contra a semeadeira de dezessete fileiras.

— Está certo. Qual é a sua sugestão? E você, cidadão, por que não diz nada? Você faz parte do quadro ativo e ainda não ouvi a sua voz.

Demid lançou um olhar espantado a Davídov e disse numa voz de baixo profundo:

— Estou de acôrdo.

— Sôbre o quê?

— É preciso arar e semear...

— E depois?

— É só.

— Só? Então acabou-se a conversa.

Davídov sorriu e disse ainda alguma coisa que os risos abafaram. Em vez de Demid, foi o velho Chukar quem explicou.

— Camarada Davídov, chamam-no na aldeia de Demid, o Silencioso, pois êle passa a vida calado. Só fala em último caso. Até sua mulher o abandonou por causa disso. A não ser isso, êsse cossaco não é um imbecil... É uma espécie de débil mental, ou para ser mais polido, tem uma telha de menos... é, como se diria, um tanto maluco. Ainda me

lembro dêle quando criança, um pequeno magricela que nem calça tinha... Nenhuma habilidade... Ei-lo agora crescido e continua a não dizer nada. No regime antigo, o pope de Tubiansk até lhe recusava a comunhão por causa disso. Um dia, quando confessava, êle cobriu-lhe a cabeça com um lenço prêto e perguntou-lhe (era na quaresma, na terceira semana, creio eu): "Roubas, meu filho?" e o outro se cala. "Tens algum vício?" E êle sempre calado. "Fumas? Prevaricas com as mulheres?" E êle continua calado. Só precisaria responder, o imbecil: "Estou arrependido, meu pai", e todos os seus pecados lhe seriam perdoados...

Atrás de Chukar, uma voz diz por entre os risos:

— Cale a bôca!

— Já vou acabar! Êle só fazia resfolegar, com os olhos redondos como os de um carneiro diante de uma porta nova. O pope se atrapalha, sente mêdo e sua estola estremece sôbre o pescoço. Êle lhe pergunta então: "Talvez desejaste a mulher do próximo, ou o burro do vizinho, ou outro animal?" e um bocado de outras tolices de acôrdo com as Escrituras... Demid não dizia uma palavra. E o que poderia dizer? Mesmo que êle desejasse a mulher do próximo, nenhuma haveria de querer nada com êle. A última das últimas não o aceitaria.

— Acabe, vovô, o que você está dizendo nada tem a ver com a questão — disse severamente Davídov.

— Já chego lá num instante. Ainda um segundo... Ah! diabo. Agora você cortou o fio da história... Ora vejamos... Eu dizia... Diabo de memória!

O velho Chukar deu uma palmada sôbre a sua careca luzidia e, como se o mecanismo tivesse desemperrado, continuou:

— Eu dizia pois... quanto à mulher do próximo, para Demid, seria impossível. E que necessidade tinha êle de desejar o burro ou outros animais sagrados? Bem, isso poderia acontecer-lhe, pois êle não tinha cavalo, mas não existem burros na região que êle nunca tinha visto um só que seja. Eu lhes pergunto, caros cidadãos, onde se encontraria um burro? Nunca existiu êsse bicho por aqui. O tigre, o burro são como o camelo...

— Chega, ou você se cala ou o ponho pela porta a fora — interrompeu-o Nagulnov.

— Meu pequeno Makar, no Primeiro de Maio, na Escola, você nos falou sôbre a revolução mundial, desde o meio-dia até à noite. Foi uma cacetada, sem dúvida! Histórias repisadas. Mas eu, de mansinho, me deitei enroscado no meu banco, tirei um cochilo e não o interrompi... E eis que você me interrompe...

— Deixe o velho acabar... Temos tempo! — disse André que apreciava as pilhérias e as histórias engraçadas...

Tendo-lhe sido concedidos mais dois minutos, o velho Chukar concluiu, engolindo as palavras:

— Talvez fôsse essa a razão pela qual êle nada respondia... Ninguém nunca soube ao certo... O pope estava admirado. Enfiou a cabeça debaixo do lenço e perguntou a Demid: "Você não é mudo, pois não?" — "Não, disse o outro, mas o senhor está me amolando." E o pope se zanga, e fica com o rosto verde... Depois começa a resmungar baixinho para que as velhas que lhe estão próximas não o ouçam: "Então, pedaço de idiota, por que te calas, por todos os demônios?" E pumba!, dá-lhe com um candelabro entre os dois olhos.

Uma onda de risos cobriu a ameaçadora voz de baixo de Demid:

— Não é verdade! Êle não me bateu!

— Não bateu? — disse Chukar muito espantado. — Ora, isso não tem importância... Mas bem que êle teve vontade... E foi por isso que o pope lhe recusou a comunhão. Pois bem, cidadãos, Demid se cala, e nós o imitaremos... Não é da nossa conta. Uma boa palavra como a minha é prata, não digo que não, mas o silêncio é de ouro.

— Você faria melhor trocando tôda a sua prata por ouro, os outros ficariam mais tranqüilos... — aconselhou Nagulnov.

Por alguns momentos, o riso crepitou como madeira sêca, depois se extinguiu. A história do velho Chukar quase dissipou as preocupações. Davídov, disfarçando seu sorriso, perguntou:

— O que é que você queria dizer sôbre a norma de trabalho? Diga logo.

— Eu?

Chukar enxugou o suor da fronte, e seus olhos piscaram:

— Eu não queria dizer nada sôbre isso... Simplesmente quis expor o caso de Demid... A norma nada tem a ver com isso...

— Retiro-lhe a palavra até o fim da sessão. Primeiro os casos sérios, a brincadeira fica para depois.

— Um hectare diário por arado — propôs um dos delegados agrícolas, o colcosiano Ivã Batalstchikov.

Dubtsov, indignado, gritou:

— Você está louco! Vá contar os seus sonhos à sua mulher! Você nunca poderá fazer um hectare num dia. Ficará arrebentado, mas não o fará.

— Como não, nos meus tempos arei um hectare por dia. Talvez um pouco menos...

— Claro, muito menos.

— Meio hectare por arado em terra dura.

Depois de longos debates, a tarefa cotidiana foi fixada da seguinte maneira: sessenta áreas de terra dura e setenta e cinco de terra mole. Para a semeadura, três hectares e um quarto por semeadeira de onze fileiras, quatro hectares por semeadeira de dezessete fileiras.

Possuindo a aldeia cento e oitenta e quatro bois e setenta e três cavalos, o programa para a semeadura não exigia um esfôrço excessivo. Assim o declarou Ostrovnov:

— Com boa vontade, logo teremos acabado. Isso dá um total de quatro hectares e meio por junta em tôda a estação. A tarefa é fácil, não se pode negar.

— Em Tubiansk — disse Liubichkin, — são oito hectares por junta.

— Se querem suar sangue, isso é lá com êles.

Tomou-se a decisão de reunir o fundo das sementes em três dias. O ferreiro Chaly fêz uma declaração pouco animadora... Falava em voz alta, por ser um tanto surdo, e não parava de revirar nas mãos deformadas pelo trabalho o seu gorro ensebado e prêto como fuligem. O grande auditório o intimidava:

— Tudo pode ser consertado quando se quer... Não vou fraquejar... Mas não temos ferro. É preciso arranjá-lo logo. Não tenho nem um pedaço de ferro para as rêlhas do arado. Como querem que eu trabalhe? Começarei a trabalhar nas semeadeiras amanhã, mas preciso de um ajudante. Também preciso de carvão. E, depois, quanto me pagará o colcós?

Davídov explicou-lhe a forma em que seria feito o seu pagamento, e encarregou Ostrovnov de ir sem falta, no dia seguinte, ao setor buscar carvão e ferro.

No que se refere à reserva de forragem, a questão foi logo resolvida. Depois disso Ostrovnov tomou a palavra:

— A primeira coisa que temos a resolver, irmãos, é saber quando, onde e o que semear. Para dirigir o trabalho, devemos eleger um homem que saiba essas coisas. Antes do colcós, tínhamos cinco delegados agrícolas... Nada fizeram. Acho que o chefe deve ser escolhido entre os velhos cossacos que conhecem a terra. Êle nos será de grande utilidade enquanto não se começa a empregar os novos métodos de cultura... Devo acrescentar que quase tôda a aldeia já pertence ao colcós! Pouco a pouco, todos vão-se chegando. Permanecem apenas umas cinqüenta explorações independentes. Mas essas mesmas um belo dia acordarão coletivizadas... É o momento, digo, de semearmos segundo as regras da ciência. Dos duzentos hectares que temos reservados para as plantas de monda, ponhamos a metade em alqueive, à moda de Kerson. Nesta primavera, cultivaremos cento e dez hectares de terras virgens. Claro que não podemos esperar uma boa colheita, êste ano, portanto... Deixemo-las em alqueive à moda de Kerson.

— Não sabemos o que é isso.

— O que é um *kerson*?

— Explique-nos isso com fatos concretos — pediu Davídov, orgulhoso do saber e da experiência do "seu" administrador.

— Vou-lhe explicar o que é êsse alqueive. Também é chamado alqueive americano. É muito curioso e engenhoso. Por exemplo: você semeia, êste ano, milho ou girassol... E você o semeia em fileiras espaçadas com afastamentos duas vêzes maiores que de costume. Isso faz com que a colheita

seja duas vêzes menor que habitualmente. Você colhe as espigas do milho ou as cabeças do girassol, mas deixa as hastes... Chega o outono, e você semeia o trigo ao redor das hastes velhas.

— Mas como semear? A semeadeira quebraria as hastes — disse Maidannikov, todo ouvidos.

— Quebraria por quê? Como as fileiras são espaçadas, a máquina não tocará nos talos e passará entre as plantas. Mais tarde, as hastes reterão a neve; esta se derreterá pouco a pouco e a umidade será maior. Na primavera, quando medrar o trigo, arrancam-se as hastes e monda-se o terreno. É estupendo, não? Ainda não experimentei êsse sistema, mas tinha vontade de experimentá-lo êste ano. O cálculo está certo, não há êrro!

— Isto sim, eu compreendo! Voto a favor.

Davídov bateu com o pé em Nagulnov, por debaixo da mesa, e disse baixinho:

— Vê? E você que estava contra êle.

— Ainda estou.

— Por teimosia, sem dúvida. Você é cabeçudo como um asno.

A reunião aceitou a proposta de Ostrovnov. Em seguida, foram resolvidos, após deliberação, vários pequenos problemas. E foi encerrada a sessão.

Davídov e Nagulnov já estavam quase chegando ao Soviete rural, quando veio ao seu encontro um jovem vestido de casaco de couro, sob o qual se via o uniforme da Juventude Comunista. Segurando o seu gorro de quadrados, que o vento forte ameaçava levar, êle se aproximou ràpidamente.

— É alguém do setor — disse Nagulnov, com as pálpebras semicerradas.

Quando chegou perto, o rapaz tocou a borda do gorro, militarmente, e perguntou:

— Vocês são do Soviete?

— Com quem deseja falar?

— Com o secretário da célula do Partido ou o presidente do Soviete.

— Sou eu o secretário da célula, eis aqui o presidente do colcós.

— Otimo. Faço parte da coluna de agitadores. Acabamos de chegar, estamos esperando-os no Soviete.

O rapaz de rosto bronzeado e nariz arrebitado, tendo lançado um olhar furtivo a Davídov, sorriu com um gesto de interrogação.

— Você não é Davídov?

— Sim, sou eu.

— Bem me pareceu. Nós nos vimos, há duas semanas, no comitê do distrito. Eu trabalho lá, sou prensador na fábrica de óleos.

Neste momento, Davídov compreendeu porque o rapaz exalava em tôrno de si aquêle forte cheiro adocicado de girassol: seu casaco de couro estava impregnado daquele cheiro saboroso.

23

De pé, nos degraus do Soviete, estava um homem baixo, com um gorro de Kuban, em cuja copa se via um enfeite de galão branco em forma de cruz. Vestia uma peliça preta ajustada na cintura. Seus largos ombros encobriam tôda a porta. Plantado ali, sôbre suas fortes pernas afastadas, largo e vigoroso, parecia um olmo da estepe. Suas botas de cano alto e enrugado, com os saltos gastos, pareciam soldadas ao chão de madeira, que cedia sob o pêso daquele corpo de urso.

— É o chefe de nossa coluna de agitadores, o camarada Kondratko — disse o garôto que ia ao lado de Davídov.

Vendo que êste sorria, acrescentou em voz baixa:

— Entre nós, para rir, nós o chamamos de Papai Kvadrat (*). Êle é torneiro na fábrica de locomotivas de Lugansk. Um velho quanto à idade, mas um sujeito formidável.

Nesse momento, Kondratko, ouvindo vozes, virou para Davídov um rosto vermelho. Sob seus bigodes caídos, um sorriso fêz brilhar seus dentes resplandescentes de alvura.

— Então vocês representam o Poder soviético? Salve, irmãos!

(*) **Trocadilho — Kvadrat**, em russo, significa quadrado. (N. do T.)

— Bom dia, camarada! Sou o presidente do colcós, e eis aqui o secretário da célula comunista.

— Ah, entremos. Os meus homens estão esperando já há algum tempo... Já que sou o chefe desta coluna de agitadores, vou conversar um pouco com vocês. Chamo-me Kondratko, e se os meus garotos lhes disserem que meu nome é Kvadrat, peço-lhe que não lhes dêem fé. São uns malandros que gostam de pilheriar e que não respeitam nada.

Falava com voz de trovão tentando passar pela porta de banda.

Ossip Kondratko tinha trabalhado no sul da Rússia durante mais de vinte anos. Primeiro em Taganrog, depois em Rostov do Don, em Mariupol e finalmente em Lugansk, de onde havia partido para se alistar na guarda vermelha e para sustentar em seus largos ombros o jovem Poder soviético.

A convivência com os russos, durante anos, havia modificado a pureza de sua fala ucraniana, mas seu aspecto e seus bigodes caídos à Shevchenko revelavam o homem da Ucrânia. Marchando sôbre Tsaritsin, em 1918, havia atravessado com os mineiros do Donetz e com Vorochílov as aldeias cossacas onde ardia a insurreição contra-revolucionária... Mais tarde, quando numa conversa se evocavam os anos passados da guerra civil, cujo eco persiste, vivaz no coração e no espírito de seus participantes, Kondratko dizia com orgulho: "Nosso Klement (*) é de Lugansk... Certamente! Em outros tempos fomos muito amigos... Acho que ainda nos encontraremos de novo. Êle se lembraria logo de mim. Em Tsaritsin, quando nos batíamos contra os brancos, êle costumava dizer-me em tom de brincadeira: 'que tal, Kondratko, como vai a vida? Continuas vivo, velho lôbo?' Claro que continuo vivo, Klement Ojrimich... Não tenho tempo para morrer agora. Vou morrer agora, quando estamos lutando contra os brancos? Contra a contra-revolução? E lutando como uns demônios?" Ah, se êle me visse agora, não deixaria de me dar ânimo, terminava Kondratko com segurança.

Ao terminar a guerra civil, Kondratko voltou para Lugansk, servindo primeiro nos órgãos da Tcheka no transporte, tendo sido enviado depois para trabalhar no Partido e de

---

(*) Klement Vorochilov.

novo para a fábrica. Dali, mobilizado pelo P. C., foi enviado para ajudar a coletivização nos campos.

Nesses últimos anos, Kondratko tinha-se tornado enorme. Que largura de ombros! Seus companheiros não teriam reconhecido nêle o Ossip Kondratko que, em 1918, durante um ataque a Tsaritsin havia partido a sabre quatro cossacos e o centurião de Kuban Malimaga, que havia recebido das mãos de Wrangel, como prêmio de suas "façanhas", um sabre de prata incrustado de ouro, Kondratko, que havia engordado, começava a envelhecer. Pequenas veias azuis e roxas sulcavam-lhe o rosto. Assim como a fadiga e a corrida cobrem o cavalo de espuma cinzenta, do mesmo modo, com o passar dos anos, a neve branqueara a cabeça de Kondratko. A cinza pérfida se misturara até mesmo aos seus bigodes caídos. Mas a fôrça e a vontade não abandonavam Kondratko. Quanto à sua gordura exagerada, que aumentava dia a dia, isso não tinha importância.

"Tarás Bulba (*) ainda era mais gordo que eu... E bateu-se êle mal contra os poloneses? Se a guerra recomeçar, eu saberei ainda partir um oficial em dois com um golpe de sabre. Meus cinqüenta anos? Ora!... O que é isso? Meu pai viveu cem anos sob o poder do tzar, eu viverei bem uns cento e cinqüenta sob o querido poder que é nosso." Eis aí como êle falava aos que lhe lembravam a sua idade e obesidade.

Kondratko foi o primeiro a entrar na sala do Soviete.

— Um pouco de silêncio, meus garotos. Eis aqui o presidente do colcós, e o secretário da célula. Escutemos um pouco o que se passa neste rincão, e então saberemos o que nos cumpre fazer. Vamos, sentem-se.

Uns quinze homens da coluna de agitadores sentaram-se conversando. Dois dêles saíram, com certeza para tratar dos cavalos. Encarando os desconhecidos, Davídov reconheceu entre êles três funcionários do setor: o agrônomo, o professor da escola secundária e o médico. Os outros agitadores vinham do distrito. Vários, a julgar pelas aparências, vinham das fábricas.

(*) Tarás Bulba — personagem legendário da história da Ucrânia, retratado por Gógol em uma novela à qual empresta o nome. (N. do T.)

Enquanto todos se instalavam, arrastando cadeiras e pigarreando, Kondratko murmurou para Davídov:

— Mande dar comida aos nossos cavalos, sim? — Seus olhos piscaram maliciosamente. — Talvez você lhes dê aveia.

— Não temos mais aveia, apenas o necessário para a semeadura — respondeu Davídov.

Imediatamente, sentiu um frio interior, um mal-estar, uma espécie de animosidade contra si mesmo...

Ainda lhe restavam mais de cem pudes de aveia. No entanto êle recusara porque essa reserva estava sendo guardada como a menina dos olhos, para o início dos trabalhos da primavera. Ostrovnov quase chorava quando dava aos cavalos (do conselho de administração e sòmente para os trabalhos difíceis ou muito longos) uma ração do precioso grão.

"Eis bem aí o espírito de proprietário! Está-me dominando como aos outros. Inferno! E se eu lhe desse a aveia? Não, eu já recusei, agora pareceria esquisito."

— Talvez você tenha cevada.

— Também não.

Com efeito, não havia cevada. O rosto de Davídov enrubesceu sob o olhar risonho e perspicaz de Kondratko.

— Não, é verdade, não temos mais.

— Ah! Você seria um patrão estupendo... talvez até mesmo um culaque — dizia Kondratko, em voz baixa, rindo entre os dentes.

Mas, vendo que Davídov franzia as sobrancelhas, enlaçou-o amigàvelmente, levantando-o dc chão:

— Vamos, vamos, foi uma brincadeira. Guarde o grão para os seus animais! Vamos, rapazes, mãos à obra. Quero um silêncio de morte, ouviram?

Depois, virando-se para Davídov e Nagulnov:

— Vimos para sua região para dar-lhes uma ajuda... Já lhes disseram, espero. Então, digam-me como está a situação.

Depois de uma detalhada exposição de Davídov sôbre a coletivização e a criação do fundo das sementes, Kondratko disse:

— Não há trabalho para todos nós aqui.

Pigarreando, tirou de seu bôlso um caderno e um mapa de estado-maior sôbre o qual passou seu grosso dedo:

— Iremos então a Tubiansk... Essa aldeia não fica longe daqui, estou vendo... Bem. Deixaremos com vocês uma brigada de quatro homens, para ajudá-los um pouco. Agora, para conseguir o fundo das sementes quanto antes, eis o que eu aconselharia: comecem por uma reunião. Expliquem ao povo o porquê dessa medida e só depois comecem a trabalhar.

Falava devagar e minuciosamente.

Davídov o escutava com prazer. Ainda que o sentido de certas expressões ucranianas lhe escapassem, percebia claramente, no conjunto, que Kondratko expunha com perfeição o plano de campanha para a reunião do fundo das sementes. Kondratko indicava, sem pressa, a conduta a ser observada ante os camponeses independentes e os elementos prósperos da aldeia, caso êles resolvessem dificultar as coisas. Expôs os métodos mais eficazes, resultado de experiência da coluna de agitadores em outros sovietes rurais. Falou sem violência, sem parecer querer ensinar a ninguém, pedindo a opinião ora de Davídov, ora de Nagulnov, ou de André:

— Eis como se deve agir. Que é que vocês dizem, rapazes, de Gremiatchi? Está bem? É o que eu pensava.

E Davídov, pousando um olhar risonho sôbre o rosto vermelho, riscado de pequenas veias, do torneiro Kondratko, vendo o brilho malicioso de seus olhos profundamente enterrados nas órbitas, pensava: "Como êsse diabo é inteligente! Êle não quer desanimar a nossa iniciativa, então finge dar apenas sua opinião. Mas se tentássemos atacar o seu programa, que é bom — diga-se de passagem, — êle nos levaria a compartilhar de seu ponto de vista, tenho certeza. Já vi muita gente assim, palavra de honra.

Um novo pequeno incidente teve como conseqüência reforçar sua simpatia por Kondratko. Êste, antes de partir, chamou à parte o chefe da brigada que ia deixar em Gremiatchi com mais três camaradas, e entabulou uma breve conversa:

— Para que serve êsse revólver que você leva com o cabo de fora? Tire isso de uma vez!

— Mas, camarada Kondratko, os culaques... a luta de classes...

— Que história é essa? Os culaques... E daí? Você vem fazer agitação não é? Então, se você tem mêdo dos culaques guarde o seu revólver, mas eu o proíbo de andar com isso por cima da blusa. Espertalhões! E tem um revólver, vejam só, e ei-lo, orgulhoso como uma criança, afivelando-o no cinto. Guarde isso no bôlso, e que os agentes dos culaques não me venham dizer: "Vejam, minha boa gente, como êles vêm fazer agitação... Armados de revólver!"

E acabou por entre dentes:

— Uma verdadeira cabeça sem miolo.

Subindo para o trenó, chamou Davídov e segurou-o por um botão de seu casaco:

— Os meus rapazes estão bem treinados .. Trabalham como uns danados. Façam o mesmo e que tudo acabe o mais depressa possível. Estarei em Tubiansk... Se houver alguma coisa, você apenas terá que me mandar um recado. Logo que chegar lá, acho que terei de fazer uma representação. Ah!, se você visse como eu lido com os culaques! Com a minha "complicação" tôda, eu represento ao natural... Mesmo assim, o que não faz na velhice o velho Kondratko! Quanto à aveia, não pense mais nisso. Não lhe guardo rancor...

Sorria, os largos ombros apoiados no encôsto do trenó.

— Que cabeça! Que ombros! E que pernas! — troçava André. — Parece um trator. Atrelado a um arado, êle substituiria três juntas de bois. Há, no entanto, uma coisa que não compreendo: de que material são feitos os homens dêste porte. O que acha, Nagulnov?

— Você está agora como o velho Chukar: fala demais — respondeu o outro mal-humorado.

24

O capitão Polovtsev, que continuava na casa de Ostrovnov, preparava-se ativamente para o levante a ser deflagrado na primavera. Permanecia em vigília até o cantar do galo, em seu pequeno quarto, escrevendo, desenhando mapas a lápis-tinta, lendo. Ostrovnov encontrava-o, às vêzes, mergulhado

na leitura, com a enorme fronte inclinada sôbre a mesa, movendo os lábios em silêncio. Noutras ocasiões surpreendia-o absorto em profundas meditações.

Nesses instantes, os cotovelos sôbre a mesa, punha a cabeça entre as mãos, afundando os dedos nos cabelos de linho, escassos e demasiado longos. Semicerrava os olhos, e era preciso que o chamasse várias vêzes para fazê-lo levantar a cabeça. A cólera fulgia, então, em suas minúsculas pupilas, que a imobilidade tornava terríveis.

— Que deseja?

E sua voz de baixo soava como o ladrido de um cão. Ostrovnov, nesses momentos, temia-o mais ainda, sentindo porém, a contragosto, grande respeito por Polovtsev.

Entre as obrigações de Ostrovnov figurava a de prestar-lhe contas diàriamente do que se passava na aldeia, no colcós. Êle se desincumbia conscienciosamente da missão, mas de cada vez trazia novas preocupações a Polovtsev, tornando-lhe mais fundas as rugas transversais do rosto.

Depois da expulsão dos culaques de Gremiatchi, Polovtsev não podia fechar os olhos de noite. Suas passadas firmes, embora abafadas, faziam-se ouvir até o nascer do dia. Ostrovnov, aproximando-se a bico de pé da porta de seu quarto, ouviu-o murmurar num ranger de dentes: "— Cavam a terra sob os nossos pés! Privam-no de todo o apoio... Só a golpes de sabre! Temos de golpeá-los! Temos de liquidá-los a sabre sem piedade!"

Calava-se um momento, e punha-se novamente a andar com suas passadas de lã. Como era de seu costume, coçava o peito e murmurava surdamente: "— Só a golpes de sabre! É preciso abatê-los a sabre!" Depois, em tom mais brando, com surdos tremores na garganta: "— Deus misericordioso! Deus que tudo vê!... Ajudai-nos!... Deus justo!... Apoiai-me! Quando chegará a hora?... Apressai vosso castigo, Senhor!"

Já amanhecia quando Ostrovnov, inquieto, colou a orelha à porta do quarto: Polovtsev murmurava uma oração, ajoelhava-se gemendo, batia com a cabeça no chão. Finalmente, apagou a luz, deitou-se e, mergulhado em modorra, disse outra vez nìtidamente: "Aniquilar todos a sabre... até o último!"

Alguns dias depois, Ostrovnov ouviu, à noite, alguém chamando no postigo. Saiu até o saguão.

— Quem está aí?

— Abre, patrão.

— Quem é?

— Procuro Alexandre Anissimovitch — sussurrou alguém atrás da porta.

— Hein?... Não o conheço.

— Diz que é um recado mandado pelo negro.

Ostrovnov hesitou um instante, e por fim abriu a porta. "Suceda o que suceder" — pensou. Um homenzinho encapuchado entrou. Polovtsev fechou hermèticamente a porta, e conduziu-o ao interior da casa. E durante mais de hora e meia ouviu-se a conversa precipitada e abafada de duas vozes.

Enquanto isso, o filho de Ostrovnov dava feno ao cavalo do mensageiro, afrouxava-lhe a cilha e tirava-lhe o freio.

Os correios montados passaram, daí por diante, a chegar quase todos os dias, não mais à meia-noite, mas de madrugada, até às três ou quatro da manhã. Vinham, sem dúvida alguma, de pontos mais distantes que o primeiro.

Durante êsse tempo Ostrovnov levava uma vida dupla, uma vida singular.

Ia pela manhã à direção do colcós, falava com Davídov, com Nagulnov, com os carpinteiros, com os chefes de brigada. A organização dos estábulos para o gado, as reparações do material, monopolizavam todos os seus pensamentos. Temperamente ativo, Ostrovnov se encontrava, contràriamente ao que havia suposto, enfronhado no gênero de preocupações que o agradavam, com a única diferença de que, se agora corria pela aldeia, sempre atarefado, não era por seu interêsse pessoal, mas pelo colcós. Mas até isso o alegrava, pelo que o fazia olvidar seus negros pensamentos. O trabalho o atraía, sentia desejos de produzir. Projetos de tôda a espécie germinavam em sua cabeça. Aplicava agora tôda a sua energia em reformar as estrebarias, em construir uma cocheira central. Dirigia a transferência das granjas socializadas e administrava a nova granja coletiva.

À noite, quando diminuía a febre da jornada e chegava a hora de voltar para casa, só em pensar que Polovtsev estava

ali, em seu exiguo quarto, qual um abutre pousado sôbre um túmulo, sombrio e terrível em sua solidão, Ostrovnov sentia dores na bôca do estômago; seus movimentos tornavam-se mais lentos, uma fadiga indizível invadia-lhe o corpo... Voltava para casa, e, antes da ceia, ia ver Polovtsev.

— Fale — dizia-lhe êste, desejoso de escutá-lo e enrolando um cigarro.

Ostrovnov contava-lhe, então, como haviam marchado as atividades do colcós durante a jornada. Geralmente, Polovtsev escutava sem dizer palavra. Sòmente na ocasião em que Ostrovnov o pôs a par da distribuição das roupas e calçados confiscados aos culaques, não pôde conter-se. Louco de raiva, com os lábios espumantes, berrou:

— Na primavera torceremos o pescoço dos que se aproveitaram da distribuição. Tome nota dos nomes de todos êles... de tôda essa canalha, entende?

— Tenho a lista, Alexandre Anissimovitch.

— Está com ela aí?

— Estou.

— Quero vê-la.

Apoderou-se da lista e recopiou-a cuidadosamente, anotando com tôdas as letras os nomes e sobrenomes, assim como os objetos entregues. Ao lado do nome daqueles que tinham recebido roupa ou calçado, punha uma pequena cruz.

Depois de falar com Polovtsev, Ostrovnov jantava, mas antes de deitar-se ia vê-lo outra vez, e recebia instruções para o dia seguinte.

Por ordem de Polovtsev, a 8 de fevereiro, Ostrovnov determinou ao chefe da segunda brigada que reservasse quatro carros com homens a fim de transportar areia do rio para os estábulos. A ordem foi executada. Então, Ostrovnov mandou que limpassem o chão dos estábulos e espalhassem ali uma camada de areia.

Ao cair da tarde chegou Davídov.

— Que faz com essa areia? — perguntou a Demid, que fôra nomeado boiadeiro da segunda brigada.

— Forrando os estábulos.

— Para quê?

Silêncio.

— Pergunto para quê?

— Não sei.

— Quem mandou pôr areia ali?

— O administrador.

— Que disse êle, exatamente?

— Que é preciso zelar pela limpeza... Tem cada idéia êsse filho da puta.

— Êle tem mais é razão! De fato assim ficará mais limpo. Com êste estrume e esta pestilência os bois apanharão fàcilmente alguma enfermidade. Sim, é isso, devemos tê-los limpos como os veterinários mandam. E você faz mal em... mostrar-se descontente. Diga se não dá gôsto olhar o estábulo? Com a areia fica muito limpo, não? Que lhe parece?

Mas Davídov não conseguiu arrancar uma palavra de Demid, que rumou para o celeiro de farelo sem responder. Davídov, aprovando ìntimamente a iniciativa de seu administrador, saiu para jantar.

À noite, Liubichkin correu para vê-lo e perguntou-lhe furiosamente:

— Então, agora se faz cama de arcia para os bois?

— Pois é, de areia.

— Mas será que Ostrovnov enlouqueceu? Onde é que já se viu coisa igual! E você também, camarada Davídov! Aprovar tamanho disparate! Em que está pensando?

— Vamos, Liubichkin, acalme-se! É por razões de h'giene, e Ostrovnov tem razão. Mantendo-se os estábulos bem limpos, diminui-se o perigo de infecções... Assim não haverá epidemias...

— Isso lá é h'giene? Homem, um boi, principalmente com êsse frio, necessita do calor da palha!... E vocês lhe dão areia... É o cúmulo!

— Ora, ora, não me venha com protestos! Acabou-se o tempo de cuidar dos animais com métodos antiquados! Temos de dar uma base científica a cada coisa.

— Ah, uma base! Esta é boa!

Liubichkin bateu na coxa com seu gorro de pele negra, e saiu precipitadamente, mais vermelho que uma beterraba.

Na manhã seguinte vinte e três dos bois não puderam levantar-se do chão. A areia, endurecida pelo frio, não dei-

xara filtrar a urina dos animais, e êstes, descansando sôbre a umidade, haviam-se enregelado... Alguns se levantaram, deixando tiras de pele sôbre a areia; quatro dêles tinham a cauda partida. Os outros, transidos de frio, adoeceram.

Ostrovnov pusera demasiado zêlo na execução da ordem de Po'ovtsev. Estêve a ponto de perder o cargo de administrador.

— Dêsse modo você fará com que os bois se enregelem. E os imbecis acreditarão que é por limpeza. Mas cuidado com os cavalos, he'n!... Precisamos tê-los à mão em caso de necessidade — dissera-lhe Polovtsev na véspera.

E Ostrovnov havia obedecido.

Pela manhã Davídov chamou-o a sua casa, fechou a porta a chave e, sem levantar os olhos disse-lhe:

— Então, você...

— Foi um êrro, querido camarada Davídov! Realmente, eu... Meu Deus!... S'nto ganas de arrancar os cabelos...

— Você, seu miserável!

Davídov pôs-se lívido, e dardejou em Ostrovnov seus olhos úmidos de cólera:

— É assim que você nos sabota, não é?... Então não sabia que não se deve pôr areia nos estábulos? Que os bois podiam enregelar-se?

— Deus é testemunha de que eu não sabia!

— Cale-se!... Ninguém me convence de que um camponês experiente como você não soubesse disso.

Ostrovnov pôs-se a chorar. Assoando o nariz, balbuciava:

— Eu queria deixar tudo limpo... sem estêrco... Não podia prever o insucesso...

— Fora, Uchakov tomará seu lugar! Além disso, você será submetido a ju'gamento.

— Camarada Davídov...

— Dê o fora, já disse!

Quando Ostrovnov saiu, Davídov refletiu com mais calma sôbre o acontecido. Seria mesmo Ostrovnov capaz de uma sabotagem? Não, impossível. Na realidade Ostrovnov nunca fôra um culaque. Se às vêzes o chamavam assim, era simplesmente por animosidade pessoal. Um dia, pouco depois de sua nomeação para o pôsto de administrador, Liubichkin dei-

xara escapar esta frase: "Esse Ostrovnov é um antigo culaque". E Davídov só se tranqüilizara depois de ter esclarecido o assunto: realmente, muitos anos atrás, Ostrovnov vivera com desafôgo, mas depois, em conseqüência de colheitas desastrosas, fôra reduzido ao nível de um camponês médio.

Davídov meditou longamente no caso, e chegou à conclusão de que Ostrovnov não era culpado da desgraça dos bois, porquanto dera a ordem sòmente por motivos de limpeza... Talvez isso se devesse também à sua mania de introduzir inovações.

"Se fôsse um sabotador não trabalharia com tanto afinco. Demais, não haviam os bois dêle sofrido como os outros? — pensava Davídov. — Não, Ostrovnov é um colcosiano leal. O contratempo da areia só pode ter sido um lamentável equívoco."

Lembrou-se da solicitude e da inteligência com que Ostrovnov trabalhava no preparo dos estábulos para o inverno, como poupava o feno. Certo dia em que três cavalos do colcós adoeceram, permaneceu até o amanhecer ao lado dos animais, ministrando-lhes lavagens de óleo de cânhamo para lhes curar a cólica... Depois, foi o primeiro a propor a expulsão do colcós do responsável pela enfermidade dos cavalos, o zelador da estrebaria da primeira brigada, Kujenkov, que, conforme se apurou, durante uma semana inteira havia dado aos animais apenas palha de cevada.

Quanto aos cavalos, Davídov tinha verificado que Ostrovnov cuidava dêle mais do que ninguém. Entregue a estas reflexões, sentiu uma espécie de vergonha por sua injustificada explosão de cólera contra o administrador. Sim, fizera mal em tratar com aquela brutalidade um companheiro da direção do colcós, estimado por todos, e em acusá-lo de sabotagem. A imprudência era a sua única culpa.

— Que absurdo!

Davídov pigarreou com impaciência, revolveu os cabelos e saiu de casa.

Ostrovnov, com um molho de chaves na mão, falava com o guarda-livros. Seus lábios tremiam com a humilhação...

— Escute, Ostrovnov, — disse-lhe Davídov — não passe o cargo a ninguém... Continue trabalhando, mas se fizer

outra... Bem, você já sabe o que eu quero dizer... Chame agora o veterinário do setor e diga a todos os membros da brigada que os bois doentes estão dispensados do serviço.

A primeira tentativa de sabotagem no colcós terminou bem para Ostrovnov.

Polovtsev eximiu Ostrovnov provisòriamente de qualquer nova tarefa, pois tinha outras preocupações na cabeça. Durante a noite, como de costume, uma nova personagem aparecera em sua casa. Despachou o carro e entrou no pátio. Polovtsev levou-a imediatamente a seu aposento, e ordenou que ninguém entrasse ali. Conversavam até altas horas. Na manhã seguinte, Polovtsev, de excelente humor, chamou Ostrovnov:

— Meu caro Ostrovnov, apresento-lhe um membro de nossa liga, nosso irmão em armas, por assim dizer, o tenente Liatievski, Vatslav Avgustovitch. Recomendo-o a seus cuidados e à sua solicitude.

E apresentando Ostrovnov:

— É o dono da casa, um cossaco da velha guarda. Atualmente exerce a função de administrador do colcós. É, portanto, um funcionário soviético...

O tenente levantou-se da cama e estendeu uma palma branca e larga a Ostrovnov. Aparentava uns trinta anos, e seu rosto era delgado e pálido. Os cabelos negros e ondulados, penteados para trás, caíam sôbre a gola abotoada de sua blusa de cetim negro. Sôbre seus lábios retos e sorridentes, encrespava-se um bigodinho ralo. Seu ôlho esquerdo, da côr de avelã, estava sempre semicerrado, evidentemente em conseqüência de alguma contusão; debaixo de seu ôlho a pele se vincava de rugas inertes, sêcas e sem vida, como uma fôlha de outono. Mas o ôlho estropiado, longe de discorde, parecia, ao contrário, acentuar a expressão animada e radiante do ex-tenente Liatievski. Tinha-se a impressão de que ia fazer um trejeito malicioso, que a pele se desprenderia para subir numa cintilação de vincos até a fronte, enquanto Liatievski irradiando alegria, soltaria uma gargalhada jovem e contagiante. Sua roupa, propositadamente folgada, sem impedir de maneira alguma seus gestos desenvoltos, não chegavam a ocultar-lhe a elegância marcial.

Contra seu costume, naquele dia Polovtsev estava de bom humor, amável até com Ostrovnov. Não tardou em pôr fim àquela conversação fútil e, virando-se para Ostrovnov, disse:

— O tenente Liatievski ficará em sua casa umas duas semanas, e assim que anoitecer eu partirei. Se Vatslav Avgustovitch precisar de alguma coisa, não vacile em atendê-lo. As ordens dêle são as minhas. Entendido?

E, passando a mão estriada de veias sôbre o joelho de Ostrovnov, disse em tom sentencioso:

— Vamos começar em breve. Resta-nos pouco tempo de sofrimento. Pode dizer isso a nossos cossacos, para que criem ânimo. Pode ir agora, temos muito que conversar ainda.

Acabava de acontecer algo extraordinário, que obrigava Polovtsev a ausentar-se de Gremiatchi-Log durante duas semanas. Ostrovnov ardia em curiosidade. Incapaz de resistir, ocultou-se no mesmo canto em que Polovtsev havia escutado antes sua conversa com Davídov. Colando o ouvido no delgado tabique, conseguiu captar algumas frases soltas:

Liatievski: — Não resta dúvida, o senhor tem de entrar em contacto com Bikadorov... Sua Excelência, naturalmente, há de informar-lhe que os planos... situação favorável... É estupendo!... Na região de Salsk... um trem blindado... em caso de derrota...

Polovtsev: — Psss!

Liatievski: — Suponho que ninguém pode ouvir-nos.

Polovtsev: — Mesmo assim... A mais estrita prudência em tudo...

Liatievski (ainda mais baixo, fazendo Ostrovnov perder o fio da conversa): — Derrotas... certamente... Afganistão... Com sua ajuda será possível passar...

Polovtsev: — Mas os fundos... A GPU... (Aí as palavras se afogaram num sussurro.)

Liatievski: — Outra alternativa: passar a fronteira... por Minsk... Dando a volta... Garanto-lhe que... guarda da fronteira... Seremos recebidos, sem dúvida, no estado-maior... O coronel, sei o nome dêle... Há uma senha. Mas é uma ajuda poderosíssima! Essa proteção... não é bem subsídio...

Polovtsev: — Que acha êle?

Liatievski: — Estou certo de que o general repetirá... Tenho a ordem... de viva voz... utilizando... não deixar escapar o momento...

Daí em diante só se ouvia um murmúrio. Ostrovnov, que não pudera concatenar coisa alguma dos retalhos da conversa, suspirou e dirigiu-se para a direção do colcós.

Quando, ao aproximar-se da antiga casa de Borodin, pousou a vista, segundo seu costume, no cartaz branco afixado à porta: *Direção do Colcós Stálin de Gremiatchi*, sentiu, como sempre, uma espécie de desdobramento... E depois lembrou-se do tenente Liatievski e do tom firme de Polotsev: "Vamos começar em breve."

Irritado consigo mesmo, disse de si para si: "Mas que se apressem, porque senão minha pele se dilacera entre êles e o colcós, como um boi sôbre o gêlo."

À noite, Polovtsev encilhou seu cavalo, enfiou nas mochilas todos os seus papéis, proveu-se de víveres e despediu-se. Ostrovnov ouviu o escavar das patas do cavalo sob as janelas. O animal, contente com a liberdade, fazia ressoar o solo com as pancadas sêcas e alegres de seus cascos.

O novo hóspede provou ser um homem inquieto e atrevido, como costumam ser os militares.

Dias inteiros, sempre alegre e sorridente, passava vagueando pelo pátio, gracejando com as mulheres, atazanando a velha avó que detestava o cheiro de fumo. Andava pela granja, sem recear que algum estranho o visse, a ponto de Ostrovnov sentir-se obrigado a fazer-lhe uma observação:

— O senhor devia ter cuidado... Pode acontecer alguma coisa... Suponhamos que apareça alguém e o veja, Excelência.

— Acaso trago na testa um letreiro dizendo "Excelência"?

— Está claro que não, mas podem perguntar quem é o senhor e de onde vem...

— Ora, patrão, tenho os bolsos cheios de documentos. Se as coisas piorarem, se não acreditarem em mim, só me resta esta credencial... Com ela poderei passar em tôda parte!

Dizendo isto, sacou do casaco uma *mauser* negra, que reluzia com um brilho opaco. E sem abandonar seu alegre

sorriso, com ar provocante, cravou nêle seu ôlho imóvel, meio oculto numa dobra da pele.

O bom humor do audacioso tenente desagradou bastante a Ostrovnov, sobretudo numa noite em que, ao voltar da direção do colcós, ouviu no saguão vozes abafadas, uma risada contida e um ruído de empurrões. Acendeu um fósforo e viu brilhar no canto, atrás da caixa de farelo, o único ôlho de Liatievski. Junto dêle estava sua nora, vermelha como um pimentão. Tôda perturbada, ajeitava a saia e a mantilha caída sôbre a nuca... Sem dizer palavra, Ostrovnov dirigiu-se para a cozinha. Mas Liatievski foi em seu encalço e, já no umbral da porta, pôs-lhe a mão no ombro e disse em voz baixa:

— Bico calado, ouviu, meu velho. Não dê um desgôsto a seu filho. Nós, militares, agimos assim, com audácia e rapidez. Quem não fêz das suas quando era jovem? Ah, ah, ah... Tome um cigarro, fume. E entre você e sua nora, nunca houve nada? Ah, velho peralta!...

De tão perturbado que estava, Ostrovnov aceitou o cigarro e só entrou na cozinha depois que Liatievski lhe deu lume. Contendo um bocejo, o hóspede disse em tom didático:

— É costume dizer obrigado quando alguém nos faz um favor, por exemplo: acendendo nosso cigarro. Mal-educado! Administrador de uma figa! Noutros tempos eu não o aceitaria nem como ordenança!

"Que maldito hóspede o diabo me mandou!" — pensou Ostrovnov.

O atrevimento de Liatievski causou nêle uma impressão detestável. Seu filho Semion estava ausente. Tinham-no enviado ao setor para buscar o veterinário. Ostrovnov resolveu não lhe contar nada: chamou a nora ao celeiro e castigou-a sem fazer ruído, açoitando-a com uma correia. Como não lhe bateu no rosto, mas nas costas e mais embaixo, as vergastadas não deixaram sinais visíveis. O próprio Semion nada notou. Voltou da *stanitsa* à noite. Sua mulher serviu-lhe a ceia. Notando que ela se sentava na ponta do banco, Semion perguntou com simplicidade:

— Por que se senta como se estivesse em visita?

— É que... estou com um furúnculo...

Uma vermelhidão subiu-lhe ao rosto, e ela levantou-se.

— E só mastigar um pouco de cebola com pão e aplicar a massa no local... Verá como passa — aconselhou-a Ostrovnov solìcitamente.

A nora lançou-lhe um olhar cheio de cólera, mas respondeu com voz humilde:

— Obrigada, pai. Seguirei seu conselho...

De vez em quando Liatievski recebia cartas. Inteirava-se do que diziam e logo as queimava. Por fim deu para beber de noite, e deixou de assediar a nora de Ostrovnov. Taciturno, pedia cada vez mais freqüentemente a Ostrovnov e a Semion que lhe trouxessem meio litro de vodca. E punha-lhes na mão umas cédulas brilhantes que estalavam de novas.

Quando ficava bêbedo, dava para falar de política. E tendo começado, metia-se em amplas generalizações e fazia uma apreciação, objetiva à sua maneira, sôbre a realidade.

Um dia mergulhou Ostrovnov numa grande confusão. Fê-lo entrar em seu quarto, ofereceu-lhe um copo de vodca e perguntou-lhe, piscando o ôlho com ar cínico:

— Então, você se dedica a destruir o colcós?

— Não. Por quê? — fêz Ostrovnov afetando surprêsa.

— Quais são seus métodos de trabalho?

— Que métodos?

— Enfim, que faz você? Está aí para sabotar, não é verdade?... Como é que você se arranja? Envenena os cavalos com estricnina? Deteriora o material? Enfim, que faz?

— Estou proibido de causar qualquer dano aos cavalos, até pelo contrário — confessou Ostrovnov.

Fazia algum tempo que deixara quase inteiramente de beber. Por isso o copo de vodca aturdiu-o, dispondo-o à franqueza. Sentiu necessidade de dizer o quanto sofria, em seu fôro íntimo, vendo-se obrigado a edificar e a destruir simultâneamente a economia socializada da aldeia. Mas Liatievski não o deixava falar. Continuou a beber e, sem oferecer mais a Ostrovnov, perguntou:

— Mas então, seu imbecil, por que aderiu à nossa causa? Qual foi o diabo que o aconselhou? Polovtsev e eu, por exemplo, não temos onde nos meter, arriscamos nossa pele... Sim, nossa pele! É uma cartada... embora, fique sabendo,

sejam muito pequenas as probabilidades... Um por cento, no máximo... Mas nós somos assim... Nada temos a perder, exceto nossas cadeias, como dizem os comunistas. Mas você! Na minha opinião, você não passa de um sacrificado. Poderia ir vivendo... Não creio, é verdade, que uns broncos como vocês possam construir o socialismo, mas enfim... Pelo menos revolveriam a água do pântano mundial. E em caso de insurreição, que lhe acontecerá? Abrir-lhe-ão buracos na pele curtida ou, quando menos, será feito prisioneiro e, como elemento inconsciente, enviado à província de Arkhangelk. Chegado ali, você ficará cortando lenha até o segundo advento do comunismo. Velho tratante! Compreende-se que eu esteja metido na insurreição, pertenço à nobreza. Meu pai tinha uns cinco mil hectares de terras de lavoura e oitocentos de bosques. Para mim, e outros como eu, foi muito duro abandonar o país e ir para o estrangeiro ganhar o pão de cada dia, como se diz, com o suor do próprio rosto. Mas você? Quem é você? Um lavrador, um comedor de trigo, uma vira-bosta. Mesmo assim, vocês não sofreram bastante, cães cossacos, durante a guerra civil!

— Tornaram muito difícil a vida para nós — replicou Ostrovnov. — Sufocam-nos com impostos, tiram o nosso gado, não há vida individual. Se não fôsse por isso, que necessidade teríamos dos nobres e das pessoas da estirpe do senhor! Passaria a vida com êste remorso.

— Os impostos, os impostos... Como se nos outros países os camponeses não tivessem de pagar impostos. Pagam mais do que vocês.

— Será possível?

— Garanto-lhe!

— E como o senhor sabe de que maneira se vive lá e o que se paga?

— Sei porque vivi no estrangeiro.

— O senhor veio de fora do país?

— Que lhe importa?

— Interessa-me saber.

— Ficará velho cedo se quiser saber de tudo. Vai buscar-me um pouco de vodca.

Ostrovnov mandou Semion dar conta do recado. Depois, desejando solidão, trancou-se no celeiro, e ali passou duas horas enterrado na palha.

"Êsse maldito encarquilhado! — pensava. — Disse tanta coisa que me deixou a cabeça zonza. A menos que quisesse sondar-me, para saber o que eu diria no caso de estar contra êles. Assim que Alexandre Anissimovitch chegar, direi tudo a êle. E serei morto como Khoprov... Sim, mas quem sabe se êle dizia o que pensa? Um bêbedo diz sempre a verdade. Talvez seja melhor que eu não obedeça a Polovtsev, e fique pacientemente no colcós, um ano, dois anos. É possível que dentro de um ano o Poder dissolva os colcoses, quando compreender que suas atividades não marcham bem. Ah, como gostaria de voltar à vida de outros tempos!... Meu Deus, meu Deus!... Que fazer agora? Não há dúvida de que estou perdido. Dar com uma coruja num pau, ou com um pau numa coruja, é a mesma coisa: ela morrerá de qualquer maneira..."

O vento, sibilando sôbre a sebe, penetrava no celeiro e atirava ao rés do depósito de palha os fiapos de forragem levantados perto da cancela, depositando-os nos buracos feitos pelos cães e igualando as partes do monte em que a palha era menos densa. O vento era forte, frio.

Ostrovnov tentou, em vão, verificar de que lado soprava o vento, que parecia girar em tôrno do palheiro, vindo alternadamente do norte, do sul, do leste e do oeste. As ratazanas, incomodadas por êle, corriam sôbre a palha. Corriam aos guinchos por caminhos secretos, roçando às vêzes nas costas de Ostrovnov, deitado sôbre a palha.

Atento ao sibilar do vento, ao ruído da palha e aos guinchos das ratazanas, Ostrovnov sentia que o sono se apoderava dêle: todos os rumôres noturnos exerciam sôbre êle o efeito de uma música distante, estranha e triste.

Com os olhos semicerrados e lacrimosos, fitava o céu estrelado, aspirava o cheiro da palha e do vento da estepe. Tudo que o rodeava parecia-lhe belo e simples...

À meia-noite chegou à aldeia de Voiskovói um mensageiro a cavalo, trazendo um despacho da parte de Polovtsev. Liatievski examinou a carta com um rápido olhar. No enve-

lope estava escrito: "Urgente." Despertou Ostrovnov, que dormia na cozinha:

— Tome, leia isto para mim.

Ostrovnov, esfregando os olhos, leu a carta dirigida a Liatievski. Escrita numa fôlha de caderno, a lápis-tinta, com mão firme e vestígios da velha ortografia, a carta dizia:

Senhor tenente:

Sabemos com segurança que o C. C. bolchevique está requisitando trigo sob o pretexto de que vai usá-lo na semeadura dos colcoses. Na realidade, pretende vendê-lo ao estrangeiro, embora isso signifique condenar à morte pela fome os camponeses, inclusive os membros do colcós. O Poder soviético, sentindo a aproximação de seu fim, vende o trigo que lhe resta e arruína definitivamente o país.

Cumpre-lhe empreender entre os habitantes de Gremiatchi-Log, onde você representa nossa Liga, uma campanha de propaganda contra a coleta do trigo pretensamente destinado à semeadura.

Dê conta dos têrmos desta carta a I. L. e convença-o a iniciar com urgência a campanha de esclarecimento. E' da maior importância, custe o que custar, fazer fracassar a entrega do trigo.

Na manhã seguinte, Ostrovnov, antes de entrar na Direção, foi procurar Bannik e os demais membros da *Liga de Libertação do Don*, por êle recrutados.

25

O grupo de três homens que o comandante da coluna de agitação Kondratko havia deixado em Gremiatchi-Log, começou a organizar o fundo das sementes. Instalou sua sede na casa de um antigo culaque.

Desde a alvorada, o jovem agrônomo Vetutniev organizava e dirigia, com o auxílio de Ostrovnov, o plano das semeaduras da primavera. Dava esclarecimentos aos cossacos sôbre problemas de agricultura. Durante o resto do tempo, fiscalizava com solicitude a seleção e separação das sementes que entravam para os celeiros. Às vêzes, como êle mesmo afirmava, ia "trabalhar como veterinário": tratar de uma vaca ou de

uma ovelha doente. Ordinàriamente, cobrava suas "visitas" em "espécie", jantando em casa do dono do animal doente. Conseguia mesmo, por vêzes, trazer aos camaradas uma bilha de leite ou uma marmita de batatas cozidas.

Os outros dois — Porfiri Lubno, mecânico do moinho estatal do distrito, e o *komsomol* da fábrica de óleo, Ivã Naidenov — convocavam à sede os habitantes de Gremiatchi, verificavam em uma lista a quantidade de grãos entregue pelos cidadãos, e faziam agitação na medida de sua capacidade e de seus conhecimentos.

Desde os primeiros dias, ficou evidenciado que haveria grande dificuldade para se constituir o fundo das sementes no tempo desejado. Tôdas as medidas tomadas pelo grupo e pela célula local se chocavam contra a resistência obstinada da maior parte dos colcosianos e camponeses independentes.

Corria o boato na aldeia de que se recolhia o trigo para exportá-lo, que as semeaduras não seriam feitas nesse ano, que a guerra iria irromper de uma hora para outra...

Nagulnov fazia reuniões diàriamente: como representante do grupo explicava, desmentia os boatos absurdos, ameaçava com as piores medidas aquêles que fôssem culpados de "propaganda anti-soviética".

A entrada do trigo, porém, se fazia com uma lentidão extrema.

Desde manhã, os cossacos procuravam pretexto para ausentar-se: ora iam cortar madeira na floresta, ora iam recolher ervas sêcas; ou, então, enfiavam-se em casa dos vizinhos, a fim de se subtraírem às horas alarmantes da jornada de trabalho e à apresentação ao Soviete da aldeia ou à sede do grupo.

Quanto às mulheres, nunca eram vistas nas reuniões. E quando um representante do Soviete se apresentava em suas casas, limitavam-se a uma resposta lacônica:

— Meu marido não está, e eu não sei de nada.

Poder-se-ia dizer que uma garra possante retinha o trigo...

Na sede do grupo, ouviam-se habitualmente diálogos dêste gênero:

— Contribuiu para o fundo de sementes?

— Não.

— Por quê?

— Não há grão.

— Como não há grão?

— É muito simples... Pensava guardá-lo para o plantio e, depois, entreguei meus excedentes para a armazenagem. Como não tinha nada para comer, então, ora essa, eu o consumi.

— E o plantio, você não pensava nisso?

— Sim, mas com quê?

Muitos alegavam já ter entregue suas sementes para a armazenagem.

Davídov, na direção do colcós, e Naidenov na sede, consultavam as listas, verificavam os recibos, exprobavam e procuravam convencer as pessoas que haviam fornecido dados falsos e guardado as sementes. Para o demonstrar, era necessário, às vêzes, calcular a quantidade aproximada de grão moída em 1929, ver aquela que havia sido entregue para a armazenagem e provar que havia um saldo. Mas, mesmo quando se demonstrava que ainda possuía trigo, o camponês cabeçudo não se rendia à evidência:

— Restava um pouco, não nego. Mas, sabem, camaradas, o que se passa numa casa? Na nossa, estamos habituados a comer pão, sem pêso nem medida. Deixaram-me um pude por pessoa e por mês. Bem, eu lhes digo que consumo, sòzinho, de três a quatro libras por dia. E sabem por quê? Porque não temos carne para comer. Então nos voltamos para o pão... Não, não, não tenho trigo, revistem-me se quiserem!

Na reunião da célula, Nagulnov propôs que se investigassem as casas dos aldeões mais abastados e que não haviam contribuído para o fundo das sementes.

Davídov, Lubno, Naidenov e André se opuseram. Aliás, a diretiva traçada pelo comitê do setor proibia expressamente qualquer busca.

A despeito do esfôrço despendido durante três dias pelo grupo e pela direção do colcós, o setor coletivizado sòmente havia contribuído com oitenta quintais, e o setor particular com apenas seis.

Os ativistas do colcós haviam entregue totalmente sua parte. Maidannikov, Liubichkin, Dubtsov, Demid, o velho

Chukar, Menok, o ferreiro Chaly, André Razmetnov e os outros haviam saldado suas dívidas no primeiro dia. Na manhã do dia seguinte, dois trenós, com Ostrovnov e seu filho Semion, chegaram à entrada da granja comunal. Ostrovnov imediatamente apresentou-se à direção, enquanto Semion descarregava os sacos de trigo. Uchakov recebia o grão e pesava-o. Semion havia esvaziado quatro sacos; quando se preparava para descarregar o quinto, Uchakov caiu sôbre êle, qual um gavião:

— É êste trigo que seu pai pensava semear?

E colocou-lhe ante o nariz um punhado de grãos.

Semion enrubesceu.

— O que há com êsse trigo? Com êsses olhos vesgos certamente confundiu trigo da melhor qualidade com milho!

— Absolutamente! Sou vesgo, mas neste assunto vejo mais claramente do que você, ladrão! Ah, vocês fazem uma boa dupla, você e seu pai!... Eu os conheço, velhacos! Isto aqui é grão para plantio? Nunca!... E não adianta torcer o nariz! E ainda quer zombar, fazendo isto passar por boa semente, descarado!

Uchakov esticava sob o nariz de Semion sua mão onde se via trigo sujo, misturado com terra e ervilha brava.

— Espere um pouco que vou chamar os outros...

Semion teve mêdo.

— Não faça barulho! Certamente me enganei de saco!... Vou apanhá-lo imediatamente e trocá-lo... Você é engraçado!... Acha que é preciso pular feito um cavalo desenfreado? Estou-lhe dizendo que vou trocar o saco... Houve um engano...

Uchakov recusou seis sacos dos quatorze que o outro havia trazido. E, quando Semion pediu para ajudá-lo a colocar sôbre os ombros um saco de grão recusado, êle voltou-se para a balança, fingindo não ter ouvido.

— Não vai-me ajudar, então? — perguntou Semion com a voz trêmula.

— Que me importa! Em casa você os ergueu perfeitamente, não lhe pareceu pesado, hein? Arranje-se sòzinho, camelo!

Sob o esfôrço, vermelho como uma framboesa, Semion pegou o saco pelo meio e o levantou...

Nos dois dias seguintes, as entradas foram, por assim dizer, nulas. Na reunião da célula comunista havia sido decidido que se fariam visitas às casas da aldeia.

Visando a melhorar o plano, Davídov foi ao setor vizinho, à estação de seleção, procurar trigo resistente à sêca, a fim de semear pelo menos alguns hectares. Êste trigo de excelente qualidade, que suportava muito bem um longo período sem chuva, produzira, no ano anterior, uma colheita surpreendente nos campos experimentais.

Ostrovnov e o chefe de brigada Dubtsov haviam falado muito a respeito da nova variedade de trigo. A estação de seleção havia obtido pelo cruzamento do trigo "californiano" importado e do "trigo-branco" nacional.

Davídov, que últimamente havia consagrado noites inteiras à leitura de revistas agronômicas, resolveu ir à estação para conseguir êste tipo de semente.

Voltou a 4 de março. Eis o que tinha ocorrido durante sua ausência.

Nagulnov, adido à segunda brigada, em companhia de Liubichkin, havia visitado cêrca de trinta casas. À noite, depois de André e o secretário terem saído do Soviete, êle convocou para uma reunião ali os chefes de família que não tivera tempo de procurar em casa durante o dia. Quatro dêles voltaram sem que se tivesse podido chegar a um resultado positivo. "Não há trigo para o plantio. Resta ao Estado fornecê-lo para isso."

Inicialmente, Nagulnov discutira com êles sem se exaltar. Depois começou a bater com o punho na mesa.

— Como podem dizer que não têm trigo? Você, por exemplo, Konstantin, não colheu quase cinqüenta quintais neste outono?

— Não foi você quem entregou o trigo ao Estado, em meu lugar!

— Quanto entregou?

— Vinte e um quintais.

— E o resto?

— Ora, não sabe? Eu o comi, raios!

— Você mente! Estouraria se se empanturrasse com tanto trigo! Em sua casa são apenas seis, e comeram tudo isso? Você vai embora e vai-me trazer sua parte de sementes ràpi-

damente. Do contrário, farei com que seja expulso do colcós, e isso não demorará nada!

— Expulsem-me, façam o que quiserem... Trigo é coisa que não tenho, juro por Cristo... Se o govêrno nos desse crédito para o plantio, nós lhe pagaríamos com juros e espero que isso aconteça...

— Ah, deu-lhe vontade de sugar o Poder soviético! Já reembolsou o dinheiro que lhe emprestou a sociedade de crédito para comprar um semeador mecânico e uma segadora de feno? Bem, eis aí! Embolsou o bôlo e agora fala em receber trigo.

— Mas, a segadora e o semeador são do colcós... Eu nem os usei por conta própria. Não há necessidade de me censurar.

— Deixe de histórias, experimente colhêr seu trigo sem êles! Você está embrulhado em suas próprias mentiras. É vergonhoso!

— Se eu tivesse alguma coisa, não faria objeção...

Exortações, ameaças, nada deu resultado.

Foi forçoso que Nagu'nov deixasse partir aquêles que se recusavam a contribuir para o fundo das sementes.

Pouco depois entrou Grigori Bannik, camponês independente. Sem dúvida já conhecia o resultado da entrevista com os colcosianos que saíam do Soviete. Um sorriso provocante se desenhava em seus lábios.

Com as mãos tremendo, Nagulnov alisou a lista sôbre a mesa e disse com voz surda:

— Sente-se, Grigori.

— Obrigado pela gentileza.

Bannik sentou-se, as pernas largamente espalhadas.

— Como se explica Grigori, que você não traz suas sementes?

— A trôco de quê?

— Mas, não foi decidido na reunião geral que tanto os colcosianos como os camponeses independentes deveriam contribuir para o fundo de sementes? Você reteve seu trigo?

— Aí está!... Certamente que o guardei.

Nagulnov olhou a lista: relacionado ao nome de Bannik, na coluna "Superfície avaliada das semeaduras da primavera de 1930", figurava o número seis.

— Êste ano, você pretendia semear seis hectares de trigo?

— Justamente.

— Então você tem quarenta e dois pudes de sementes?

— Exatamente. Trigo selecionado e limpo de tal forma que se diria ser ouro.

Deixando escapar um suspiro de alívio, Nagulnov o cumprimentou:

— Bem, você é um herói. Leve-o, a partir de amanhã, à granja comum. Pode deixá-los com os sacos que lhe pertencem. Dos camponeses independentes, aceitamos as sementes com os respectivos sacos, se não quiserem misturar seu trigo com o dos outros. Você o levará e o entregará, por pêso, mediante recibo, ao gerente. Êle colocará selos de lacre nos sacos e, na primavera, você encontrará seu trigo tal como o entregou. Alguns se queixam de não terem sabido guardá-lo, de o terem consumido, enquanto que aqui êle estará mais seguro.

— Por isso não! Há outros lugares!

Bannik sorriu com indolência, alisou os bigodes de fios louros.

— Seu truque não dá certo comigo! Ah, não!... Eu, eu não lhes darei meu trigo.

— E por quê?

— Porque estará mais seguro comigo. Se eu o entregar, quando chegar a primavera, não encontrarei nem mesmo os sacos vazios. Agora nós estamos escolados, não nos enganam mais!

Nagulnov franziu as sobrancelhas e empalideceu ligeiramente.

— Como pode duvidar do Poder soviético? Não confia nêle, então?

— Perfeitamente, não tenho confiança. Vamos! Vocês nos contaram belas histórias. Belas mentiras!...

— Quem foi que mentiu? A propósito de quê?

A face de Nagulnov tornou-se mais lívida. Levantou-se lentamente da cadeira.

Mas Bannik, como se não houvesse visto nada, não cessava de sorrir, deixando ver os dentes sólidos e espaçados. Sòmente sua voz tremeu de rancor e de cólera, quando disse:

— Vocês recolherão o trigo, embarcá-lo-ão em navios para o expedir para o estrangeiro, não é verdade? Necessitam de automóveis, para que os comunistas possam passear com suas amantes de cabelos cortados. Nós sabemos perfeitamente para que recolhem nosso trigo. Igualdade... bolas, estamos fartos dessa história!

— Mas você ficou louco, não é possível! Que está dizendo?

— Há motivo para ficar louco quando nos apertam a garganta. O certo é que já entreguei dezenove quintais de trigo para armazenagem. E agora vocês querem que eu dê meus últimos grãos, meus grãos de plantio... assim minhas crianças morrerão de fome...

— Você está mentindo, safado! Cale-se!

Nagulnov esmurrou a mesa.

O ábaco de contagem caiu ao chão, o frasco de tinta tombou. Um filête violáceo, espêsso e luzente, correu pelo papel, caiu sôbre a peliça de Bannik. Êste, sacudindo a tinta com a mão, levantou-se. Seus olhos se haviam estreitado, uma espuma branca borbulhava nos cantos de sua bôca. E foi com raiva concentrada que bradou:

— Calar-me? Nunca!... Você pode assustar sua mulher, sua Luchka, dando murro na mesa. Comigo isso não pega!... Não estamos mais em 1920! Entende? Trigo você não verá... Pode procurá-lo em seu próprio bôlso!...

Nagulnov ia esmurrá-lo por sôbre a mesa, mas, tendo vacilado, empertigou-se logo:

— Quem lhe ensinou êstes belos discursos?... Será que está em jejum para dizer coisas dêsse calibre, seu contra-revolucionário!... Você escarnece do socialismo, verme!... Espere que eu...

Não encontrava as palavras, sufocava. Mas, tendo-se sentado novamente, enxugou com as costas da mão o suor que lhe inundava a face, e disse:

— Escreva imediatamente uma declaração dizendo que amanhã entregará as sementes... Depois, amanhã mesmo, eu

o enviarei para onde merece. Lá êles saberão fazer você conversar!

— Pode me prender, é certo... Mas, por escrito, não darei nada, nem tampouco meu trigo.

— Escreva, estou-lhe dizendo!

— Pode esperar sentado.

— Estou pedindo gentilmente...

Bannik dirigiu-se para a saída. Mas sua cólera era tal, que não se pôde conter e, da porta, sacudindo o punho, berrou:

— Vou agora mesmo jogar o trigo aos porcos. Prefiro que se fartem êles, os porcos, a entregá-lo a vocês, seus ladrões!

— Aos porcos? Trigo para semear?

Em dois saltos, Nagulnov chegou à porta. Com um gesto rápido tirou o revólver do bôlso e atingiu Bannik na têmpora com a coronha. O homem cambaleou, apoiou-se na parede e, arrancando caliça com as costas, desabou sôbre o assoalho.

Da ferida um sangue escuro jorrava, umedecendo-lhe os cabelos.

Nagulnov, fora de si, chutou Bannik, que jazia estendido por terra.

Êste, qual um peixe lançado à praia, abriu a bôca duas ou três vêzes. Depois, apoiando-se à parede, começou a levantar-se. Mal ficou de pé, o sangue começou a correr com mais abundância. Enxugou-o com a manga, sem dizer nada. Uma poeira de giz caía de suas costas esbranquiçadas.

Nagulnov, batendo os dentes no gargalo de uma garrafa, bebia água, procurando acalmar-se. Olhando Bannik de esguelha, aproximou-se dêle, apanhou-o pelos cotovelos com as mãos em tenazes, empurrou-o sôbre a mesa, enfiou-lhe um lápis entre os dedos:

— Escreva!

— Escreverei, mas o procurador saberá de tudo... Sob a mira de um revólver posso escrever qualquer coisa... No regime soviético não é permitido bater nas pessoas... O Partido não vai elogiá-lo por isso! — resmungava roucamente Bannik, deixando-se cair, sem fôrças, numa banqueta.

Nagulnov sentou-se à sua frente, com o dedo no gatilho:

— Ah, contra-revolucionário! Só agora você se lembra do Poder soviético e do Partido! Muito bem, eu o previno de que não é o tribunal popular que vai julgá-lo: sou eu, imediatamente e à minha maneira! Se não escreve, eu o liquido como a uma bêsta selvagem; vale a pena ir para a cadeia por sua causa, dez anos se fôr necessário! Não permitirei que faça pouco do Poder soviético! Escreva: "Declaração"... Já está? Escreva: "Eu, abaixo assinado, antigo guarda branco ativo, 'mamontoviano' (*), tendo combatido de armas na mão o Exército Vermelho, retiro as palavras..." Está tudo aí? "...as palavras injuriosas e absurdas que dirigi contra o P. C. da U.R.S.S." P. C. da U.R.S.S. com maiúsculas. Escreveu?... "...e o Poder soviético... Peço perdão humildemente, e prometo, embora sendo um contra-revolucionário disfarçado..."

— Não escreverei isso... Você não tem o direito de me forçar!

— Sim, você escreverá! Mas, o que pensava? Que eu o deixaria dizer tudo aquilo, eu, que fui ferido, torturado pelos brancos? Você ofendeu o Poder soviético na minha presença e queria que eu me calasse? Escreva ou eu o arrebento!

Bannik curvou-se sôbre a mesa e, novamente, o lápis começou a arrastar-se lentamente pela fôlha de papel. Sem retirar o dedo do gatilho, Nagulnov ditava, articulando as palavras:

— "...embora sendo um contra-revolucionário disfarçado, prometo pôr todo meu empenho, de futuro, para não proceder injustamente, por palavras, escritos ou atos, com o Poder soviético, caro a todos os trabalhadores e pelo qual o povo laborioso derramou tanto sangue. Eu me absterei de o injuriar e de lhe causar dificuldades... Esperarei pacientemente que se processe a revolução mundial, que levará todos nós, seus inimigos de tôda parte, à derrota final... Eu me comprometo, também, a não servir de obstáculo no caminho do Poder soviético, não estorvar o trabalho da semeadura e, amanhã, 3 de março de 1930, entregar à granja comum..."

(*) Combatente do exército do general branco Mamontov.

Neste momento, o guarda entrou na sala, acompanhado de três colcosianos.

— Esperem um pouco no vestíbulo! — gritou Nagulnov e, virando-se para Bannik, continuou: "...sete quintais de grãos de trigo de boa qualidade. Pela exatidão do que fica aí escrito, assino." Assine!

Bannik, a face côr de púrpura, rubricou e levantou-se.

— Você responderá por isso, Makar Nagulnov!

— Todos nós responderemos pelos nossos atos... Mas, se amanhã não trouxer o trigo, eu o matarei.

Nagulnov dobrou a declaração e colocou-a no bôlso interior de sua jaqueta cáqui. Atirou o revólver sôbre a mesa e seguiu Bannik até a porta. Deu ordem ao guarda para não se afastar dali. Com seu auxílio introduziu e fechou em uma pequena sala vazia, três outros colcosianos que se haviam recusado a entregar sua cota de sementes.

Quando já era mais de meia-noite, abatido pelo cansaço e pelas emoções sofridas, adormeceu, sentado à mesa do Soviete, a cabeça hirsuta pousada sôbre suas longas mãos.

Até a madrugada, viu em sonhos multidões, enfeitadas com roupas festivas, que desfilavam sem cessar, como chuvas primaveris inundando a estepe. Nos claros do desfile avançava a cavalaria. Os cavalos ajaezados pisoteavam a terra fôfa da estepe. Mas o martelar dos casco era, não se sabia porquê, sonoro e pesado, como se os esquadrões marchassem sôbre fôlhas de ferro batido. Os clarins da banda, cintilando como se feitos de prata, ao passarem junto a Nagulnov, iniciaram a *Internacional*. E êle sentiu, como sempre sentia, quando desperto, uma emoção apertar-lhe o coração, um espasmo abrasador contrair-lhe a garganta... Na cauda do esquadrão que desfilava viu seu jovem companheiro, Mitia Lobatch, morto a sabre pelos Wrangelianos em 1920, num, combate em Kakhovka. Mas, longe de se admirar, sentiu júbilo. Empurrando a multidão, precipitou-se sôbre o esquadrão. "— Mitia! Mitia! Pare!", gritou, sem ouvir a própria voz. Mitia voltou-se sôbre a sela, contemplou Nagulnov com indiferença, como se fôsse um estranho, e partiu a trote. Imediatamente, Nagulnov viu chegar galopando, seu antigo ordenança Tulim, morto por uma bala polonesa em Brody, no

mesmo ano de 1920. Tulim sorria. Com a mão direita sujeitava pelo bridão o cavalo de Nagulnov. E o animal, de pernas brancas e peito musculoso, corcoveava, com a cabeça alta e orgulhosa, o pescoço curvado como um arco...

Nagulnov tomava por música a incessante estridência do vento nos postigos. O ruído do teto de zinco parecia-lhe o rápido martelar de cascos de cavalos...

Chegando ao Soviete, às seis da manhã, André encontrou Nagulnov dormindo ainda. Em sua face, iluminada pela suave claridade do amanhecer de março, um sorriso de expectativa se havia condensado... Suas sobrancelhas separadas moviam-se numa tensão penosa...

André sacudiu Nagulnov e praguejou:

— Você faz besteiras e dorme? Seus sonhos devem ser divertidos, pois ri... Diga-me, ao menos, porque agrediu Bannik! Êle trouxe o trigo de plantio logo que amanheceu e imediatamente, foi ao distrito. Liubichkin veio à minha casa mais que depressa. Diz que Bannik foi apresentar queixa à milícia. Você está feito! Que vai dizer agora a Davídov quando chegar?... Você está perdido, Nagulnov!

Nagulnov esfregou com as mãos o rosto inchado de sono, e sorriu com ar sonhador:

— André, se soubesse com o que acabo de sonhar!... Um sonho maravilhoso!

— Não me aborreça com seus sonhos! Prefiro que me fale de Bannik.

— É um salafrário e nem mesmo quero falar dêle. Você diz que êle entregou sua parte?... Então o remédio fêz-lhe efeito... Sete quintais, isso não se recolhe assim, sem mais aquela!... Se sòmente uma coronhada de revólver fôsse suficiente para fazer cada contra-revolucionário espirrar sete quintais de trigo, não faria outra coisa em minha vida: iria buscá-los e lhes martelaria a cabeça!... Pelas palavras que disse, merecia algo mais que uma sova como aquela! Deveria estar contente por eu não lhe ter desparafusado as pernas do trazeiro.

Cheio de raiva, os olhos brilhando, concluiu:

— O crápula! Serviu sob as ordens do general Mamontov, o velhaco! Aborreceu-nos até que o fizemos dar um mergulho no mar Negro... E ei-lo ainda querendo atrapa-

lhar, procurando prejudicar a revolução mundial! Sabe lá você as coisas que êle me disse sôbre o Poder soviético e o Partido? Fiquei com tanta raiva que meus cabelos ficaram em pé!

— E que importa isso? De qualquer forma não deveria ter-lhe batido... Seria melhor mandar prendê-lo.

— Prendê-lo?... Deveria tê-lo matado, isso sim!

Nagulnov levantou os braços com ar aflito:

— Eu me pergunto porque não o arrebentei de uma vez... Não me arrependo. Diga-me se tenho, agora, ar de arrependido!

— Se eu o tratasse de imbecil, você se aborreceria... Mas da besteira terá que arrepender-se! Espere que Davídov volte. Êle fará com que você se desenferruje um pouco por causa disso.

— Davídov? Êle aprovará tudo... Não é suscetível como você!

André, rindo, bateu com o dedo recurvado sôbre a mesa, depois sôbre a fronte de Nagulnov e disse:

— O som é o mesmo.

Mas Nagulnov, enfadado, empurrou sua mão e vestiu a peliça. Segurando a maçanêta da porta, disse, sem se voltar:

— Ouça então, sabichão, solte os pequeno-burgueses que estão na sala ao lado, e que tragam o trigo hoje mesmo!... Do contrário, assim que lavar o rosto, voltarei e os tranco de novo!

Assombrado, André pensou que seus olhos iam saltar-lhe das órbitas. Precipitou-se para a sala onde se guardavam os arquivos do Soviete e umas amostras de espiga que haviam figurado na exposição agrícola regional do ano anterior, abriu a porta e encontrou os três colcosianos Krasnokutov, Gratch e o pequeno Apolo Peskovatski. Haviam passado tranqüilamente a noite sôbre umas coleções de jornais velhos espalhados por terra. Vendo André, levantaram-se.

— Evidentemente, cidadãos, devo... — começou André, mas um dos "detentos", o velho cossaco Krasnokutov, não lhe deu tempo de concluir:

— Nada de rodeios, André, procedemos mal, sem dúvida... Deixe-nos partir, traremos o trigo logo em seguida...

Trocamos idéias durante a noite, e decidimos entregar as sementes... Não há necessidade de fazer mistério, nós queríamos mesmo guardar o trigo...

André, que se ia desculpar pelo ato inconsiderado de Nagulnov, levando em conta as circunstâncias, enfrentou a nova situação imediatamente:

— Já não é sem tempo. Vocês são colcosianos, de qualquer forma! Não é justo reter as sementes.

— Solte-nos, por favor, e não falemos mais disso, hein? — disse Gratch, confuso, sorrindo através de suas barbas de ébano.

André abriu a porta de par em par, depois dirigiu-se para a mesa. Neste momento, porque não confessar, uma idéia cruzou sua mente: "Pode bem se dar que Nagulnov tenha razão. Se insistíssemos um pouco mais, entregariam todo trigo em um dia."

26

Davídov trouxe, de sua viagem à estação de seleção, dois quintais de trigo candial escolhido. Estava de muito bom humor, feliz por ter sido bem sucedido. Sua hospedeira, enquanto lhe servia o almôço, contou-lhe como, em sua ausência, Nagulnov havia agredido Grigori Bannik e mantido presos no Soviete, tôda uma noite, três membros do colcós. O fato, sem dúvida alguma, era conhecido da aldeia inteira.

Inquieto, Davídov almoçou precipitadamente e rumou para a direção. Lá confirmaram o relato da hospedeira, acrescentando ainda outras minúcias.

A conduta de Nagulnov não era encarada da mesma maneira por todos: alguns a aprovavam, outros a censuravam, outros ainda guardavam um silêncio reservado. Liubichkin, por exemplo, tomou categòricamente o partido de Nagulnov, enquanto que Ostrovnov, com os lábios franzidos, assumia um ar contrito, como se êle próprio tivesse que suportar as "sugestões" de Nagulnov.

Êste último logo se apresentou à Direção, mais carrancudo que de costume. Apertou a mão de Davídov com ar reservado, lançando-lhe um olhar inquieto.

Quando ficaram sós, Davidov, não podendo conter-se, perguntou-lhe em tom sêco:

— Bem, vamos ver, que história foi essa?...

— Já que está a par de tudo, que adianta interrogar-me?

— É com tais métodos que você faz propaganda para o fundo das sementes?

— Ele não devia ter dito canalhices. Não estou disposto a tolerar ofensas do inimigo, da canalha branca!

— Sim, mas já pensou no efeito que isso fará sôbre os outros? O que vai resultar disso, do ponto de vista político?

— Não era o momento para pensar nisso...

— E é isso uma razão? Você deveria tê-lo prendido por ofensa ao Poder, mas não deveria, em hipótese alguma, agredi-lo. Isso é vergonhoso para um comunista! Eu levantarei a questão, hoje mesmo, na célula. Você se dará conta do mal que nos fêz? Temos que condenar essas atitudes. Falarei sôbre isso na assembléia do colcós, sem mesmo esperar autorização do comitê distrital, pode ficar certo disso! Se não dissermos nada, os colcosianos acreditarão que fazemos causa comum com você, que temos espírito de tolerância nesse caso! Não, meu velho, não nos solidarizaremos com você e vamos condená-lo. Você, um comunista, agiu como um verdadeiro policial. Que vergonha! O diabo que o carregue, com essa maldita história!

Entretanto, Nagulnov obstinava-se como mula empacada. A todos os argumentos de Davídov, que procurava mostrar-lhe como sua atitude era inadmissível para um comunista e funesta, do ponto de vista político, respondia:

— Tive razão em surrá-lo!... Não, nem mesmo cheguei a surrá-lo, eu o atingi uma única vez e isso não é muito. Vamos, deixe-me em paz! É muito tarde para me modificar. Sou guerrilheiro, e não se chega a isso por acaso. Sei perfeitamente como defender meu Partido do ataque de todos êsses canalhas.

— Mas, com mil raios! Eu por acaso disse que Bannik é dos nossos? Disse que você não devia ter batido nêle. Quanto a defender o Partido de ultrajes, podemos fazê-lo de

outro modo. Esta noite, você virá à célula e fará autocrítica, fique certo disso!

* * *

Antes de abrir a sessão, Davídov perguntou a Nagulnov que, carrancudo, acabava de entrar:

— Pensou sôbre o assunto?

— Sim.

— E então?

— Eu não surrei bastante êsse filho da puta. Deveria tê-lo matado.

O grupo da coluna de agitadores colocou-se totalmente ao lado de Davídov e votou um severo voto de censura a Nagulnov. André se absteve de votar, guardando absoluto silêncio. Mas quando Nagulnov, antes de partir, persistindo em sua teimosia, disse: "— Eu me atenho a meu justo ponto de vista" — André pulou de sua cadeira e saiu correndo da sala, cuspindo raivosamente e praguejando.

No vestíbulo obscuro, Davídov acendeu um cigarro. Depois de examinar, à luz do fósforo, o rosto sombrio de Nagulnov, disse-lhe, conciliador:

— Você faz mal em nos guardar rancor, meu caro!

— Não guardo rancor.

— Você trabalha sempre com o velho método de guerrilheiro. Ora, hoje em dia, os tempos mudaram... Não estamos mais na época dos ataques violentos, *mas numa batalha* de posições. Todos sofremos do mal *das guerrilhas*, sobretudo nós, que fomos da esquadra, e eu também, evidentemente. É sabido que você tem os nervos à flôr da pele, meu velho Nagulnov... Mas é necessário — como poderei dizer — aprender a ter autodomínio, hein? Veja, por exemplo, nosso *komsomol* da coluna de agitadores, Vaniuschka Naidenov. Êle consegue fazer milagres!... É no setor dêle que há maior número de entradas de sementes. Pràticamente ali já se entregou tudo... Olhando-o, dir-se-ia que é um jovem simpático mas de pouco valor, no qual não se poderia confiar... Mas êle trabalha melhor que todos nós. Ah, o malandro!... Visita as casas, assim, brincando... Ao que parece conta

histórias aos mujiques... E entregam-lhe o trigo sem que precise agarrar alguém pelo pescoço, nem aprisioná-los todos...

Percebia-se na voz de Davídov, quando falava de Naidenov, um tom cálido e afetuoso.

Nagulnov sentiu, dentro de si, algo parecido com inveja do jovem *komsomol* que tão bem executava suas tarefas.

— Amanhã, por simples curiosidade, faça as visitas em companhia dêle e observe por que meios êle obtém êsses resultados — prosseguiu Davídov... — Não há nada de humilhante nisso, posso garantir. Acontece, amigo velho, que muitas vêzes temos que aprender com os jovens. Ah! sim, a juventude vai-nos deixando para trás ràpidamente e nós nem nos apercebemos... Está, por assim dizer, melhor adaptada...

Nagulnov não respondeu. Na manhã seguinte, logo que se levantou, foi procurar Naidenov e, como quem não quer nada, disse-lhe:

— Não tenho nada para fazer hoje, irei com você para dar-lhe uma ajuda. Quanto trigo ainda falta para ser entregue em sua terceira brigada?

— Uma ninharia, camarada Nagulnov. Vamos, então. Juntos, será mais divertido.

Partiram. Naidenov, gingando como um pato, andava de um modo que parecia muito estranho a seu companheiro. Sua jaqueta de couro, cheirando a óleo de girassol, estava desabotoada, o boné quadriculado enterrado até as sobrancelhas.

Nagulnov lançava de viés um olhar inquiridor ao rosto sardento do *komsomol*. Davídov, na véspera, havia-se referido a êle com um carinho incomum: "Vaniuschka." Esta face tinha um não-sei-quê familiar que despertava simpatia: seriam os grandes olhos abertos, de um cinzento mosqueado, ou seria o queixo atirado à frente e que não havia perdido ainda a suavidade da adolescência?...

Entraram na granja do ex-Papa-Galinhas, na casa do velho Akim Bezklebnov, quando tôda família almoçava. O velho sentava-se à cabeceira. A seu lado, o filho, de uns quarenta anos, Akim também, apelidado o Jovem. À direita, sua mulher e a velha sogra, uma viúva. No outro extremo

sentavam-se as duas filhas mais velhas. Nos dois lados da mesa, numerosas como môscas, alinhavam-se as crianças.

— Bom dia, pessoal!

Naidenov tirou seu boné engordurado e passou a mão pelos cabelos revoltos.

— Bom dia, se o diz de boa fé — replicou, com um sorriso imperceptível, Akim, o Jovem, homem simples e amigo de brincadeiras.

Em resposta a esta saudação jocosa, Nagulnov franziu o cenho e disse, mentalmente, num tom severo: "Não é hora de brincadeiras! Prefiro que me diga porque não entregou ainda seu trigo."

Enquanto isso, Naidenov, como se não houvesse notado a fria reserva dos donos da casa, disse sorrindo:

— Bom apetite, hein?

Sem dar tempo a que Akim abrisse a bôca para deixar sair um mesquinho "obrigado", ou sua frase costumeira e finória: "— Como com grande apetite e, você, espere até acabarmos!"... já Naidenov prosseguia:

— Mas não se incomodem. Não vale a pena... Bem, desde que insistem, posso almoçar. Confesso que hoje não comi nada ainda. O camarada Nagulnov, que é da aldeia, certamente já pôs alguma coisa pela garganta abaixo... Enquanto que nós, coitados, comemos apenas de dois em dois dias... Pode-se dizer que comemos menos que passarinhos...

— Isto quer dizer que sem semear, sem colhêr, estão de barriga cheia, não? — disse Akim, rindo.

— De barriga cheia, não, não é o caso... Mas estamos sempre de bom humor, isso sim.

Dito isto, Naidenov, com grande espanto de Nagulnov, num abrir e fechar de olhos tirou a jaqueta de couro e sentou-se à mesa.

O velho tossiu, vendo os maus modos do outro, enquanto Akim, o Jovem, estourava de rir:

— Isto, pelo menos, é usar de franqueza! Ei, meninas, dêem-lhe uma colher!

Uma das môças levantou-se vivamente e, reprimindo o riso, foi buscar uma colher que entregou a Naidenov cerimo-

niosamente, com profunda inclinação, como é o costume quando se serve um homem.

Animação e alegria reinavam em volta da mesa. Akim, o Jovem, convidou também Nagulnov, mas êste recusou e foi instalar-se em cima de uma arca.

A mulher de Akim, sorrindo, estendeu ao hóspede um grande pedaço de pão. A môça, que lhe havia trazido a colher, correu à sala ao lado e trouxe um guardanapo e estendeu-o sôbre os joelhos de Naidenov.

Akim, o Jovem, interessado, observava com aprovação não disfarçada o rosto sardento do rapaz, que demonstrava uma desenvoltura pouco comum para o campo, e declarou:

— Veja, camarada, você caiu nas boas graças de minha filha: ela nunca trouxe um guardanapo pessoalmente ao pai... Você nem teve tempo de sentar-se e ela já lá estava com êle! Se seus propósitos são bons, certamente não criaremos dificuldades!...

A brincadeira do pai fêz a jovem enrubescer como um tomate. Escondendo o rosto nas mãos, levantou-se da mesa.

Naidenov, não querendo ficar atrás, respondeu:

— Ora, ela não me aceitará com esta cara enferrujada... Eu só posso me exibir quando escurece, fico então bonito e posso agradar às jovens.

Serviu-se o *vsvar* (*). A conversação caiu. Não se ouvia mais que o ruído das bôcas ocupadas em mastigar e das colheres de madeira contra o fundo da terrina comum. O silêncio só se interrompeu quando a colher de uma das crianças começou a descrever círculos concêntricos no interior da tigela, em busca de uma pêra cozida. Neste momento o avô Akim, depois de lamber a colher, deu com ela na cabeça do garôto em falta, repreendendo-o

— Acabe com isso! Você não está pescando!

— Meu Deus! Por que êsse silêncio tão súbito? Até parece que estamos na igreja — disse a dona da casa.

— Silêncio na igreja?... Nem sempre! — disse Naidenov, que se fartara de trigo mourisco e da compota. Vejam,

---

(*) Espécie de compota de peras.

em nossa aldeia, pela Páscoa, sucedeu uma coisa interessante!... É para se morrer de rir!

A dona da casa deixara de tirar a mesa. Akim, o Jovem, depois de haver enrolado um cigarro, sentara-se no banco, o ouvido atento. Até o velho Akim, arrotando e persignando-se, estava interessado na narrativa de Naidenov.

Nagulnov dava mostras de impaciência. Pensava: "Quando irá êle falar do trigo? Não, dessa maneira êle não conseguirá nada... Não é fácil convencer qualquer dos dois Akim... São os mais cabeçudos de tôda Gremiatchi. Fazer-lhes mêdo? Vejamos: primeiro, o Jovem serviu no Exército Vermelho... Além disso, é dos nossos, seria inútil tentar!... Um cossaco... Não, êle não entregará o trigo, é muito arraigado à propriedade... E avarento como só êle mesmo... A tal ponto que, em pleno inverno, seria capaz de negar um punhado de neve... Ora, conheço-o bem..."

Enquanto isso, Naidenov, depois de uma pausa, continuava:

— Sou natural do distrito de Tatsine. Bem, vou contar-lhes o que se passou em minha aldeia, na Páscoa... Havia uma grande missa e as pessoas religiosas estavam reunidas na igreja, onde se apertavam até ficarem sufocadas. O pope e o diácono, como de costume, cantavam, oficiavam, enquanto as crianças brincavam no pátio da igreja. Em nossa aldeia havia uma bezerra de um ano, uma verdadeira peste! Ousasse alguém tocá-la e ela o derrubaria, os cornos baixos, prontos para espetá-lo... Na ocasião, a bezerra pastava pacìficamente não muito longe da igreja. Os meninos, porém, tanto a provocaram, que ela avançou sôbre um dêles procurando atingi-lo! O garôto precipita-se para a igreja, a bezerra atrás; êle sobe para o átrio, a bezerra não o larga... Os fiéis amontoavam-se numa mistura infernal... A bezerra dá uma corrida e zás! com os cornos levanta o menino pelo traseiro. A criança se estatela aos pés de uma velhinha... Esta cai sentada, lamentando-se: "— Socorro, minha gente! Oh!... Estou ferida!..." O marido da velha, com sua muleta, dá uma batida nas costas do menino: "— Que a febre o arrebente, garôto do inferno!" — grita. A bezerra faz "bé-é-é-é" e volta os cornos para o lado do velho. Então aquilo se transformou num pandemônio.

Aquêles que estavam mais próximos do altar não podiam perceber o que acontecia. Mas, ouvindo o barulho que vinha da entrada da igreja, paravam de rezar, inquietos, interrogando-se mùtuamente: "— A trôco de que êsse alarido?... Enfim, que é que está acontecendo?"

Naidenov, inspirado, imitava tão bem os personagens, mostrando como seus "patrícios", assustados, cochichavam entre si, que Akim, o Jovem, não agüentou mais e foi o primeiro a soltar uma gargalhada.

Mostrando os dentes alvos num sorriso, Naidenov continuava:

— Eis então que surge um rapaz, dizendo por brincadeira: "— Deve ser um cão raivoso, salve-se quem puder!" A seu lado, uma empregada grávida, cheia de mêdo, pôs-se a berrar para tôda a igreja: "— Ai, minha mãezinha, êle vai morder nós todos!" Os que estavam atrás pressionavam os da frente e derrubaram os candelabros que começaram a fumegar. Fêz-se escuridão. De repente, uma voz vocifera: "— Fogo!" E todos berrando: "— Cachorro louco!... Fogo!... Que está acontecendo?... O fim do mundo!... Hein? O fim do mundo?... Olá mu'her, vamos embora!" Todos se precipitam para as portas laterais. Esmagam-se. Ninguém consegue sair. Cai por terra o balcão onde se vendem círios. As moedas rolam por terra. O bedel cai gritando: "— Alto! Estão loucas?... Que correria é essa?... Não sabem, feiticeiras do inferno, que é proibido às mulheres subir ao altar?" E o prefeito da aldeia, um homem gordo com uma corrente atravessada sôbre o ventre, dá murros na porta, empurra os outros, bradando: "— Deixem-me passar. Deixem-me passar, malditos! Eu sou o prefeito!" Mas, como deixá-lo passar, se é o "fim do mundo"!

Interrompido pelas risadas, Naidenov terminou:

— Havia em nossa aldeia um ladrão de cavalos, chamado Tchokhov. Tôda semana levava alguns cavalos e ninguém conseguia deitar-lhe a mão! Bem, nesse dia, justamente, êle estava na igreja. E, quando se começou a gritar: "— O fim do mundo! Estamos perdidos, irmãos!" — Tchokhov atirou-se sôbre a janela, quebrando-lhe os vidros. Queria saltar, mas a janela tinha grades! Enquanto isso, a multidão comprimia-se

contra as portas. Nosso Tchokhov corre através da igreja. Por fim pára, levanta os braços e diz: "— Oh! estou prêso!... Estou mais prêso aqui que na cadeia!"

As môças, Akim, o Jovem, e sua mulher riam tanto, que as lágrimas escorriam de seus olhos. Chegavam a soluçar. Até o velho Akim mostrava, sem ruído, as gengivas desdentadas. Sòmente a avó, que escutara apenas a metade da história e a quem a surdez impedia de entender qualquer coisa, pôs-se, ninguém sabe porquê, a chorar. Enxugando os olhos avermelhados, cheios de lágrimas, balbuciou:

— Então, o coitado foi prêso? Santa mãe de Deus! E o que lhe fizeram?

— Fizeram a quem, avó?

— Ao peregrino.

— Qual peregrino, vovó?

— Êsse de quem você falou, meu menino... Êsse santo homem.

— Qual santo homem?

— Mas, eu não sei... Sou dura de ouvido, meu querido... Não consigo ouvir tudo...

O diálogo com a avó provocou novo acesso de riso. Akim, o Jovem, enxugando as lágrimas que brotavam com as risadas, repetiu umas cinco vêzes:

— O que foi que êle disse, êsse ladrão velhaco: "— Estou mais prêso aqui que na cadeia"? Ah!, meu garôto, você nos contou uma história bem engraçada! — dizia com ingênua admiração, dando tapas nas costas de Naidenov.

Êste, porém, mudou de tom. Fêz-se sério e suspirou:

— É uma história engraçada, evidentemente... Mas, hoje em dia, passam-se coisas que não são nada divertidas... Li o jornal de hoje e fiquei com o coração confrangido...

— O coração confrangido? — perguntou Akim, esperando ainda outra história divertida.

— Sim. Fiquei com o coração confrangido vendo como se abusa dos homens e como são martirizados selvagemente nos países capitalistas. Ouçam o que li: Na Romênia, dois jovens comunistas abriam os olhos dos camponeses. Diziam-lhes que deviam tomar a terra dos proprietários e reparti-la

entre si. Os camponeses romenos vivem numa grande miséria...

— Isso é verdade... Sei alguma coisa a respeito disso por ter visto com meus próprios olhos, no tempo em que servia com meu regimento na frente romena em 1917 — confirmou Akim.

— Bem, êles faziam propaganda para organizar, na Romênia, o Poder soviético. Mas, os policiais, furiosos, os prenderam. A um, mataram a pancadas. Ao outro, torturaram. Vazaram-lhe os olhos, arrancaram-lhe os cabelos um a um. Depois, aqueceram ao fogo uma vareta de ferro e a enfiaram sob suas unhas...

— Ah! os malditos! — exclamou a mulher de Akim, juntando as mãos. — Sob as unhas?

— Sim, sob as unhas... Interrogam-no: "— Diga-nos quais são os outros membros de sua célula e renegue a União da Juventude Comunista." "— Não direi nada, vampiros, e não renego nada!" — respondia com firmeza o camarada da J.C. Então, os policiais, com os sabres, cortaram-lhe as orelhas, o nariz. "— Vai falar?" Êle responde: "— Não, posso morrer em suas mãos sangüinárias, mas não falarei. Viva o comunismo!" Então, suspenderam-no pelas mãos até o teto e, embaixo, acenderam uma fogueira...

— Maldição! como há miseráveis no mundo! É horroroso! — indignou-se Akim, o Jovem.

— Começam a queimá-lo, e êle chora lágrimas de sangue... Mas não denuncia nenhum de seus camaradas da Juventude Comunista. Repete, sem cansar-se: "— Viva a revolução proletária e o comunismo!"

— Está muito certo que não tenha delatado seus camaradas. Muito certo. Morre honestamente, sem denunciar seus amigos. Até mesmo a Escritura diz: "Darás a vida por teu semelhante..."

O velho esmurrou a mesa e insistiu:

— E depois, que aconteceu depois?

— Torturam-no então, atormentam-no de tôdas as formas... Êle fica calado. E foi assim, de manhã até a noite. Quando desmaia, os policiais atiram-lhe água fria e recomeçam. Vendo que nada conseguem dessa maneira, prendem

sua mãe e levam-na à *okhrana*. Dizem-lhe: "— Veja bem o que vamos fazer com seu filho! Diga-lhe que se submeta. Do contrário, acabaremos com êle e atiraremos o corpo aos cães!" A mãe cai inconsciente. Voltando a si, atira-se sôbre o filho, estreita-o, beija suas mãos ensangüentadas...

Naidenov, totalmente pálido, com os olhos arregalados, fixa o auditório: as môças tinham a bôca aberta e lágrimas desciam de seus olhos. A mulher de Akim assoava-se com o avental, murmurando entre soluços: "— Como não deve ter sofrido... a pobre mãe... vendo o filho... Senhor!..." Akim, o Jovem, tossiu e, puxando a bôlsa de tabaco, pôs-se a enrolar um cigarro com gestos bruscos. Sòmente Nagulnov, sentado sôbre a arca, conservava-se aparentemente calmo. Entretanto, também êle, tinha a face contraída bizarramente, a bôca torcida.

— "Meu filho adorado, por sua mãe, faça o que querem êstes carrascos" — diz-lhe a mãe. Êle responde: "— Não, mãe, não delatarei meus camaradas, morrerei por meu ideal. Abrace-me ainda uma vez, antes que o fim chegue... Assim, não será tão difícil morrer."

Com voz trêmula, Naidenov terminou o relato da morte do jovem comunista romeno, martirizado pelos iníquos policiais. Durante um longo minuto perdurou o silêncio. Então, a dona da casa, em lágrimas, perguntou:

— Que idade tinha o pobre mártir?

— Dezessete anos — respondeu sem hesitar Naidenov, colocando o quepe. — Sim, êle morreu, êsse herói da classe operária, nosso querido camarada, o jovem comunista romeno... Morreu para que os trabalhadores tenham uma vida melhor. A nós cabe ajudá-los a derrotar o capitalismo, a instaurar o poder da aliança operário-camponesa. E, para isso, é necessário construir colcoses, consolidar a economia coletiva. Infelizmente, há ainda entre nós camponeses que, por inconsciência, estendem a mão a êsses malditos policiais e criam obstáculos à coletivização agrícola... Recusam-se a entregar o trigo para plantio... Eis aí... Bem, meus senhores, obrigado pelo almôço... E agora falemos daquilo que nos traz aqui. É necessário que vocês, imediatamente, entreguem a parte que lhes cabe no fundo de sementes... Devem entregar,

precisamente, doze quintais e meio. Então, meu chefe, despache-se!...

— É que, eu não sei... Quase não temos — dizia num tom inseguro Akim, o Jovem, aturdido ante um ataque tão brusco.

Mas, sua mulher, lançando-lhe um olhar carregado de cólera, interrompeu-o:

— Acabe com isso! Vá imediatamente encher os sacos e entregue-os!

— Não tenho nem doze quintais... E, depois, não está separado — disse Akim numa última tentativa de resistência.

O velho veio em ajuda de sua nora:

— Vá, vá, Akim. É necessário entregá-lo... De que adianta relutar?

— Não somos orgulhosos... Nós o ajudaremos a separar o grão, apressou-se a propor Naidenov. Você tem um crivo?

— Sim... mas não está em bom estado.

— Isso não é problema! Nós o consertaremos... Vamos, vamos, meu chefe! Já perdemos bastante tempo conversando...

Meia hora mais tarde, Akim, o Jovem, trazia, do estábulo do colcós, dois carros de boi. Naidenov, o rosto umedecido de suor, tirava do depósito os sacos repletos de trigo de excelente qualidade, de grãos espessos e duros, com reflexos de ouro fino.

Enquanto Bezklebnov ia entregar os doze quintais e meio, Naidenov e Nagulnov, tendo desejado bom dia a todos, dirigiam-se para outra granja. Nagulnov, contemplando com alegre emoção o rosto fatigado de seu companheiro, perguntou:

— Diga-me uma coisa, a história do *komsomol*, você a inventou, não é verdade?

— Não — respondeu o outro, distraído — eu a li, já há algum tempo, na revista do *Socorro Vermelho*.

— E você disse que a havia lido hoje...

— E não é a mesma coisa?... O essencial é que o caso tenha ocorrido... Isso é que é terrível, camarada Nagulnov.

— Mas, você exagerou um pouco para amolecer os outros, não? — perguntou Nagulnov.

— Oh!, que tem isso? — replicou Naidenov com um gesto vago.

E, tiritando de frio, abotoou a jaqueta de couro e concluiu:

— O importante é que haja ódio contra os carrascos e contra o regime capitalista, e que se desperte simpatia pelos nossos combatentes. O importante é que o trigo seja entregue... Do resto, não tomo conhecimento... Demais, não aumentei quase nada... Quanto à compota de peras, estava fabulosa. Fêz mal, camarada Nagulnov, em não comer um pouco.

27

A dez de março, pela tarde, o nevoeiro envolveu Gremiatchi-Log. Até o amanhecer, a neve derretida gotejou musicalmente dos tetos. Do sul, das cristas da estepe, sopravam rajadas de um vento quente e úmido. A primeira noite prenunciadora da primavera, estendeu sôbre Gremiatchi os véus sombrios de suas brumas, deu-lhe uma calma impregnada de eflúvios primaveris. A manhã já ia alta, quando o nevoeiro rosado dissipou-se, descobrindo o céu e o sol. Do sul, o vento precipitou-se qual lava incandescida. A camada de neve endurecida, que cobria a terra, começou a desmanchar-se deixando escorrer a água. Os telhados brilhavam, a estrada cobria-se de placas lamacentas. Cêrca de meio-dia, a água das montanhas, transparente como uma lágrima, pôs-se a borbulhar raivosamente pelos vales e ravinas, precipitando-se em inumeráveis torrentes nas terras baixas, nos jardins, lavando as amargas raízes das cerejeiras, inundando os caniçais que margeavam o rio.

Três dias depois, surgiu a terra negra das colinas, já acessíveis aos ventos; as vertentes, completamente limpas, resplandeciam, mostrando a argila molhada. A água cristalina das fontes turvava-se; suas burbulhantes e encrespadas ondas, onde boiavam abundantes flocos de espuma amarela, carregavam raízes de trigo, restos de ervas sêcas recolhidos das lavouras e tufos de verdura arrastados pela inundação.

Em Gremiatchi-Log, o rio espalhava-se. Desde as alturas, onde nascia, desciam blocos azulados de gêlo, faiscando ao sol. Nos redemoinhos, saíam do leito, turbilhonavam e atira-

vam-se, uns contra os outros, como enormes peixes apanhados numa rêde. Às vêzes, a corrente lançava-os sôbre as margens escarpadas; outras vêzes, um pedaço de gêlo, arrastado por uma torrente que se precipitava no rio, flutuava entre árvores de jardins, chocava-se contra os troncos, rompia as árvores mais novas, feria as macieiras, fazendo curvar a espêssa ramagem das cerejeiras.

Fora dos limites da aldeia, os negros e degelados campos trabalhados no outono, eram como um chamado. Redescoberta pelas torrentes, a terra fértil fumegava através da estepe, à luz do meio-dia, esperando a fecundação. Por cima dos campos lavrados, o sol, um vapor leitoso de umidade, o canto envolvente de uma cotovia matinal, o grito insistente de um bando de cegonhas, rasgando, com a ponta de seu triângulo de vôo, o azul do céu sem nuvens. Criada pelo calor, sôbre os túmulos, flui e treme uma miragem. O dardo acerado de um talo de erva verde, afastando a haste morta do ano anterior, aponta para o sol. O trigo de inverno, secado pelo vento, alça-se como sôbre a ponta dos pés, exibindo as pequenas fôlhas aos raios luminosos.

Mas, até o momento, há pouca vida na estepe. As marmotas e as ratazanas silvestres dormem ainda seu sono hibernal. Os animais selvagens escondem-se nas florestas ou no fundo das ravinas. Sòmente um ratão corre de vez em quando, agitando as ervas. E, também, casais de perdizes fazem seu vôo nupcial, em busca dos campos arados no inverno.

A quinze de março, o fundo das sementes estava totalmente realizado em Gremiatchi-Log. Os camponeses independentes tinham depositado as sementes numa granja separada, cuja chave estava guardada na direção do colcós. Os colcosianos haviam enchido, até o teto, seis depósitos socializados. Limpava-se o trigo no separador, mesmo durante a noite, à luz de três lanternas.

Na forja de Hipólito Chaly, a enorme garganta do fole soprava até cair a noite, o martelo fazia saltar fagulhas douradas, a bigorna emitia um som claro. Chaly havia realizado quase o impossível: a quinze de março, as grades de estorroar, charruas, escavadeiras, semeadoras e arados que recebera para reparos, estavam em bom estado. Na noite de dezesseis, na

escola, Davidov, perante grande assistência de colcosianos, entregava-lhe, como prêmio, as ferramentas que trouxera de Leningrado. Disse:

— A nosso querido ferreiro, ao camarada Hipólito Sidoróvitch Chaly, por seu brilhante trabalho de emulação, que todos os colcosianos devem procurar igualar, nós, da direção do colcós, oferecemos estas ferramentas.

Davídov que, em virtude da entrega solene do prêmio ao ferreiro, estava bem barbeado e com a roupa limpa e passada, pegou as ferramentas espalhadas sôbre a toalha vermelha da mesa, enquanto André Razmetnov empurrava para a frente o envergonhado Chaly.

— Neste dia, cidadãos, o camarada Chaly terminou, com perfeição e no prazo certo, as reparações, realizando cem por cento da tarefa. No total, consertou cinqüenta e quatro rêlhas de arado, deixou prontas para funcionamento doze semeadoras, quatorze charruas, etc. Receba, portanto, como prêmio, querido camarada, nosso presente fraternal. Desejamos que no futuro você trabalhe — e o diabo que o carregue em caso contrário! — com a mesma disposição, para que o material de nosso colcós fique sempre em perfeito estado. E vocês, cidadãos, devem realizar o mesmo trabalho de emulação nos campos. Sòmente assim justificaremos o prestígio de nosso colcós; do contrário, dou minha palavra, seremos a vergonha e o opróbrio de tôda a União Soviética!

Dizendo isso, Davídov envolveu o prêmio num pedaço de cetim vermelho, de três metros de comprimento, e estendeu-o a Chaly. Os moradores de Gremiatchi não haviam ainda aprendido a exteriorizar aprovação por meio de aplausos. Mas, quando Chaly segurou, com as mãos trêmulas, o pacote vermelho, um murmúrio elevou-se na sala:

— Êle bem o merecia! Trabalhou àrduamente!

— Fêz o velho virar novo!

— Ferramentas para êle e cetim para a mulher fazer um vestido.

— Ei, Hipólito, pedaço de asno, é preciso comemorar isso!

— Viva Hipólito!

— Sim, viva Hipólito!

As exclamações sucediam-se, cada vez mais fortes, mas, apesar disso, o velho Chukar conseguiu vencer o barulho com sua voz de matraca:

— Que está fazendo aí com a bôca fechada? Fale. Diga alguma coisa. É tão calado que parece filho de um poste com uma viga!

Chukar foi ouvido e todos, brincando, puseram-se a exigir:

— Que fale Demid, o Silencioso, em lugar dêle.

— Hipólito! Veja se fala logo, antes de desmaiar.

— Olhem a tremedeira nas pernas dêle.

— Com a alegria, engoliu a língua.

— Parece que falar é mais difícil que malhar a bigorna!

André, grande apreciador de solenidades e que, desta vez, dirigia a cerimônia, dominou o ruído e acalmou a assembléia emocionada:

— Vamos parar com isso! Será que precisam fazer barulho o tempo todo? Será que a primavera enlouqueceu a todos? Batam palmas como pessoas bem educadas, em vez de berrar dêsse jeito!... Façam o favor de ficar quietos e deixem-no dizer o que pensa...

Virando-se para Chaly, deu-lhe um tapa nas costas e cochichou:

— Encha o pulmão de ar e fale! Por favor, fale o mais que puder, como se fôsse um sábio... Neste momento, você é o herói da cerimônia e deve fazer um discurso de acôrdo com as regras, um discurso que marque época...

Hipólito Chaly, que nunca havia sido alvo de atenções e solicitudes, que jamais proferira um "discurso que marcasse época" e que, em virtude de seu trabalho, sòmente recebia, dos aldeões, magras dádivas de aguardente, estava completamente desorientado com o presente da direção e com as condições solenes da entrega. Suas mãos, apertando fortemente o pacote vermelho, tremiam. Também tremiam-lhe as pernas, aquelas mesmas pernas que, largamente espalhadas, firmavam-se como colunas sôbre o chão batido de sua forja...

Sem largar o embrulho, com a manga do paletó, enxugou uma lágrima e a face coberta de suor, totalmente enrubescida

em virtude do acontecimento extraordinário. Com voz rouca, disse:

— As ferramentas, está claro, vêm a calhar... Muito obrigado... Agradeço à direção por tudo isto... Obrigado e, mais uma vez, obrigado!... De minha parte... embora inteiramente empolgado por minha forja, posso sempre, agora que me tornei colcosiano, é com todo prazer que... O cetim, está claro, servirá para minha mulher...

Perdido, percorreu com olhos a sala repleta, procurando a mulher, com a secreta esperança de que ela o tiraria do embaraço. Mas, não a encontrando, suspirou e terminou seu pequeno discurso:

— Pelas ferramentas que vão com o cetim... por nossos pequenos esforços... camarada Davídov, muito obrigado a você e ao colcós!

André, vendo que o discurso do emocionado Chaly ia chegando ao fim, fazia em vão sinais desesperados ao suado ferreiro. Êste fingia não ver coisa alguma. Tendo saudado, misturou-se aos outros, abraçando carinhosamente o pacote, como se fôsse uma criança adormecida.

Nagulnov, com gesto brusco, arrancou o boné de peles e agitou-o: a orquestra, composta de duas balalaicas e uma guitarra, atacou a *Internacional*.

* * *

Os chefes de brigada, Dubtsov, Liubichkin, Uchakov, cavalgavam diàriamente, através da estepe, para verificar se a terra estava pronta para ser trabalhada e semeada. A primavera invadia as planícies, com o sôpro sêco dos ventos. Os dias tornaram-se belos e a primeira brigada ia iniciar a aradura das terras cinzentas e arenosas de seu setor.

O grupo da coluna de agitadores havia sido chamado à aldeia de Voiskovói, mas, a pedido de Nagulnov, Kondratko deixara Naidenov em Gremiatchi para a época do plantio.

No dia seguinte à premiação de Chaly, Nagulnov divorciou-se de Luchka. Esta instalou-se em casa de uma tia que vivia nos arredores. Durante dois dias, não foi vista por

ninguém. Depois, tendo encontrado Davidov, próximo à direção do colcós, disse-lhe:

— Como viver agora, camarada Davídov? Dê-me um conselho.

— Isso não é problema! Queremos organizar uma creche. Você pode trabalhar lá.

— Ah, não, muito obrigada! Eu, que tenho filhos, vou agora mimar os dos outros? É o único conselho que me pode dar?

— Bem, vá então trabalhar numa brigada.

— Não fui feita para o trabalho. Arar o campo faz minha cabeça estalar...

— Ah, você é muito delicada! Bem, passeie à vontade, mas não terá pão! Entre nós é assim: "Quem não trabalha, não come!"

Luchka suspirou e, escavando a areia úmida com a ponta do sapato, os olhos fixos no chão, disse:

— Recebi, de meu amigo Timóteo, uma carta de Kotlas... Fica longe, no Norte... Êle promete voltar logo...

— Belas ilusões! — disse Davídov sorrindo. — Se voltar, nós o enviaremos para mais longe ainda.

— Então, não haverá perdão para êle?

— Não. Em vez de esperá-lo de braços cruzados, seria melhor que você trabalhasse. Esteja certa de que é necessário trabalhar! — disse bruscamente Davídov.

Ia continuar seu caminho, quando Luchka, ligeiramente confusa, o reteve. Tons provocadores e alegres fremiram em sua voz, quando perguntou, arrastando as palavras:

— Talvez você pudesse descobrir um marido para mim... Você sabe que não sou difícil de contentar...

Davídov, furioso, contraiu os lábios, mostrando os dentes:

— Não me ocupo dessas coisas! Boa tarde!

— Espere um pouco. Outra pergunta...

— Bem, diga.

A voz de Luchka tornou-se francamente provocante e insinuante:

— E você, não me quereria para mulher?

Foi Davidov, então, quem ficou confuso. Enrubesceu até à raiz dos cabelos, e moveu os lábios sem dizer nada.

— Olhe-me, camarada Davídov, — continuou Luchka, afetando humildade — sou bonita e, quanto ao amor, sei praticá-lo com arte... Olhe: tenho belos olhos, belas sobrancelhas, as pernas bem feitas e tudo o mais de acôrdo.

Com a ponta dos dedos havia levantado a barra da saia verde e, com o corpo arqueado, girava diante do petrificado Davídov.

— Então, sou feia? Diga.

Empurrando o quepe para trás, com um gesto desesperado, Davídov respondeu:

— Você é uma bela garôta, não há dúvida. E suas pernas são bonitas, só que... Com essas pernas, pode ficar certa, você não vai pelo caminho que deveria seguir!

— Isso é coisa que só a mim interessa. Ando por onde me agrada!... Então, não se pode contar com você?

— Na realidade não! Assim não correrá o risco de se enganar.

— Não vá pensar que estou louca de paixão por você, ou que quero casar-me. Isso, não... O que tive foi pena de você. Pensei: "Eis um pobre rapaz que não é casado, que não tem mulheres..." E deu-me pena ver você me olhar com os olhos esfomeados...

— Ora, pare com isso!... Até logo! Não tenho tempo para ficar conversando...

E em tom jocoso:

— Espere que terminemos de semear. Então, se lhe agradar... Poderá enfiar o arpão num ex-marinheiro... Só que antes será necessário pedir permissão a Nagulnov, hein!

Luchka soltou uma gargalhada e disse, enquanto Davídov lhe virava as costas:

— Nagulnov tinha sempre uma desculpa: a revolução mundial! E agora vem você com a história do plantio. Muito obrigada! Não quero saber de homens assim. O que me faz falta é amor ardente, enquanto que vocês... Vocês ficaram com o sangue gelado!...

Davídov encaminhou-se para a Direção com um sorriso confuso nos lábios. Pensou um instante: "Será necessário dar um jeito nessa mulherzinha, do contrário acabará mal. Estamos ainda no meio da semana e ela já está tôda enfeitada,

cheia de maus propósitos." Depois, abandonando esta *idéia*: "Ora, afinal de contas já é bastante crescida para compreender. E eu, que sou? Sou, por acaso, uma dama burguesa preocupada com obras de beneficência? Ofereci trabalho. Não quis, bolas!... Não tenho nada com isso!"

Interrogou Nagulnov com breves palavras:

— Você se divorciou?

— Nada de perguntas, por favor! — grunhiu Nagulnov, examinando com afetada atenção as unhas de seus longos dedos.

— Se pergunto isso, é porque...

— Bem, respondo da mesma forma: é porque...

— Ei, calma! não se pode perguntar mais nada a você?

— A primeira brigada devia partir para o campo, já não é sem tempo, e aí está, preguiçosamente...

— Você deve pôr Luchka no bom caminho, senão ela vai fazer uma porção de asneiras.

— Ora, deixe-me em paz! Sou por acaso um pope para me preocupar com a salvação dela? Estou falando da primeira brigada, é necessário que parta para o campo, amanhã mesmo...

— Está certo, ela irá amanhã... Você pensa que tudo é muito simples: basta que se divorcie e acabou, não? Por que não deu assistência a essa mulher, voltando-a para o comunismo? Quer que diga a verdade? Você é um trapalhão de marca maior!

— Amanhã, irei pessoalmente ao campo, com a primeira brigada... Bem, você é pior do que traça! Educá-la como? Ora, com mil diabos! Como poderia fazê-lo, se sou crassamente ignorante? Eu me divorciei. E daí? Não, você me esgota a paciência, Semion! Demais, já tenho o caso de Bannik para me amolar... Tenho que pensar em mim, e você vem me aborrecer com minha ex-mulher.

Davídov ia responder quando, no pátio da direção, um automóvel buzinou. O pequeno *Ford* do comitê executivo do setor apareceu, sacolejando, roçando a neve derretida com os pára-lamas. Samokhin, o presidente da comissão de contrôle, abriu a porta e desceu do veículo.

— Pronto... deve ser por minha causa — disse Nagulnov franzindo o cenho e lançando um olhar colérico a Davídov. Veja lá!... Não vá contar-lhe as maravilhas de minha mulher, hein?... Seria o meu fim. Você não sabe que espécie de indivíduo é Samokhin. Iria logo perguntar-me: "Por que se divorciou, era ocasião própria para isso?", etc. Um comunista que se divorcia é para êle pior que uma facada. Não é um inspetor operário e camponês, é um verdadeiro pope. Não suporto êsse velhaco... E tudo por causa de Bannik, daquele canalha! Antes o tivesse matado.

Samokhin entrou. Sem largar a pasta de lona, sem cumprimentar ninguém, disse, em tom meio zombeteiro:

— Bem, Nagulnov, você faz cada uma!... Por sua causa, tenho que passear, com êsse tempo cachorro. E quem é êste camarada? Davídov, se não me engano? É isso mesmo? Bom dia! — apertou as mãos de Nagulnov e Davídov, sentou-se à mesa. — Camarada Davídov, quer nos deixar a sós por uma meia hora? Preciso falar com esta "bisca" — continuou, indicando Nagulnov.

— Sim, fiquem à vontade.

Davídov levantou-se. Para sua grande estupefação, Nagulnov, que há poucos instantes lhe pedira para não falar de seu divórcio, resmungava, aparentemente disposto a contar tudo:

— É verdade que acertei as contas com aquêle porco contra-revolucionário... Mas, não é tudo ainda, Samokhin.

— Que mais?

— Pus minha mulher na rua!

— Como? — fêz Samokhin, com ar espantado.

Pôs-se a assobiar ruidosamente, rebuscando a pasta e ajeitando papéis...

28

À noite, Ostrovnov, durante o sono, ouvia passos, batidas de pés, perto do portão da cêrca, sem conseguir acordar inteiramente. Quando enfim, com grande esfôrço, abriu os olhos, ouviu, já acordado, ranger uma prancha da paliçada, sob o

pêso de um corpo, e tilintar alguma coisa metálica. Precipitou-se para a janela e espiou. Na escuridão opaca da madrugada, viu alguém, grande e pesado, saltar por cima da sebe. Pelo gorro de peles que punha uma mancha branca na obscuridade, reconheceu Polovtsev. Atirando uma jaqueta nos ombros, Ostrovnov apanhòu as botas de fêltro que estavam sôbre a estufa, calçou-as e saiu.

Polovtsev havia feito entrar a montaria para o pátio, e fechara o portão com uma barra. Ostrovnov apanhou as rédeas. O animal estava coberto de suor; arquejava e suas pernas vacilavam.

Sem responder à saudação de Ostrovnov, Polovtsev murmurou com voz rouca:

— Escute... Liatievski está aí?

— Está dormindo. Ah! que trabalho tivemos com êle!... Durante todo êste tempo não parou de beber.

— O canalha!... Acho que arrebentei o cavalo.

Polovtsev falava tão baixo, que sua voz era quase imperceptível. Ostrovnov teve a impressão de perceber, através dela, grande inquietação e fadiga.

Já em seu quarto, Polovtsev descalçou as botas. De uma sacola tirou uma calça azul de cossaco, com frisos vermelhos, e vestiu-a. A outra, tôda encharcada, pôs a secar.

Ostrovnov, apoiado no batente da porta, observava os movimentos pausados do chefe. Êste, sentado no leito, envolveu as pernas com os braços e, aquecendo as plantas dos pés ao calor da estufa, ficou imóvel durante um minuto, como adormecido. Estava caindo de sono. Abriu os olhos com esfôrço, fixou-os longamente em Liatievski que dormia o pesado sono da embriaguez, e perguntou:

— Faz muito tempo que começou a beber?

— Desde que você partiu. E como bebe!... A tal ponto que está ficando inconveniente, por causa dos vizinhos... Pede aguardente diàriamente. Isto pode levantar suspeitas.

Sem descerrar os maxilares, Polovtsev murmurou entre os dentes, com profundo desprêzo:

— Canalha!

Pôs-se a cochilar, sentado, balançando a grande cabeça que principiava a encanecer. Depois de cabecear um pouco,

sob o efeito da onda de sono que o assaltava, sobressaltou-se, abriu os olhos e pôs os pés no assoalho.

— Faz três dias que não durmo... Os rios estão transbordando. Tive que atravessar a nado êste daqui, o de Gremiatchi.

— Devia deitar-se, Alexandre Anissimovitch.

— É o que vou fazer. Dê-me fumo. O meu está todo molhado.

Àvidamente, deu duas tragadas e reanimou-se. O véu de sonolência, que empanava seus olhos, havia-se dissipado. A voz firmou-se.

— Bem, como vão as coisas por aqui?

Ostrovnov pô-lo a par ràpidamente do que se passava. Depois, por sua vez, perguntou:

— E com os senhores, vai tudo bem?... É para logo?

— Nestes dias, ou nunca mais. Amanhã, à noite, irei com vocês à aldeia de Voiskovói. É daquele lado que temos que lançar o movimento. Mais próximo da *stanitsa*. Neste momento se encontra ali uma coluna de agitadores. É por ela que vamos começar. Você será muito útil nesta viagem. Os cossacos de lá conhecem você, sua palavra fará com que êles façam das tripas coração.

Polovtsev calou-se. Com a mão enorme, acariciou longamente o gato negro que lhe havia saltado nos joelhos. Depois, murmurou com calor e meiguice na voz, num tom que não lhe era habitual:

— Mimi, bichinho! Que belo gato! É nẽgro como um corvo. Adoro gatos, Ostrovnov! O cavalo e o gato são os melhores animais que existem... Em casa tinha um angorá, enorme, magnífico... Dormia sempre comigo... Seu pêlo eram de um cinza lindo... — Polovtsev, sonhador, fechou os olhos, sorriu, fêz um gesto com os dedos, — um cinza parecendo fumaça, com manchas brancas. Um gato so-ber--bo!... E você, Ostrovnov, não gosta de gatos? Eu, por exemplo, não gosto de cachorros... Não posso suportá-los! Sabe o que aconteceu comigo quando era menino? Devia ter uns oito anos. Havia em nossa casa um cachorrinho, bem pequeno. Brincando com êle, devo tê-lo machucado. Então, abocanhou-me o dedo e mordeu-o até sair sangue. Fiquei

enraivecido. Apanhei uma vara e comecei a bater nêle. Ele foge, apanho-o novamente e o chicoteio... sentindo grande prazer. Êle corre para o telheiro, eu atrás. Esconde-se sob a escada, eu o alcanço e o espanco com vontade. Estava num estado lastimável. Não latia mais, gemia, soluçava... Então, eu o abracei... — um sorriso confuso e culpado aflorou à bôca de Polovtsev — eu o apanhei e, cheio de piedade, pus-me a soluçar, mas, a tal ponto, que senti-me doente. Minha mãe acorreu. Viu-me por terra, ao lado do cão, perto da cocheira, esperneando convulsivamente... Desde então, tenho horror a cachorros. Mas, gatos... sou maníaco por êles. E crianças também. As pequeninas. Gosto tanto delas que até parece loucura. Uma criança chorando deixa-me doente... E você, meu velho, gosta de gatos?

Assombrado por esta manifestação de sentimentos humanos, pelas palavras inusitadas de seu chefe, aquêle brusco oficial, endurecido pelas batalhas, bem conhecido, desde os tempos da guerra russo-germânica, pela ferocidade com que tratava os soldados, Ostrovnov sacudiu a cabeça.

Polovtsev ficou silencioso por uns instantes. Sua expressão tornou-se dura. Perguntou em tom sêco:

— Faz muito tempo que o correio chegou?

— Por causa do degêlo, já faz uns dez dias que não recebemos correspondência. Todos os rios transbordaram, as estradas estão impraticáveis

— Na aldeia não se comentou ainda o artigo de Stálin?

— Qual artigo?

— Um que foi publicado nos jornais... Um artigo a respeito dos colcoses.

— Não. Quero crer que êsses jornais não chegaram até aqui. Que dizia êsse artigo, Alexandre Anissimovitch?

— Ora, nada de especial... Sem interêsse para você. Bem, vá deitar-se. Dê de beber a meu cavalo, daqui a umas três horas. Amanhã, à noite, arranje um par de cavalos do colcós. Assim que cair a noite, partiremos para Voiskovói. Você irá através dos campos, não é longe.

De manhã, Polovtsev conversou longamente com Liatievski que já havia curtido a bebedeira. Depois desta entrevista, Liatievski entrou na cozinha, pálido, carrancudo.

— Quer tomar um traguinho para refrescar? — perguntou Ostrovnov, cauteloso.

O outro, entretanto, com o olhar perdido, respondeu escandindo as palavras:

— Não, já não é preciso...

E voltou para o quarto.

* * *

Ivã Batalshtchikov, um dos aldeões recrutados por Ostrovnov para a *Liga de Libertação do Don*, estava de guarda nas estrebarias do colcós. Mas, mesmo a êle, Ostrovnov não ousou dizer para onde iam, nem qual era seu desígnio. Interrogado por Batalshtchikov, respondeu evasivamente: "Devemos ir a um lugar para tratar do nosso assunto. Não é longe."

O outro, sem hesitar, desamarrou dois dos melhores cavalos. Ostrovnov fê-lo passar por trás das granjas, amarrou-os ao cercado e foi avisar Polovtsev. Chegando à porta do quarto, ouviu Liatievski que gritava: "Não vê que para nós isso significa derrota!" Em resposta, Polovtsev grunhiu alguma coisa severamente, com sua voz de baixo. Ostrovnov, acabrunhado, pressentindo uma desgraça, bateu levemente.

Alguns instantes mais tarde, saíram. Desamarraram os cavalos e partiram a trote. Logo depois da aldeia, vadearam o rio. Durante todo o caminho Polovtsev ficou silencioso. Havia proibido que se fumasse, dando ordem para se evitar a estrada e que se conservassem a uns cem metros da mesma.

Em Voiskovói eram esperados. Cérca de vinte aldeões estavam reunidos na granja de um cossaco amigo de Ostrovnov. Velhos, na maioria. Polovtsev apertou a mão de todos, levou um dêles à janela e falou-lhe em voz baixa durante uns cinco minutos. Os outros observavam em silêncio, ora Polovtsev, ora Ostrovnov. Êste, sentado perto da porta, sentia-se desconcertado, deslocado, entre êsses cossacos que mal conhecia... As janelas estavam hermèticamente fechadas, cobertas pelo lado de dentro com panos grossos. O genro do proprietário vigiava o pátio.

Polovtsev pôs-se a falar em voz baixa:

— Bem, senhores cossacos, a hora está próxima. A escravidão chega ao fim. É necessário agir. Nossa organização de combate está pronta. Começaremos depois de amanhã à noite. Meia centúria de cossacos a cavalo será posta à disposição desta aldeia. Ao primeiro disparo vocês deverão correr para exterminar, ainda dormindo, todos êsses... todos êsses tipos da coluna de agitadores. Nenhum deve escapar! Encarrego o porta-estandarte Marin de comandar êste grupo. Antes de começar a ação, aconselho-os a colocarem uma fita branca nos gorros, assim não haverá possibilidade de confusão na obscuridade. Cada um deverá ter preparado seu cavalo, as armas que dispuser, sabre, carabina ou mesmo espingarda de caça e, também, víveres para três dias. Quando tiverem liquidado a coluna de agitadores e os comunistas locais, êste grupo será incorporado à meia *sotnia* que vem ajudá-los. Ficarão, então, sob as ordens de seu comandante. Deverão obedecê-lo em tudo.

Polovtsev deixou escapar um grande suspiro. Tirando a mão esquerda do cinturão, enxugou com ela o suor que lhe umedecia a testa. Recomeçou em voz mais alta:

— Êste é o cossaco Iakov Lukitch Ostrovnov, que todos vocês conhecem — é de meu regimento — veio comigo de Gremiatchi-Log. Êle lhes dirá da impaciência manifestada pela maioria dos cossacos de Gremiatchi; querem marchar conosco na grande causa da libertação do Don do jugo dos comunistas. Fale, Ostrovnov.

Sob o olhar autoritário de Polovtsev, Ostrovnov levantou-se vivamente do tamborete. Sentia, no corpo todo, uma sensação de pêso. A febre ressecava-lhe a garganta. Mas, nem tinha aberto a bôca, quando um dos assistentes adiantou-se. Era um cossaco, parecendo o mais velho de todos, membro do conselho da fábrica e havia sido, antes da guerra, curador vitalício da escola paroquial de Voiskovói. Levantou-se ao mesmo tempo que Ostrovnov e, sem deixá-lo proferir uma palavra, perguntou:

— Excelência, meu capitão, já está informado?... Antes de sua vinda, justamente, estávamo-nos consultando... há um jornal... que acaba de chegar e traz coisas muito interessantes...

— Hein? Que está dizendo, avô? — perguntou Polovtsev, com a voz alterada.

— Digo que chegou um jornal de Moscou... Traz uma carta do presidente do Partido Comunista...

— Do secretário — retificou uma voz perto da estufa.

— Bom, do secretário de todo o Partido, de Stálin. Está aqui o jornal. É do dia quatro dêste mês — dizia o velho sem se apressar, com uma voz sumida.

Enquanto falava, tirou do bôlso interno do casaco um jornal cuidadosamente dobrado em quatro.

— Nós o lemos em voz alta, um pouco antes de sua chegada e... isto faz com que, como direi... êste jornal nos separa de Vossa Excelência. Sim!... Isto faz com que nosso ponto de vista, o dos camponeses, não coincida mais com o seu... Ontem, ouvimos falar dêste artigo e, esta manhã, sem levar em conta minha idade, montei a cavalo e fui à *stanitsa*... Tive que atravessar a barranca de Levchov a nado... Oh! quase chorei, mas consegui atravessar de qualquer forma. Para encurtar a história, consegui encontrar o jornal em casa de um conhecido. Tive que implorar por Cristo para que me desse o jornal... E o paguei... sim, tive que pagar quinze rublos! E foi sòmente depois que vi o preço... Estava marcado em baixo: cinco copeques... é a mesma coisa, a comuna devolverá meu dinheiro... Decidimos dessa forma... Dez copeques por família e a conta estará certa. Mas, é preciso que se diga que êste jornal vale a soma... Pode ser até que valha mais que isso...

— Que está dizendo?... Você delira, avô!... Será que ficou louco com a idade? Além disso, quem lhe delegou poderes para falar em nome de todos? — perguntou Polovtsev com a voz trêmula de cólera.

Então, avançou um cossaco de pequena altura, de uns quarenta anos, o bigode louro bem aparado, o nariz achatado. Destacou-se do grupo que se conservava em pé, perto da parede, e disse com voz maliciosa, provocadora:

— Camarada ex-oficial!... Não grite dêsse jeito com nossos mais velhos, ouviu?... Já se esganiçou bastante nos tempos passados. Vocês eram senhores naquela época, mas isso acabou. Agora, deve falar sem grosseria. No regime

soviético, perdemos êsse costume, entende? E o nosso velho falou muito bem ao dizer que nos reunimos e decidimos, tendo em vista o artigo da *Pravda,* não nos revoltar. O que há é que nossos caminhos já não são os mesmos! O Poder, em nossa aldeia, fêz muitas besteiras. Forçou pessoas a entrarem para o colcós. Desapropriou sem razão muitos camponeses médios. E isso porque o pessoal daqui não compreendia que se pode forçar uma mulher... mas não um povo inteiro. O presidente de nosso Soviete, por exemplo, havia-nos apertado a cilha de tal forma que, nas reuniões, não tínhamos coragem de levantar uma palavra contra êle. Ah! êle nos fêz passar por boas! Bem, um bom guia, quando a estrada é difícil, escorregadia, afrouxa as rédeas de seu cavalo, procura aliviar a marcha... A princípio, pensávamos: evidentemente... deve haver ordens como essas, vindas do centro, ordens que mandavam que fôssemos espremidos, como se faz quando se tira azeite. Acreditávamos que era o Comitê Central dos comunistas que, de caso pensado, lançara êsse tipo de campanha... Dizíamos que "sem vento, as pás do moinho não giram". Então, decidimos nos revoltar, entrar em sua "liga". Compreende? Mas, agora, o que sucede? Os comunistas daqui, que enfiavam as pessoas, a cacetadas, nos colcoses e fechavam igrejas sem consultar ninguém, levaram um pontapé no traseiro, posso falar assim, do camarada Stálin e perderam seus postos. Isto faz com que os camponeses possam mover-se a seu modo... Poder-se-ia dizer que a cilha está mais folgada, não é verdade? Se se quiser, entra para o colcós, do contrário fica-se estabelecido por conta própria. Decidimos, então, separarmo-nos de vocês, sem ressentimento. Dê-nos os papéis que assinamos por asneira e siga seu caminho. Não iremos prejudicá-lo, visto que também estivemos metidos nisso...

Polovtsev foi até a janela, encostou-se no parapeito e ficou tão pálido que todos notaram. Mas sua voz ressoou firme, sêca, quando, percorrendo com os olhos a assembléia, perguntou:

— Que quer dizer isso? Os cossacos, quem diria? Então são traidores?

Um velho replicou:

— Chame-nos como quiser, mas nossos caminhos não são mais os mesmos... No momento em que o próprio chefe toma nossa defesa, a trôco de que procurar outra coisa? Veja o meu caso: privaram-me injustamente do direito de votar, queriam expulsar-me... Mas meu filho está no Exército Vermelho, de modo que as coisas vão-se arranjar... Não temos nada contra o Poder soviético mas, sim, contra os abusos cometidos aqui. Ao passo que vocês querem lançar-nos contra o Poder soviético. Não, não nos convém. Pedimos com gentileza: devolva-nos os papéis...

Depois foi a vez de outro idoso cossaco. Falou acariciando a barbicha em ponta, com a mão esquerda:

— Nossos caminhos desviaram-se, camarada Polovtsev... Deus é testemunha disso! Fizemos mal em nos unir a vocês. Enfim, diz-se bem: quem não arrisca, não petisca... No outro dia, você nos prometia mil e uma maravilhas. Nós o escutávamos e nos assombrávamos. Com mil diabos!, suas promessas eram muito belas! Você nos disse que, em caso de revolta, os aliados nos forneceriam, num abrir e fechar de olhos, armas e materiais de guerra. Que a única coisa que tínhamos a fazer era massacrar os comunistas. Depois refletimos, e veja o que nos passou pela cabeça. Dissemos: bem, êles nos darão armas, essa mercadoria não custará caro!... Mas não vão, êles mesmos, desembarcar em nosso território? Uma vez lá, acabou-se! Não poderemos mais livrar-nos dêles!... Poderia ser que tivéssemos que expulsá-los, a tiros de canhão, da terra russa. Os comunistas são patrícios, de nossa mesma raça, são certamente dos nossos... Mas aquêle lá, nem mesmo entendemos a língua dêles... Passam pela gente e torcem o nariz... Negariam um punhado de neve, em pleno inverno. E uma vez a seus pés, não adianta esperar favores... Estive no estrangeiro, em 1920... e comi do pão francês em Galípoli. Pensei que nunca mais voltaria. É bem amargo o pão dêles. E vi pessoas de tôdas as nacionalidades, em quantidade!... Bem estou autorizado para dizer que, tirando o povo russo, não há um que me seja próximo e que tenha coração generoso!... Em Constantinopla e em Atenas, trabalhei no pôrto, lá vi franceses e inglêses. Que merda!... Passeiam muito empertigados, empavonados e fazem caretas de nojo quando esbarram na gente,

porque, vejam bem, não estamos barbeados, estamos sujos como porcos, fedendo a suor, e os "fresquinhos" ficam com náuseas só de olhar a gente. São como cavalos de oficial que se lava e se esfrega até embaixo do rabo... Por isso andam tão orgulhosos; por isso que nós lhe damos nojo. Às vêzes, nos cabarés, seus marinheiros nos aborreciam e, por dá cá aquela palha, nos davam aulas de boxe. Mas nossos rapazes do Don e do Kuban, foram aprendendo aos poucos a tratar com estrangeiros... E agora já sabem descer o braço!...

O cossaco sorriu. Os dentes, como uma lâmina azulada, brilharam no meio da barba.

— Quando um de nossos rapazes dá um bom sopapo num inglês, à moda russa, vê-se o que é espetáculo!... O outro dá uma cambalhota e não se levanta mais. Põe a mão na cabeça e bufa como uma foca. São muito delicados para o pulso russo... E embora comam como uns desesperados, não passam de uns raquíticos... Conheço bem êsses aliados!... Sei o que são!... Não, obrigado. Vamos ver se nos arranjamos com nosso poder mesmo... Roupa suja, é melhor lavar em casa... Quanto aos papéis que assinamos, é bom que os devolva, se nos faz favor!

Enquanto isso, Ostrovnov tremia sôbre a banqueta, sem desviar os olhos de Polovtsev. "Vai saltar pela janela, pensava, e vou ficar aqui, como um caranguejo num banco de areia! Estou frito!... Oh! minha mãezinha!... Maldita a hora em que me deu à luz! Por que fui meter-me com o raio dêsse homem! Foi o diabo que me pôs nisto."

Polovtsev continuava tranqüilamente apoiado à janela. Já não era a palidez que lhe cobria a face, era o azul sombrio da cólera e da decisão. Duas grossas veias transversais pulsavam em sua fronte, as mãos apertavam fortemente o parapeito da janela.

— Seja feita a sua vontade, senhores cossacos! Não querem marchar conosco, tanto pior! Não vamos insistir nem mendigar o apoio de vocês... Quanto aos papéis, não os tenho comigo, estão com o estado-maior. Mas não precisam ter preocupação com isso... Podem bem imaginar que não irei denunciá-los à GPU.

— Realmente, não é muito provável — aquiesceu um velhote.

— E, na verdade, não é à GPU que devem temer...

Polovtsev, que até então falara lentamente, com voz pausada, de repente berrou com tôda fôrça:

— É a nós que devem temer! Nós os fuzilaremos, "seus" traidores!... Vamos! Já! Nada de grupos!... Separem-se!... Já na parede!...

Puxou o revólver e, apontando-o para os assistentes, dirigiu-se diretamente para a porta.

Os cossacos separaram-se em desordem e Ostrovnov, que havia se adiantado, atirou-se contra a porta, indo parar no vestíbulo, como uma pedra atirada por uma funda.

Na escuridão, desamarraram os cavalos e partiram a trote largo. Um marulho de vozes irritadas saía da casa. Mas ninguém apareceu, nenhum cossaco tentou prendê-los...

Voltando a Gremiatchi-Log, Ostrovnov reconduziu à estrebaria os cavalos aquecidos pela rápida corrida. Polovtsev chamou-o ao quarto. Não tirou a peliça nem o gorro. Ordenou que Liatievski fizesse imediatamente seus preparativos. Passou os olhos em uma carta que um estafêta havia trazido pouco antes, queimou-a na estufa e pôs-se a arrumar suas coisas nas sacolas.

Ostrovnov, entrando no quarto, encontrou-o sentado em frente à mesa. Liatievski, os olhos brilhantes, limpava sua *mauser*, montava com gestos rápidos e precisos as peças engraxadas com azeite de fuzil. Com o ruído da porta, Polovtsev tirou a mão da fronte e virou-se para Ostrovnov. Êste viu, pela primeira vez, lágrimas correndo dos olhos avermelhados do capitão, lágrimas que escorriam pelo nariz.

— Choro porque nosso projeto não se realizou... pelo menos desta vez — disse Polovtsev com voz retumbante.

Com um gesto teatral, tirou o gorro de peles brancas e, com êle, enxugou os olhos.

— O Don tornou-se pobre de verdadeiros cossacos, e enriqueceu-se de canalhas, traidores e safados... Partiremos imediatamente, Ostrovnov, mas voltaremos. Recebi uma mensagem... Em Tubiansk e em minha *stanitsa*, os cossacos

também se recusaram a lutar. Stálin enganou a todos com seu artigo. Eis aí um que... eis aí um que eu...

A voz de Polovtsev sumiu na garganta, deixando ouvir como que um borbulhar. Os músculos de sua face estremeceram. Os dedos das enormes mãos recurvaram-se como garfos. Apertou os punhos até estalarem as juntas. Depois de um longo suspiro, que mais parecia um estertor, esticou lentamente os dedos e sorriu com o canto da bôca.

— Ah, filhos da puta!... Imbecis amaldiçoados por Deus!... Não percebem que êsse artigo é uma mentira infame, uma manobra! E acreditam nêle... como se fôssem criancinhas!... Ah!, são todos uns castrados... uns vermes! Transtornam a cabeça dêsses cretinos para fazer alta política. Afrouxam a barrigueira para que não se estrangulem totalmente. E êles aceitam isso como se fôsse água benta. Muito bem... Terminarão por compreender, mas, então, será muito tarde... Vamos partir, Iakov Lukitch. Que o Senhor o proteja pela acolhida, por tudo que fêz por nós. Eis minhas ordens: permaneça no colcós; sabote-o da maneira que fôr possível. Aos que haviam entrado para a *Liga*, você dirá, da mesma forma que lhe afirmo: No momento, retiramo-nos, mas não fomos batidos. Voltaremos e, então, infelizes daqueles que se acorvadarem, que nos traíram e à nossa causa!... A grande causa da libertação da pátria e do Don do poder do judaísmo internacional! O castigo será a morte sob o sabre de um cossaco, eis o que você lhes dirá!...

— Sim, direi isso — murmurou Ostrovnov.

As palavras e lágrimas de Polovtsev haviam-no emocionado. Mas, no íntimo, estava bem contente por poder se livrar dos perigosos hóspedes: Enfim, tudo terminava de boa maneira: de agora em diante, não teria que arriscar o bem-estar nem a pele.

— Eu lhes direi isso — repetiu.

E atreveu-se a perguntar:

— E para onde vai agora, Alexandre Anissimovitch?

— Para que quer saber? — perguntou Polovtsev, pondo-se em guarda.

— Por nada... Apenas para o caso de que precisemos do senhor, ou que alguém venha procurá-lo.

Polovtsev sacudiu a cabeça e levantou-se.

— Não, não posso dizer. Mas, dentro de umas três semanas, espere por mim... Adeus!...

Estendeu a mão gelada.

Liatievski despediu-se de Ostrovnov no pátio. Enfiou-lhe na mão duas notas.

— Vai a pé? — perguntou Ostrovnov.

— Não, é sòmente na saída... Meu automóvel está esperando na esquina — brincou o tenente, sem perder o bom humor.

Esperou que Polovtsev montasse. Segurou então o estribo, e declamou:

— "Em marcha, príncipe, lança teu corcel contra o campo inimigo... Talvez, ainda que a pé, eu não fique para trás..."

Ostrovnov acompanhou os hóspedes até pouco além do portão. Com enorme sensação de alívio, trancou a porta da cocheira, persignou-se. E, preocupado, tirando o dinheiro que recebera de Liatievski, tentou distinguir, na obscuridade da madrugada, o valor das notas, procurando verificar, pelo tato e pelo estalar do papel, se não eram falsas.

29

A vinte de março, pela manhã, o carteiro chegou a Gremiatchi-Log, trazendo os jornais, atrasados em virtude da enchente, que traziam o artigo de Stálin: *A Vertigem do Sucesso*. Os três exemplares do *Martelo*, de quatro de março, em um dia passaram por tôdas as granjas. À noite, não eram mais que farrapos gordurosos e úmidos. Nunca, desde que existia Gremiatchi-Log, um jornal conseguira ter tantos leitores quanto daquela vez. Eram lidos em grupos, nas granjas, nas vielas, atrás dos estábulos, nos sótãos dos depósitos de cereais. Um lia em voz alta, os outros escutavam, temendo soltar uma palavra que perturbasse o silêncio. O artigo suscitava, em tôda parte, veementes discussões. Cada um o interpretava a seu modo... E, em quase tôda parte, quando surgiram Nagulnov e Davídov, o periódico passava de mão em

mão... Voava, dessa forma, entre a multidão, como um pássaro branco, até desaparecer nas profundezas de um bôlso.

Triunfante, Bannik foi o primeiro a enunciar esta hipótese:

— Agora, os colcoses vão arrebentar por tôdas as costuras, como roupa apodrecida.

— O estêrco irá por água abaixo — replicou Uchakov. — Só restarão os inteligentes.

— Cuidado com o inverso!... Bem poderia dar-se que o contrário sucedesse, hein? — respondeu Bannik sarcàsticamente.

E apressou-se a partir, para cochichar àqueles em quem confiava: "Façam barulho. Salvem-se dos colcoses, já que foi proclamada a liberdade para os servos."

— Veja o jeito dos camponeses médios agora... Um pé no colcós, outro no ar... Hesitam e pensam em voltar a estabelecer-se por conta própria — dizia Liubichkin a Menok, mostrando-lhe os camponeses médios, membros do colcós, que discutiam animadamente.

As comadres, às quais poucas coisas escapavam, entregavam-se, como de costume, a tôda sorte de conjeturas. E a aldeia partilhava dos comentários:

— Vão dissolver o colcós...

— Chegou uma ordem de Moscou: parece que vão devolver as vacas.

— Vão trazer de novo os culaques e inscrevê-los no colcós.

— Deram novamente o direito de voto àqueles que estavam privados dêle.

— Vão reabrir a igreja de Tubiansk. O trigo de plantio que estava guardado, vai ser distribuído aos colcosianos para que se fartem.

Grandes acontecimentos aproximavam-se. Todos percebiam isso. À noite, na reunião da célula, Davídov, nervoso, disse:

— O artigo do camarada Stálin é muito oportuno. Para Nagulnov, por exemplo. Os sucessos viraram-lhe a cabeça... E a nós também, pelo menos um pouco... Camaradas, vejamos as proposições que têm... Que devemos corrigir? Devolvemos as aves domésticas, bem... a idéia nos veio em boa

hora. Mas as ovelhas e as vacas? Como proceder? Se não agirmos polìticamente, que acontecerá? Será como que um sinal: "— Salvem o que puder!", "— Fujam dos colcoses!" E todos marcharão... Levarão o gado e voltaremos à estaca zero... É claro como água!...

Nagulnov, que havia chegado por último, levantou-se e olhou Davídov com os olhos lacrimosos e injetados. Quando abriu a bôca, Davídov sentiu-lhe o hálito pesado e um cheiro de aguardente.

— Você diz que êste artigo me atinge? Sim, em pleno coração! Atravessou-me de lado a lado... E minha cabeça virou, não quando criamos o colcós... mas agora, depois dêste artigo...

— Especialmente depois de uma garrafada boa — intercalou Naidenov em voz baixa.

André sorriu, piscando os olhos com ar entendedor. Davídov baixou a cabeça. Nagulnov inflou as narinas embranquecidas e seus olhos brilharam:

— Escute, fedelho, você é ainda muito criança para me dar lições ou admoestar-me!... Não havia secado ainda seu umbigo e eu já me batia pelo Poder soviético já estava no Partido... Está ouvindo?... Não nego que hoje tomei um trago... É claro, como diz nosso camarada Davídov. Uma garrafa, não... duas!

— Bem, você tem de que vangloriar-se! É por isso que lhe saem besteiras por todos os poros — disse André sombriamente.

Nagulnov olhou-o de través. Falou mais baixo, sem gestos excessivos, com a mão crispada sôbre o peito. Assim ficou até o fim de seu discurso, desgostoso, mas ardente.

— Você se engana, André. Bebi porque o artigo de Stálin atravessou-me de lado a lado, como chumbo quente. Senti uma golfada de sangue borbulhar dentro de mim...

A voz tremeu e fêz-se mais baixa:

— Eu sou aqui o secretário da célula, não é verdade? Aborreci a todos, e a vocês também, malandros, para trazer galinhas e patos para o colcós, não é? Eis como fiz a agitação: a alguns de nossos gatunos, perfeitamente enquadrados na categoria de médios, eu dizia claramente: "— Você não vai

entrar para o colcós? E, então, contra o Poder soviético? Em 1919 combateu-nos, resistiu-nos, e agora, nesta hora, ainda quer atrapalhar? Bem, não vá esperar que tenha pena de você. Vou arrancar-lhe as tripas, verme, agora mesmo!" Não foi assim que falei? Sim. E chegava até a bater com o revólver na mesa. Não me desdigo... Sim, mas não falava nesse tom com todos... Falava assim com aquêles que estavam decididamente contra nós. E agora não estou mais bêbedo, nada de brincadeiras, ouviram? Ah, êsse artigo atingiu-me o coração. E foi por causa dêle que tomei um trago, o primeiro em seis meses... Mas, o que é êsse artigo? O camarada Stálin o escreveu, e eu, Makar Nagulnov, fico transtornado, as pernas tolhidas, caio na lama... Camaradas, reconheço perfeitamente que tive desvios de esquerdas, no que se refere às galinhas e outras aves... Mas vejamos, velhos irmãos, por que procedi assim?... E por que vocês, a todo instante, vêm para cima de mim com Trotski? Por que me classificam da mesma forma? Você, Davídov, sempre caiu sôbre mim, dizendo que eu era um trotskista da esquerda. Mas estou bem longe de Trotski... E não sou como êle... Não entrei para o Partido como um espertalhão cheio de ciência... Entrei de todo o coração e com o sangue que derramei por êle...

— Vamos aos fatos, aos fatos, Nagulnov. Você está nos contando histórias que não acabam mais... O tempo é curto, vamos! Não temos tempo a perder. Que nos propõe, como iremos corrigir nossas faltas comuns? Não há necessidade de ficar repisando como Trotski: "— EU estou com o Partido, EU e o Partido..."

— Deixe-me falar! — urrou Nagulnov.

Com o rosto côr de púrpura, apertou ainda com mais fôrça a mão direita sôbre o peito.

— Eu não quero nada com Trotski... Sim, tenho vergonha de ser comparado a êle. Não sou traidor e previno a todos: parto a cara de quem me chamar de trotskista, ou não me chamo Nagulnov. Se tive desvio de esquerda no caso das galinhas, Trotski não teve nada a ver com isso. É que tinha pressa, queria que viesse mais ràpidamente a revolução mundial. Queria acelerar as coisas, aplicar torniquetes aos proprietários, aos pequenos burgueses. Eu me dizia: é mais um

passo adiante, no sentido do esmagamento do capitalismo mundial!... Bem, por que não dizem alguma coisa? E agora, que sou, segundo o artigo do camarada Stalin?... Vejam o que vem impresso bem no meio do artigo...

Nagulnov tirou do bôlso da peliça um exemplar da *Pravda*. Desdobrou-o e leu atentamente:

— "A quem podem favorecer essas deformações, essa imposição do movimento de coletivização por meio de decretos burocraticos, essas ameaças indignas feitas aos camponeses? Sòmente a nossos inimigos. A que podem conduzir essas deformaçoes? A fortalecer nossos inimigos e a comprometer a idéia do movimento de coletivização. Nao é evidente que os autores dêsses desvios, que se imaginam de 'esquerda', sòmente, na realidade, levam água ao moinho dos oportunistas de direita?" Isto quer dizer que sou, em primeiro lugar, um funcionário burocratico e, depois, um autor de desvios... Comprometi os colcosianos, levei água aos oportunistas de direita e fiz girar seu moinho. Tudo isso, por causa de algumas infelizes ovelhas e algumas galinhas que não valiam nada!... Àh! Besteira!... E ainda por ter surrado alguns antigos guardas brancos que vinham ao colcós com más intenções... Não, é falso!... Trabalhamos, trabalhamos com afinco para criar o colcós e, agora, o artigo dá o toque de retirada. Comandei um esquadrao contra os poloneses, contra Wrangel. Há uma coisa que sei muito bem: uma vez iniciado o ataque, não se volta atrás.

— Você foi muito mais além de seu esquadrão — disse André com ar sombrio. — Já há algum tempo apoiava Davídov resolutamente.

— Vamos, Nagulnov, termine logo, por favor, pois temos que tratar de coisa séria. Quando você fôr eleito secretário do C. C., então sim, poderá comandar os ataques que quiser. Mas, por enquanto, você é um combatente das fileiras e trata-se de manter a organização das linhas... Do contrário, teremos que chamá-lo à ordem.

— Deixe-me falar, André. Obedeço qualquer ordem do Partido... Se quero falar agora, não é por opor-me ao Partido, que me é muito caro, mas por querer-lhe muito bem. O camarada Stálin diz que é necessário considerar as condições locais, certo? Então, Davídov, por que disse que o artigo me

atinge? Por acaso êle diz claramente que Nagulnov é um burocrata? É possível que essas palavras nada tenham a ver comigo. Ah!, se o camarada Stálin viesse a Gremiatchi-Log, eu lhe diria francamente: "— Querido camarada Iosif Vissarionovitch, não é, então, de opinião que se dê uma lição aos camponeses médios? Você os lastima e quer que lhes falemos gentilmente? E se êsse camponês tivesse sido anteriormente um cossaco branco? E se ainda agora se apegasse como antes à propriedade? Como proceder então? De que modo devo agradá-los para que, de boa vontade, entrem para o colcós e se aproximem sem hesitar da revolução mundial? Pois êste camponês, mesmo no colcós, não renuncia à sua propriedade. Pelo contrário, apega-se mais ainda a ela, tanto que procura sempre alimentar seus animais melhor que os dos outros. Veja como é." E se o camarada Stálin, tendo visto o pessoal daqui, insistisse ainda, dizendo que tive desvios e que comprometi os colcosianos, então eu lhe diria sem rodeios: "— Camarada Stálin, o diabo que se arrisque com êles, pois não tenho mais fôrças para isso, considerando a saúde que perdi nas diversas frentes de batalha. Deixe-me ir para a fronteira da China, lá saberei fazer-me útil. Quanto a Gremiatchi-Log, André Razmetnov que a coletivize. Êsse tem a espinha menos dura... Não lhe custa nada distribuir abraços, pode até derramar uma lágrima... Isso êle também sabe fazer!"

— Não se mêta comigo, hein! Do contrário...

— Vamos, chega! Já basta por hoje!

Davídov levantou-se, colocou-se à frente de Nagulnov e, com uma frieza inusitada na voz, disse:

— A carta de Stálin, camarada Nagulnov, é a linha do C.C. Então, não está de acôrdo com essa carta?

— Não.

— E seus erros, reconhece-os? Eu, por exemplo, reconheço os meus. Não se pode ignorar fatos... Não podemos passar por cima de certas coisas. Não sòmente reconheço que forçamos as coisas, socializando o gado e as aves, mas quero corrigir meus erros. Nós nos entusiasmamos em excesso com a percentagem de coletivização... Ainda que nisso caiba um pouco de responsabilidade ao comitê de setor... E não temos

trabalhado bastante para reforçar o colcós: Reconhece tudo isso, camarada Nagulnov?

— Sim.

— E então?

— O artigo não é justo...

Durante um minuto Davídov alisou com as mãos a toalha encerada, cheia de manchas, que cobria a mesa. Avivou, sem saber porque, a mecha da lâmpada, que brilhava moderadamente. Procurava, com tôda certeza, dominar a emoção, mas não conseguiu:

— Cabeça de pau! Pedaço de asno!... Por essas palavras, em outro lugar, você seria expulso do Partido, é claro. Ficou louco? De duas, uma: ou você cessa imediatamente êsse... essa... oposição que faz, ou então nós vamos... é claro. De uma vez por tôdas, já ouvimos bastante!... Mas, já que coloca a questão sèriamente, então está bem. Vamos informar o comitê de setor de sua atitude com relação à linha do Partido.

— Está bem. Informarei pessoalmente o comitê. Responderei, de uma vez, por Bannik e o resto...

Ouvindo a voz desalentada de Nagulnov, Davídov moderou-se um pouco. Levantou os ombros:

— Quer que lhe diga uma coisa, Nagulnov? Vá, antes de mais nada, dormir um pouco. Depois tornaremos a falar sôbre o assunto... Por outro lado, estamos parecendo duas comadres, que falam, falam, falam, sem chegar a acôrdo algum. Você começa dizendo que reconhece seus erros, logo depois declara que o artigo não é justo. Então, quais os erros que reconhece, se o artigo não é justo em sua opinião? Você já não sabe o que diz, é claro. E diga-me, desde quando os secretários de célula se apresentam embriagados nas reuniões? Que significa isso, Nagulnov? É agir mal com o Partido. Você, um velho comunista, um guerreiro vermelho, condecorado com a ordem da Bandeira Vermelha, conduzir-se dêsse modo!... Veja Naidenov, membro da Juventude Comunista, que não irá êle pensar? Se a comissão de contrôle souber que você anda bebendo, principalmente numa ocasião tão grave, que você aterroriza, de revólver na mão, os camponeses médios, que sua atitude, no que se refere a deformações, não

tem nada de bolchevique, você passará bem mal. Deixará de ser secretário e, talvez, até o expulsem do Partido... Tudo isso é muito sério.

Davídov passou a mão nos cabelos e fêz uma pausa. Sentia que ferira Nagulnov vivamente.

— Não há necessidade de abrir discussão a respeito do artigo — disse. — Você não se referirá mais ao Partido dessa maneira. Êle já pôs em xeque pessoas muito mais cabeçuda que você, e tiveram que submeter-se... Será que não compreende isso?

— Deixe-o... Não vale a pena aborrecer-se por êle! Amolou-nos durante uma hora, para não dizer nada. Seria melhor que fôsse logo dormir! É vergonhoso! Olhe-se no espelho, vamos... teria mêdo da própria imagem! A cara inchada, os olhos como os de um cão raivoso... Não tinha nada melhor a fazer do que mostrar-se nesse estado? Vá embora.

André saltou da cadeira e sacudiu Nagulnov rudemente. Mas o outro, com um movimento lasso e sem vida, retirou-lhe a mão e curvou-se ainda mais.

Fêz-se um silêncio impressionante. Davídov tamborilava, impacientemente, com os dedos sôbre a mesa...

Naidenov, que durante tôda a discussão observara Nagulnov, estupefato, propôs:

— Camarada Davídov, terminemos.

Davídov animou-se:

— Então, camaradas, eis o que proponho: devolveremos, aos colcosianos, as vacas e o gado miúdo... Devemos procurar convencer aquêles que entregaram duas vacas, a deixar uma no rebanho coletivo. Amanhã, bem cedo, convocaremos uma reunião para explicar as coisas... O que é necessário, neste momento, é explicar, fazer compreender. Receio que comecem a abandonar o colcós, agora que, de um momento para outro, partiremos para o campo... Vamos Nagulnov, chegou a hora de mostrar sua fibra... Fazê-los todos compreender, mas sem recorrer ao revólver, que não devem deixar o colcós. Isso é o que devemos fazer, é claro! Então, vamos votar minha proposta? Quem está a favor? Você se abstém, Nagulnov? Bem, vamos consignar: "uma abstenção"...

André propôs que se iniciasse, desde o dia seguinte, a destruição dos ratos campestres. Ficou decidido que seria mobilizada, para esse fim, parte dos colcosianos, que não fôsse trabalhar no campo. Algumas parelhas de bois seriam colocadas à sua disposição, para o transporte de água. Além disso, pediriam ao mestre-escola Chpin que levasse seus alunos para ajudar na caça aos roedores.

Davidov estava perplexo. Perguntava-se se seria necessário pressionar mais Nagulnov, aplicar a disciplina do Partido, por sua intervenção contra o artigo de Stalin, pela sua recusa em liquidar com as consequências dos erros cometidos na criação do colcos. Mas, no fim da reunião, contemplando Nagulnov, sua face morenamente parda, suada, as veias da testa pulsando, pensou: "Não, é melhor não fazer nada!... Compreenderá sozinho. É necessário que a compreensão surja, sem que façamos pressão. É um trabalho, mas, assim mesmo, é dos nossos! Além disso, essa enfermidade que o aflige... os ataques... Não, temos que abafar isto."

Nagulnov ficou até o fim da reunião sem dizer nada, sem trair sua emoção. Uma vez, somente, Davidov percebeu um forte tremor, qual onda raivosa, percorrer-lhe as mãos, que jaziam inertes sobre os joelhos...

Murmurou ao ouvido de André:

— Acompanhe Nagulnov esta noite e veja que não beba nada.

O outro assentiu com a cabeça.

Davidov voltava para casa. Próximo à cêrca da casa de Tchebakov, alguns cossacos estavam sentados sobre uma paliçada. Vozes animadas vinham dali. Davidov ia pelo outro lado da rua. Chegando à altura do grupo, ouviu uma voz, que da sombra, afirmava, zombeteiramente:

— Por mais que se pague, por mais que se dê, cada vez mais acham que não é bastante!...

— Nasceram agora duas asas no Poder soviético — dizia outra voz: — a asa direita e a esquerda. Quando será que levantará vôo para arrebentar-se na casa do demônio?

Ouviu-se um riso de várias sonoridades que, prontamente, extinguiu-se. Um murmúrio inquieto lhe sucedeu:

Novamente, a primeira voz, agora sem o menor tom de regozijo, afetando um tom sério, disse, arrastando as palavras:

— Ah! Sim... Se não chovesse mais, acabaríamos bem depressa o plantio... A terra seca num instante... Bem, velhos amigos, vamos deitar, não?... Então, até à vista.

Uma tosse. Passos que se afastam...

30

No dia seguinte, vinte e três colcosianos declararam que iriam abandonar o colcós. Eram, na maioria, camponeses médios, dos últimos que haviam entrado para o colcós, daqueles que, nas reuniões, habitualmente guardavam silêncio, sempre discutiam com os chefes de equipe e relutavam em trabalhar.

Eram daquèles de quem Nagulnov havia dito: "Colcosianos, êsses? Vamos, êsses não fedem nem cheiram."

Pertenciam àqueles que, na verdade, constituíam um pêso morto para as brigadas, que haviam entrado para o colcós apenas por mêdo à direção e às autoridades ou, simplesmente, por terem sido arrastados pelo poderoso movimento geral que começara desde o mês de janeiro.

Davídov, ao receber a comunicação, tentou fazê-los raciocinar, aconselhou-os a refletir, a esperar um pouco, mas obstinavam-se em seus propósitos. Por fim, Davídov disse, com um gesto desalentado:

— Está bem, partam, cidadãos, lembrem-se porém: quando quiserem voltar ao colcós, pensaremos duas vêzes antes de aceitá-los.

— Não é muito provável que desejemos entrar novamente. Esperamos poder passar perfeitamente sem seu colcós. É que, veja você Davídov, antigamente não se vivia tão mal sem o colcós... Não se morria de fome... Éramos donos de nossos bens e nenhum estranho, vindo não se sabe de onde, nos dava palpites sôbre trabalhos do campo ou plantio... Não nos deixávamos manejar. Bem, da mesma maneira, agora contamos passar sem o colcós — respondeu por

todos um colcosiano dos mais novos, Ivã Batalstchikov, com os dentes brilhando no meio de seus belos bigodes castanhos.

— Nós também nos arranjaremos sem vocês. Não vamos chorar nem ficar desolados, é claro. É até um alívio — disse sêcamente Davídov.

— Evidentemente, é melhor que nos separemos como amigos, não é verdade? Dizemos as coisas como são e cada um segue seu caminho... Vocês permitirão que apanhemos nossos animais nas brigadas?

— Ah, isso não! Vamos apresentar o caso à Direção. Esperem até amanhã...

— Não temos tempo. Pode ser que vocês, sòmente depois da Trindade, vão semear... Nós devemos ir para o campo. Enfim, esperaremos até amanhã... Mas, se ainda amanhã quiserem reter nossos animais, iremos buscá-los pessoalmente!

Percebia-se uma ameaça direta na voz de Batalstchikov. Davídov, com um rubor de cólera na face, respondeu:

— Gostaria de ver isso, como teria você coragem de ir buscar, o que quer que fôsse, na estrebaria do colcós, sem autorização da Direção!... Em primeiro lugar, não o deixariam fazer... Depois, no mínimo, teria que responder pelo ato num tribunal.

— Como? Por um gado que me pertence?

— Até nova ordem, êle pertence ao colcós.

Davídov separou-se dêstes ex-colcosianos sem sentir pena alguma. Mas, o que lhe causou desagradável surprêsa foi a declaração da saída de Demid. Êste chegou ao entardecer, completamente bêbedo e, mesmo assim, calado como sempre. Sem cumprimentar, atirou sôbre a mesa um pedaço de jornal, com estas palavras rabiscadas através do texto: "Deixe-me sair do colcós."

Davídov virava e revirava entre as mãos a lacônica declaração de Demid. Surprêso e desgostoso, perguntou:

— Que se passa com você, hein?

— Vou-me embora — resmungou Demid.

— Para onde? Por quê?

— Deixo o colcós.

— Mas por quê? Para onde irá?

Demid, depois de uma pausa, fêz um largo gesto com o braço.

André traduziu o gesto:

— Você quer correr mundo?

— Isso.

— Mesmo assim, por que vai? — interrogou Davídov, surpreendido com a decisão daquele camponês pobre e ativista silencioso.

— Pois os outros vão... Então, eu também...

— E se os outros arrebentam a cabeça no primeiro barranco, você fará a mesma coisa? — perguntou-lhe sorrindo André.

— Ah! isso não, certamente!

Demid pôs-se a gargalhar ruidosamente. Sua risada parecia o ressoar de um tonel vazio.

— Enfim, se assim quer — disse Davídov com um suspiro — pode pegar sua vaca. A você, que é pobre, nós a devolveremos sem discussão, é claro. Não é justo, André?

— Sim, é necessário restituí-la — aquiesceu êste último.

Demid, porém, pôs-se a rir novamente de forma tonitruante e soltou:

— Não preciso de minha vaca para nada! Faço presente dela ao colcós. É que... vou casar-me, tornar-me genro... Estão admirados, não?

E saiu sem despedir-se.

Davídov olhou pela janela: Demid havia parado perto da escada da entrada. A luz vermelha do sol poente iluminava em cheio suas costas de urso, a nuca possante, coberta por anéis de cabelo dourado.

Um enorme charco de neve derretida, estendendo-se da escada até o depósito, inundava o pátio do colcós. Dos degraus da escada partia, acompanhando o cercado, um pequeno caminho formado pelas pisadas na neve mole, no barro. Para contornar a poça, as pessoas recorriam à paliçada, segurando-se às suas estacas.

Demid ficara ali, perdido num sonho profundo. Depois, como se se separasse do solo, com uma indolência de bêbedo, marchou diretamente, através da água, para o depósito.

Continuando a observá-lo com interêsse, Davidov viu Demid agarrar uma picareta que estava apoiada no muro e dirigir-se para o portão.

— Será que êsse grande desengonçado quer demolir alguma coisa? — disse André que, por sua vez, aproximara-se da janela.

E soltou uma gargalhada. Sempre demonstrara simpatia por Demid, verdadeira amizade, experimentando um respeito enorme por sua fôrça física.

Demid entreabriu o portão e descarregou a picareta com tal fôrça sôbre o monte de neve gelada que arrancou um vasto bloco de gêlo, de uns cinqüenta quilos. Uma chuva de pedacinhos de gêlo martelou o portão. Logo a seguir, pelo leito cavado a golpes de picareta, a água do pátio começou a escorrer sem ruído.

— Oh! êsse voltará ao colcós — disse André.

Bateu nas espáduas de Davídov para mostrar-lhe Demid.

— Viu qualquer coisa que não estava direito. Consertou-a, para partir depois. É porque seu coração ainda está conosco. Não é verdade?

* * *

Depois da celeuma causada pelos jornais que traziam o artigo de Stálin, o comitê de setor enviou à célula de Gremiatchi longas instruções, ininteligíveis e embaralhadas, sôbre a liquidação dos erros cometidos.

Era a confusão completa. Nenhum dos dirigentes do distrito aparecia no colcós. Aos pedidos de esclarecimentos, enviados pela base para saber o que fazer dos bens dos "desertores", nem o comitê do Partido, nem a *União Agrícola* respondiam. E, sòmente, quando chegou a decisão do C. C.: *Sôbre a Luta Contra as Deformações da Linha do Partido no Movimento de Coletivização*, foi que o comitê de setor agitou-se. Gremiatchi-Log foi enterrada numa avalanche de disposições, reclamando com tôda urgência a remessa das listas dos desapropriados, a restituição aos colcosianos do gado miúdo e das aves coletivizadas, a revisão das listas dos cidadãos privados do direito de voto. Ao mesmo tempo, Nagulnov

era oficialmente convocado para a reunião comum do secretariado do comitê e da comissão de contrôle do setor, que seria realizada a 23 de março, às dez horas da manhã.

31

No espaço de uma semana, cêrca de cem famílias haviam abandonado o colcós de Gremiatchi-Log. O maior êxodo verificou-se na segunda brigada, onde não ficaram mais que vinte e nove famílias e, mesmo entre estas, havia algumas que estavam em "estágio de fuga", como dizia o chefe de brigada Liubichkin.

Estes acontecimentos transtornaram a aldeia. Cada dia traziam novidades desagradáveis para Davídov. A um novo pedido seu, para saber se era necessário restituir os animais de tração aos que saíam e devolver o material de trabalho antes ou depois do plantio, a *União Agríaola* e o comitê do Partido responderam com uma ordem fulminante, que se resumia nisto: o pessoal de Gremiatchi devia multiplicar seus esforços e os meios para evitar a dissolução do colcós, para mudar a opinião do maior número possível de colcosianos que estavam em vias de desertar. Todos os acertos de conta com os que saíam, compreendendo a restituição de seus bens, deviam ser feitas no outono.

Algum tempo depois chegou a Gremiatchi, Beglikh, chefe da direção agrícola e membro do comitê de setor. Ràpidamente tomou conhecimento da situação (tinha ainda que visitar, nesse mesmo dia, vários sovietes rurais) e declarou:

— No momento não podemos devolver nem animais nem máquinas. Esperem até o outono. Então veremos.

— Sim, mas... é que os interessados ficam nos aborrecendo — objetou Davídov.

Beglikh, homem firme e decidido, sorriu.

— Faça, por sua vez, a mesma coisa. No fundo, evidentemente, deveríamos restituir, mas a orientação do comitê de setor é esta: restituir apenas em casos excepcionais, atendo-se ao princípio de classe.

— Isso quer dizer?

— Você deve compreender a situação sem haver necessidade de nenhum "isso quer dizer". Restituir aos pobres... Quanto aos médios, prometer-lhes a devolução para o outono, compreendeu?

— Mas, diga-me, Beglikh, isso não resultará nos mesmos erros da campanha de cem por cento de coletivização? A orientação do comitê de setor era, então, esta: "Conseguir os cem por cento de coletivização, custe o que custar e ràpidamente!" E disso resultou confusão... Não devolver os animais ao camponês médio significa apertar-lhe os parafusos, não é verdade? Com que irá trabalhar a terra, semear?

— Não se preocupe com isso. É no colcós que deve pensar e não nos camponeses particulares. Com que irá, você, trabalhar, se devolver os animais? E depois, não parte de nós essa orientação. É do comitê de zona... Soldados da revolução, devemos obedecer sem reservas. Como irá executar o plano, se a metade dos animais fôr devolvida aos particulares? Nada de discursos, nada de discussões! Agarre-se ao gado com unhas e dentes. Se não executar o plano de semeadura, nós lhe arrancaremos a cabeça dos ombros.

E, subindo para o carro, disse, entre outras coisas:

— É duro, muito duro!... Vai ser necessário pagar pelos exageros, velho irmão, sacrificar alguns... Isso não pode ser feito de outra maneira. O pessoal do setor está terrìvelmente aborrecido com Nagulnov. Que foi que andou maquinando por aqui? Parece que agrediu um camponês médio... prendeu pessoas, ameaçou com revólver. Samokhin contou-me isso. Está com um processo inteiro contra êle. Sim, Nagulnov destacou-se como um "esquerdista" de grande calibre. Você já conhece a orientação atual? Ser rijo, chegando mesmo, se fôr necessário, à expulsão das fileiras do Partido! Bem, até a vista! É necessário guardar o gado.

Beglikh dirigiu-se para Voiskovói. O vento não havia ainda secado as marcas das rodas de seu carro, quando chegou, cheio de emoção, Dubtsov, o chefe da terceira brigada.

— Camarada Davídov, as pessoas que saíram do colcós tiraram-me os bois e os cavalos. Tomaram-nos à fôrça.

— Como è isso? Tiraram? Como? — gritou Davidov com a face convulsionada pela cólera.

— É muito simples, fecharam o vaqueiro no palheiro, desamarraram os bois e levaram-nos para a estepe. Dezoito parelhas de bois e sete cavalos. Que vamos fazer agora?

— E você?... Ficou olhando boquiaberto? Onde estava? Por que permitiu isso? Onde estava você, "seu" velhaco de... hein?

O rosto bexigoso de Dubtsov cobriu-se de manchas brancas. Por sua vez, elevou a voz:

— Não sou obrigado a dormir na cavalariça ou no estábulo dos bois. Não há necessidade de gritar comigo. E se você está tão valente, por que não procura recuperar os bois? Quando quebrarem algumas estacas em seu rabo, você me dirá se é bom!...

Sòmente ao entardecer, conseguiu-se deitar mão aos bois, que seus proprietários haviam enviado para a estepe sob forte guarda.

Liubichkin, Dubtsov e mais seis outros colcosianos da terceira brigada, haviam montado a cavalo e partido a galope. Quando Liubichkin viu os bois pastando na vertente oposta da ravina, dividiu o pequeno grupo em dois:

— Dubtsov, pegue três homens e galope pela barranca. Toque os bois pela direita, enquanto eu os cerco pela esquerda.

Liubichkin alisou os bigodes negros como asas de corvo e comandou:

— Afrouxem os bridões! A trote, para a frente, marchem!

A questão não terminou sem pugilato. O primo-irmão de Liubichkin, Zakar Liubichkin, que vigiava os bois em companhia de três outros ex-colcosianos, conseguiu agarrar uma perna de Ignatenok, que chegava a galope. Arrancou-o da montaria e, num instante, derrubou-o brutalmente, deixou-o marcado de equimoses com alguns sôcos e fêz-lhe a camisa em pedaços. Enquanto Pável Liubichkin, sem se apear, castigava o primo com um longo e grosso açoite, os outros puseram os pastôres a correr, amarraram os bois e conduziram-nos a trote para a aldeia.

Davídov mandou passar cadeados na estrebaria e na cavalariça e ordenou que piquêtes de colcosianos ficassem de vigia.

A despeito, porém, de tôdas as medidas tomadas, os que abandonavam o colcós conseguiram levar, em dois dias, para as ravinas distantes, quatorze bois e três cavalos. E, para que a ausência dos adultos não tivesse conseqüências, confiou-se aos adolescentes a tarefa de pastorear o gado.

De manhã à noite uma multidão amontoava-se na sede do colcós e no Soviete. Surgia, com tôda a gravidade, a ameaça de ver as terras coletivas invadidas pelos ex-colcosianos.

Êstes últimos assediavam Davídov:

— Dê-nos terra imediatamente... Do contrário, retomaremos nossas parcelas.

— Nós lhes daremos terra, não precisam ficar inquietos, senhores cidadãos independentes. Amanhã mesmo serão feitas as divisões. Dirijam-se a Ostrovnov, é êle quem está encarregado dêsse assunto... Vamos, vamos, podem ter certeza do que afirmo! — tranqüilizava-os Davídov.

— Onde será essa terra que nos vão dar? Como é essa terra?

— Ora, onde quer que esteja disponível...

— Isso será lá adiante, no fim das terras da aldeia, hein?

— Veja lá, camarada Davídov, não queira desta vez bancar o tolo conosco!... Tôdas as terras próximas são do colcós, isso significa que receberemos as terras que estão afastadas, não? Não nos devolvem os animais de tração, por isso vai ser preciso que nós mesmos, ou com as vacas, façamos o plantio e, ainda por cima, as terras estarão longe, na casa do diabo... Eis aí o que é a justiça do Poder soviético!

Davídov discutia, explicava que não podia, de maneira alguma, distribuir as terras de acôrdo com o desejo de cada um, pois, para isso, seria necessário invadir a superfície coletiva, retalhá-la e desorganizar os arranjos efetuados no outono.

Os "desertores", depois de muita discussão, saíam. Alguns minutos mais tarde, porém, nova multidão acorria, urrando desde o umbral:

— Dêem-nos terra!... Que significa isso? Com que direito apoderam-se de nossa terra? Querem impedir-nos de semear? Não vale nada o que o camarada Stálin escreveu sôbre nós? Também podemos escrever a êle... Não sòmente retêm os animais, mas privam-nos da terra e de todos os nossos

direitos. Não tardará muito para que sejam postos no lugar que merecem!

— Ostrovnov, amanhã mesmo você irá distribuir-lhes as terras que ficam atrás do Tanque dos Caranguejos.

— Terras incultas? — urravam os "desertores".

— Não, terras em repouso. Já as cultivamos, é verdade que há muito tempo, faz uns quinze anos — explicava Ostrovnov.

E, imediatamente, estabelecia-se o caos, ouviam-se gritos delirantes:

— Não queremos terra dura!

— Com que vamos trabalhá-la?

— Temos necessidade é de terra boa!

— Devolvam-nos os animais que trabalharemos a terra dura.

— Vamos enviar emissários a Moscou, para falar com Stálin.

— Querem tirar-nos a vida, agora!

As mulheres estavam agitadas. Os cossacos apoiavam-nas unânimemente. Era necessário bastante esfôrço para acalmar os ânimos.

Davídov terminou por perder a paciência. Gritou:

— Querem que entreguemos as melhores terras? Isso não será feito, é claro. O Poder soviético oferece tôdas as vantagens aos colcoses e não àqueles que são contra êles. Desocupem a sala, com mil diabos!...

Em vários lugares, os camponeses particulares haviam começado a trabalhar as terras que, anteriormente, eram de sua propriedade e que haviam passado, em seguida, ao colcós. Liubichkin expulsou-os do campo. Ostrovnov, munido de um duplo metro de madeira, pôs-se a medir as terras que ficavam além do Tanque dos Caranguejos e, em dois dias, parcelas de terra foram concedidas aos independentes.

A brigada de Uchakov partiu, a 25, para arar as terras pardas. Davídov escolheu os colcosianos mais trabalhadores e colocou-os à disposição dos agrônomos; repartiu as fôrças coletivizadas.

A maioria dos velhos entrou, por vontade própria, nas brigadas, para trabalhar como semeadores, homens de charrua

e estorroadores. Decidiu-se que não se semearia à mão. Até o antigo Papa-Galinhas, o velho Beskhlebnov, manifestou o desejo de se empregar como semeador.

Davídov nomeou Chukar para cocheiro da direção do colcós. Tudo estava pronto. O plantio, porém, foi retardado pelas chuvas torrenciais que, durante quarenta e oito horas, caíram sôbre as colinas de Gremiatchi, sôbre as lavouras de outono, cobertas, de manhã, por um vapor esbranquiçado.

O êxodo do colcós chegara ao fim. Restava um núcleo seguro e sólido.

Marina Poiarkova, a amante de André Razmetnov, foi a última a deixar o colcós de Gremiatchi-Log. Bolas! Aquela ligação não dava mais certo: viviam em desarmonia.

Marina voltara-se para Deus. Tornara-se beata. Havia jejuado durante tôda a quaresma. Na terceira semana tinha ido todos os dias rezar na igreja de Tubiansk, havia confessado e comungado. Submissa e silenciosa, escutava as reprimendas de André, não respondia às suas críticas, calava-se a maior parte do tempo, não querendo "profanar a hóstia".

Uma noite, chegando tarde, André viu a lamparina acesa diante dos ícones. Sem perder tempo em reflexões, despren-deu-a, esvaziou o azeite nas palmas das mãos e engraxou cuidadosamente as botas ressequidas. Depois, quebrou a lamparina de encontro ao salto da bota.

— Divertem-se cada vez mais, os palhaços! E já cansamos de dizer a êsses imbecis que tudo isto é ópio, burrices que lhe põem na cabeça... Mas não aprendem, continuam a rezar diante de uns pedaços de madeira, a queimar óleo, a gastar cêra para fazer círios... Ah! Marina, há recomendações que são inúteis!... Não é por acaso que você tem paixão pela igreja...

De fato, não era por acaso: no dia 26, Marina pediu seu desligamento do colcós, sob o pretexto de que ficar era "ir contra Deus".

— E dormir com André, na mesma cama, não é ir contra Deus?... Ou talvez êsse seja um pecado venial? — perguntou-lhe sorrindo Liubichkin.

Marina não respondeu nada. Aparentemente, não suspeitava que, alguns minutos mais tarde, sua humildade iria

evolar-se e que profanaria com os próprios lábios a "santa hóstia"...

André, pálido e furioso, chegou do Soviete. Enxugando com a manga o suor que lhe inundava a testa, suplicou-lhe diante de Davídov e Ostrovnov:

— Marina, minha querida, não cause minha perda, nem me faça passar vergonha! Por que vai sair do colcós, diga-me? Enfim, não a amei bastante, não a acariciei bastante, diabo? Devolvemos sua vaca... Que falta ainda? E como poderei eu, depois disso, dar meu amor a você, se corre para a vida individual? Suas aves, as galinhas e até o galo deplumado nós devolvemos a você... E o ganso holandês, pelo qual você derramara lágrimas amargas, não está outra vez em seu galinheiro?... Que é que falta ainda, raios? Retire sua declaração, vamos!

— Não, não e não! — gritava Marina, estreitando com cólera os olhos oblíquos. — Não quero, é inútil insistir!... Não quero pertencer ao colcós. Não quero ser contaminada pelos pecados de vocês. Dêem-me meu carro, minha charrua e minha grade de estorroar.

— Marina, não faça besteiras, vamos! Do contrário vai ser preciso dar uns tapas em você.

— Ora, vá para o inferno, velhaco mulherengo!... Não adianta arregalar êsses olhos de cão raivoso! Quem é que ontem à noite fazia propostas safadas a Malachka Ignatenok? Não era você, por acaso? Vá, vá, porco, ... filho da... Esbofeteie-me, vamos, já faz tempo que tem vontade! Passarei perfeitamente sem você.

— Marina, meu bem, que história é essa? Com que Malachka! Nunca, em tôda minha vida, falei com ela. De mais a mais, que tem o colcós a ver com tudo isso?

André apertou a cabeça entre as mãos. Inegàvelmente, seus argumentos tinham acabado...

Liubichkin, revoltado, interferiu:

— Você faria bem em descer o braço nessa víbora! Vamos, mostre sua fibra! Não é um guerrilheiro vermelho? Dê-lhe um par de bofetões que endireitará em três tempos!

Marina, as faces avermelhadas, pulou como se picada de cobra e, avançando para Liubichkin, com o busto levantado,

as largas espáduas oscilantes, enrolou as mangas, à maneira dos homens quando se preparam para brigar.

— E você, sapo vagabundo... por que se mete onde não é chamado? Espere um pouco, abôrto de cigano, bôca suja, porcalhão!... Vou aleijar sua cara, vai ver!... Se pensa que me mete mêdo por ser chefe de brigada, está muito enganado! Ah, palerma! Já tenho visto artistas como você, e os sacudi em três tempos!

— Quem vai dar uns sacolejões em alguém sou eu!... Ah!, eu faria você perder essas banhas! — resmungou em voz baixa Liubichkin, retrocedendo para o canto, pronto para qualquer eventualidade.

Lembrava-se bem de que certa vez, no moinho de Tubiansk, Marina pusera-se a lutar com um cossaco do outro lado do Don, aparentemente forte. Para grande satisfação dos assistentes, ela o derrubara ao chão e o arrasara definitivamente, por assim dizer, com estas palavras mordentes: "Você, meu rapaz, não tem nada a fazer em cima de uma mulher! Com seus modos e essa moleza, só pode ficar por baixo, gemendo."

E afastara-se, ajeitando os cabelos e a trança que se desmanchara durante a luta.

Liubichkin lembrava-se da vergonha que se espelhara na face do cossaco surrado por Marina, enquanto se levantava, todo manchado da farinha e o estêrco que juncavam o solo.

Assim, escudando-se com o cotovêlo, advertiu-a:

— Não me salte em cima, se não quer que lhe arrebente o traseiro. Palavra de honra que o farei! Saia da frente, estou-te dizendo!

— E isto? Já sentiu o cheiro disto?

Marina levantou bem alto a saia e a sacudiu sob o nariz de Liubichkin. Viu-se luzir o contôrno de suas pernas rosadas e o dourado cremoso de seu corpo possante e cheio.

Seu furor havia chegado ao paroxismo. Liubichkin, que era homem experimentado, cego pela pujança e brancura do corpo de Marina, recuou murmurando:

— Vejam que sem-vergonha! Não é uma mulher, é um garanhão! Saia da frente, maldita!

Meio de lado, foi deslizando colado à parede, diante de Marina que gritava impropérios. Saiu, cuspindo e praguejando.

Davídov ria até ficar sufocado, com a cabeça sôbre a mesa, os olhos meio fechados. André precipitara-se atrás de Liubichkin, fechando a porta com estrépito.

Sòzinho, Ostrovnov tentou fazer raciocinar a mulher enfurecida:

— Enfim, tenha um pouco de modos!... Berrar como uma baleia, mostrar o traseiro, já se viu coisa assim? Pelo menos deveria ter modos diante de um velho como eu...

Dirigindo-se para a porta, Marina gritou:

— Deixe-me em paz! Eu o conheço, velho sem-vergonha! No verão passado, na Trindade, quando transportávamos feno, que foi que me propôs? Já esqueceu? Você é igual aos outros! Igualzinho...

Atravessou o pátio como um furacão. Ostrovnov, confuso, ficou o olhá-la. Tossia e balançava a cabeça com ar de reprovação.

Meia hora mais tarde, testemunhou o seguinte fato, Marina, entre os varais de seu carro, tirava sem esfôrço sua grade e seu arado do depósito da primeira brigada. Uchakov, que a chuva fizera voltar do campo, seguia-a de longe, visìvelmente receoso de sé aproximar. Implorava:

— Marina! Escute, cidadã Poiarkova! Está-me ouvindo, Marina Terentievna? Você sabe perfeitamente que não posso entregar o material, pois consta do inventário e sou responsável por êle.

— Pode, sim.

— Mas procure compreender, cabeça de pau, é material socializado! Ponha-o no lugar outra vez, por favor, não faça besteira. Você é um ser humano ou não? Agora, dedica-se ao roubo? Vão julgá-la por causa desta estupidez. Não posso entregar nada sem autorização por escrito de Davídov.

— Ora pode sim! — repetia lacônicamente Marina.

Os olhos de Uchakov esbugalhavam-se. Apoiava as mãos sôbre o peito num gesto de súplica, enquanto Marina, inexorável, suada e com as faces em fogo, arrastava o carro que rangia com um som lamentoso...

"Seria necessário tirar-lhe o carro, para aprender a medir as palavras... Sim, mas quem iria fazer isso?... Basta chegar perto para que ela o deixe chato como uma bolacha" — pensava Ostrovnov. E, prudentemente, desviou-se por uma ruela.

• • •

No dia seguinte, André foi à casa de Marina buscar seus objetos pessoais, o fuzil, a cartucheira, os papéis. Sofria cruelmente com o rompimento, fervia-lhe o sangue e fugia da solidão. Foi procurar Nagulnov, para conversar e distrair-se.

A noite caía sôbre Gremiatchi-Log. A lua nova, como que lavada pelas chuvas, iluminava os confins ocidentais do firmamento. A calma escura do mês de março, perturbada pelo sussurrar intermitente das torrentes que se formavam, envolvia a aldeia. André levantava os pés da lama com um ruído de sucção; ia lentamente, imerso em seus pensamentos. Sentiam-se já no ar úmido as emanações perturbadoras da primavera: a terra exalava um odor enjoativo e amargo; os depósitos desprendiam um ligeiro cheiro de podridão; os jardins enchiam-se com um aroma de vinho espumante, e os rebentos de erva, perfumando a terra ao longo dos cercados, esparziam forte embriaguez de juventude.

André respirava com avidez os perfumes da noite. Sob seus pés, nas poças d'água, via as estrêlas ali refletidas, romperem-se em uma poeira de centelhas.

Pensando em Marina, sentia lágrimas de angústia no, olhos.

32

O velho Chukar acolheu com entusiasmo sua nomeação para cocheiro da direção do colcós. Confiando-lhe os dois potros que haviam pertencido a culaques e sido deixados na direção para as viagens de serviço, Ostrovnov disse-lhe:

— Cuide dêles como se fôssem as meninas de seus olhos. Veja que não emagreçam e não corra muito com êles para

não cansá-los. Esse mais gordo é um potro que pertenceu a Borodin... É de raça. O baio também é um bom meio-sangue do Don. As viagens não serão muito numerosas. Logo iremos cruzá-los com as éguas, portanto abra os olhos, você é o responsável.

— Olhe bem para mim! — respondeu o velho Chukar. — Como se eu não soubesse como tratar de cavalos! Se há alguém que entenda disso, sou eu. Há gente que tem menos cabelos na cabeça do que os reprodutores que passaram pelas minhas mãos.

Na verdade, em tôda a vida de Chukar, haviam "passado por suas mãos", ao todo, apenas dois miseráveis cavalos. Trocara um por uma vaca; quanto ao segundo o que acontecera fôra o seguinte:

Há uns vinte anos atrás, Chukar, voltando completamente embriagado da aldeia de Voiskovói, comprara uma égua de uns ciganos pela soma de trinta rublos. Quando a examinou, pareceu-lhe gorda, de um cinzento côr de rato, as orelhas caídas, mas muito esperta.

Chukar regateou com o cigano até o meio-dia. Haviam acertado e desacertado o negócio umas quarenta vêzes, voltando sempre ao comêço.

— Não é uma égua, é ouro de lei! E como galopa!... Basta fechar os olhos para não ver mais a terra... É rápida como o pensamento. Um pássaro! — afirmava e jurava o zíngaro, saltando perdigôto e agarrando Chukar, já vencido, pela barra da jaqueta.

— Quase não tem mais molares, é cega de um ôlho, os cascos estão todos fendidos, o ventre caído... Ouro, isso?... Mais valia dizer que são lágrimas amargas! — dizia Chukar para desvalorizar o animal, desejando ardentemente que o cigano abatesse o último rublo que os impedia de entrar em acôrdo.

— E para que quer você os molares... Assim ela comerá menos, vamos!... É uma égua jovem, que o raio me parta se não fôr verdade! Não é um animal, é uma bela criança. E foi uma doença acidental que fêz com que perdesse os dentes. E essa nuvem nos olhos não é nada. Além disso, não é uma nuvem, é uma concha. Quanto aos cascos, termi-

narão por colar novamente, por brilhar de novo... Minha eguinha é cinzenta, de fato não é muito bonita, mas não é para dormir com ela que você a compra, é para trabalhar, não é verdade? Olhe bem para ela: é vertruda porque é forte! Quando corre, a terra treme. E quando pára, fica deitada três dias... Você queria, por trinta rublos, comprar um trotador? Por êsse preço não achará nenhum vivo... e, estando morto, darão a carcaça de graça para você...

Felizmente, o zíngaro tinha boa alma: depois de muito discutir, fêz abatimento do último rublo regateado e entregou o bridão; até fingiu choramingar um pouco, enxugando com a manga da jaqueta de longas abas sua fronte bronzeada.

Nem bem o bridão passara para as mãos de Chukar, a égua perdia a vivacidade. Seguiu-o a passo, obedecendo de má-vontade, movendo com dificuldade as pernas em forma de tenazes. Então o cigano começou a rir, mostrando os dentes muito juntos e brancos como giz. Gritou nas costas de Chukar:

— Ei, meu velho! Ei, cossaco do Don! Lembre-se de minha bondade! Essa potranca serviu-me durante quarenta anos, ela o servirá outro tanto, mas é necessário alimentá-la mais de uma vez por semana, do contrário ficará enraivecida!... Foi ela que trouxe meu pai da Romênia, e meu pai apanhou-a dos franceses que fugiam de Moscou. Um animal como êsse vale muito!

Continuava a gritar nas costas de Chukar, que puxava atrás de si a aquisição. Próximo à tenda de campanha, surgindo por entre as pernas do "corredor", pequenos ciganos urravam, barulhentos e negros como gralhas; as mulheres gritavam e riam às gargalhadas.

Chukar continuava, sem se distrair, pensando com ar bonachão: "Vejo bem o que é êste animal que comprei. Mesmo que tivesse dinheiro não compraria outro! Êsse negociante está louco, gosta de brincar, assim como eu... Enfim, eis-me dono de um cavalo. Domingo, minha mulher e eu daremos um galope até o mercado da *stanitsa.*"

Mas Chukar não havia chegado ainda a Tubiansk, quando coisas surpreendentes aconteceram... Voltando-se, por acaso, ficou petrificado: aquilo que puxava atrás de si, não era mais a égua redonda e gorda que havia comprado; era um rocim

esquelético, de flancos murchos e descarnados. Em meia hora ficara reduzida à metade. Chukar fêz o sinal-da-cruz, murmurando: "Santo Deus, Deus todo-poderoso, Deus eterno!" Deixou escapar das mãos a brida e parou, sùbitamente sóbrio. Deu uma volta em tôrno da égua e logo compreendeu a razão do emagrecimento instantâneo: debaixo da cauda rala, atirada com impudor diabólico para o lado, escapavam, com forte sibilar, salpicos de escremento liquefeito e ar comprimido. "Homem, quem diria?" — exclamou Chukar, apertando a cabeça com as mãos.

Depois, com fôrça duplicada, seguiu arrastando a égua. A erupção vulcânica das entranhas da égua continuou até a aldeia de Tubiansk: traços vergonhosos marcavam a estrada.

É possível que Chukar tivesse chegado a Gremiatchi-Log sem novos contratempos se não houvesse soltado a brida. Mas, chegando à altura da primeira granja de Tubiansk, onde vivia seu compadre e onde conhecia muita gente, resolveu, em vez de puxar a bêsta, montar nela, fazer-se transportar, nem que fôsse a passo.

Levantou-se, dentro dêle, um orgulho inaudito. Assaltou-o o desejo irresistível de se vangloriar, de mostrar a todos que êle, Chukar, havia saído da miséria, já que montava um cavalo que, ainda que deixasse a desejar, era de sua propriedade.

— Psss, maldita bêsta! Ei-la ainda a escavar! — urrou ferozmente Chukar, vendo com o canto dos olhos um cossaco conhecido saindo da casa diante da qual parara.

Ao dizer estas palavras, puxou bruscamente o bridão e ergueu-se. O animal, que provàvelmente não escarvava nem escoiceava desde a longínqua juventude, nem sonhava em fazer tais brincadeiras, havia parado com a cabeça baixa e as pernas traseiras dobradas.

"Quero passar a cavalo diante da casa de meu compadre. Quero que veja isso!" — pensou Chukar. E, de um salto, atirou-se ao lombo pontudo do animal, nêle se esparramando. O que aconteceu então foi, durante muito tempo, objeto das conversações em Tubiansk. Foi nesse momento que Chukar experimentou uma vergonha tal, que a lembrança dela con-

servou-se até nossos dias e passará certamente à geração futura...

Mal as pernas de Chukar haviam deixado o solo, ficando êle abraçado ao animal, atravessado em seu lombo e tentando montar direito, a égua vacilou: deixou escapar um borbulhar de entranhas e, tal como estava, desabou na estrada, a cauda de lado.

Chukar, com os braços abertos, descreveu uma trajetória no ar e foi estatelar-se na erva coberto de pó que bordejava a estrada. Mas levantou-se vivamente e, compreendendo que o cossaco testemunhara o fracasso, tratou de endireitar a coisa.

— Você só pensa em escoicear, diabo de bêsta! — urrou.

Mas o rocim, como se não houvesse acontecido nada, pôs-se a mastigar a erva fanada da estrada.

O cossaco que observava a cena, era um gozador de marca maior. Saltou a cêrca e aproximou-se.

— Bom dia, Chukar! Então, comprou um cavalo?

— Sim, mas não tive sorte, topei com um animal cheio de vícios... Ah, essa peste! Você quer montar, bem... ela se atira por terra. Quero crer que nunca foi montada... falta de hábito.

O cossaco, apertando os olhos, deu duas voltas em tôrno da égua, olhando de passagem a sua bôca, para ver os dentes e, muito sério, declarou:

— Certamente! O que falta a ela é escola. Além do mais é um animal de sangue nobre. Olhando seus dentinhos, vê-se que tem uns cinqüenta anos, não menos... Mas, é justamente por ser nobre que ninguém conseguiu domá-la.

Chukar, vendo que seu caso despertava interêsse, ousou perguntar:

— Diga-me, Ignati Porfiritch, como se explica que tenha emagrecido num tempo tão curto? Eu a puxo pela brida e vejo que se funde sob meus olhos; primeiro sinto um cheiro asqueroso e, depois, vejo que sai merda de dentro dela como de uma fonte. Deixou marcas por tôda a estrada.

— Mas onde foi que a comprou? Não foi dos ciganos, por acaso?

— Sim, justamente. O acampamento dêles fica aqui perto...

— Bem, então, ela emagreceu — explicou o cossaco que conhecia tanto cavalos como ciganos, porque, antes da venda, êles a encheram, raios! Antes de vender uma bêsta velha e magra como essa, enfia-se no buraco de trás um caniço ôco e assopra-se, um de cada vez — e o bando todo assopra — até que ela fique redonda e pançuda. Depois, quando se acaba de assoprar, como se ela fôsse uma bexiga, tira-se o caniço e em seu lugar põe-se um trapo embebido de alcatrão, ou um pedaço de estôpa para impedir a saída do ar... Foi assim que venderam a você um cavalo gordo... O tampão deve ter saltado pelo caminho. E foi por isso que a égua começou a emagrecer... Volte meu bravo, e procure o tampão. Vamos encher sua égua em três tempos.

— Ah!, os porcalhões! Que o diabo os encha da mesma forma! — gritou o desesperado Chukar.

E precipitou-se para o acampamento cigano. Chegando ao alto da encosta, descobriu que não havia mais nada nas margens do riacho; nem tendas, nem carroças. Onde estivera o acampamento, havia apenas uma pequena coluna de fumaça, saindo da fogueira do bivaque e, ao longe, na estrada, girava e dissolvia-se com o vento uma poeira cinzenta. Os ciganos haviam desaparecido como num conto de fadas.

Chukar pôs-se a chorar e volveu sôbre seus passos. O solícito Ignati tornou a sair de casa e propôs:

— Vou ficar por baixo, para impedir que o animal caia e você monta em cima.

Envergonhado, triste e coberto de suor, Chukar aceitou o oferecimento e, bem ou mal, conseguiu montar.

Mas suas desgraças não iriam terminar ali. A égua conseguiu permanecer em pé, porém descobriu-se que tinha uma maneira incrível de galopar: atirava para a frente as pernas dianteiras, enquanto escoiceava com as traseiras, levantando-as mais alto que a própria espinha.

Desta maneira, Chukar chegou até a primeira viela. Durante êste sapateado perdera o boné e, por quatro vêzes, terríveis sacudidelas haviam-lhe arrancado soluços do fundo das entranhas: parecia que alguma coisa se arrebentava lá dentro.

"Meu Deus! não é possível continuar assim!" — disse Chukar para si mesmo. Saltou ao chão em plena carreira. Voltou para apanhar o boné, mas vendo a multidão que se dirigia para êle, apressou-se em retomar o caminho. Fêz sair da aldeia a maldita égua que havia revelado uma vivacidade verdadeiramente singular. A meninada seguiu-o até o moinho de vento, depois voltou.

Chukar não ousava mais montar a "rápida como o pensamento". Contornou a aldeia de longe, subindo a colina. Mas, não conseguindo mais puxar a égua pela brida, decidiu empurrá-la. Percebeu então que o animal, que tão estùpidamente comprara, era cego dos dois olhos. Avançava diretamente sôbre as barrancas e fossas; não as atravessava de um salto; deixava-se cair; depois, apoiando-se nas vacilantes pernas dianteiras, punha-se em pé sem fôlego e retomava o caminho. Além disso, marchava de maneira especial, verdadeiramente rara, descrevendo círculos... Chukar, admirado com esta nova descoberta, deixou-a fazer o que quisesse e, eis o que observou: a égua, depois de descrever um círculo, começava outro e assim por diante, seguindo uma espiral invisível. Chukar percebeu então que o animal havia passado a longa e penosa vida em uma nora e que lá havia ficado cego.

Até o entardecer ficou vendo a égua pastar na colina, com vergonha de aparecer na aldeia em pleno dia. Sòmente à noite chegou à sua casa. A acolhida que lhe deu sua mulher, matrona corpulenta e terrível, os tormentos que teve que suportar o miserável Chukar pela malfadada aquisição, é uma história ainda por escrever!, como dizia o sapateiro Lokateev que, naquela época era o companheiro de Chukar nas bebedeiras.

Sabe-se sòmente uma coisa: a égua logo depois teve sarna, perdeu os pelos e, sob êsse lamentável aspecto, uma noite, por volta das doze horas, entregou silenciosamente a alma, na granja de Chukar. Êste e o companheiro de copo, Lokateev, venderam sua pele e gastaram o dinheiro em bebida.

Ao afirmar que vira muitos cavalos em sua vida, Chukar sabia perfeitamente que Ostrovnov não poderia acreditar, pois era seu vizinho e conhecia todos os detalhes de sua existência. Mas era assim por natureza o velho Chukar: não podia deixar

de se vangloriar e mentir. Uma fôrça irresistível obrigava-o a dizer coisas que, alguns minutos mais tarde, teria desmentido com prazer...

Em breve tornou-se cocheiro e palafreneiro ao mesmo tempo. E convém dizer que não executava mal essas obrigações. Uma única coisa havia nêle que não agradava Nagulnov, amante das rápidas corridas: eram as freqüentes paradas. Logo que saíam do pátio, puxava as rédeas:

— Oa! Oa!, meus carneirinhos!

— Por que parou? — perguntava Nagulnov.

— Para que possam fazer suas necessidades — respondia Chukar. E punha-se a assoviar, como se num convite aos animais, até que Nagulnov arrancava o chicote que ficava sob o banco e desferia um golpe sôbre a crina dos potros.

— Hoje em dia não é como no tempo do tzar: o cocheiro no banco e, atrás, o cliente refestelado em almofadas. Veja meu caso, sou cocheiro... bem, vou sentado ao lado do camarada Davídov no carro. Às vêzes tenho vontade de fumar e digo: "Segure um pouco as rédeas, vou enrolar um cigarro." — "Com prazer" — responde êle. Segura as rédeas e, às vêzes, fica com elas durante uma hora. Enquanto isso, eu fico assim, com ar importante, olhando a paisagem.

Assumia um ar grave e até tornara-se menos tagarela.

A despeito das geadas da primavera decidira dormir na cavalariça para ficar mais perto dos cavalos. Mas, uma semana mais tarde, sua velha forçou-o a voltar para casa, depois de tê-lo injuriado e batido atrozmente, na frente de todos. Mulheres jovens, dizia ela, certamente iam fazer-lhe companhia durante a noite. Pusera isso na cabeça em virtude das brincadeiras de alguns garotos que, para irritá-la, haviam inventado essa história. Chukar, temendo contrariá-la, passou a dormir em casa. Duas vêzes por noite ia ver como estavam os animais, escoltado pela ciumenta companheira.

Havia aprendido a atrelar tão depressa que rivalizava com a equipe de bombeiros de Gremiatchi. Aprontando os potros que escarvavam impacientemente o chão, gritava invariàvelmente:

— Ooooô! Já começa a relinchar êsse velhaco do inferno!... Pensa que seu vizinho é uma égua?

Quando se instalava no carro dizia, com ar suficiente: "Bem, vamos dar um passeio e terei ganho um bastonete (*). Esta vida, irmãos, começa a agradar-me."

• • •

Davídov resolvera ir, no dia vinte e sete, aos campos da primeira brigada, para verificar se, contràriamente a suas instruções, o estorroamento estava sendo feito no sentido dos sulcos do arado. Chaly advertira-o de que, tendo ido observar a semeadura, vira as grades marcharem, não através dos sulcos, mas acompanhando-os. Quando voltou à aldeia, foi à Direção e, apertando a mão de Davídov, disse-lhe em tom severo:

— A primeira brigada está passando as grades no sentido dos sulcos. Isto não vai adiantar nada. Vá dar uma espiada e diga-lhes para trabalhar como devem. Chamei a atenção dêles, mas Uchakov, êsse diabo vesgo, respondeu: "Vá malhar a bigorna e soprar o fole. Não venha meter o nariz aqui, do contrário vamos cortá-lo fora com a rabiça do arado." Então, eu disse: "Antes de soprar meu fole, vou soprar você até enchê-lo, meu vesgo." Um pouco mais e começaríamos a brigar.

Davídov chamou Chukar.

— O carro!

Não teve paciência de esperar. Pulou e foi ajudar pessoalmente a atrelar os cavalos. Partiram.

O céu encoberto e uma aragem úmida, que soprava do sudoeste, prometiam chuva. A primeira brigada trabalhava no setor mais afastado das terras cinzentas, a uns dez quilômetros da aldeia, além da ravina, próximo ao Tanque Terrível. A brigada trabalhava, aprontando a terra para o plantio de cereais. Era importante gradear bem a terra, para que a água da chuva se mantivesse no terreno aplainado, em vez de escorrer pela encosta, seguindo os sulcos do arado.

— Depressa, depressa, avô! — dizia Davídov olhando as pesadas nuvens que se amontoavam.

(*) Em 1930, a jornada de trabalho era geralmente marcada por um sinal, em forma de pequeno bastão, nas notas do chefe de brigada.

— É o que estou fazendo... Veja a espuma que começa a cobrir o Cinzento.

Sôbre a colina, não muito longe, escolares seguiam em fila, conduzidos pelo velho professor Chpin. Quatro carroças iam atrás, levando tonéis de água.

— Eis a rapaziada em marcha contra os ratos campestres — disse Chukar indicando-os com a ponta do chicote.

Davídov contemplava os jovens com um sorriso. Quando o veículo emparelhou-se com os meninos, disse a Chukar:

— Pare.

Passando o olhar pelas crianças, escolheu um garôto de uns sete anos, descalço, de cabelos louros.

— Venha cá.

— E por que devo ir? — perguntou o outro com ar independente, empurrando para a nuca o quepe do pai, com bordado vermelho, onde se distinguia o sinal descolorido do distintivo acima da viseira.

— Quantos ratões já matou?

— Quatorze.

— Você é filho de quem?

— Eu me chamo Fedot Demiditch Uchakov.

— Bem, suba, Fedot Demiditch, vou levar você um pouco no carro. Você também, venha sentar-se — disse apontando para uma menina com um laço de fita nos cabelos.

Tendo instalado os garotos, comandou:

— Adiante!...

— Adiante!... Você está em que grupo? — perguntou ao menino.

— No primeiro.

— No primeiro? Então é necessário limpar o nariz, é claro.

— Não adianta, estou resfriado.

— Como não adianta? Vamos ver êsse nariz!

Davídov limpou cuidadosamente os dedos na calça.

— Passe qualquer dia dêstes na direcão do colcós, que darei a você um bombom de chocolate. Já comeu chocolate?

— Não.

— Bem, vá visitar-me um dia na Direção.

— Não preciso de bombons!

— Vamos, vamos! E por que não, Fedot Demiditch?

— Meus dentes estão caindo, os de baixo já caíram: veja!

O garôto abriu a bôca vermelha. Com efeito, faltavam-lhe dois dentes do maxilar inferior.

— Então, você está feito uma "garagem"?

— "Garagem" é você!

— Ora, vejam só!... Como é atrevido!

— Os meus dentes nascerão de novo, enquanto que os seus, certamente que não... Então...

— Ah, isso não, você se engana, irmãozinho! Os meus também nascerão de novo, é claro!

— Que mentiroso! Os dentes não nascem de novo nas pessoas grandes. Mas eu posso morder qualquer coisa com os dentes de cima, de verdade!

— Isso é o que você pensa!

— Não acredita? Deixe-me ver um dedo.

Davídov, sorrindo, esticou o indicador, mas, imediatamente, soltando um grito, retircu vivamente a mão: sôbre a falange superior a mordida havia deixado pequenas marcas azuladas.

— Agora, Fedot, dê-me seu dedo, é minha vez de morder, propôs.

Fedot, depois de um instante de hesitação, saltou ràpidamente do carro em movimento. Pulando num pé só, como um grande gafanhoto cinzento, gritou:

— Ah!, queria me morder! Não conseguiu!... Não conseguiu! Você não me pega!...

Davídov pôs-se a gargalhar. Desceu a menina do carro e, durante bastante tempo, seguiu com os olhos o bordado do quepe de Fedot, que fazia uma mancha avermelhada na estrada. Sorrindo, sentia no coração um calor inusitado; seus olhos estavam úmidos.

"Para êsses, construiremos uma vida de júbilo, é claro! Fedot brinca hoje com o quepe do pai... Daqui a vinte anos, trabalhará esta terra com uma charrua elétrica... Certamente não terá necessidade de passar pelo que passei após a morte de minha mãe: lavar a roupa das irmãs menores, remendá-la, preparar a comida e correr para a fábrica... Serão felizes, então, todos os Fedots, sim!" — pensava Davídov, abarcando

com um olhar a estepe imensa, de um verde tenro. Escutou por um instante o suave canto das cotovias, contemplou um lavrador que, ao longe, curvava-se sôbre o arado e, ao lado dos bois, o condutor que avançava fitando o sulco. Deu um grande suspiro:

"A máquina fará todo o trabalho difícil para o homem... As pessoas dêsse tempo certamente esquecerão o cheiro do suor... Ah! viver até essa época, que maravilha!... Ainda que fôsse só para ver!... Pois, de qualquer maneira, você acabará por morrer, e não haverá nenhum Fedot para recordar-se de você. E você morrerá, meu velho ramo de Davídov, não há dúvida alguma... Na falta de filhos, depois de sua morte, sòmente restará o colcós de Gremiatchi. O colcós transformar-se-á em comuna e, quem sabe, talvez um dia dêem-lhe o nome do serralheiro de Putilov, o nome de Semion Davídov..."

Sorriu ao perceber o rumo brincalhão que seus pensamentos tinham seguido. Perguntou a Chukar:

— Chegaremos logo?

— Num abrir e fechar de olhos.

— É terrível a quantidade de terra inaproveitada que há por aqui!... Em dois períodos qüinqüenais construiremos aqui uma porção de fábricas. E tôdas nos pertencerão, tudo ficará em nossas mãos, é claro! Faça um pequeno esfôrço, viva ainda uns dez anos e, em vez de rédeas, você terá nas mãos o volante de um automóvel. Pisará o acelerador e terá que agarrar-se firmemente por causa da velocidade.

— É muito tarde! Ah, se há uns quarenta anos eu tivesse me tornado operário, poderia hoje ser um homem inteiramente diferente... Na minha vida de camponês nunca tive oportunidade. Desde a juventude, tudo me sai ao contrário, e tem sido assim até hoje. Parece que em tôda minha vida o vento arrastou-me, torceu-me, desfez-me, em suma, enviou-me para a casa do diabo...

— Mas por quê? — perguntou Davídov interessado.

— Vou contar minha história, de cabo a rabo. Para chegarmos, basta que os cavalos sigam trotando por êsse caminho. Enquanto isso, vou abrir-me com você. É um homem austero, vai compreender-me. Por mais de uma vez aconte-

ceram-me acidentes graves. E como!... Para começo de conversa, quando vim ao mundo: imediatamente a parteira disse à minha falecida mãe: "Seu filho, quando crescer, será um general. Tem tudo o que é preciso para isso; veja você mesma: a fronte estreita, a cabeça larga, a barriguinha gorda e a voz que ressoa como um violoncelo. Rejubile-se, Matriona!" Duas semanas mais tarde, tudo saía ao contrário do que havia predito a velha... Nasci no dia de Santa Eudóxia. Nesse dia, como contava mamãe, nem uma franguinha poderia achar alguma coisa para molhar o papo, até os pardais gelavam em pleno vôo... Agüente-se um frio dêsses! Haviam-me levado a Tubiansk, para ser batizado. Bem, veja você: é coisa que se faça, mergulhar um garôto nas fontes batismais com um frio dessa ordem? Então, começaram a aquecer a água, o pope e o sacristão estavam bêbedos como bacorinho. Um despeja a água, e o outro, sem experimentá-la, diz: "Senhor Jesus, batizo esta criatura do bom Deus, em nome..." E pumba!, enfia-me até a cabeça na água fervendo... Dessa forma, fiquei com o corpo inteiro sem pele. Levaram-me de volta para casa: estava coberto de bôlhas d'água. Então, evidentemente, tive uma hérnia do umbigo e punha a bôca no mundo por causa da dor... Desde êsse tempo, tudo me saiu mal. E tudo isso porque fui pôsto no mundo em tempos bicudos. Até os noves anos, os cachorros mordiam-me, gansos beliscavam-me, era terrível... Certa vez um potro deu-me um tal coice, que fiquei estendido como morto. Depois dos nove, aconteceram-me acidentes cada vez mais sérios. Tinha dez anos quando, um dia, fui pescado a anzol...

— A anzol? — admirou-se Davídov que escutava com interêsse o relato de Chukar.

— Sim, a anzol... Um dêsses de apanhar peixe. Por essa época morava em Gremiatchi um velho, um ancião surdo como uma porta, que haviam apelidado de Kupir. No inverno caçava perdizes com armadilha; no verão não se afastava do arroio, pescando com linha. O rio, nessa época, era mais profundo, tanto que se podia pescar no pequeno moinho de Lapchinov... Perto do dique havia carpas e lúcios enormes. Pois bem, êsse velho punha-se ao lado de uma moita com as linhas. Atirava até sete de uma vez... Pescava com mi-

nhoca, com massa de pão e, para os lúcios, não usava nada. E nós, os garotos, que fazíamos? Procurávamos cortar-lhe os anzóis com os dentes. O velho era surdo como uma pedra. A gente podia mijar no buraco do ouvido dêle, que não percebia nada. Bem... Chegávamos perto da água, tirávamos a roupa, não longe do velho, atrás da moita e, depois, um de nós descia à água, com cuidado para não fazer marola; mergulhava sob as linhas, apanhava a mais próxima e, crique!, cortava-a com uma dentada. Depois, nadava em direção à moita e saía da água.

"O velho puxava a linha e ficava furioso: 'Ah, cortou-a de novo, três vêzes maldito! Ah!, boa mãe dos anjos!' Pensava que tinha sido um lúcio e se enfurecia por ter perdido o anzol. É que tinha que comprá-los na loja. Enquanto nós não tínhamos que comprar nada. Arranjávamo-nos com os do velho. Eu tinha conseguido um, dessa forma, e estava interessado em ter um segundo. Então, mergulho. Acabava de achar, às apalpadelas, a linha e, de mansinho, ia colocá-la na bôca quando, pumba!, o velho a puxa de um golpe! Ela escorrega entre meus dedos e o anzol me fisga o lábio superior. Começo então a berrar, e a água me entra pela bôca. O velho continua puxando a linha, querendo ver que raio de peixe era aquêle. Eu, naturalmente, com a dor que me faz espernear, não posso livrar-me do anzol, e sinto que o velho atira a rêde sôbre mim. Subo à tona e dou um berro espantoso. O velho fica azul. Quer fazer o sinal-da-cruz e não consegue. Com o susto, sua carantonha tornou-se mais negra que ferro fundido. Ora, como ia conservar o sangue frio? Estava pescando um lúcio, e eis que retira da água um moleque!... Ficou um instante sem dar um pio, depois deu nas canelas... Corria com tal rapidez que perdeu os chinelos!... Voltei para casa com o anzol pendurado no lábio. Meu pai tirou-o e deu-me uma sova que me deixou sem sentidos... O lábio cicatrizou, mas desde então, apelidaram-me de Chukar(*). É estúpido mas ficou pelo resto da vida, êsse apelido idiota, como se estivesse colado em minha pele...

(*) **Da palavra russa chtchuka, lúcio.**

"Um ano depois, pela primavera, levo meus gansos para o lado do moinho de vento. As pás giram, os bichos estão por ali, zanzando. No alto passa um gavião. Os filhotes de ganso eram amarelos, pequenos. Êle bem que gostaria de apanhar um, mas estou vigiando... Para assustá-lo, ponho-me a gritar: Uuuu! Mas, com isso, meus companheiros de brincadeira acorrem, e começamos a brincar com as pás do moinho: cada um agarra uma, ela nos suspende a dois metros; então, abrimos a mão e caímos no solo, onde nos agachamos, para evitar a pá seguinte que vem girando. Mas sabe o que são moleques verdadeiros diabos! Inventaram que aquêle que subisse mais alto seria o 'tzar' e, os outros o carregariam nos ombros, desde o moinho até a granja. Evidentemente, cada um de nós queria ser o 'tzar'. Prometi a mim mesmo: 'Vou, quando chegar a minha vez, subir mais alto que todos'" Quanto aos filhotes de ganso, nem pensava mais nêles... A pá do moinho carrega-me e, que vejo?... O gavião que se lança sôbre meus gansos e já ia agarrar um... O terror apoderou-se de mim, não é preciso dizer! A surra que ia levar! 'Turma! — berro — o gavião, espantem o gavião!' Enquanto isso, havia esquecido que estava sôbre a pá. E, quando pensei nisso, já estava bem longe do chão! Saltar? Ah!, não, e o mêdo? Continuar a subir? Era ainda mais terrível. Que fazer? Enquanto pensava, a pá ficou vertical, e eu agarrado a ela, com as pernas balançando no ar. Quando principiou a descer larguei-me... Não sei o tempo que levei caindo, mas tive a impressão de que foi infernalmente longo... Caindo ao solo, naturalmente, esborrachei-me. Quando fiquei em pé, que vejo?... O pulso quebrado, os ossos aparecendo. Como doía... O gavião, naturalmente, acabava de pegar um filhote. Mas isso não me preocupava naquele instante. Uma curandeira pôs-me os ossos no lugar... Sim, mas não adiantou nada, pois daí a um ano tornaram a sair e eu quase morri.

"Depois da festa de São Pedro, meu irmão mais velho e eu, tínhamos ido ajudar na colheita. Eu conduzia os cavalos e meu irmão de cima da segadora atirava para o chão os feixes de trigo. Os mosquitos zumbiam sôbre os animais. O sol

brilhava tão fortemente, que tinha uma côr esbranquiçada. Fazia tal calor, que eu estava derreado, caía de sono no assento. De repente, abro os olhos e vejo deitada num sulco de arado ao lado, uma enorme ave, do tipo do avestruz, estendida em todo o seu comprimento, como um chicote. Paro a segadora. Meu irmão diz: 'Vou espetá-la com o forcado.' E eu: 'Espere, irmãozinho, vou pular em cima e apanhá-la viva!' — 'Ótimo.' Bem, dou um salto e seguro a ave pelo meio do corpo. Mas ela abre as asas, bate em minha cabeça, sacode-me e arrasta-me atrás de si. De puro terror — imagine o susto que ela levara — inunda-me de merda líquida e arrasta-me sempre, como um cavalo chucro arrastaria uma grade. Não sei porque, o raio da ave resolveu voltar atrás. Enfia-se entre as patas dos cavalos e dá um pulo de lado. Os cavalos, que eram assustadiços, arrancam e saltam por cima de mim... Pronto, eis-me prêso sob a máquina... Meu irmão, imediatamente, baixa a alavanca, recolhe as lâminas... Mas a segadora continua funcionando. Já havia dado um talho tão profundo na perna de um dos cavalos, que lhe cortara os tendões e os ossos apareciam. Quanto a mim, estava estropiado, irreconhecível... Meu irmão, finalmente, conseguiu parar os cavalos. Desatrelou um, escanchou-me sôbre êle e voltou a galope para a aldeia. Eu estava desmaiado, coberto de estêrco e de terra. O avestruz, naturalmente, escapara, aquêle crápula. Fiquei sem poder mexer-me durante muito tempo.

"Seis meses depois, voltava de casa de alguns vizinhos quando aparece o touro da aldeia e me corta o passo. Vou contorná-lo, mas êle sacode a cauda como um tigre infernal e tem sòmente uma idéia, pendurar-me em seus cabides. Você bem pode imaginar como me encantava a idéia de ficar empalhado naqueles cornos. Bem... Começo a correr, como era natural. O touro alcança-me, dá-me uma cornada nos fundilhos e manda-me passear por cima da cêrca. Foi assim que perdi uma costela... Se tivesse uma centena, estaria bem... Mas que graça ficar sem uma, assim... bêstamente! Minha única vantagem foi ser dispensado do serviço militar. Daí por diante, tenho sido uma vítima dos animais! E tantas vêzes, que nem sei! É como se o diabo tivesse me marcado. É só um cachorro escapar da corrente, para que corra atrás de mim, o maldito,

me cubra de dentadas, arrebente minha roupa, rasgue minha calça! Naturalmente, isso me traz muito benefício... Já fui perseguido por furões, que desceram a encosta de Ujatchin até a estrada, só para me atracar, e na estepe, já fui vítima dos javalis. Certa vez, perdi as botas e fui espancado por causa de um touro.

"Uma vez, à noite, ia indo pela aldeia... Em frente à casa dos Donetskovs, dou de cara com um touro: 'Muuuu!' Também êste mexia a cauda. Ah, não, digo a mim mesmo, já sei o que significa ter intimidade com vocês. Vou andando colado à cêrca, o touro vai-me seguindo. Começou a correr, o bandido fungando nas minhas costas. Vejo a janela aberta de uma casa. Não perco tempo, atiro-me para dentro, como se fôsse um morcêgo... Olho ao redor, ninguém... 'Não há necessidade de incomodar os outros, penso, vou voltar por onde entrei'. O touro havia mugido um pouco, dado uma marrada na sebe e tinha ido embora... Ia saltar novamente a janela, quando um punho torce meu braço para trás e me acerta um golpe na nuca. Era o dono da casa, o velho Donetskov, que havia ouvido barulho e me agarrara. 'Que está fazendo aí, meu jovem?' — 'Estava fugindo do touro!' — respondo. 'Do touro?... Vamos, nada de brincadeiras comigo. Você veio atrás de minha nora Oliutka, não é verdade?' E começa a sacudir-me, no comêço como se estivesse brincando, depois cada vez com mais fôrça!... Era ainda bem forte, o velho. Êle mesmo dava em cima da nora. Então, cheio de raiva, quebrou-me um dente. Depois disse: 'Você tentará ver Oliutka de novo?' — 'Não, não, mil vêzes não!, o raio que a parta... Pode pendurá-la no pescoço, como se fôsse uma cruz!' — 'Está bem, tire as botas, — diz-me êle — do contrário dou-lhe outra surra.' Tive que descalçar-me, e deixar-lhe minhas botas sem protestar. Veja se é divertido alguém ficar sem seu único par de calçados! Tive ódio de Oliutka durante uns cinco anos, mas não adiantou nada... Enfim, o azar nunca me abandonou. Veja êste exemplo: quando fomos desapropriar Borodin, por que, pergunto..., por que o cachorro dêle me rasgou tôda a peliça? Poderia ter-se atirado sôbre Nagulnov ou Liubichkin... Mas não, o maldito cachorro correu pelo pátio feito um possesso e acabou por saltar em

cima de minhas costas. Ainda tive sorte de que não me pulasse na garganta, pois poderia ter arrancado minha cabeça com duas dentadas... Poderiam rezar a oração dos mortos pelo velho Chukar! Evidentemente, tudo isso aconteceu, por não ter eu um 'revorve'. Felizmente! Se eu tivesse um 'revorve', o que teria acontecido? Morreria gente!... Pois fico terrível quando me exalto. Naquela hora, eu poderia matar o cachorro... a mulher de Borodin... E o próprio Tito estava arriscado a levar uma carga de chumbo no bucho. Seria uma mortandade!... E que aconteceria ao pobre Chukar? Cadeia, nem mais nem menos. Bem, isso não me interessa, tenho outras coisas a fazer na vida. General!... Se aquela parteira ainda estivesse viva, eu a comeria crua!... Não tinha nada que predizer besteiras! A trôco de que dar azar aos recém-nascidos?... Bem, eis o acampamento da brigada, já chegamos!"

33

Do vestíbulo, enquanto tirava a lama pegajosa que se colava a suas botas, André percebeu um raio luminoso que escapava oblìquamente da bandeira da porta de Nagulnov. "Não dorme. Que será que o aborrece, para não poder dormir?" — pensou André abrindo a porta sem ruído.

A lamparina de petróleo, coberta por um quebra-luz de jornal amarelado pelo calor, atirava um raio de luz baça sôbre um livro. Nagulnov, com ar concentrado, inclinava a cabeça desgrenhada sôbre a mesa. A mão direita sustentava o rosto e os dedos da esquerda puxavam ferozmente os cabelos caídos sôbre a testa.

— Boa noite, Makar. Ainda está acordado?

Nagulnov levantou a cabeça e, mal-humorado, encarou André:

— E que tem você com isso?

— Vim conversar um pouco. Incomodo?

— Se incomoda ou não, pouco importa!... Sente-se de qualquer forma... Não vou pô-lo para fora.

— Que estava lendo?

— Estava-me distraindo com qualquer coisa.

Nagulnov pôs a mão sôbre o livro, olhando interrogativamente André.

— Deixei Marina, você sabe... Definitivamente... — disse André suspirando.

— E já foi tarde!

— Por quê?

— Porque ela era um fardo para você... Nos tempos atuais é necessário descartar-se de tudo aquilo que é supérfluo. Não é o momento para que nós, comunistas, nos deixemos empolgar por coisas que podem ser postas de lado.

— Mas não é uma coisa para se pôr de lado, já que havia amor entre nós.

— Amor aquilo? Diga antes uma corda no pescoço! Você vai a uma reunião e ela não tira os olhos de você, morre de ciúmes. Não, não é amor, meu irmão, é uma maldição.

— Então, segundo você, os comunistas não devem nem chegar perto das mulheres? Devemos olhá-las de longe e proceder como touros castrados, não é?

— Lógico... E que pensava você? Aquêles que fizeram a besteira, têm que agüentar até o fim da vida suas mulheres. Mas, os jovens, se pudesse, eu proibiria por decreto que se casassem. Que belo revolucionário não será, se se acostuma a andar agarrado à saia da companheira! Para nós, a mulher é como mel para môsca. Afundamo-nos até o pescoço. Além disso, experimentei pessoalmente e sei bem o que é o pescoço. Além disso, experimentei pessoalmente e sei bem o que é o casamento, categòricamente... Às vêzes, à noite, sentava-me para ler, procurando esclarecer-me... Minha mulher vai para a cama. Leio um pouco e, por minha vez, vou deitar-me... Bem, ei-la virando as costas para mim! Ora bolas, essa situação me aborrece. Imediatamente, a briga começa, ou melhor, ponho-me a fumar, sem dizer nada, o sangue a queimar. Não há meio de dormir. De manhã, com a cabeça pesada por não ter dormido, cometo uma rata política. Sei bem o que é isso!... E os que se atrapalham com filhos, ah!, então, estão perdidos para o Partido. Têm que aprender a limpar as crianças, acostumar-se ao cheiro de leite. Então, acabou-se, estão fritos! São maus combatentes, militantes coxos. Você sabe que no regime tzarista eu era instrutor dos jovens cossacos. Bem, tive opor-

tunidade de ver belas coisas: quando se tratava de um rapaz solteiro, tinha o rosto vivo, era inteligente... Mas, quando era um que havia deixado a mulher em casa, morria de tédio, tornava-se burro, completamente burro. Ficava com a cabeça dura, não entendia nada!... Ficava olhando feito bôbo, o palhaço... Parecia que estava olhando para a gente e, na verdade, olhava para dentro... O miserável via apenas a mulher! É certo isso? Não meu velho. Naquele tempo você podia viver como quisesse, enquanto que hoje, no momento em que entrou para o Partido, é necessário deixar de lado tôdas as besteiras. Depois da revolução mundial, é o que penso, você pode se arrebentar em cima das mulheres, não terei nada com isso... Mas neste momento, o que é necessário é só pensar na revolução!

Nagulnov levantou-se, esticou o corpo, endireitou com um estalo as espáduas musculosas, deu um tapa nas costas de André e, sorrindo, disse:

— Aposto que você veio lamentar-se e que pensava que nós dois iríamos ficar chorando as mágoas: "Ah! sim, sua situação é bem triste, meu pobre André, vai ser muito difícil viver sem mulher... Como vai fazer para superar essa dificuldade?" Hein, não é verdade? Não, André, tudo o que você quiser, mas isso não! Sôbre êste capítulo não tirará nada de mim. Veja você, eu até fico contente por você ter rompido com sua sargenta. Já há tempos que devia tê-la chutado para algum lugar. Veja-me, por exemplo, separei-me de Luchka e estou indo maravilhosamente. Ninguém me aborrece... Estou como uma baioneta afiada, a ponta dirigida contra os culaques e todos os outros inimigos do comunismo. Posso até estudar, instruir-me.

— Que está estudando, então? Que ciências? — perguntou André num tom frio e sarcástico.

No fundo, as palavras de Nagulnov haviam-no atingido, pois êste, longe de compartilhar de seu sofrimento, tinha manifestado alegria e emitido opiniões que, segundo André, não passavam de asneiras. No comêço, prestara atenção ao discurso sério e convicto de Nagulnov. Havia dito a si mesmo, não sem inquietação: "Felizmente, o bom Deus não dá cornos a vaca raivosa, pois se desse poder a Nagulnov, faria certa-

mente das suas. Do jeito que vai, reviraria tudo. Com êle não se sabe nunca o que pode acontecer. No mínimo, teria a idéia de castrar todos os homens, para que não se distraíssem do socialismo."

— O que estou estudando? — perguntou Nagulnov, fechando o livro com um golpe sêco. — Inglês!

— Hein?

— Inglês. O que tenho aí é justamente um método para aprender sem professor.

Nagulnov olhou André fixamente, crendo perceber em seu rosto um traço de zombaria; mas André estava de tal forma estupefato pela resposta inesperada, que Nagulnov não pôde ver senão assombro em seus olhos exageradamente abertos.

— E... você já pode ler alguma coisa?... ou falar nessa língua?

Nagulnov respondeu com orgulho mal disfarçado:

— Não, ainda não, isto não se aprende sem mais nem menos... Mas começo a compreender o que está escrito... Há quatro meses que estou estudando...

— É difícil? — perguntou André, engolindo saliva e olhando com respeito involuntário Nagulnov e o livro.

Nagulnov, vendo que André manifestava interêsse por seus estudos, abandonou o ar de defesa. A língua soltou-se:

— Difícil... até o impossível! Nestes quatro meses só consegui decorar... oito palavras. Mas, de um modo geral, a língua até parece um pouco com a nossa. Há muitas palavras que tomaram à nossa... Apenas mudam a terminação à maneira dêles. Por exemplo, dizemos "proletariado", êles também, a única diferença é o final. A mesma coisa acontece com as palavras "revolução" e "comunismo". Pronunciam as terminações dessas palavras assobiando, como se as odiassem. Mas, não há modo de evitá-las, não é verdade? Estas palavras criaram raízes no mundo inteiro: quer se queira ou não, tem-se que empregá-las.

— Ah, bem... Então você está estudando?... E, diga-me, para que vai servir-lhe essa língua? — perguntou André.

Com um sorriso de condescendência, Nagulnov explicou:

— Você é engraçado, André! É espantoso como não compreende as coisas mais simples... Sou comunista, não? Na

Inglaterra, o Poder soviético será implantado. Concorda? Bem, há muitos comunistas russos que falam inglês? Evidentemente, não. Bem, a burguesia inglêsa pôs a mão sôbre a India, sôbre quase a metade do mundo, oprime pessoas de tôda côr e de pele negra. Pergunto: isso é coisa que se faça? Ali também se implantará o Poder soviético, bem... Mas quantos serão os comunistas inglêses que saberão discernir com clareza qual é o inimigo de classe, em carne e osso? Por falta de hábito, não saberão o que têm de fazer. Então, eu pedirei que me mandem ensiná-los e, como saberei a língua dêles, uma vez lá, direi com vontade: "Há '*revoluchion*' por aqui? '*comunistichion*'? Vamos, rapazes, exterminem os capitalistas e generais! Nós, na Rússia, em 1917, por inocência, deixamos êsses crápulas em liberdade! E êles, em seguida, começaram a nos cortar as veias. Exterminem todos, para terem certeza de não cometer enganos e para que tudo marche "*olraite*".

Nagulnov inchava as narinas, piscando para André.

— Eis para que me servirá a língua, entendeu? Não dormirei à noite, usarei o resto de saúde que tenho, mas...

E, rangendo os dentes pequenos e bem alinhados, concluiu:

— Ora, acabarei dominando essa língua. Falarei em inglês, sem delicadezas, com essa contra-revolução mundial. Podem começar a tremer, velhacos! Que coisas vai dizer a êles Makar Nagulnov!... Não será um qualquer... Não lhes darei tréguas: "Você sugou o sangue da classe operária inglêsa, dos hindus e de tôdas as outras nações oprimidas? Explorou o trabalho alheio? Encoste-se ao muro, verme sangüinário!" E tudo será dito em inglês. São essas as palavras que vou aprender em primeiro lugar. Para poder dizer-lhes isso de saída!

Ficaram ainda conversando cêrca de meia hora. Depois André partiu, enquanto Nagulnov enfiava novamente o nariz no livro. Movendo lentamente os lábios, transpirando, a testa contraída pelo esfôrço, estudou até às duas e meia da madrugada.

Levantou-se cedo, tomou dois copos de leite e dirigiu-se para a cavalariça do colcós.

— Faça sair um cavalo que galope bem, pediu ao homem da guarda.

O outro trouxe-lhe um potro baio, de garupa baixa, famoso pela resistência e vivacidade. Interessado, perguntou:

— Vai muito longe?

— Ao distrito. Você diga a Davídov que estarei de volta à noite.

— Trago a sela?

— Sim.

Nagulnov encilhou o cavalo, tirou-lhe o cabresto e trocou-o por um luxuoso bridão que havia pertencido a Borodin. Com ar de quem sabe o que faz, pôs o pé no estribo.

O animal partiu a trote, corcoveando. Passando pelo portão, a pata falseou, tocou o solo com os joelhos, ia cair. Mas, com uma pressão de joelhos, ergueu-se vivamente.

— Já não sente a terra sob o casco, maldita bêsta! — murmurou Nagulnov, dando uma chicotada na montaria.

— É um mau sinal, camarada Nagulnov... Seria melhor voltar, gritou desviando-se o velho Chukar, que se aproximava.

Sem responder, Nagulnov pôs o cavalo a trote e desembocou na rua principal. Próximo do Soviete rural, amontoavam-se umas vinte comadres, visìvelmente emocionadas.

— Tomem cuidado, aves palradoras, ou as atropelo — gritou alegremente Nagulnov.

As mulheres, sem responder à ofensa, abriram caminho. Quando tinha passado por elas, ouviu uma voz enrouquecida pela cólera:

— Cuidado para que não atropelem você, maldito vagabundo! Você não galopará sempre, cachorro!

* * *

No distrito, a reunião do secretariado da célula começou às onze horas. Na ordem do dia figurava a exposição de Beglikh, chefe da direção agrícola, sôbre a marcha do plantio nos cinco primeiros dias. Além dos membros do secretariado, assistiam ainda à reunião o presidente da comissão de contrôle, Samokhin, e o procurador do distrito.

— Falaremos de você nos "assuntos diversos". Fique até o fim, disse a Nagulnov o chefe da seção de organização, Khomutov.

Ouviu-se o informe de Beglikh num silêncio penoso, tenso. Durou uma meia hora. Em certos lugares do distrito não se havia principiado ainda o plantio, embora os terrenos estivessem já preparados. Em outros, o fundo de sementes não havia sido completado. Em Voiskovói, todos os ex-colcosianos, ou quase todos, haviam retomado o trigo. No Soviete de Olkhovat, a própria direção do colcós havia devolvido as sementes aos que saíam. O relator demorou-se sôbre as causas da marcha pouco satisfatória do plantio. E, para terminar, disse:

— É certo, camaradas, que nosso atraso, diria mesmo que estamos marcando passo, provém de que os colcoses de uma série de sovietes rurais foram constituídos sob a pressão dos militantes locais, que sòmente se preocuparam em aumentar as cifras de coletivização e que, às vêzes, como não ignoram, obrigaram pessoas a entrar para o colcós sob ameaça de revólver. Êsses colcoses, sendo pouco sólidos, estão em vias de desmoronar, como paredes minadas pela água. O mal vem daí... Os colcosianos não querem ir ao campo e, se vão, trabalham de má-vontade...

O secretário do comitê distrital, em sinal de advertência, bateu com o lápis na tampa da garrafa.

— Terminou seu tempo.

— Já termino, camaradas. Permitam-me apenas concluir: como já expus, os dados da seção agrícola estabelecem que, nos cinco primeiros dias, trezentos e oitenta e três hectares, sòmente, foram semeados. Creio ser necessário mobilizar, imediatamente, todo o "ativo" do distrito e lançá-lo nos colcoses. Creio que devemos impedir a debandada por todos os meios, devemos baixar para as direções dos colcoses e para os secretários de células a tarefa de apegarem-se ao trabalho de esclarecimento das massas, de dar informações detalhadas aos membros dos colcoses... mostrando-lhes as vantagens que o Estado dá às exploraçõese coletivas... Em alguns lugares, essas coisas nunca foram feitas. Um grande número de colcosianos ignora, até o momento, quais os créditos outorgados às explorações coletivas, e assim por diante... Por outro lado, proponho que examinemos, com urgência, os processos referentes aos camaradas que tiveram desvios, daqueles que nos impedem de realizar o plantio com sucesso e que, em virtude da decisão do C.C. de

quinze de março, devem perder seus postos. Proponho que se examine, sem tardança, esta questão e que se aplique a disciplina do Partido com todo rigor. É só.

— Quem quer falar sôbre o informe do camarada Beglikh? — perguntou o secretário do comitê distrital, percorrendo com os olhos a assembléia e evitando encarar Nagulnov.

— A questão é clara, não há nada a discutir — disse suspirando um dos membros do secretariado, o chefe da milícia, um rapagão forte, de ar marcial, que suava contìnuamente e tinha o crânio, raspado como uma bola de bilhar, cheio de cicatrizes.

— Tomaremos para base de nossa decisão as conclusões de Beglikh. Está certo? — perguntou o secretário.

— Sim.

— E, agora, o caso Nagulnov.

Pela primeira vez, desde o comêço da reunião, o secretário fitou Nagulnov, lançando sôbre êle, por instantes, um olhar vago e ausente.

— Sabem que, sendo secretário da célula comunista de Gremiatchi, Nagulnov cometeu uma série de faltas graves relacionadas ao Partido... Não obstante as indicações do comitê distrital, seguiu uma linha esquerdista quanto à coletivização e à formação do fundo das sementes. Agrediu a golpes de revólver um camponês médio particular e prendeu vários colcosianos... O camarada Samokhin foi pessoalmente a Gremiatchi fazer o inquérito. Descobriu a escandalosa violação, feita por Nagulnov, da legalidade revolucionária, uma nefasta deformação da linha do Partido. Passo a palavra a Samokhin. Informe ao secretariado, camarada Samokhin, o que conseguiu apurar quanto à atividade criminosa de Nagulnov.

O secretário baixou as pálpebras inchadas e apoiou os cotovelos sôbre a mesa.

Desde que chegara, Nagulnov havia compreendido que seu caso ia mal, que não devia esperar nenhum gesto de indulgência. O secretário o cumprimentara com extrema reserva e, evitando de forma visível tôda conversação, voltara-se para o presidente do executivo, perguntando-lhe qualquer coisa.

Nagulnov, cheio de inquietação, perguntara:

— Como vai meu caso, Kortjinski?

— O secretariado decidirá.

De resto, os outros camaradas também fugiam ao olhar interrogador de Nagulnov, evitavam-no. Percebia-se que esta atitude havia sido combinada entre êles de antemão. Sòmente o chefe da milícia, Balabin, teve um sorriso simpático, apertou-lhe a mão.

— Não se inquiete, Nagulnov. Você fêz uma tolice, bem! Você se atrapalhou, meteu os pés pelas mãos, e daí? Nós, muitas vêzes, fraquejamos em política. Já vimos gente muito mais calejada que você cometer erros.

Girava a cabeça redonda, polida como um seixo de rio. Enxugava o suor que cobria o pescoço vermelho e gordo, movia os lábios com compaixão.

Nagulnov, encorajado, olhava o rosto avermelhado de Balabin, sorria para êle reconhecidamente. Acreditava que êste homem via dentro de si, que o compreendia e lhe manifestava solidariedade.

"Farão uma severa crítica pública e me retirarão do cargo" — dizia Nagulnov para si mesmo olhando angustiadamente para Samokhin.

Êste homenzinho de cabeça grande, que não tolerava divórcios, perturbava-o mais que os outros todos. Quando Samokhin tirou da pasta um volumoso maço de papéis, Nagulnov sentiu ainda mais dolorosamente a ponta acerada da angústia. Seu coração começou a bater desordenadamente, um jacto de sangue subiu-lhe à cabeça, as têmporas ardiam e foi acometido por uma vaga náusea. Era o que lhe acontecia quando ia ter um ataque.

"Agora não, principalmente agora, não" — pensou.

E um longo tremor sacudiu-o quando Samokhin disse com voz arrastada:

— Designado pelo comitê e pela comissão de contrôle do distrito, fiz uma investigação. Depois de interrogar pessoalmente Nagulnov, os colcosianos e os independentes de Gremiatchi-Log que sofreram com seu modo de proceder, e tendo em vista os testemunhos recolhidos, pude estabelecer o que se segue: o camarada Nagulnov não correspondeu, evidentemente, à confiança depositada pelo Partido, ao qual causou prejuízos consideráveis. Assim, pela época da coletivização, em fevereiro,

percorreu as casas e, sob ameaça de revólver, forçou pessoas a entrarem para o colcós. Dessa forma, como êle mesmo diz, "convenceu" sete camponeses médios. Isto é reconhecido pelo próprio Nagulnov...

Nagulnov levantou-se do assento:

— São brancos inveterados! — disse com voz rouca.

— A palavra não está com você. É favor respeitar a ordem! — interrompeu-o severamente o secretário.

— E depois, quando se formava o fundo das sementes, agrediu um camponês médio independente até fazê-lo perder os sentidos, isso diante dos colcosianos e da guarda que estavam então no Soviete. Agrediu-o, porque se recusava a contribuir, imediatamente, para o fundo das sementes...

— É vergonhoso! — disse em voz alta o procurador.

Nagulnov passou a mão pela garganta, empalideceu, mas não disse nada.

— Na mesma noite, camaradas, agindo como um verdadeiro policial, prendeu até de manhã, em um quarto gelado, três colcosianos, ameaçando-os com revólver, por recusarem entregar na hora a cota de sementes que lhes cabia.

— A êsses não fiz ameaça alguma...

— Repito aquilo que me disseram, camarada Nagulnov. E peço que não me interrompa. Também, por insistência sua, desapropriaram e deportaram o camponês médio Gaiev, o que não devia ter sido feito, visto que, por sua situação material, não poderia em caso algum ser classificado entre os culaques. E tudo isso pelo simples motivo de que, em 1928, havia contratado por um mês, durante a colheita, uma rapariga de Gremiatchi-Log. Isso porque, no outono de 1927, seu filho havia sido convocado pelo Exército Vermelho e, tendo que sustentar família numerosa, não dava conta do serviço sòzinho. A lei soviética não interditava esta forma de utilizar a mão-de-obra. Gaiev havia contratado esta môça, assinando um contrato em regra, em presença do comitê dos assalariados agrícolas e, segundo pude verificar, pagou integralmente o salário combinado. Por outro lado, Nagulnov leva uma vida sexual desordenada, e não se pode passar por cima disto quando se trata de um membro do Partido. Nagulnov divorciou-se de sua mulher. Divorciou-se, não: simplesmente pô-la para fora

de casa, como a um cão, sob o pretexto de que um rapaz de Gremiatchi lhe havia feito a côrte. Em poucas palavras, aproveitou-se do falatório que havia a seu respeito, para expulsá-la e ficar com as mãos livres. Ignoro que tipo de vida sexual leva agora, mas tudo indica, camaradas, que se entrega ao deboche. Do contrário, que necessidade havia de expulsar a mulher? A locatária de Nagulnov me disse que êle volta para casa tôdas as noites. muito tarde. Não sabe onde fica até essa hora, mas nós, camaradas, sabemos onde é que podè ficar. Não somos crianças. Sabemos perfeitamente onde se encontra geralmente um homem que expulsa a mulher de casa e que procura distrair-se variando de mulheres... Nós o sabemos. Eis, camaradas, a curta lista das façanhas — e nesta altura do informe, Samokhin teve um sorriso venenoso — que conseguiu realizar, em tão pouco tempo, o malfadado secretário da célula de Gremiatchi, Nagulnov. A que conduziu tudo isso? E quais as causas primeiras de seus atos? Aqui, é necessário que se diga francamente, não é a vertigem do sucesso, como definiu muito bem o camarada Stálin, é tão-sòmente uma virada esquerdista, um atentado à linha geral do Partido. Nagulnov conseguiu, por exemplo, não sòmente desapropriar os camponeses médios e fazê-los entrar para o colcós sob a mira de um revólver, mas também conseguiu fazer adotar uma série de decisões de socializar as aves, o gado miúdo e as vacas. Foi êle ainda, segundo dizem alguns colcosianos, quem tentou estabelecer no colcós uma disciplina desconhecida mesmo nos tempos de Nicolau, o Sangüinário!

— Com relação às aves e ao gado, o comitê distrital nos havia deixado sem orientação — disse Nagulnov em voz baixa.

Estava em pé, ereto, a mão esquerda crispada no peito.

— Ah, não, perdão! — disse o secretário com o rosto rubro. — O comitê escreveu a vocês. Não há necessidade de jogar a culpa nos outros. Em primeiro lugar, há o estatuto, e você não é nenhuma criança para não saber interpretá-lo.

— No colcós de Gremiatchi, afoga-se tôda veleidade de autocrítica — continuava Samokhin — Nagulnov faz reinar o terror, ninguém ousa abrir a bôca em sua presença. Ao invés de esclarecer as pessoas, de persuadi-las, êle berra, dá patadas, brande o revólver. E isso faz com que tudo esteja de cabeça

para baixo no colcós *Stálin* de Gremiatchi Os camponeses em massa abandonam o colcós. Quanto ao plantio, apenas começaram e não chegarão ao fim, sem dúvida. A comissão de contrôle do distrito, chamada a limpar o Partido de todos os elementos em decomposição, dos oportunistas de todo tipo, que impedem nossa grande edificação, tirará certamente as conclusões que se impõem no caso Nagulnov.

— É tudo? — perguntou o secretário.

— Sim, é tudo.

A cólera terrível que, no fim do discurso de Samokhin, empolgara Nagulnov como uma chama, desapareceu sùbitamente, deixando em seu lugar incerteza e mêdo.

"Que estão fazendo comigo? Será possível? Querem minha morte!" — pensou êle, perplexo, aproximando-se da mesa.

Não se lembrava mais de nenhuma das objeções violentas que preparara durante a intervenção de Samokhin. A cabeça estava vazia, nenhuma idéia lhe acorria. Era a primeira vez que tal lhe acontecia...

— Camarada, estou no Partido desde o comêço da revolução... Estive no Exército Vermelho...

— Sabemos tudo isso. Vamos aos fatos! — atalhou o secretário com impaciência.

— Bati-me em tôdas as frentes, contra os brancos... E no primeiro regimento de cavalaria... Fui condecorado...

— Fale a respeito do caso!

— E que estou fazendo?

— Pare com os rodeios, Nagulnov. Não adianta, agora, querer nos lembrar seus méritos — interrompeu o presidente do comitê executivo do distrito.

— Deixem-no falar! A trôco de que estão querendo atrapalhá-lo? — disse indignado Balabin. E sua cabeça luzidia ficou da côr de framboeza, como se num ataque apoplético.

— Deve falar concretamente. De coisas precisas.

Nagulnov permanecia em pé, na mesma posição, a mão esquerda sempre crispada sôbre o peito, enquanto a direita dirigia-se lentamente para a garganta, paralisada por uma sequidão abrasadora.

Sempre pálido, prosseguiu com esfôrço:

— Deixem-me falar. Não sou inimigo, vamos, por que me tratam assim?... Fui ferido no exército... Sofri contusões no ataque a Kastornaia... por um fragmento de granada...

Calou-se, os lábios enegrecidos aspiravam o ar ruidosamente.

Balabin, num gesto vivo, despejou água da garrafa num copo e estendeu-o a Nagulnov, sem olhá-lo.

Kortjinski atirou um olhar a Nagulnov e volveu a cabeça em seguida: a mão que empunhava o copo tremia sem cessar.

Ouviu-se distintamente, no pesado silêncio, o ruído que fazia o copo batendo nos dentes de Nagulnov.

— Acalme-se, vamos, fale! — disse com enfado Balabin.

Kortjinski fêz uma careta. A piedade, importuna, invadia-lhe o coração, mas refêz-se a tempo. Estava profundamente convencido de que Nagulnov era um mal para o Partido e que era necessário, não apenas destituí-lo, mas excluí-lo do Partido. sua opinião era a mesma dos outros, com exceção de Balabin.

Nagulnov engoliu de um trago o copo d'água, tomou fôlego e continuou:

— Reconheço o que disse Samokhin. Sim, fiz tudo isso. Mas não porque quisesse prejudicar o Partido. Isso não. Samokhin mentiu a êsse respeito! Mente, da mesma forma, como um cão, quando se refere à minha vida debochada. É mentira tudo aquilo!... Pelo contrário, evito as mulheres, tenho outras coisas de que me ocupar...

— E por isso expulsou sua mulher? — perguntou venenosamente o chefe da seção de organização, Khomutov.

— Sim, foi por isso, justamente, respondeu Nagulnov. Mas fiz assim... desejava fazer assim pelo bem da revolução. Pode ser que me tenha enganado... Não sei. Vocês sabem melhor que eu. Não procuro diminuir minha culpa. Julguem como acharem melhor. Só peço uma coisa...

Fa'tou-lhe o fôlego. Parou e ficou calado por um momento. Depois:

— Compreendam, meus amigos, não fiz nada disso com intenção de prejudicar o Partido. Quanto a Bannik, agredi-o porque zombou do Partido, porque queria atirar o trigo de plantio aos porcos...

— Desculpas — intercalou zombeteiramente Samokhin.

— Digo a verdade. Ainda lamento não ter matado êsse Bannik. Não tenho mais nada a dizer.

Kortjinski endireitou-se, a cadeira gemeu sob seu pêso. Queria terminar o mais ràpidamente possível com aquêle triste caso. Falou apressadamente:

— Bem, camaradas, tudo é muito claro. Nagulnov mesmo confessa. Ainda que procure esquivar-se dos detalhes, procure desculpar-se, suas justificações são pouco convincentes. Aquêles que devem ser punidos, sempre esforçam-se por atirar uma parte da culpa ou da reponsabilidade sôbre os outros... Creio que Nagulnov, comunista caído em degenerescência na vida privada, que comprometeu de maneira criminosa a linha do Partido, no que se refere ao movimento de coletivização, deve ser excluído das fileiras do Partido. Não vamos levar em conta seus méritos anteriores, é já uma etapa superada. Devemos punir Nagulnov, dar um exemplo. Não teremos piedade daqueles que procuram desprestigiar o Partido inclinando-se para a direita ou para a esquerda. Não podemos usar meias-medidas com Nagulnov e outros semelhantes. Já tivemos muita contemplação. No ano passado, durante a organização das *toz,* já inclinava-se para a esquerda. Chamei-lhe a atenção. Não quis ouvir, pior para êle. Vamos votar. Quem é a favor da exclusão de Nagulnov? Naturalmente só votam os membros do secretariado. Quatro, então? É contra, camarada Balabin?

Balabin esmurrou a mesa. Uma rêde de veias azuladas latejava em sua têmpera.

— Não sòmente sou contra, como protesto categòricamente. É uma decisão completamente falsa.

— Você pode dar sua opinião depois — disse Kortjinski friamente.

— Absolutamente, deixe-me falar!

— É muito tarde, Balabin. A exclusão de Nagulnov já foi votada pela maioria.

— É maneira burocrática de agir com relação a um camarada. Peço desculpas, mas não deixarei que isso fique assim. Vou escrever ao comitê de zona. Excluir um velho militante do Partido, uma pessoa condecorada com a Bandeira Verme-

lha... Estão loucos, camaradas? Até parece que não há outras penalidades!

— Já votamos. É inútil continuar a discussão.

— Por uma votação dessas, mereciam que lhes torcessem o pescoço.

A voz de Balabin adquiriu um tom agudo de falsete. O pescoço roliço parecia ter ficado mais inchado: parecia que, ao menor toque, o sangue esguicharia.

— Torcer-nos o pescoço!... Você está indo muito longe — insinuou maldosamente o chefe da seção de organização Khomutov. — Podemos chamar à ordem você também. Estamos no comitê e não na milícia!

— Sei, não há necessidade de me dizer. Mas, por que não me deixam falar?

— Por que acho que é inútil, está acabado! — gritou Kortjinski, fora de si.

Tal como Balabin, tornara-se côr de púrpura e agarrava-se frenèticamente aos braços da cadeira.

— Sou o secretário do comitê distrital! Retiro a palavra de você e, se está com vontade de falar, vá lá fora!

O presidente do executivo do distrito tentava convencer o chefe da milícia:

— Balabin, acalme-se. Por que exaltar-se? Recorra, se quiser, ao comitê de zona. O caso já foi votado, e você, depois de tudo terminado, fica brandindo os punhos...

Pegara-o pela manga do casaco, arrastara-o para um canto e falava-lhe em voz baixa.

Enquanto isso, Kortjinski, enraivecido pela altercação com Balabin, cravou em Nagulnov seus pequenos olhos, brilhando de maldade sob as pálpebras inchadas, e disse com hostilidade que não procurava dissimular:

— Acabou-se, Nagulnov! Por decisão do secretariado, você está excluído de nossos quadros. O Partido não precisa de indivíduos como você. Deixe aí a caderneta de militante.

E golpeou a mesa com a mão coberta de pêlos louros.

Nagulnov empalideceu mortalmente. Um tremor sacudiu-o e quando falou, mal se ouvia sua voz:

— Não, não entregarei a caderneta.

— Nós o obrigaremos!

— Dirija-se ao comitê de zona, Nagulnov — gritou balabin de seu canto.

E, interrompendo bruscamente a conversa com o presidente do executivo, saiu, batendo violentamente a porta.

— Não entregarei a carteira de militante — repetiu Nagulnov.

Sua voz estava mais firme. A lividez desaparecia pouco a pouco de sua testa e de suas faces de pomos salientes.

— Ainda serei útil ao Partido... Quanto a você, não o obedecerei. A carteira está no meu bôlso. Experimentem tirá-la! Arrebento o primeiro que tentar.

O procurador encolheu os ombros:

— Eis que começa a tragédia... Nada de histerismo, ouviu?

Sem prestar atenção a estas palavras, Nagulnov olhava fixamente para Kortjinski. Falava sem se apressar, com ar de reflexão:

— Que seria sem o Partido? De que adiantaria? Não, não devolverei a caderneta. Dediquei tôda a minha vida ao Partido, a vida inteira...

Desamparado, lamentável, parecia ter envelhecido sùbitamente. Gaguejava, procurava as palavras, balbuciando com voz premida, ininteligível:

— Nesse caso, que esperam... Encostem-me no muro... Basta dar ordem aos companheiros... Não resta outra coisa a fazer... A vida não significa mais nada para mim... Podem excluir-me dela também, vamos!... Ah, já percebo... Enquanto o cachorro Serko vigiava os bois, estava bem... Agora que está velho, livram-se dêle...

A face de Nagulnov estava imóvel como uma máscara de gêsso. Sòmente os lábios tremiam. Mas, quando terminou de falar, seus olhos fixos encheram-se de lágrimas abundantes, pela primeira vez desde que era homem adulto. Rolavam pelo seu rosto, inundando-o, detendo-se na rude vegetação de sua barba que de muito tempo não era raspada, salpicando de manchas negras o peitilho de sua blusa.

—Acabe com isso, vamos! De que adianta, camarada? — disse o secretário, contraindo dolorosamente a face.

— Camarada? Você, meu camarada! — urrou Nagulnov. — Ah, não, você é um lôbo impudente!... Vocês todos são uns répteis venenosos!... Ei-los muito bem instalados... Aprenderam a conversar... Por que está mostrando os dentes, Khomutov? Minhas lágrimas o divertem? Você... você que, em vinte e um, quando Fomin e seu bando assolavam o país, veio ao comitê distrital para devolver a carteira do Partido! Lembra-se, porco? Disse naquela época que queria "dedicar-se à agricultura". Na verdade era mêdo de Fomin!... E, mais tarde, grudou-se novamente ao Partido, como uma lêsma pegajosa entre pedregulhos!... Hoje vota contra mim? E ri de minha dor?

— Basta, Nagulnov, não grite tanto... Ainda temos outros assuntos a tratar na ordem do dia — disse, conciliador, sem se perturbar, com um ligeiro sorriso oculto entre os escuros bigodes, o simpático Khomutov de face morena.

— Com vocês, sim, chega. Mas saberei encontrar justiça. Irei até o Comitê Central.

— Isso!... Vá depressa! Lá acertarão o caso em três tempos... Estão apenas à sua espera... — dizia Khomutov, sorrindo sempre.

Nagulnov dirigiu-se lentamente para a saída. Bateu com a têmpora na porta e deixou escapar um gemido.

A explosão de cólera terminara por esgotá-lo. Vazio de pensamentos e de idéias, acercou-se da barreira, desamarrou a montaria e, sem saber o que estava fazendo, partiu, puxando o animal pela rédea. Chegando ao fim da *stanitsa* quis montar: quatro vêzes tentou, pondo o pé no estribo, mas cambaleando como um homem embriagado, perdia o equilíbrio...

Um velho, ainda com a fisionomia jovem, estava sentado no umbral de sua cabana. Sob a viseira do quepe cossaco, observava as tentativas de Nagulnov. Sorriu, zombando:

— Está bom, êsse cavaleiro! O Sol apenas se levantou e já não pode erguer a perna. Por que empinou o copo tão cedo? Será dia de festa?

— Claro que é festa, avô Fedor — respondeu um vizinho, surgindo atrás da cêrca. — Hoje é dia de São Borracho, e há procissão pelas tavernas.

— É o que estou vendo — sorriu o velho. — Na verdade, não há nada mais forte que o vinho. Olhe como vacila na sela. Agarre-se bem, meu cossaco!

Nagulnov rangeu os dentes e, apenas tocando o estribo com a ponta da bota, saltou àgilmente para a sela, como se fôra um pássaro.

34

Naquela manhã, vinte e três carros do colcós da aldeia de Iarsk chegaram a Gremiatchi-Log.

Bannik encontrou-os perto do moinho de vento. Com uma corda atirada sôbre os ombros, tinha ido procurar sua jumenta na estepe. Quando o primeiro veículo emparelhou-se com êle, cumprimentou:

— Bom dia, cidadãos!

— Bom dia — respondeu um enorme cossaco de barba negra.

— De onde vêm?

— De Iarsk.

— Por que os cavalos de vocês não têm cauda? Vocês as cortaram?

— A cauda foi cortada, sim, mas apesar disso, faz das suas... Pergunta por que não tem cauda? Nós as cortamos para entregá-las ao Estado. As mulheres, na cidade, espantarão môscas com elas. Tem o que fumar aí, amigo? Na verdade, não estamos tão ricos que dê para comprar tabaco...

Dizendo isso, o cossaco saltou do carro. As outras carroças pararam também.

Bannik já se arrependia de ter começado a conversa. Tirou com má vontade a bôlsa de tabaco, e viu que cinco homens, deixando os carros atrelados, aproximavam-se rasgando tiras de uma fôlha de jornal para enrolar cigarros.

— Ei!, vocês querem acabar com meu fumo — grunhiu o avarento Bannik.

— Agora que existe o colcós, tudo deve ser propriedade comum — disse severamente o barbudo.

E, como se fôsse o dono, tirou um bom punhado de fumo.

Puseram-se a fumar.

Bannik, apressadamente, guardou a bôlsa de tabaco na calça. Sorria, olhando com piedoso desdém os cavalos, cujas caudas estavam cortadas quase que pela raiz. As mutucas da primavera, ávidas de sangue, devoravam os cavalos, pousavam sôbre os flancos brilhantes de suor, sôbre os pescoços pelados pelos arreios.

Maquinalmente, os animais agitavam as caudas para espantar os insetos, mas os lastimáveis tocos, desprovidos de crinas, não serviam para nada.

— Que estão apontando com a cauda? — zombou Bannik.

— O colcós, raios!... Isso não muda... E por aqui, não as cortaram?

— Sim, mas sòmente dez centímetros.

— Foi o presidente de nosso Soviete que ordenou isso. Recebeu um prêmio... Mas quando os moscardos aparecerem, então, boa noite!... Será a morte de nossos animais. Bem, vamos partir. Obrigado pelo fumo. Agora estou me sentindo melhor... Ah! o que sofremos: o caminho inteiro sem fumar... Não digo nada...

— Para onde vão?

— Para Gremiatchi.

— A nossa aldeia, então. E, que vão fazer lá?

— Vamos buscar sementes.

— He'n?... Como é?

— É uma ordem do setor. Vamos buscar um fundo de sementes, quatrocentos e trintas pudes... Upa! Upa!...

— Bem que eu dizia! — exclamou Bannik.

E pôs-se a correr para a aldeia.

Os carros de Iarsk não haviam ainda chegado à Direção do colcós e já metade da aldeia sabia que o pessoal de Iarsk tinha vindo buscar as sementes. Bannik não perdera tempo.

Primeiro foram as comadres que se juntaram nas vielas, piando como bandos de perdizes assustadas.

— Ah, minha querida, levam nosso trigo.

— Não teremos nada para semear.

— Como somos exploradas!

— Bem diziam aquêles que não queriam entregar o trigo para a granja comum...

— Ah, se os homens tivessem-nos ouvido!

— É preciso avisar os homens para que não deixem levar o trigo.

— Somos nós mesmas que vamos impedir isso. Vamos, mãezinhas, para os depósitos. Vamos arranjar umas estacas e ai de quem tocar nos cadeados.

Os cossacos chegaram e ficaram de acôrdo. De viela em viela, de rua em rua, uma verdadeira multidão formara-se.

Enquanto isso, Davídov lia a nota do presidente da direção agrícola do setor, que os habitantes de Iarsk haviam trazido.

Camarada Davídov, — escrevia Lupetov — você tem nos depósitos 73 quintais de trigo que ainda não entregou para a armazenagem. Queira entregar êsse trigo (os 73 quintais) ao colcós de Iarsk, que está sem sementes. Já acertei a questão com o Soiuzkhleb.(*)

Depois de ler, Davídov deu ordem para que se entregasse o trigo.

Do pátio do colcós, os veículos de Iarsk dirigiram-se para os depósitos; mas a multidão obstruía a rua. Uns duzentos cossacos, entre homens e mulheres, rodearam os carros.

— Aonde vão?

— Apanhar nosso trigo? Bando de ladrões!

— Meia volta, à direita, marchem!

— Não vão levar nada.

Uchakov foi falar com Davídov, que veio correndo.

— Que há, cidadãos? Que significa êste ajuntamento?

— Por que entrega nosso trigo a essas pessoas de Iarsk? Será que nós o depositamos para que vocês o entregassem a qualquer um?

— Quem lhe deu o direito de dispor do trigo?

— E nós, com que vamos semear?

Davídov subiu na base saliente do depósito mais próximo. Disse com voz calma que, por ordem da direção agrícola do distrito, estava entregando, não o trigo de plantio, mas o remanescente do trigo de armazenagem.

— Cidadãos, não tenham receio. Ninguém tocará em nosso trigo. E quanto a vocês, no lugar de ficarem vagabun-

---

(*) Direção central do trigo.

deando ou mascando sementes de girassol, deveriam ir para o campo. Não se esqueçam de que os chefes de brigada estão tomando nota dos faltosos. Êstes serão multados.

Parte dos cossacos abandonou a rua. Muitos, tranqüilizados pela declaração de Davídov, foram para os campos de lavoura. O guarda do armazém começou a entregar os grãos ao pessoal de Iarsk.

Davídov foi para a Direção. Mas meia hora depois brusca mudança operou-se no espírito das mulheres que continuaram a vigiar os depósitos. Ostrovnov contribuíra para isso, insinuando a alguns cossacos:

— Davídov está mentindo. O que vão entregar é trigo para plantio. O colcós terá sementes, é claro, mas o que foi entregue pelos particulares será dado ao colcós de Iarsk.

As mulheres ficaram agitadas. Bannik, Demid, o velho Donetskov e uns trinta outros cossacos, depois de conferenciarem entre si, aproximaram-se da balança.

Falando em nome de todos, Donetskov declarou:

— Bem, chega de brincadeiras, o grão não sai daqui.

— Ninguém pediu sua opinião nem, muito menos, sua autorização — resmungou Uchakov.

E começaram a altercar. Os rapazes de Iarsk ficaram do lado de Uchakov. O gigantesco cossaco de barba negra, a quem Bannik dera o tabaco, ergueu-se sôbre a carroça, mostrando todo o talhe de seu corpo e, cuspindo e praguejando, pôs-se a falar com voz tonitruante:

— Ah!, agora querem ir contra o Poder! Estão querendo nos acusar de alguma coisa?... muito embora o tempo esteja uma porcaria, marchamos quarenta quilômetros para vir aqui e, agora, não querem entregar o trigo ao Estado? Querem que diga uma coisa? Vocês estão com vontade de conhecer a GPU. Deviam mandar vocês para Solovki, velhacos, filhos de porco! Parecem cachorros num monte de feno: não podem comer mas não deixam ninguém chegar perto. Por que não vão trabalhar nos campos? Será que é feriado?

— Que há com você? A barba está atrapalhando? Podemos penteá-la!... E vai ser agora mesmo! — gritou Akim, o Jovem, avançando para a carroça e arregaçando as mangas.

O barbudo cossaco de Iarsk saltara do carro. Sem enrolar as mangas da blusa desbotada pelo sol, recebeu o adversário com um direto no queixo, tão violento, que enviou Akim a uns metros de distância.

Foi o sinal. Começou uma briga como há tempos Gremiatchi-Log não via. O pessoal de Iarsk levou a pior. Batidos, deixaram os sacos de trigo, saltaram para as carroças e, chicoteando os cavalos, partiram, espalhando o bando de comadres tagarelas.

Desde então, uma onda de inquietação perturbou Gremiatchi-Log.

Queriam apanhar Uchakov para tirar-lhe as chaves dos depósitos, mas êste escapulira prudentemente durante o tumulto e correra para a Direção.

— Onde devo esconder as chaves, camarada Davídov? O pessoal daqui está dando uma surra no de Iarsk... Creio que, logo mais, virão atrás de nós.

— Dê cá — disse calmamente Davídov.

Pegou as chaves, enfiou-as no bôlso e dirigiu-se para os depósitos.

Enquanto isso, as mulheres haviam feito André Razmetnov sair do Soviete e berravam como possessas:

— Convoque uma reunião imediatamente!

André tentava fazê-las raciocinar:

— Vamos, minhas amiguinhas... *minhas meninas*... comadres, vamos, não se faz uma reunião assim, *num* momento como êste! O que é preciso é semear e não reunir. De que vai servir uma reunião? É uma palavra usada por soldados. Antes de poder pronunciá-la devem ter, no mínimo, três anos de trincheiras. É preciso ir à guerra, comer miolo de pão feito de chumbo, para depois, só depois, falar em reunião.

Mas ninguém o escutava. Agarradas à sua larga calça, às mangas e à barra de sua blusa, as mulheres o empurravam para a escola. Gritavam:

— Não queremos saber do bolor de trincheiras.

— Não queremos guerra!

— Abra a sessão ou nós mesmas vamos abri-la.

— Está mentindo, porco!... Você pode convocar uma reunião... Você é o presidente!

André empurrava as comadres, tapava os ouvidos, tentava gritar mais alto do que elas:

— Calem-se, malditas! Afastem-se! Para que querem uma reunião?

— É por causa do trigo... Queremos falar a respeito do trigo.

André foi forçado a anunciar:

— A sessão está aberta.

— Peço a palavra! — exigiu a viúva Ekaterina Guliatschaia.

— Fale, e que o diabo a carregue!...

— Carregue a você que é o presidente! Quem permitiu que vendesse assim nosso trigo? Quem deu ordem para entregá-lo ao pessoal de Iarsk, e a trôco de quê?

Guliatschaia, com a mão nos quadris, o busto atirado para a frente, esperava a resposta.

Como se estivesse sendo perseguido por uma môsca implicante, André fêz um movimento irritado:

— O camarada Davídov já explicou tudo, com tôda a autoridade que era necessária. E, se abri a reunião, não foi para ouvir êsse tipo de besteira, mas pelo simples motivo, — e André suspirou — pelo simples motivo de que devemos lançar todo nosso esfôrço contra os ratos campestres...

A manobra de André não deu certo.

— Ratos coisa nenhuma!

— Os ratos campestres não têm nada a ver com isto.

— Entregue nosso trigo.

— Olhem só o charlatão!... Vem agora falar em ratos! Quando é que vai falar sôbre o trigo?

— Não há nada a dizer sôbre isso.

— Nada?... Tem certeza?... Devolva nosso trigo.

As mulheres, Guliatschaia à frente, avançaram. André estava em pé, próximo da cabina do anotador. Olhava as comadres com ar zombeteiro, mas, no fundo, sentia uma ponta de inquietação: atrás dos lenços brancos das mulheres, contrastando com suas faces coradas como um campo de mar-

garidas, amontoava-se, no fundo da sala, uma multidão de cossacos de ar feroz.

— Você calça botas tanto no inverno como no verão, enquanto nós não temos nem com que comprar tamancos.

— Ei-lo feito um comissário!...

— E não faz muito tempo que usava as calças do falecido marido de Marina.

— É tão vagabundo que criou banha!

— Vamos tirar êsse excesso, comadres!

Os gritos crepitavam como tiroteio. As mulheres continuavam a apertar o cêrco. Em vão, André tentou restabelecer a calma: sua voz perdeu-se no tumulto.

— Vamos tirar-lhes as botas! Vamos, comadres!

No mesmo instante, inúmeros braços avançaram e agarraram André pela perna esquerda. Empalidecendo de cólera, êle segurou-se à cabina do anotador. Num abrir e fechar de olhos tiraram sua bota que foi atirada para o fundo da sala. Numerosas mãos agarravam-na no ar e atiravam-na mais longe. Uma risada unânime, maldosa, fêz-se ouvir. Percebia-se nas últimas fileiras, no fundo da sala, vozes masculinas aprovando a atitude das mulheres.

— Tirem a outra bota!

— Que passeie um pouco assim... sem tanta pose.

— Vamos, comadres! Saltem em cima dêle!

Tiraram a outra bota de André, que arrancou as meias e berrou:

— Acho que precisam disto também... Tomem, Tomem... Servirão para vocês limparem o nariz.

Alguns homens, dando cotoveladas, acercavam-se. Um dêles, Efim Trubatchev, camponês independente, rapagão de lábios grossos, abriu caminho afastando as mulheres.

— Não precisamos de suas meias, senhor presidente — disse sorrindo, a respiração sibilante, — mas sim de suas calças, e vamos tirá-las!

— É que estamos precisando de calças. Os pobres não têm calças... As que tiramos dos culaques não deram para todos — acrescentou outro rapaz, mais jovem e um pouco menor, mas que tinha ar mais finório e atrevido.

Chamava-se Dimok e tinha os cabelos espantosamente encaracolados. Dizia-se que nunca passara um pente naquele tosão de um louro acentuado e que brotava com rebeldia da parte inferior de seu velho quepe cossaco.

O pai de Dimok morrera na guerra contra a Alemanha e a mãe fôra levada pelo tifo. O pequeno Dimok crescera sob a tutela de uma tia. Desde criança roubava pepinos e rabanetes das hortas, cerejas e maçãs dos pomares; roubava sacos inteiros de melancia. Crescendo, dedicara-se a seduzir as môças da aldeia e, nessa atividade, criara um renome tão deplorável e comentado que nenhuma mulher de Gremiatchi, mãe de môça crescida, podia vê-lo passar, observar sua silhueta esguia mas bem feita, esbelta como a de um gavião, sem ter sérias preocupações. As mães olhavam-no com raiva e não deixavam de praguejar com desprêzo:

— Ainda anda por aí êsse demônio de olhos brancos! Sempre a rondar pela aldeia, como um cachorro no cio...

E para a filha:

— Já acabou de olhar?... Que está fazendo na janela? Experimente trazer para casa alguma novidade sob a saia, experimente para ver! Estrangularei você com estas mãos que está vendo. Vamos, chega! Vá buscar lenha para o fogão, desgraçada, e depois vá buscar a vaca!

Dimok, qual cabrito montês, pisa suavemente com os pés calçados de sandálias, assovia entre os dentes.

Afetando distração, marcha ao longo das cêrcas e paliçadas. Sob os cílios grandes e recurvados, os olhos sondam as janelas e pátios. Se aparece em algum lugar um lenço cobrindo uma cabeça jovem, instantâneamente Dimok, que parecia preguiçoso e desajeitado, transforma-se: com um movimento breve e preciso, como ave de rapina, vira a cabeça e endireita o corpo. E não é absolutamente crueldade que se espelha em seus olhos, é doçura e ternura sem limites. Os olhos, nessas horas, parecem mudar de côr: tornam-se azuis, de um azul profundo como o céu de julho.

— Fektiachka, minha florzinha azul, esta noite, quando tudo estiver calmo, estarei atrás do pátio. Onde vai dormir esta noite?

— Deixe-me em paz, pare com essas tolices! — responde a jovem pondo-se a correr com ar severo e inacessível.

Com um sorriso nos lábios, Dimok fica olhando a menina que se afasta, depois vai embora.

Ao entardecer, toca acordeão, perto da granja coletiva — é o instrumento de seu amigo deportado, Timóteo Damaskov.

Mas, quando as sombras da noite cobrem os jardins e os bosques, quando cessam as vozes dos homens e os mugidos dos animais, Dimok segue, sem se apressar, pela viela que conduz à granja de Fekta.

Acima do murmúrio das ramagens dos álamos, a Lua, solitária e redonda como o rosto de Dimok, paira sôbre a aldeia silenciosa.

Não eram apenas as garôtas a única alegria da vida de Dimok: amava também a vodca e, ainda mais, as brigas. Onde as coisas eram resolvidas a murro, estava Dimok.

Inicialmente, observa apenas, com as mãos fortemente cruzadas nas costas e a cabeça enterrada nos ombros. Depois, os joelhos começam a tremer com pequenas e freqüentes sacudidelas; pouco a pouco o tremor torna-se irresistível e, incapaz de dominar a paixão que o empolga, lança-se na luta.

Com apenas vinte anos, já lhe haviam quebrado uma meia-dúzia de dentes. Mais de uma vez havia apanhado até espirrar sangue; surravam-no por ter seduzido mocinhas, por se meter, sem ser convidado, nas disputas que geralmente são acertadas a tapa. Dimok tossia, cuspia sangue, ficava um mês de môlho na casa da tia, depois reaparecia nas brincadeiras. Então, seus olhos azuis brilhavam ainda mais insaciàvelmente, os dedos corriam mais àgilmente pelo teclado do acordeão. Sòmente a voz, depois da surra, tornava-se mais surda e rouca, como o ressoar dos usados foles de uma velha sanfona.

Mas tirar-lhe a vivacidade do corpo era coisa difícil: tão duro como matar um gato. Haviam-no expulso da J.C.; fôra julgado por escândalos e por um incêndio. Várias vêzes, André Razmetnov prendera-o à fôrça e fizera com que passasse a noite sob o telheiro do Soviete. Há muito tempo que Dimok devotava-lhe um ódio intenso. E, agora, julgando o momento propício, avançou para o acêrto de contas.

Foi-se aproximando aos poucos de André. Os joelhos tremiam tanto que parecia avançar dançando.

— As calças, vamos! — disse arquejando ruidosamente. — Vamos, tire-as!

A maré de mulheres inundava a sala. Uns cem braços cercavam André, respirações agitadas queimavam-lhe o rosto, a nuca, aprisionavam-no num círculo hermèticamente fechado.

— Sou o presidente — gritou André. — Insultar-me é insultar o Poder soviético. Para trás!... Não permitirei que toquem no trigo. A reunião está ter-mi-na-da!

— De qualquer forma vamos buscar o trigo! É nosso!

— Vejam como êle encerra a reunião!

— Nós vamos reabri-la!

— Vamos buscar Davídov... Vamos sacudir-lhe as pulgas também.

— Sim, vamos à Direção.

— É preciso prender Razmetnov.

— Dêem-lhe duro, rapazes!

— Não merece pena!

— Êle é contra Stálin.

— Deve ser prêso.

Uma das mulheres arrancou a toalha vermelha que cobria a mesa e, por trás, atirou-a sôbre a cabeça de André. Enquanto procurava livrar-se da toalha que cheirava a tinta e a pó, Dimok, sem tomar impulso, esmurrou-lhe a bôca do estômago.

Conseguindo descobrir a cabeça, afogado de cólera e de dor, André puxou o revólver do bôlso. Num salto, as mulherese afastaram-se gritando. Mas Dimok, Efim Trubatchev e dois outros cossacos, segurando-lhe os braços, desarmaram-no.

— Queria atirar sôbre nós! É um filho da puta! — urrou alegremente Trubatchev, brandindo acima da cabeça o revólver, cujo tambor não continha uma só bala.

* * *

Instintivamente Davídov diminuiu os passos, ouvindo o alarido contínuo e cheio de ameaças que partia dos depósitos. O clamor das mulheres, estridentes, sobrepujava as graves vozes masculinas e era ouvido claramente, acima do tumulto,

como se ouve na floresta invadida pelas primeiras néves, os raivosos latidos de uma cadela de caça seguindo com a matilha uma pista inteiramente fresca.

"Seria conveniente ir buscar a segunda brigada, são bem capazes de tomar o trigo" — pensou Davídov.

Resolveu voltar à Direção para esconder as chaves dos depósitos. Uchakov, perplexo, esperava-o na porta.

— Vou esconder-me, camarada Davídov, êles vão cair em cima de mim porque sou o responsável pelas chaves.

— Faça como quiser. Onde está Naidenov?

— Na segunda brigada.

— Não há ninguém aqui da segunda?

— Kondrat Maidannikov.

— Onde está? Que está fazendo?

— Veio buscar sementes. Lá está êle.

Maidannikov aproximava-se com passos rápidos. De longe, fêz sinal com o chicote, gritando:

— A comuna prendeu André Razmetnov. Prenderam-no num sótão. Agora estão indo para os depósitos. Esconda-se, camarada Davídov... Se o encontram é capaz de acontecer uma desgraça... Estão todos loucos, palavra de honra!

— Esconder-me? Você é quem está louco!... Tome, pegue as chaves e vá correndo até a brigada. Diga a Liubichkin que pegue uns quinze homens montados e que venham aqui a galope. Você está vendo o que está acontecendo... É a bagunça que começa... Não quero avisar o setor, vamos acertar isso sòzinhos. Você veio de carro?

— Sim.

— Desatrele um cavalo, monte e vá a tôda pressa.

— Estou indo.

Maidannikov colocou as chaves no bôlso e partiu correndo. Davídov dirigia-se calmamente para os depósitos. A multidão, percebendo-o, acalmara-se um pouco.

— Aí vem o canalha! — gritou uma mulherzinha histérica, mostrando Davídov.

Mas, êste não se apressava. Sob as vistas de todos, parou para acender um cigarro, deu as costas ao vento e riscou um fósforo.

— Venha, venha! Vamos arranjar tempo para você fumar.

— No outro mundo!

— Traz as chaves, pelo menos?

— Claro que traz!... Gato escaldado tem mêdo de água fria, não é verdade?

Displicentemente, com as mãos nos bolsos e soltando baforadas de fumaça, Davídov aproximou-se das primeiras filas. Seu ar calmo e seguro teve um efeito duplo sôbre a multidão: uns compreenderam que a fôrça, a superioridade estava com êle; outros exasperaram-se com essa calma aparente.

As palavras crepitavam sêcamente, como granizo caindo sôbre um telhado de zinco:

— As chaves, imediatamente!

— Vamos, dissolva o colcós.

— Saia daqui, ninguém o chamou.

— Devolva nosso trigo.

— Por que nos impede de semear?

Uma brisa ligeira agitava as pontas dos lenços das mulheres, fazia sussurar os caniços que cobriam os tetos das granjas e trazia do fundo da estepe o odor adocicado da terra que secava e o perfume embriagador dos brotos.

O aroma suave dos álamos era tão fortemente adocicado, que Davídov, falando, teve a sensação de que seus lábios se grudavam; chegou até a sentir gôsto de mel quando a língua tocou o palato.

— Vamos, cidadãos, querem desobedecer às disposições do Poder soviético? Por que não entregaram o trigo para o co'cós de Iarsk? Não vêem que terão que responder num tribunal por esta sabotagem da campanha de plantio? É claro que responderão por isso. O Poder soviético não os perdoará.

— Nós deixamos trancado o seu Poder soviético! Para melhor cuidar dêsse jovem, nós o prendemos num sótão — respondeu Miron Dobrodeev, camponês independente, um cossaco pequeno e cambaio, aludindo à prisão de André.

Um dos assistentes pôs-se a gargalhar. Bannik adiantou-se e gritou, furioso:

— O Poder soviético não ordena essas tramóias! Não tomamos conhecimento do Poder soviético inventado por você e Nagulnov!... É coisa que se faça, impedir os lavradores

de semear? Que é isso? Uma deformação da linha do Partido, nem mais nem menos!

— Por acaso, alguém impede você de semear?

— E não é a verdade?

— Entregou as sementes para a granja coletiva?

— Perfeitamente!

— Não as devolveram a você?

— Sim, e daí?

— Daí? O que é então que está impedindo que você semeie? Que fica fazendo, rondando os depósitos?

Bannik, desconcertado pelo rumo que a conversação tomara, tentou sair da enrascada:

— Não é por mim que sinto... Tenho pena da pobre gente que saiu do colcós sem levar o que tinha. Eis aí! E depois, no que diz respeito a mim, que bela terra me deram! Em primeiro lugar, por que é tão longe?

Davídov não suportou mais:

— Saia daqui. Acertarei as contas com você mais tarde, é claro! Não tem nada que meter o nariz nos assuntos do colcós. Se continuar assim, vai-se arrepender... Deu agora para fazer intrigas, não é? Saia daqui, estou avisando!

Bannik, resmungando ameaças, retirou-se. O conjunto de mulheres, todavia, tomou seu lugar. Começaram a cacarejar, tôdas de uma vez, não deixando Davídov dizer uma palavra sequer. Êste procurava ganhar tempo, para permitir que Liubichkin trouxesse a brigada. As comadres, formando um círculo, berravam até ensurdecê-lo, apoiadas pelo silêncio de simpatia dos cossacos.

Olhando ao redor, Davídov viu Marina Poiarkova. Afastada um pouco, com os possantes braços nus cruzados sôbre o peito, discutia animadamente com as comadres, franzindo as negras sobrancelhas que iam até o nariz. Davídov percebeu a hostilidade de seu olhar. A seu lado, Ostrovnov, emocionado, com um sorriso de expectativa nos lábios, cochichava alguma coisa para Demid.

— Entregue as chaves, vamos! Estamos pedindo por bem...

Uma das mulheres segurou Davídov pelos ombros e enfiou a mão no bôlso de suas calças.

Davídov empurrou-a com fôrça. Ela deu um pulo para trás e, caindo de costas, começou a berrar:

— Ai!... êle vai-me matar, vai-me matar! Não deixem que me assassine!

— Que é isso? — disse uma vozinha aguda e trêmula, vinda das últimas fileiras da multidão. — Deu agora para bater? Quebrem-lhe a cara para ver o que é bom.

Davídov aproximou-se da mulher caída por terra, com a intenção de levantá-la. Um murro fêz com que seu quepe voasse pelo ar. Bateram-lhe diversas vêzes, no rosto e nas costas. Agarraram-no pelos braços. Sacudindo as espáduas, livrou-se das mulheres que o assediavam. Estas, entretanto, agarrando-se a êle, urrando, arrancaram-lhe o colarinho e, num instante, viraram e revistaram os bolsos de Davídov.

— As chaves não estão com êle...

— Onde estão? Diga.

— Dê-nos as chaves... Senão, arrombaremos as portas.

Uma enorme velha, a mãe de Michka Ignatenok, sufocada, abriu caminho até Davídov. Praguejando como um carroceiro, cuspiu-lhe no rosto:

— Engula isto, demônio, ateu!

Davídov empalideceu; contraiu todos os músculos para se libertar, mas não o conseguiu: alguns cossacos estavam ajudando as mulheres. Mãos possantes como tenazes apertavam-lhe os braços nas costas. Davídov cessou de se debater. Compreendia que as coisas tinham ido longe demais, que nenhum dos assistentes tomava sua defesa. Dessa forma resolveu mudar de tática:

— Não tenho as chaves dos depósitos, cidadãos. Elas estão com...

Mordeu a língua: ia dizer que as chaves estavam com outra pessoa, mas compreendeu imediatamente que, nesse caso, a multidão se precipitaria em busca de Uchakov, conseguiria encontrá-lo e, então, pobre Uchakov, como padeceria... "Vou dizer que as chaves estão em minha casa, no meu quarto. Fingirei procurá-las e, depois, direi que as perdi. Liubichkin terá tempo de chegar. Penso que não ousarão matar-me... Depois, o diabo que os carregue!"

Ficou um momento em silêncio, enxugando com os ombros o sangue que escorria de sua face esfolada. Em seguida disse:

— As chaves estão em minha casa, mas não as entregarei. Se forçarem as portas, responderão por isso de acôrdo com o rigor das leis. Já estão avisados.

— Vamos a sua casa. Não se aflija, nós mesmas pegaremos as chaves — insistia a mãe de Ignatenok.

A emoção fazia tremer suas bochechas flácidas e a verruga que tinha sôbre o nariz; o suor corria abundantemente pelo seu rosto envelhecido. Foi a primeira a empurrar Davídov. Êste, a passos lentos mas sem resistir, marchou para o alojamento.

— Tem certeza de que estão lá? Por acaso não esqueceu onde as colocou? — perguntava Avdotia, a mulher de Bannik.

— Estão lá, estão lá, mãezinha! — afirmava Davídov, abaixando a cabeça para esconder um sorriso.

Quatro mulheres seguraram-no pelos braços. Cêrca de cinqüenta seguiam atrás, armadas com enormes estacas; à direita, fremindo, marchava a passos largos, como homem, a velha Ignatenok e, à esquerda, em pequenos grupos, espalhavam-se as comadres. Os cossacos haviam ficado perto dos depósitos, esperando as chaves.

— Soltem-me, comadres. Não vou fugir — pedia Davídov.

— Vá para a peste!... Você bem poderia sair correndo.

— Não, absolutamente, soltem-me, vamos!

— Vamos assim mesmo, desta forma estamos mais tranqüilas.

Chegando à casa de Davídov, derrubaram o portão e o cercado de caniços e precipitaram-se no pátio.

— Procure as chaves ou chamaremos os cossacos. Êles afundarão suas costas!

— Ah! minhas comadres, vocês esqueceram muito depressa o Poder soviético. Êle não vai perdoá-las.

— Que temos com isso?... Morrer de fome no outono, por não ter tido o que semear, ou acabar agora, é tudo a mesma coisa... Vamos, vamos, vá buscar as chaves.

Davídov entrou no quarto. Sabendo que o observavam, fêz que procurava com muito cuidado. Revirou a maleta e a escrivaninha, tirou todos os papéis, olhou em baixo da cama e da mesa...

— Não estão aqui — declarou, reaparecendo no umbral da porta.

— E onde é que estão?

— Certamente Nagulnov está com elas.

— Mas êle foi ao setor!

— Foi, mas deve ter deixado as chaves. Lógico que as deixou. Hoje devíamos distribuir sementes para a segunda brigada.

Levaram-no à casa de Nagulnov. No trajeto começaram a bater em Davídov. Inicialmente, contentaram-se com pequenos empurrões e alguns insultos. Depois, furiosas porque êle não cessava de rir e de zombar, bateram-lhe com fôrça.

— Prezadas cidadãs, minhas queridas cortejadoras, pelo menos não me batam com pau! — suplicava-lhes, beliscando as aldeãs mais próximas. E afundava a cabeça entre os ombros, esforçando-se por sorrir.

Batiam, sem dó nem piedade, em suas largas costas que ressoavam sob os golpes. Êle apenas tossia, sacudia-se e, não obstante a dor, procurava sempre fazer graças:

— Vamos avó! Você está com um pé na cova e ainda quer brigar, dar sôcos? E se eu desse um murrinho em você, heim?

— Camelo! Bruto! — clamava, quase chorando, a jovem Nastenka Donetskov, que com os punhos minúsculos, mas firmes, martelava com ardor as costas de Davídov. — Arrebentei as mãos de tanto socar e êle nem toma conhecimento!

Sòmente uma vez Davídov rosnou entre os dentes:

— Com cacête não, é proibido!

E arrancou das mãos de uma mulher um ramo de salgueiro e arrebentou-o nos joelhos.

Sua orelha estava cortada, escorria-lhe sangue da bôca e do nariz. Mas continuava a sorrir com os lábios tumefactos.

Sem pressa e sem violência, afastava as mulheres que o assaltavam raivosamente.

A velha Ignatenok, com a sinistra verruga sôbre o nariz, agarrava-se a êle. Batia com fôrça, procurando acertá-lo entre os olhos ou nas têmporas. Não batia como as outras, batia com os punhos fechados, com as falanges dos dedos crispados. Em vão Davídov procurava dar-lhe as costas. Espumando de raiva, ela empurrava as vizinhas, colocava-se na frente dêle e gritava com voz rouca:

— Deixem-me acertar-lhe os cornos, os cornos!

"Espere um pouco, sapo do diabo — pensava Davídov, tomado de uma raiva fria, evitando os golpes. — Assim que apareça Liubichkin, conversaremos em outro tom!... Eu a farei rolar como deve, 'sua' barrica!"

Mas Liubichkin e seus homens não vinham nunca.

Aproximavam-se da casa de Nagulnov. Desta vez, as mulheres entraram no quarto com Davídov. Remexeram tudo, papelada, livros, roupas e, para isso, foram buscar as chaves com o locatário. Não encontrando nada, empurraram Davídov, a fôrça de murros, até a escadaria da entrada.

— As chaves ou morre!

— Quem deve tê-las é Ostrovnov — respondeu Davídov, lembrando-se do administrador que vira sorrindo malignamente entre a multidão aglomerada perto dos depósitos.

— Está mentindo! Já perguntamos a êle. Disse que as chaves estavam com você.

Davídov tocou com os dedos o nariz terrìvelmente inchado; sorriu docemente:

— Queridas cidadãs, vocês me bateram inùtilmente... Agora me recordo: as chaves estão na Direção, em minha mesa, com tôda certeza!...

— Está zombando de nós! — berrou Ekatèrina Guliatschaia, que chegava dos depósitos.

— Basta que me levem até lá, não estou brincando... E, não me batam mais, hein!

Davídov desceu os degraus. Estava morto de sêde, e uma raiva impotente sacudia-lhe o corpo. Espancado, sim, já havia

sido, mas nunca por mulheres!... Isso deixava-o fora de si. "Estão enfurecidas... Contanto que eu não caia, poderiam matar-me a pancadas... O que seria uma maneira estúpida de morrer!" — pensava, olhando esperançosamente para a colina. Mas não havia traço nenhum de poeira levantada por cascos de cavalos, nem sinal de cavaleiros em tropel. A estrada da colina, que se estendia plàcidamente até o horizonte, para além do longínquo túmulo, estava deserta...

Da mesma forma, estavam desertas as ruas da aldeia. Todos se concentravam ao redor dos depósitos, de onde partia o confuso ressoar de muitas vozes.

Quando chegaram à Direção, Davídov tinha sido tão espancado que a custo se mantinha sôbre as pernas. Não tinha mais fôrças para pilheriar e tropeçava a cada passo. Levava as mãos à cabeça, pedindo com voz abafada:

— Chega! Vão acabar matando-me... Na cabeça não, vamos!... Não tenho as chaves! Podem ficar passeando assim comigo até cair a noite, mas não conseguirão nada... É inútil.

— O queeê? Até anoitecer? — urravam as exasperadas mulheres.

E, novamente, agarravam-se a Davídov como sanguessugas. Arranhavam-no, batiam-lhe e até o mordiam.

Próximo à direção do colcós, Davídov sentou-se à beira do caminho. A camisa estava tôda manchada de sangue; a calça, muito curta e desfiada, estava rasgada nos joelhos. O colarinho, ao ser arrancado, deixara à mostra a tatuagem do peito bronzeado. Respirava dificilmente, faltava-lhe o fôlego, estava num estado lastimável.

— Ande, cão! — urrava batendo com os pés a mãe de Ignatenok.

— E dizer que é por vocês, canalhas, — disse repentinamente Davídov com voz clara, e passou em volta os olhos estranhamente luminosos — dizer que é por vocês que fazemos tudo... E são vocês que me querem matar... Ah! canalhas!... Não terão as chaves!... É claro que não vão tê-las, entenderam?

Uma jovem chegou gritando:

— Deixem-no!... Os cossacos arrombaram as portas, estão repartindo o trigo!

As mulheres, abandonando Davídov na entrada da Direção, precipitaram-se para os depósitos.

Êle fêz um esfôrço hercúleo para se levantar, entrou no pátio e levou para as escadas um balde de água môrna. Bebeu vários goles e depois molhou a cabeça. Dando gemidos, lavou o sangue que lhe cobria a face e o pescoço, enxugou-se com uma toalha grossa que estava pendurada na varanda e sentou-se em um degrau.

No pátio não havia vivalma. Ouvia-se apenas uma galinha que cacarejava em algum lugar. Pousada no teto de uma gaiola, uma negra cotovia cantava, com a cabecinha inclinada para trás. Ouvia-se o chiar dos ratos na estepe. Ligeiras nuvens lilases, dispostas em camadas, ocultavam o sol. E, entretanto, o ar estava pesado, a ponto de os pardais que pulavam no meio do pátio, entre um monte de cinza, ficarem quietos, imóveis, com o pescoço estirado, agitando uma vez ou outra o minúsculo leque das asas abertas.

Sùbitamente, Davídov ouviu o ruído abafado de um galope. Levantou a cabeça: um alazão encilhado, de garupa baixa, entrou velozmente pelo portão. Deu uma volta brusca, ferindo o solo com as patas traseiras, deixando cair dos arreios grossos flocos de espuma branca. Perto da porta da cavalariça estacou e cheirou o chão.

O rico bridão incrustado de prata estava quebrado, as rédeas balançavam, a sela havia subido para o pescoço, as correias da barrigueira pendiam e roçavam os cascos negros. Os flancos batiam num ritmo rápido. Abria largamente as rosadas narinas. Tufos amarelados de erva prendiam-se nos pêlos da cabeça e nas mechas enoveladas da crina.

Davídov olhava o cavalo com ar assombrado. Nesse momento, a porta do telheiro rinchou longamente e surgiu a cabeça do velho Chukar. Um instante mais tarde, abrindo a porta com extrema prudência, saiu olhando medrosamente para todos os lados.

Palhas de feno cobriam-lhe a camisa empapada de suor. A barba lanosa estava eriçada de talos de sempre-viva, haste de erva, fôlhas sêcas e amareladas flôrezinhas. O rosto, da côr de cereja, estava marcado por um terror indizível. Das têmporas escorria suor, molhando-lhe a barba e a face...

— Camarada Davídov — disse num murmúrio de súplica, aproximando-se nas pontas dos pés, — esconda-se, pelo amor de Deus! Já começaram a saquear, isso quer dizer que logo começarão a matar. Ah, em que estado você ficou! Está quase irreconhecível. Eu, eu me escondi no feno... Ali a gente se afoga, sua como cachorro, mas fica com a alma tranqüila de verdade!... Venha comigo, vamos nos esconder juntos, não é verdade? Enquanto acaba essa atrapalhação. É horrível ficar sòzinho... Enfim, há razão para alguém se deixar massacrar? De que serve isso, pergunto?... Ouça como zunem essas comadres! São umas verdadeiras vespas, a peste que as arrebente!... Pelo que vejo, devem ter apanhado Nagulnov também. Êste cavalo que chegou é o dêle. Vi quando êle saía de manhã para a *stanitsa*. Passando pelo portão, o cavalo tropeçou. Eu até avisei: "Volte, Nagulnov, é um mau sinal!" Mas aquêle lá ouve, por acaso, um homem que tem bom-senso? Nunca! Só faz o que lhe dá na cabeça. Bem, agora já devem tê-lo matado. E se tivesse voltado, era um que faria bem em se esconder.

Quem sabe se êle não está em casa agora? — perguntou Davídov com voz hesitante.

— Em casa? Por que então o cavalo voltou dêsse jeito? Êsses sinais eu conheço. Por que está roncando como se sentisse cheiro de cadáver? Eu conheço muito bem isso. Mas é claro: voltando do distrito, viu que estavam saqueando os depósitos e, como é impulsivo, meteu-se no meio e acabaram com êle. É simples!

Davídov calava-se. Do lado dos depósitos o tumulto continuava: ouvia-se o barulho de vozes, o chiar das carroças e o ruído martelado das rodas dos carros.

"Estão levando o trigo — pensou Davídov... — Com efeito, que mais poderia ter acontecido com Nagulnov? Será possível que tenham tido coragem de matá-lo? Vou verificar." Levantou-se.

O tio Chukar, pensando que Davídov decidira esconder-se com êle no palheiro, apressou-se:

— Vamos, salvemo-nos!... Se, por acaso, algum diabo passar por aqui e nos enxergar, estaremos bem arranjados. Essa gente não respeita nada... No palheiro, pode-se ficar

perfeitamente à vontade. O cheiro do feno é leve, agradável. Eu poderia ficar ali um mês, se tivesse o que comer. Sòmente, veja, foi êsse maldito bode que me tirou de lá. Eu deveria matar êsse sabotador! Quando percebi que as mulheres assaltavam o colcós e que o espancavam por causa do trigo, disse comigo mesmo: "Meu velho Chukar, você vai morrer por uma besteira, por menos que nada." É que tôdas as mulheres, até a última, sabem que sòmente nós dois, camarada Davídov, sustentamos a plataforma desde a revolução e que fomos nós que inventamos o colcós de Gremiatchi e desapropriamos Borodin. Quem, então, vão matar inicialmente? Eu e você, é claro! "Ah! isto vai mal, é preciso ficar escondido, pois se matarem Davídov e chegarem até mim, quem é que vai contar a morte do camarada Davídov ao juiz? Pensando assim, em três tempos, meto-me no feno até cobrir a cabeça. Fico lá, sem mugir, não ouso nem respirar direito. De repente, sinto alguém subir pelo feno, em cima de mim. E que vontade de espirrar por causa da poeira. "Que desgraça!, — digo para mim mesmo — está aí, estão-me procurando, é isso, querem-me pegar". E o outro a subir, sempre a subir, pisando-me a barriga. Não dou um pio!... Meu coração parece que vai estourar de mêdo, mas fico lá como um maldito — ora que raio!, não sabia mais onde me meter. E aquilo me pisando a goela. Tiro a mão, e pumba! Agarro um casaco coberto de pêlos. Meus cabelos ficam em pé. Até a pele começa a se desgrudar do meu corpo. Estava tão assustado, que não conseguia achar o fôlego. "É o demônio" — pensei tateando o casco peludo. O palheiro é muito escuro... E você sabe que tôdas as porcarias procuram a escuridão. "É agora, penso, vai-me escoicear, me pisar até morrer. Teria sido melhor cair nas mãos das fêmeas." Tive um mêdo! Qualquer outro em meu lugar, um tipo medroso, reviraria o coração ou as tripas. Êsses tipos morrem de mêdo sem mais nem menos. Mas eu não tive senão um pequeno tremor. De repente, sinto que aquilo fede como um bode. Então, lembrei que o que pertencera a Borodin vivia no palheiro, tinha esquecido êsse maldito do inferno! Olho, é êle mesmo, o bode de Borodin amassando feno, procurando ervas, mastigando talos de absinto. Então me levanto naturalmente, e que surra dei nêle! Arrastei o coita-

do pela barba como pude. "Que vai ganhar com isso, demônio barbudo, pisando no feno quando a aldeia se revoltou! Que isso sirva de lição, diabo fedorento! Estava com tanta raiva, que queria acabar com êle ali mesmo. Pois, mesmo sendo um animal, devia compreender as coisas, e saber que há momentos em que se pode dar cambalhotas no feno, e outros em que se deve ficar firme, quieto... Aonde vai, camarada Davídov? sem responder, Davídov passou ao lado do palheiro dirigindo-se para o portão.

— Aonde vai? — sussurrou aterrado o velho Chukar.

Entreabrindo a barreira viu Davídov que, a passos rápidos, embora pouco seguros, como se empurrado por um forte vento, dirigia-se para as granjas comuns.

35

Ao longe, no fim da estrada, eleva-se um túmulo. Em seu tôpo batido pelos ventos, crescem raquíticos tufos de absinto e trevo que gemem tristemente quando sopra o vento. As mechas crestadas do *tatarnik* pendem melancòlicamente sôbre o solo. De alto a baixo, não se vêem mais que tufos penugentos de esparto. Amolecidas, queimadas pelo sol, as plantas espalham sôbre êsse solo antigo e árido seus talos fibrosos. Na primavera, quando tôda a natureza floresce triunfante e gloriosa, elas conservam uma aparência fanada. Sòmente as neves outonais conseguem fazê-las brilhar e cintilar com arrogante brancura. Quando chega o outono, o túmulo majestoso reveste-se de sua escamada armadura de prata e parece guardar a estepe.

No verão, na obscuridade do crepúsculo, uma águia, lançando-se de uma nuvem, paira sôbre o cimo. Batendo as asas, deixa-se cair sôbre o túmulo. Desajeitadamente dá dois ou três pequenos saltos e começa a limpar, com o bico recurvado, o leque escuro da asa estendida e o papo coberto de plumas côr de ferrugem. Depois, sonolenta, imobiliza-se, a cabeça voltada para trás, contemplando com olhos de âmbar engastados em negro, o céu eternamente azul. Como um bloco de preciosa pedra pardo-amarelada, repousa a águia antes de lan-

çar-se à caça do entardecer. Mais tarde, desprende-se do túmulo e retoma o vôo. Antes do sol desaparecer, ver-se-á mais de uma vez a sombra cinzenta de suas asas reais sulcar a estepe.

A que regiões levá-la-ão os ásperos e gelados ventos do outono? As azuladas montanhas do Cáucaso? À estepe de Mugan? Talvez à Pérsia? Ou ao Afeganistão?

No inverno, quando o túmulo sepulcral reveste-se com manto de arminho, tôdas as manhãs, entre a azulada bruma de antemadrugada, aparece sôbre êle uma velha rapôsa. Queda-se ali, numa imobilidade de morte, qual uma estátua de amarelado mármore de Carrara. Descansa na neve malva a espêssa cauda avermelhada e estende ao vento o focinho pontiagudo, raiado de negro das mandíbulas. Nesse instante, sòmente seu nariz de ágata úmida mergulha no mundo de perfumes estranhos; dilata as narinas frementes para sentir com avidez o odor enjoativo da neve, o amargor inextinguível do absinto crestado pelo gêlo, o picante cheiro do estêrco na estrada próxima, e o aroma, perturbador e apenas perceptível, de uma ninhada de perdizes oculta na longínqua orla de ervas.

O cheiro das perdizes encerra tantos matizes vigorosamente misturados, que a rapôsa, para saciar o olfato tem que descer do túmulo e, sem retirar as patas da neve resplandecente, arrastando o ventre de onde pendem pedacinhos de gêlo, deve rastejar uns cem metros através das hastes de ervas selvagens. Sòmente então, as negras aletas de suas narinas serão atingidas pelo jacto odorante que queimará seu faro: a acidez áspera de fresco excremento de pássaro e o duplo odor das plumas — a pena úmida de neve, que toca a erva, exala o amargor dos talos de absinto; a raiz da pena, meia enterrada na carne, emana um odor de sangue quente e salgado...

Os ventos secos varrem a terra retalhada do túmulo, o sol do meio-dia aquece-o ao rubro, os aguaceiros escavam-no, os gelos hibernais fazem saltar sua crosta. Êle, porém, inquebrantável, continua a reinar na estepe, como quando foi erigido, quinhentos anos atrás, sôbre os despojos de um príncipe de Polovetsk, sepultado com tôdas as honras militares por seus soldados, suas mulheres de bronzeados braços adornados de braceletes, seus parentes e escravos.

O túmulo eleva-se em uma colina, a oito verstas de Gremiatchi-Log. Os cossacos sempre chamaram-no de *Kurgan da Morte*. A lenda conta que ao pé dêsse túmulo morreu, em outros tempos, um cossaco ferido, talvez aquêle que é celebrado na velha canção:

Com o sabre afiado
Arrancava fagulhas,
para acender o fogo
e aquecer a água.
Cuidava das feridas
cruéis, mortais feridas.
«Escoa-se meu sangue,
Cai, coração ardente...»

Saindo da *stanitsa*, Nagulnov galopou durante umas vinte verstas. Não diminuiu a marcha até chegar ao *Kurgan da Morte*. Ali, desceu do cavalo e limpou com a mão a espuma que cobria o pescoço do animal.

O tempo estava extraordinàriamente tépido para um comêço de primavera. O sol aquecia a terra como se já fôsse maio. O ar sôbre a linha do horizonte, tremia, provocando miragens. Do Tanque longínquo, na estepe, o vento trazia o grito dos gansos, o quá-quá dos patos e o queixume das cegonhas.

Nagulnov tirou o freio da montaria, atou as rédeas a uma das patas dianteiras e afrouxou a cilha. O animal precipitou-se àvidamente para os rebentos de erva, abocanhando, ao mesmo tempo, os tufos secos das plantas do ano anterior.

Um bando de patos selvagens passou sôbre o túmulo e, sibilando súbita e estridentemente, abateu-se no tanque. Nagulnov, com a cabeça vazia de pensamentos, acompanhou com a vista o vôo das aves. Estas caíram como pedras no tanque, fazendo espirrar água perto de uma ilhota coberta de juncos. Ao mesmo tempo, um bando de patos negros, assustado, elevou-se sôbre o dique.

A estepe deserta parecia morta. Nagulnov ficou durante muito tempo ao pé do túmulo. No comêço ouviu, próximo dali, o mastigar e o patear do cavalo. Depois, o animal desceu ao fundo da barranca onde as ervas eram mais abundantes.

Impressionante, o silêncio reinava por tôda parte, um silêncio de pleno outono em uma estepe trabalhada e abandonada pelos homens.

"Quando chegar, vou despedir-me de André e de Davídov, vestirei o capote que trazia quando voltei da frente polonesa e farei meus miolos saltarem. Não há mais nada que me prenda à vida. A revolução não perderá nada com isso. Há tantos que lutam por ela. Um a mais, um a menos..." — pensava Nagulnov, indiferente, como se se tratasse de outra pessoa. Deitado de bruços, olhava os brotos das plantas espalhadas pela estepe. "Davídov, sem dúvida, dirá em meu túmulo: 'Ainda que expulso do Partido, Nagulnov era um bom comunista. Não aprovamos seu gesto, é claro, mas a obra pela qual êle combateu, a revolução mundial, nós a levaremos até o fim.'"

Nagulnov via nìtidamente como Bannik, com ar satisfeito, sorrindo, marcharia entre a multidão, alisando os bigodes louros: "Graças a Deus, — diria êle — um pelo menos arrebentou. É bem feito: tal vida, tal fim."

— Ah! não, casta maldita, não me matarei — disse Nagulnov em voz alta, rilhando os dentes. — Humilharei você e seus semelhantes."

Pôs-se vivamente em pé, como se picado por cobra. Pensando em Bannik, modificara suas intenções. Procurando com os olhos o cavalo, pensava: "Isso tudo não foi nada, antes de morrer, ainda enterrarei muita gente. Não poderão divertir-se com minha morte. Kortjinski? Ora, a palavra dêle não é a definitiva... Quando terminar o plantio, irei ao comitê de zona. Serei reintegrado. Apelarei à direção regional, irei até *Moscou, se fôr necessário*. Senão, mesmo sem *Partido*, combaterei essa praga".

Com o olhar mais claro, contemplou o mundo que se estendia a seu redor. Parecia-lhe que sua situação já não era tão irremediável, nem tão desesperada quanto algumas horas antes.

Correndo, desceu ao fundo da barranca para apanhar o cavalo. Uma lôba, assustada pelo ruído dos passos, levantou-se entre as ervas. Ficou um instante em pé, com a cabeça inclinada, olhando o homem. Depois, com as orelhas caídas

e a cauda entre as pernas, correu para o barranco. Sob o ventre murcho, as negras mamilas, pendidas e flácidas, balançavam molemente.

Quando Nagulnov se aproximou do cavalo, êste sacudiu a cabeça insatisfeito. A rédea atada à sua perna estava partida.

— Ei... Calma, Vassiok! Vassiok! Ei, venha cá! — dizia-lhe Nagulnov a meia voz, procurando aproximar-se por trás para segurá-lo pela crina ou pelo estribo.

Sacudindo a cabeça, o cavalo fugia do cavaleiro. Nagulnov começou a correr, mas o animal não o deixou acercar-se. Deu-lhe um coice e, atravessando a estrada, correu para a aldeia, com um galope rápido e compassado.

Nagulnov, praguejando, seguiu as pegadas do cavalo. Dessa forma andou uns três quilômetros através dos campos, na direção das lavouras de outono, próxima à aldeia. Do ervaçal, sisões e casais de perdizes alçavam vôo. Na vertente da ravina passeava um sisão, vigiando o repouso da companheira que dormia Assaltado pelo invencível desejo da cópula, abria em leque a pequena cauda avermelhada coberta de plumagem ferruginosa, sacudia as asas, arranhava a terra sêca, perdia as plumas salpicadas de rosa até à raiz...

Um imenso trabalho fecundante realizava-se na estepe: ervas cresciam impetuosamente, pássaros e animais reproduziam-se. Sòmente os campos, abandonados pelo homem, silenciosamente voltavam para o céu os regaços não semeados, de onde saía um vapor esbranquiçado...

Nagulnov seguia, pisando os torrões secos das lavouras, cheio de raiva e de indignação. Com movimento rápido abaixou-se e apanhou um punhado de terra negra: estava quente e sêca, atravessada por talos de ervas mortas.

O trabalho anterior estava sendo perdido. Era necessário, sem perder nem uma hora, lançar as grades na superfície musgosa, destorroá-la com os dentes de ferro, para em seguida, passar com o semeador nos sulcos amolecidos, enterrando profundamente os dourados grão de trigo.

"Como estamos atrasados... A terra vai morrer por nossa culpa" — pensava Nagulnov. Olhava angustiadamente para as negras terras abandonadas, sinistras em sua nudez: "Mais um ou dois dias e a terra não servirá para nada. O

solo é como uma égua: quando está no cio, tem-se que cobri-la imediatamente. Passada essa época não quer nada com o garanhão. É assim também com relação ao homem e à terra... A não ser com os homens, tudo está em ordêm: os animais, as árvores e a terra têm sua época para a fecundação. Sòmente as pessoas... Oh!, são piores e mais asquerosas que qualquer animal. Por que não vão semear? Pelo simples motivo de que o sentimento de propriedade levanta-se nelas. Malditos, vou obrigá-los imediatamente a trabalhar nos campos, a todos sem exceção."

Acelerou o passo, até correndo em certos trechos. O suor corria-lhe sob o quepe, molhava-lhe a camisa nas costas. Os lábios estavam secos e as faces ardiam cada vez mais, cheias de manchas roxas...

36

Entrou na aldeia no momento em que a pilhagem do trigo atingia o auge. Liubichkin e sua brigada continuavam nos campos. As pessoas comprimiam-se junto aos depósitos. Sacos de trigo choviam sôbre a balança. Carros chegavam sem cessar. Os cossacos e as mulheres levavam o trigo em vasilhas, sacos e aventais. O grão esparramado juncava o solo.

Nagulnov compreendeu o que se passava num instante. Empurrando os aldeões, conseguiu chegar até a balança.

Era o ex-colcosiano Ivã Batalshtchikov quem pesava e distribuía o trigo, ajudado pelo raquítico Apolo Peskovatkov. Nem Davídov, nem André, nem nenhum dos chefes de brigada estavam ali. Apenas, num dado momento, apareceu entre a multidão o rosto apavorado do administrador Ostrovnov, mas desapareceu imediatamente atrás da massa compacta dos carros.

— Quem permitiu que apanhassem o trigo? — gritou Nagulnov.

Empurrando Batalshtchikov, pulou para a balança.

A multidão permanecia calada.

— Quem encarregou você de pesar o trigo? — perguntou sem baixar a voz a Batalshtchikov.

— A comuna.

— Onde está Davídov?

— Não fui procurá-lo!

— Onde está a Direção? Foi ela quem deu permissão?

Demid Moltchum, que estava em pé ali perto, sorriu. Enxugou o rosto com a manga. Sua voz tonitruante e bonachona fêz-se ouvir, cheia de segurança:

— A Direção? Ninguém pediu nada a ela, não precisamos da permissão dela!

— Ah!, então é isso!

Em dois saltos Nagulnov subiu para a plataforma dos depósitos. Com um murro derrubou o rapaz que estava no umbral, fechou violentamente a porta e apoiou as costas contra ela, com ar decidido:

— Vamos, fora!... Não entrego trigo algum. Declaro inimigo do Poder soviético quem tentar se aproximar.

— Ora vejam!... — disse zombando Dimok, que ajudava um vizinho a colocar o trigo em sua carroça.

A aparição de Nagulnov fôra uma surprêsa para muitos. Antes de sua partida para o centro do distrito, corria em Gremiatchi o boato persistente de que Nagulnov seria julgado por ter agredido Bannik; que certamente iriam tirá-lo do pôsto e condená-lo à prisão... Bannik, que de manhã soubera de sua partida, havia declarado:

— Acabou-se, não voltará mais! O procurador me disse que Nagulnov seria julgado com todo rigor. Êle arranjou sarna para se coçar! Vão expulsá-lo do Partido, assim aprenderá a não espancar os plantadores. Não estamos mais nos tempos antigos.

Assim, quando Nagulnov surgiu perto da balança, a estupefação foi grande. Mas, quando subiu para a plataforma de depósito, fechando a porta e encostando-se nela, o tumulto principiou. A exclamação de Dimok desencadeou uma chuva de gritos:

— Agora temos um poder nosso.

— O poder do povo.

— Tirem-no daí, rapazes!

— Volte para onde estava.

— Vamos, administrador porco!

O primeiro a aproximar-se foi Dimok. Balançando com galhardia as espáduas, sorria, olhando de vez em quando para trás. Alguns cossacos seguiram-no com hesitação. Um dêles, abaixando-se, apanhou uma grande pedra.

Nagulnov tirou lentamente o revólver do bôlso. Pôs o dedo no gatilho. Dimok parou, indeciso. Os outros imitaram-no. O cossaco que apanhara a pedra, rolou-a entre os dedos, depois jogou-a fora. Nagulnov pusera o dedo no gatilho, e todos sabiam que não hesitaria se precisasse apertá-lo.

Foi o que, logo em seguida, confirmou Nagulnov:

— Matarei sete salafrários, nada menos que isso, antes de vocês conseguirem entrar. Vamos, quem quer ser o primeiro? Avancem!

Não apareceu nenhum voluntário. Houve um instante de confusão geral. Dimok meditava, não ousando aproximar-se. Nagulnov, movendo o cano do revólver, gritou:

— Fora! Vamos! Saiam daqui ou atiro!

Não havia ainda acabado de falar, quando uma pesada cavilha atingiu a porta, logo acima de sua cabeça. Fôra o companheiro de Dimok, Efim Trubatchev, que a atirara, visando a cabeça de Nagulnov. Vendo que errara, escondeu-se ràpidamente atrás de uma carroça.

Nagulnov tomava decisões como se estivesse em pleno combate. Livrando-se do projétil, disparou para o ar e saltou para o solo. A multidão recuou: empurrando os que estavam atrás, os da frente começaram a fugir. Ouvia-se o estalar dos varais das carroças e dos carros. Uma mulher, derrubada por um cossaco, pôs-se a vociferar.

Bannik, surgindo de algum lugar, encorajava os fugitivos, procurava fazê-los parar:

— Vamos, não corram! Restam apenas seis balas.

Nagulnov acercara-se novamente do depósito. Mas desta vez apoiou-se contra o muro, de maneira a ficar com todos os depósitos em seu campo visual.

— Não se aproximem — gritou, vendo que Dimok, Trubatchev e alguns outros dirigiam-se para a balança. — Não se aproximem ou liquido todos.

Da multidão, amontoada a uma centena de passos, saíra Batalshtchikov, Atamantchukov e mais três ex-colcosianos.

Haviam decidido recorrer à astúcia. Chegando a uns trinta passos, Batalshtchikov levantou o braço em sinal de advertência:

— Camarada Nagulnov, espere um pouco, não aponte a arma.

— Que é que há? Caiam fora, já avisei!

— Vamos embora, já, já, mas você não tem motivo para ficar zangado. Nós temos permissão para apanhar o trigo.

— Permissão de quem?

— Veio um homem do distrito. Do executivo, sei lá! Foi êle quem nos autorizou.

— Onde está êle? E Davídov e André?

— Estão reunidos na Direção.

— Está mentindo, miserável! Já disse para não se aproximarem da balança! Saiam daqui, ouviram?

Nagulnov dobrou o braço e nêle apoiou o cano do revólver, polido pelo uso.

Batalshtchikov, sem se assustar, recomeçou:

— Não acredita? Vá verificar pessoalmente... Ou se prefere podemos trazê-lo aqui. Mas, em primeiro lugar, deixe de nos ameaçar, camarada Nagulnov, pois o tiro pode sair pela culatra. Você está indo contra o povo, contra tôda a aldeia.

— Não se aproximem! Nem um passo mais! Você não é meu camarada. É um contra-revolucionário já que quer roubar o trigo do Estado. Não permitirei que espezinhem o Poder soviético.

Batalshtchikov ia ainda falar, quando Davídov surgiu na esquina da rua. Dava mêdo olhar para êle: coberto de equimoses, arranhado, cheio de manchas de sangue pelo corpo, avançava cambaleando, com passo inseguro. Vendo-o, Nagulnov atirou-se sôbre Batalshtchikov, gritando com voz rouca:

— Ah!, é assim, verme! E ainda queria enganar-me!

Batalshtchikov e Atamantchukov correram. Nagulnov disparou duas vêzes sôbre êles, sem entretanto atingi-los. Dimok, mais afastado, arrancava uma estaca da cêrca. A multidão resmungava surdamente.

— Não permitirei... que seja espezinhado... o Poder soviético... — urrava Nagulnov, avançando para os cossacos.

— Peguem-no!

— Ah!, não ter nas mãos uma espingarda! — suspirava nas últimas filas Ostrovnov que, nesse instante, amaldiçoava a desaparição de Polovtsev.

— Ei, cossacos, agarrem êsse palhaço metido a valentão! — troava a voz indignada e ardente de Marina Poiarkova.

Empurrava os cossacos sôbre Nagulnov que avançava. Sacudindo Demid Moltchum pelo braço, perguntou-lhe, cheia de raiva:

— Um cossaco, você? Mais parece uma dama!

Sùbitamente, vinda de todos os lados ao encontro de Nagulnov, a multidão deslocou-se...

Aterrada, Nastenka Donetskov gritou:

— A milícia!

Pela colina, avançavam galopando, como uma avalancha, uns trinta cavaleiros. Pequenas nuvens de pó pareciam explodir sob os cascos das montarias...

Cinco minutos mais tarde, na praça deserta, restavam apenas Nagulnov e Davídov. O martelar dos cascos aproximava-se, tornava-se mais nítido. Os cavaleiros desembocaram na entrada da aldeia. Na frente, montado no cavalo de Lapchinov, vinha Pável Liubichkin. À sua direita estava o desgrenhado Dubtsov, armado com um cacête, terrível com seu ar de decisão. Atrás dêles, em animais de tôdas as côres, vinham os colcosianos da segunda e da terceira brigada...

Ao entardecer chegou do setor o miliciano que Davídov mandara buscar. Foi ao campo e prendeu Batalshtchikov, Peskovatskov, Trubatchev e mais alguns outros "elementos ativos". A mãe de Ignatenok foi prêsa em sua casa. Todos foram levados ao distrito, acompanhados de testemunhas.

Dimok apresentou-se pessoalmente ao Soviete.

— Ah!, já chegou, meu cordeirinho? — perguntou André com ar triunfante.

Zombeteiramente Dimok respondeu:

— Sim, estou aqui. Não vale a pena brincar de esconde-esconde; perdemos por excesso de pontos.

— Por excesso de pontos? — estranhou André.

— Bem, você sabe, é como no jôgo de cartas. É preciso fazer sete e meio para ganhar. Quando se tem de mais, arrebenta-se, por excesso de pontos. Onde me devo meter?

— Você vai para o setor.

— E onde está o miliciano?

— Já virá, não se preocupe. O tribunal do povo vai ensinar você a não bater nos presidentes. Você agora vai pagar por tudo.

— Isso é evidente — aquiesceu voluntàriamente Dimok. — Estou caindo de sono, André, se você me prendesse enquanto o miliciano não vem, eu dormiria um pouco. Mas é necessário trancar-me, senão poderei fugir em sonhos...

No dia seguinte tratou-se de recolher o trigo roubado. Nagulnov entrava nas casas dos camponeses. Sem cumprimentar, desviando o olhar, perguntava sêcamente:

— Você apanhou trigo?

— Sim.

— Vai devolvê-lo?

— Que remédio.

— Então, vamos.

E, sem se despedir, deixava a granja.

Muitos ex-colcosianos tinham apanhado mais trigo do que haviam entregue. A distribuição tinha sido feita pela simples pergunta impaciente de Batalshtchikov: "Quanto entregou?" — "Setenta pudes." — "Leve os sacos para a balança."

Na verdade, o camponês havia entregue uns quatorze pudes menos que isso. Por outro lado, as mulheres haviam carregado, sem pesar, perto de cem pudes de grão, nos aventais e nas cestas.

À tarde estava quase tudo recuperado. Faltavam apenas uns vinte pudes de cevada e alguns sacos de milho. Devolveu-se, sem tardança, as sementes que os particulares haviam entregue.

Já ia alta a noite quando foi aberta a assembléia da aldeia.

Davídov tomou a palavra em meio a uma assistência extraordinária.

— Cidadãos, que significa a manifestação de ontem dos ex-colcosianos e de parte dos camponeses particulares? Significa que se inclinaram para o lado dos culaques. Para o lado de nossos inimigos. E isso, cidadãos, é um fato vergonhoso para aquêles que ontem saquearam os depósitos, pisaram sôbre

as sementes preciosas ou levaram-nas em aventais. Clamaram inconscientemente, cidadãos, incitando as mulheres para que me agredissem... E elas o fizeram, com tudo aquilo que lhes caía nas mãos. Houve até uma cidadã que começou a chorar porque eu não manifestava sinal de fraqueza. Estou falando de você, minha pequena.

Davídov apontou Nastenka, em pé contra a parede. Quando Davídov começou a falar ela escondeu o rosto com o lenço.

— Foi você mesma que me cobriu as costas de pancadas, chorando de raiva, dizendo: "Eu esmurro, esmurro e êle, êsse camelo, não diz nada!"

Nastenka enrubesceu de vergonha. Todos olhavam para ela que, com os olhos baixos, confusa, sem jeito, mexia os ombros, raspando com as costas a caliça da parede.

Uchakov não se conteve e disse:

— Ei-la retorcendo-se como uma cobra prêsa num forcado.

— Vai tirar todo o branco da parede com as costas — acrescentou Dubtsov.

— Já acabou de revirar êsses olhos? Você soube perfeitamente usar os punhos, agora enfrente a assembléia! — berrava Liubichkin.

Implacável, Davídov prosseguia. Entretanto, um sorriso apareceu em seus lábios tumefactos quando disse:

— Ela queria que eu ajoelhasse, que pedisse misericórdia, que entregasse as chaves dos depósitos! Mas, cidadãos, nós os bolcheviques não somos feitos dêsse estôfo, não nos dobramos ante o primeiro que aparece. Durante a guerra civil fui espancado pelos *junkers* e êles não conseguiram nada de mim! Os bolcheviques não se ajoelham diante de ninguém, é uma coisa que não farão nunca, é claro!

— Isso é verdade — disse Nagulnov, cuja voz estava rouca e tremia de emoção.

— Somos nós, cidadãos, que nos acostumamos a pôr de joelhos os inimigos do proletariado.

— E o faremos em escala mundial! — acrescentou novamente Nagulnov.

— Justamente... Nós o faremos em escala mundial. Mas vocês, ontem, passaram para o lado dos inimigos, estenderam a mão a êles. Como qualificar essa demonstração? Vocês arrombaram os depósitos, agrediram-me. Amarraram e prenderam Razmetnov num sótão. Depois levaram-no ao Soviete e, no caminho, quiseram pôr-lhe uma cruz no pescoço. Essa é uma verdadeira manifestação de contra-revolucionários, cidadãos. A mãe de nosso colcosiano Mikhail Ignatenok, agora detida, gritava: "Eis o anticristo! Estamos conduzindo o demônio dos infernos!" Auxiliada por outras mulheres queria passar-lhe um cordão com uma cruz no pescoço. Mas o camarada Razmetnov, como bom comunista, não podia deixar que zombassem dêle. Dizia a essas mulheres, às velhas maldosas, intoxicadas pela padrecada: "Cidadãs, não sou ortodoxo, sou comunista. Deixem-me em paz, não me aborreçam com essa cruz!" Mas elas continuaram a insistir. E sòmente o deixaram quando êle cortou o cordão com os dentes e começou a se defender com os pés e a cabeça. Que significa isso, cidadãos? É pura contra-revolução. O tribunal do povo se mostrará severo com essas brincadeiras de mau gôsto, como as da velha Ignatenok.

— Não sou responsável pelos atos de minha mãe, sou? Mando à merda os atos dela! Ela tem direito de falar como cidadã. Quem deve responder pelo que fêz, é ela — gritava Ignatenok nas primeiras filas.

— Não estou falando de você! Falo dos tipos que berraram contra o fechamento das igrejas. Não ficaram contentes quando fechamos as igrejas, mas quando quiseram forçar um comunista a usar uma cruz no pescoço, isso não foi nada. Êles mesmos se desmascararam, é claro! Os instigadores dessas desordens e os que tomaram parte ativa nelas estão detidos a esta hora. Quanto aos outros, os que engoliram o anzol do culaque, devem retratar-se e compreender que erraram. E é sério o que digo... Ouçam. Um cidadão que não se identificou acaba de fazer chegar à mesa um bilhete em que pergunta: "É verdade que os que levaram trigo serão presos,

deportados e seus bens confiscados?" Não, não é verdade, cidadãos. Os bolcheviques não se vingam. Contentam-se em castigar, sem piedade, seus inimigos. Vocês, por instigação dos culaques, abandonaram o colcós, pilharam os depósitos, agrediram-nos. E, apesar disso, nós não os consideramos como inimigos. Vocês são camponeses médios, vacilantes, extraviados por momentos. Não vamos aplicar sanções administrativas. Pelo contrário, queremos esclarecer vocês, e com urgência.

Um murmúrio de vozes contidas passou pela sala da escola. Davídov recomeçou:

— Você, minha pequena cidadã, não tenha mêdo, descubra o rosto, ninguém lhe vai fazer mal, muito embora tenha-me deixado em belo estado. Mas, se amanhã, quando formos semear, você trabalhar mal, prometo que farei você ver estrêlas. Só que não baterei nas suas costas, mas logo abaixo, para que você não possa nem sentar nem deitar, raios!

Pela sala correu um riso tímido; chegando às últimas fileiras ampliou-se, ribombou como trovão, numa atmosfera de alívio.

— Fizemos besteiras, cidadãos, e agora chega. O trabalho dos campos está parado, o tempo passa, é preciso trabalhar e não ficar catando pulgas, é claro! Quando acabarmos o plantio, poderemos trocar murros e ver quem é o melhor... Coloco a questão diretamente: os que são pelo Poder soviético partirão amanhã para os campos; os que são contra podem ficar mordendo sementes de girassol. Mas será pior para os que não forem semear! Nós, os do colcós, tomaremos a terra dêles e a semearemos nós mesmos.

Davídov, deixando o palco, retomou seu lugar na mesa. Quando estendia a mão para a garrafa de água, ouviu-se, no fundo da sala obscura, mal iluminada pela luz alaranjada e pálida da lâmpada, uma voz de baixo, quente e alegre, que dizia emocionada:

— Hei! Davídov, velho patifão!... Você não guarda rancor e não quer vingar-se de nós... E nós estávamos cheios de inquietação... Estamos tão envergonhados que não sabemos nem para onde olhar... Até as mocinhas estão envergonhadas... Precisamos viver e trabalhar juntos, não é ver-

dade? Vejamos, Davídov, os velhos pecados estão perdoados. Está de acôrdo?

* * *

No dia seguinte, cinqüenta e sete camponeses pediram reingresso no colcós. Os particulares e as três brigadas do colcós de Gremiatchi tinham partido para os campos desde que amanhecera.

Liubichkin propusera deixar alguns homens de guarda nos depósitos, mas Davídov contentara-se em sorrir:

— Agora, não é mais preciso.

Em quatro dias, o colcós semeou quase metade das lavouras de outono. A terceira brigada, a 2 de abril, passou a trabalhar nas lavouras da primavera. Davídov apenas uma vez foi à Direção. Havia lançado nos campos todos aquêles capazes de um esfôrço qualquer. Até mesmo o velho Chukar foi momentâneamente afastado das funções de cocheiro para ser incorporado à segunda brigada. O próprio Davídov, desde o nascer do dia, dirigia-se aos setores em que trabalhavam as brigadas, e sòmente voltava à aldeia depois da meia-noite, quando nas granjas os galos começavam a marcar as horas...

37

No pátio da direção do colcós, coberto de relva como a pastagem que se estendia além da aldeia, reinava a mais absoluta calma. Sob o sol do meio-dia, as telhas ferruginosas das granjas resplandeciam com um brilho quente, enquanto que, à sombra dos telheiros, na erva pisada, o orvalho fazia espelhar suas pesadas pérolas redondas de um cinzento-malva.

Uma ovelha pelada, de flancos descarnados, estava no meio do pátio, com as magras pernas abertas como cavalete. Próximo a ela, ajoelhado, um carneirinho, branco como a mãe, sugava-lhe alegremente as têtas.

Liubichkin entrou no cercado montando uma pequena égua. Passando ao lado do telheiro, deu uma chicotada raivosa num cabrito que, trepado no teto, olhava-o com diabólicos olhos verdes.

— A única coisa que sabe fazer é subir no telhado, não é, bode do inferno? — resmungou. — Desça daí!

Raivoso e sombrio, chegava da estepe. Sem passar por sua casa, foi diretamente à Direção. Atrás da pequena égua, tilintando o guizo que trazia ao pescoço, com a peluda cauda levantada, trotava um potrinho de pernas fracas e ranilhas espêssas.

A égua era tão pequena para o talhe de Liubichkin, que o estribo descia abaixo dos joelhos do animal. Parecia o cavaleiro da fábula, levando o rocim entre os gigantescos joelhos.

Uchakov, que observava Liubichkin do alto da escadaria da entrada, teve um acesso de jovialidade:

— Parece Jesus Cristo entrando em Jerusalém montado numa burrica. É espantosa a semelhança!

— Burrica é você! — respondeu prontamente Liubichkin parando em frente à escadaria.

— Recolha as pernas, vamos, você está arando a terra com elas.

Liubichkin, sem se dignar responder, desceu, enrolou as rédeas na varanda e perguntou com ar severo:

— Davídov está aí?

— Sim, está desesperado, o pobre homem só pensa em você. Faz três dias que não come. Tem sòmente um pensamento: "Mas enfim, onde está meu bravo Pável Liubichkin? Morro com a ausência dêle. Nada no mundo poderia distrair-me."

— Se continuar a dizer tolices, vou arrancar sua língua.

Uchakov olhou de soslaio para o chicote do outro e calou-se.

Liubichkin entrou na Direção.

Davídov e as representantes da assembléia de mulheres acabavam de decidir a organização de uma creche. Liubichkin esperou que as mulheres se retirassem; depois, aproximou-se da mesa. A blusa de percal, sem cintura e cheia de pó nos ombros, cheirava a suor, a sol e a terra.

— Deixei a brigada...

— Por quê? — perguntou Davídov franzindo o cenho.

— Isso não pode continuar assim. Tenho apenas vinte e oito tipos capazes de trabalhar. E mesmo êsses não querem

fazer mais nada. Compreende? Ficam catando piolhos e não há meios de fazê-los compreender. Tenho doze arados. Bem, quase não pude conseguir condutores para êles. Sòmente Maidannikov trabalha como um boi, enquanto que Bezkhlebnov, Kujenkov, ou ainda a bêsta do Atamantchukov e os outros, são umas porcarias e não têm nada de lavradores! Até parece que nunca pegaram na rabiça de um arado. Trabalham, mas de que jeito? Fazem um sulco, sentam-se para fumar e não há meio de tirá-los dali.

— Quanto estão arando por dia?

— Maidannikov e eu fazemos três quartos cada um, enquanto que os outros... Meio hectare por cabeça, mais ou menos. Se isso continuar assim teremos que plantar o milho no outono, na festa da Intercessão.

Davídov, sem nada dizer, batia com um lápis na mesa. Depois perguntou:

— Mas, a trôco de que veio você? Para que nós lhe enxuguemos as lágrimas?

E olhou-o furiosamente. Liubichkin irritou-se:

— Não é para chorar que vim aqui. Dê-me homens e arados. Quanto a dizer piadas, sei tão bem quanto você.

— Sim, estou vendo... Mas, para organizar o trabalho, falta um bocado de senso comum em você. Vamos, chefe de brigada! Não é capaz nem de fazer raciocinar um punhado de mariolas! Claro que não poderá dominá-los relaxou a disciplina, ficou demasiado tolerante.

Liubichkin, a quem a emoção fazia transpirar, levantou a voz.

— Disciplina? Vá verificar! Atamantchukov é quem faz todo o trabalho. Vira a cabeça dos outros, insiste para que abandonem o colcós. Se o expulsarmos, êsse animal é capaz de levar os outros com êle, Vamos, Davídov, você está zombando de mim, não? Você deu-me todos os estropiados e doentes, e quer que o trabalho se realize? O tio Chukar, por exemplo, onde é que vou colocá-lo? Deveríamos espetá-lo num pedaço de pau, para servir de espantalho, pois é a única coisa para que presta. No entanto, impingiram-me êsse tipo, colocaram-no em minha brigada. Qual é a serventia dêle? Não sabe fazer nada, nem manejar o arado, nem conduzir

os bois. Com aquela voz de pardal, os bois não o tomam por homem e não lhe dão a mínima atenção. Pendura-se na rabiça do arado, êsse diabo cambaio, e, antes de chegar no fim do sulco, cai umas dez vêzes. Ora abaixa-se para amarrar os sapatos, ora deita-se de costas, as pernas para o ar, para reter "sua" hérnia. Então as mulheres param os bois e começam a berrar: "Chukar perdeu a hérnia!" E começa a risada geral e a corrida para ver como êle faz a hérnia voltar para as tripas. É uma maravilha, e... nada de trabalho! Ontem, decidimos que ficasse cozinhando, justamente por causa de "sua" hérnia. Bem, nem para isso serviu. Ao contrário, estraga tudo! Havíamos entregado a êle, toucinho para pôr no cozido, e a peste o comeu; quanto ao cozido, estava muito salgado, com uma espuma suspeita por cima... Que é que posso fazer, diga?

Sob os negros bigodes de Liubichkin os lábios tremiam de raiva. Levantou o chicote deixando ver, sob as axilas, na blusa suja, redonda mancha de suor. Desesperado, disse:

— Não quero ser chefe de brigada! Estou farto de lidar com gente como essa... Um trabalho como êste me arrebenta!

— Ah!, não, você não vai assumir êsse ar de vítima! Nós decidiremos quando é que você deve sair da brigada. Por enquanto, você vai voltar para o campo. É preciso que trabalhe os seus doze hectares de terra ainda antes da noite. Dentro de umas duas horas irei dar uma espiada para verificar... Vamos, caia fora!

Liubichkin bateu a porta com violência e desceu correndo a escada. A égua estava lá, amarrada à varanda, com a cabeça baixa. O sol se refletia em seus olhos violetas, estriados de amarelo. Liubichkin endireitou a manta quente de sol e montou.

Uchakov, apertando os olhos, perguntou em tom venenoso:

— A brigada trabalhou bastante, camarada Liubichkin?

— Isso não lhe interessa.

— Não? Bem, espere que eu o apanhe a reboque dos outros e verá se isso me interessa ou não!

Liubichkin, voltando-se sôbre a sela, brandiu o grosso punho bronzeado e gritou:

— Experimente! Endireitarei êsses olhos tortos, maldito vesgo! Vou ensinar você a andar de traseiro afundado! E depois, você me dirá se é bom!

Uchakov cuspiu com ar de desprêzo:

— Pronto, virou médico! Seria melhor que você curasse seus homens de charrua, para que trabalhassem com mais vontade.

Liubichkin, como que se lançando ao ataque, passou galopando pelo portão em direção à estepe. Nem bem desaparecera o alegre tilintar do guizo pendurado no pescoço do potrinho, Davídov surgiu no umbral e disse com voz apressada a Uchakov:

— Vou à segunda brigada e lá ficarei alguns dias. Você me substituirá enquanto estiver fora. Controle a instalação da creche... É preciso dar uma ajuda às mulheres. E não entregue aveia para a terceira brigada, entendeu? Se alguma coisa não andar direito, vá imediatamente procurar-me. Certo? Atrele o carro e diga a André que me procure. Estarei em casa.

— E se eu fôsse, com meus homens, ajudar Liubichkin a trabalhar a terra? — propôs Uchakov.

— Bela idéia! Só de você mesmo! Êles devem realizar a tarefa sòzinhos. Vou até lá, e você verá se os faço trabalhar ou não! Isso servirá para ensiná-los a não lavrar a terra pela metade. Atrele logo o carro.

André apresentou-se em casa de Davídov num carro puxado por um dos potros da Direção. Em pé na porta, Davídov esperava-o com um pacote sob o braço. Sorrindo, André disse:

— Suba. Que está levando aí? Petiscos?

— Não, roupa branca.

— Roupa branca?

— Sim, são umas mudas de roupa.

— Por quê?

— Ora, não amole! Vamos ou não vamos partir? Estou levando roupa para não ser comido pelos piolhos, entendeu? Vou à segunda brigada e decidi ficar lá até terminarem de lavrar a terra. Cale a bôca e fustigue o animal!

— Mas diga-me, por acaso você ficou louco? Que vai ficar fazendo lá na brigada até acabar o preparo da terra?

— Vou lavrar.

— Vai abandonar a Direção para lavrar? Você tem cada uma!

— Vamos, adiante! — disse Davídov fazendo uma careta.

— Ei!, não precisa resmungar! — respondeu André que, por sua vez, ia ficando irritado. — Diga-me, você acredita que é indispensável lá embaixo? O que é preciso é que você dirija, não que fique atrás de um arado. Não é por nada que você é o presidente do colcós.

Os olhos de Davídov luziram:

— Quê?... Não queira dar-me lições! Primeiramente, sou comunista e, sòmente depois, presidente do colcós. As lavouras estão-se estragando, e você quer que eu fique apenas olhando? Vamos logo, com mil diabos!

Bem, afinal de contas, que tenho eu com isso? Upa! Upa!, maldita burrica!

André chicoteou o cavalo. A súbito arranco atirou Davídov para trás, fazendo-o ralar o cotovêlo no encôsto do banco. O carro, com ruído ensurdecedor, rolou pelo caminho que se perdia na estepe.

À saída da aldeia, André pôs o cavalo a passo. Enxugou com a manga a fronte suada.

— É uma besteira o que você está fazendo, Davídov. Deveria acertar o trabalho e voltar a tôda pressa. Qualquer um pode arar a terra, enquanto que um bom dirigente — quer saber de uma coisa — não deve marchar nas fileiras, deve saber comandar, eis aí!

— Não me venha com lições de moral burguesa! Devo ensinar aquêle pessoal a fazer as coisas direito, e vou conseguí-lo, é claro! Isso é que se chama dirigir. A primeira e a terceira brigada terminaram o plantio de cereais, enquanto que aqui há uma brecha a preencher. Sei que Liubichkin não se arranjará sòzinho. E você fica falando: "Um bom chefe, etc...." A trôco de que me quer enfiar isso na cabeça? Segundo você, eu não vi ainda bons comandantes, não é? Um bom dirigente é aquêle que, numa hora difícil, arrasta os outros com o exemplo. E é o que vou fazer.

— Seria melhor que lhes transferissem duas charruas da primeira brigada.

— E os homens? De onde vou tirar os homens? Vamos, vamos, apresse-se!

Sem falar mais, chegaram à crista da colina. Acima da estepe, cobrindo o sol, uma espêssa nuvem violeta, carregada de granizo, imobilizava-se no zenite. Os bordos da nuvem, brancos, encrespados, brilhavam como neve, enquanto que o cimo estava negro, ameaçador na pesada imobilidade. Através de um claro alaranjado, o Sol enviava raios oblíquos, abertos largamente em leque. Esguios como lanças, lá em cima no vasto céu, esparramavam-se em torrentes luminosas ao alcançar a terra, inundando as longínquas encostas que, no horizonte, erguiam-se da fulva estepe, brilhando com um tom de juventude fantástica e radiosa...

Obscurecida pela sombra da nuvem, a estepe, muda e submissa, esperava a chuva. O vento levantava no caminho uma coluna de poeira azulada. Trazia já o odor do aguaceiro que se aproximava. Um instante depois, a chuva começou a cair, avara e espaçadamente. As grossas gotas frias misturavam-se ao pó do caminho e rolavam como minúsculas bolinhas de lama. Ouvia-se o chiar alarmado dos ratos campestres. O grito das codornizes tornava-se mais nítido. O ardente e apaixonado apêlo da fêmea do sisão emudecera. A estepe enchia-se com o zumbido sêco das ervas do ano precedente.

Exatamente na base da nuvem, um corvo, batendo fortemente as asas, dirigia-se para o Oriente. Um relâmpago marcou o céu com um traço branco. A ave, com um rouco crocitar, precipitou-se para o sol. Durante um segundo, banhado por um raio de sol, brilhou como uma tocha de resina inflamada. O vento, atravessando sua plumagem, assobiava, ululava tempestuoso. Mas, chegando a uns cinqüenta metros do solo, o corvo endireitou-se bruscamente com um bater de asas. E ao mesmo tempo, retumbou, sêco e ensurdecedor, um trovão.

Sôbre a crista da encosta já se delineava o acampamento da segunda brigada. André percebeu ao longe um homem que vinha encontrá-los. Vinha através dos campos, saltando as valas e, de vez em quando, correndo de maneira senil. André dirigiu-se para êle. Havia reconhecido o tio Chukar

Olhando-o, podia-se verificar que alguma coisa desagradável lhe acontecera... Chukar aproximou-se do carro. Tinha a cabeça descoberta, os cabelos colados ao crânio pela chuva; a barbicha molhada e as sobrancelhas estavam cheias de grãos de milho cozido. Estava lívido e apavorado. Um sombrio pressentimento cruzou a mente de Davídov: "As coisas vão mal na brigada... Há desordem!"

— Que aconteceu? — perguntou.

— Ah, escapei de boa! — bradou Chukar sem fôlego.

— Queriam me matar, nem mais nem menos.

— Quem?

— Liubichkin e os outros.

— Por quê?

— É que... São uns indivíduos cheios de capricho... Foi por causa do cozido... Eu não tenho papas na língua e não me contive. Então, veja você, Liubichkin pegou uma faca e atirou-se contra mim... Ah!, se eu fôsse menos esperto, estaria feito carne no espêto. Estaria frito.

— Volte para a aldeia, conversaremos depois — disse Davídov dando um suspiro de alívio.

Eis o que tinha acontecido no acampamento meia hora antes.

Chukar, que na véspera tinha salgado demais o cozido, decidira refazer sua reputação. Indo à aldeia, lá passara a noite. De manhã, de volta à brigada, munido de um saco, introduzira-se na granja de Krasnokutov, situada na saída da aldeia. Escalara a cêrca e agachara-se como um ladrão perto de um monte de farelo. Seu plano era de uma simplicidade genial: agarrar de jeito uma galinha para melhorar a sopa. Pensava em reconquistar, dessa forma, as boas graças dos membros da brigada. Ficou deitado, quase sem respirar, cêrca de meia hora. Mas, como se tivessem combinado, as galinhas esgaravatavam o solo perto do cercado, sem bicar o monte de farelo. Então Chukar resolveu chamá-las baixinho: "Prrrr!... Prrrr! Venham aqui, franguinhas!... Bonitinhas!... Ti, ti, ti!" — sussurrava agachado como uma rapôsa atrás do monte de farelo.

Por casualidade, o velho Krasnokutov encontrava-se perto da granja. Ouvindo a melosa voz que chamava as galinhas,

acocorou-se atrás da sebe... As galinhas aproximaram-se sem desconfiança. Nesse instante, Krasnokutov viu estranha manopla esticar-se, apanhar pela perna uma franga carijó. Chukar estrangulou-a com a rapidez de um furão experimentado. Enfiava-a no saco quando viu alguém perguntar-lhe calmamente: "Deu agora para roubar galinhas?" E Krasnokutov saiu do esconderijo. O velho Chukar ficou tão transtornado que deixou cair o saco, descobriu-se e saudou estùpidamente: "Como vai, Afanassi Petróvitch?" "Bem, obrigado — respondeu o outro. — Pelo que vejo você trabalha no negócio de galinhas, não?" "Sim, sim... Ia indo pelo caminho quando, de repente, o que vejo? Uma galinha carijó! Que côres tão bonitas tem nas costas, disse a mim mesmo. Que linda ave! Vou pegá-la para examinar mais de perto. Em tôda minha vida nunca vi uma assim tão curiosa."

A manobra de Chukar era totalmente imprópria, e Krasnokutov pôs fim a ela:

— Não minta, velho sem-vergonha! A gente enfia galinhas no saco quando quer ficar com elas. Confesse, por que estava roubando?

Chukar confessou: queria servir aos trabalhadores um cozido de galinha. Para sua estupefação, Krasnokutov não replicou. Contentou-se em recomendar:

— Bem, para os camponeses está certo. Não faz mal. Já que matou a galinha, guarde-a no saco. Vamos, pegue outra... essa aí não... esta aqui que não põe ovos, a que tem um topête na cabeça. Uma galinha só não chega para a brigada inteira. Pegue logo essa outra e caia fora, pois se minha mulher chegar — o bom Deus que nos proteja disso — arrebenta as nossas cabeças.

Chukar, contente com o rumo que tinham tomado as coisas, agarrou a outra galinha e saltou a cêrca. E quando Liubichkin chegou da aldeia, já a água fervia num enorme caldeirão, os grãos de milho inchados caíam pela borda e as duas galinhas, cortadas em pedaços, douravam o caldo com grandes manchas de gordura. Um verdadeiro banquete! A única coisa que preocupava o velho Chukar era que o caldo ficasse com gôsto de pântano, em virtude da água que havia tirado do tanque, pouco profundo e coberto de musgo esver-

deado. Mas suas apreensões não tinham razão de ser: todos comeram e elogiaram o cozinheiro. Até Liubichkin dissera: "Não comi até hoje um prato tão gostoso como êsse! Em nome de tôda a brigada, agradeço a você, avô."

O caldeirão esvaziava-se ràpidamente. Os mais espertos começavam já a pescar pedaços no fundo.

Nesse instante aconteceu algo que iria comprometer para sempre a carreira culinária de Chukar.

Liubichkin havia tirado um pedaço de carne; ia levá-lo à bôca, quando, sùbitamente, atirou-se para trás, empalidecendo.

— Que é isto? — urrou, com ar sinistro e a mão estendida.

— Deve ser uma asinha — respondeu Chukar sem se perturbar.

O rosto de Liubichkin cobria-se lentamente de um encarnado violáceo, produzido por furor indizível.

— Uma a-si-nha?... Veja, aproxime-se e veja, cozinheiro de merda!

— Ai, minha mãe! — gritou uma mulher. — Mas isso aí tem garras.

Chukar caiu-lhe em cima:

— Por acaso você está com catarata? Garras numa asa? Será mais fácil achar garras debaixo de suas saias.

Largou a colher e foi olhar: a mão trêmula, Liubichkin segurava um ôsso frágil tendo, na ponta, uma patinha espalmada com minúsculas garras.

— Vejam, rapazes — gritou Akim Bezkhlebnov, espavorido. — Comemos um sapo, nem mais nem menos que um sapo!

Então foi uma confusão geral: uma mulher enojada, gemeu e, tapando a bôca com as duas mãos, correu para trás da cabana.

Maidannikov, olhando para o pasmado Chukar, inclinou-se para trás, rindo feito um louco. Conseguiu dizer:

— Ah, comadres, vocês hoje não fizeram jejum!

Os cossacos que não sentiam tanta repugnância, apoiaram-no:

— Agora não lhe darão a comunhão — disse Kujenkov, afetando terror.

Mas Akim, revoltado pelas risadas, berrou ferozmente:

— Não é para rir! Temos que acabar com a raça dêsse Chukar!

Liubichkin continuava apertando o velho:

— Como é que o sapo foi no caldeirão, hein?

— Êle tirou água do charco! Não deve ter notado o bicho.

— Porcalhão!... O que deu para a gente comer? — gritou esganiçadamente Aniska, a nora dos Donetskov. — Eu estou grávida! Se eu abortar a culpa será sua, crápula!

E zás! Chukar recebeu em plena face uma colherada de caldo!

A confusão era total. As mulheres, unânimes, precipitaram-se para agarrar Chukar pela barba. Êste, perdido, aterrorizado, obstinava-se em gritar:

— Acalmem-se! Não é um sapo. Juro que isso não é um sapo!

— E que é então? — clamava furibunda Aniska.

— Isso é imaginação de vocês. Uma visão — tentava convencê-los Chukar.

Entretanto, êle se recusou a chupar o osso da "visão", como propôs Liubichkin. Talvez as coisas tivessem parado por ali se Chukar, exasperado pelas mulheres, não houvesse gritado:

— Camelos!, demônios de saias!... Estão querendo me agarrar e não compreendem que não é um sapo vulgar, que é uma ostra.

— Uma quê? — perguntaram as mulheres assombradas.

— Uma ostra, estou falando claro! O sapo é uma porcaria, enquanto que a ostra é um petisco... Tem sangue azul... Ouçam, meu compadre, que no antigo regime era ordenança do general Filomonov em pessoa, contava que êsse general comia centenas delas pela manhã. E comia tôdas cruas. A ostra nem bem sai da casca e êle a espeta com o garfo. Atravessa-a de lado a lado e, zás!, acabou-se. A coitada grita como não sei o quê, e êle a enfia pela garganta abaixo... Vocês são uns ignorantes. Não entendem que essa

porcaria pode ser da raça das ostras? Os generais adoravam isso e, sabem lá vocês, se eu não pus isso aí de propósito para dar melhor gôsto ao caldo, bando de brutos!... Para que ficassem mais saboroso!

Liubichkin não agüentou mais. Pegou a colher, levantou-se num salto e berrou a plenos pulmões:

— Generais? Para melhorar o caldo? Eu, eu sou guerrilheiro vermelho, e você quer-me fazer comer sapo, como se fôsse o côrno de um general qualquer?

Chukar pensou ver uma faca nas mãos de Liubichkin, e disparou a correr sem virar a cabeça.

Davídov sòmente soube de todos êsses detalhes quando chegou ao acampamento. Depois de despedir Chukar, pediu para André apressar os cavalos. Logo depois chegaram.

A chuva continuava a cair sôbre a estepe.

Desde Gremiatchi-Log até o longínquo tanque, estendia-se um arco-íris radioso, ocupando com sua curva quase metade do céu. Não havia vivalma no acampamento. Depois de despedir-se de André, Davídov dirigiu-se para o setor mais próximo das lavouras. Perto dali, os bois desatrelados pastavam. Akim, o homem da charrua, tendo preguiça de ir até o acampamento, deitara-se num sulco e, inteiramente coberto com o gibão, tirava um cochilo, embalado pelo barulho das gotas de chuva.

Davídov acordou-o:

— Por que não está trabalhando?

Akim levantou-se sem pressa, bocejou e sorriu:

— Não trabalhamos quando chove, camarada Davídov. Não sabia disso? Um boi não é um trator. Logo que o couro do pescoço fique molhado, a canga faz com que saia sangue e, então, acabou-se o trabalho! É a pura verdade o que estou dizendo — acrescentou, ao ver uma ponta de incredulidade no olhar de Davídov. — Seria bom que você separasse os briguentos. Desde hoje cedo Maidannikov está atrás de Atamantchukov... Veja, já estão trocando murros lá naquele setor. Maidannikov quer que êle desatrele os bois e Atamantchukov responde: "Não encoste em minha parelha se não quer que lhe parta a cara." Estão quase se matando.

Davídov olhou na direção indicada. Com efeito, algo parecido com uma batalha estava acontecendo: Maidannikov brandia uma barra de ferro, como se fôsse um sabre, enquanto que Atamantchukov, comprido como um caniço, impedia-o de tocar na canga, puxando-o por uma das mãos e mantendo-lhe a outra prêsa nas costas.

Não se ouviam as vozes. Avançando, Davídov gritou de longe:

— Que está acontecendo?

— Não vê, Davídov? Está chovendo, e êle quer continuar lavrando! Vai esfolar o pescoço dos bois. Então eu disse: "Desatrele enquanto está chovendo." Bem, êle responde: "Você não tem nada com isso." E com que é então que eu devo ter preocupações, raios? Quem é que tem alguma coisa a ver com isso, é o que pergunto, diabo de chifre partido? — urrou Maidannikov, dirigindo-se desta vez a Atamantchukov e ameaçando-o com a barra de ferro.

Podia-se ver que estavam machucados: Maidannikov tinha um ôlho arroxeado; Atamantchukov tinha o colarinho virado e saía sangue de seus lábios inchados.

— Não permitirei que prejudiquem o colcós — gritava Maidannikov, encorajado pela presença de Davídov. — Êle disse: "Que me interessa? Os bois não são meus. São do colcós." Bem, então, vamos esfolá-los, segundo sua opinião? Deixe os bois, canalha!

— Não é você quem me vai dar ordens. E não tem o direito de me agredir. E se quiser, vou torcer seu pescoço. Quero acabar minha tarefa e fica-me impedindo — berrava Atamantchukov que, pálido de raiva, tratava de abotoar o colarinho com a mão esquerda.

— Pode-se arar a terra com chuva? — perguntou-lhe Davídov, retirando a barra das mãos de Maidannikov e jogando-a no chão.

Os olhos de Atamantchukov relampejaram. Torcendo o longo pescoço, sibilou com ar maldoso:

— Um patrão não, mas o colcós sim.

— Por que êsse "sim"?

— Pois é preciso executar o plano. Chova ou não chova, temos que arar a terra. De outra forma, Liubichkin rói a gente, como a ferrugem rói o ferro.

— Você continua sempre falando no mesmo tom, não? Ontem, quando o tempo estava bom, completou sua cota?

— Lavrei o que pude.

Maidannikov bufou:

— Lavrou um quarto de hectare. E, no entanto, veja os bois! Não se pode nem encostar nêles. E como lavrou? Venha comigo, Davídov, venha ver.

Pegou o presidente do colcós pela manga úmida do paletó e conduziu-o a um sulco. A emoção fazia-o gaguejar:

— Havíamos decidido cavar pelo menos dez centímetros. Bem, veja isso. Meça você mesmo!

Davídov abaixou-se, enfiou o dedo no sulco mole e pegajoso. Do fundo até à superfície relvada, mal havia quatro ou cinco centímetros.

— Pode-se chamar isto de lavrar a terra? E arranhar e não arar. Hoje de manhã mesmo, tinha vontade de voar em cima dêle por causa dessa boa vontade. E todo trabalho dêle é assim.

— Venha cá. É com você aí — gritou Davídov para Atamantchukov, que desatrelava os bois de má-vontade.

Êle aproximou-se arrastando os pés.

— É assim que trabalha? — perguntou em voz baixa Davídov, descobrindo a fôlha de sua mandíbula.

— Que queria você? Que cavássemos trinta centímetros? — disse Atamantchukov com os olhos injetados de raiva. Tirando o boné da cabeça raspada, saudou irônicamente: — Muito obrigado! Tente você mesmo cavar mais fundo. É muito bonito falar, mas quando se trata de trabalhar, boa tarde! Ninguém fica por perto.

— Sabe o que quero? Que expulsem você do colcós, canalha — gritou Davídov, inflamando-se. — E vamos expulsá-lo.

— Mas é um favor! Posso ir por conta própria. Não sou um forçado para que me obriguem a rebentar aqui... E a trôco do quê, pergunto!

Assim dizendo, assoviando, dirigiu-se para o acampamento.

À noite, quando a brigada se reuniu, Davídov declarou:

— Levanto a seguinte questão para a brigada resolver: que se deve fazer dos falsos colcosianos que enganam o colcós e o Poder soviético? Em vez de cavar dez centímetros, arranham a terra, não fazendo mais que quatro? Que se deve fazer com os que estropiam propositadamente os bois, trabalhando sob a chuva e que, quando o tempo está bom, fazem apenas a metade das cotas?

— Devem ser expulsos — disse Liubichkin.

As mulheres, unânimimente, apoiaram-no.

— Bem! Há um dêsses sabotadores entre nós. Ei-lo!

Apontou para Atamantchukov sentado no varal de uma carroça.

— A brigada está tôda aqui. Proponho que se vote a questão. Quem é pela exclusão do sabotador e vadio Atamantchukov?

Entre vinte e sete, vinte e três levantaram a mão. Davídov contou os votos, depois disse sêcamente para Atamantchukov:

— Retire-se! Você não pertence mais ao colcós, é claro. Daqui a um ano veremos: se se corrigir, nós o aceitaremos de volta... E agora, camaradas, ouçam o que tenho a dizer. Não demorará muito. Quase todos vocês trabalham mal. Muito mal. As cotas, excetuando-se a de Maidannikov, não são completadas. É um fato vergonhoso, camaradas; desta forma vamos desmoralizar a segunda brigada e manchar a reputação do colcós. Vamos ficar na lista negra e nunca mais sairemos dela. Um escândalo dêsses no colcós *Stálin*. Devemos acabar com isso.

— É que as cotas são muito grandes para nós. Os bois não agüentam — disse Akim.

— Muito grandes? Os bois? Conversa!... Por que é que os bois de Maidannikov agüentam? Vou ficar nesta brigada, pegarei os bois de Atamantchukov e vou mostrar a vocês que se pode arar num dia um hectare e até um hectare e um quarto.

— Vamos, Davídov, você é bem malandro. Fêz bela escolha — disse sorrindo Kujenkov, segurando a barbicha grisalha. — Com os bois de Atamantchukov pode-se romper até os cornos do diabo. Um hectare? Com êsses bois, eu mesmo faço.

— E com os seus, não consegue?

— De jeito nenhum.

— Bem, quer trocar? Você fica com êsses bois e eu fico com os seus. Está certo?

Depois de um curto silêncio, Kujenkov, prudente, com ar grave, responde:

— Podemos experimentar.

Davídov passou uma noite horrível. Deitado na cabana, acordou várias vêzes, ora porque o teto de zinco tilintava, ora por causa do frio que penetrava sob seu abrigo molhado da chuva, ora em virtude das pulgas que pululavam na pele de cordeiro estendida por terra.

Quando amanheceu, Maidannikov veio acordá-lo. Já havia pôsto em pé tôda a brigada. No oeste, as estrêlas brilhavam ainda com luz baça. A Lua em crescente dava um entalhe dourado na anilada armadura do céu.

Davídov lavou-se, indo buscar água no tanque. Maidannikov estava perto dêle e, mordiscando com ar de enfado a ponta do bigode, dizia:

— Mais de um hectare por dia é muita coisa, sabe?... Ontem, você exagerou um pouco, camarada Davídov. Você se arriscou, e agora pode ser que fiquemos em má situação...

— Tudo depende de nós, tudo nos pertence. De que tem mêdo, homem? — encorajava-o Davídov.

Intimamente pensava: "Posso morrer sôbre o arado, mas conseguirei fazer o que foi combinado. Trabalharei à noite, à luz de lanterna, mas lavrarei um hectare e um quarto... Não posso fracassar, em hipótese alguma... Seria uma vergonha para a classe operária."

Enquanto Davídov enxugava o rosto com a blusa, Maidannikov terminara de atrelar os bois que lhe cabiam e a Davídov.

Gritou:

— Vamos.

Entre o ranger das rodas das charruas, Maidannikov expôs os princípios simples, estabelecidos no curso de anos e anos, para trabalhar com os bois. Terminou dizendo:

— Vou lançar seu arado, cavarei dois sulcos com você e, depois, espero que tudo corra bem...

O jovem condutor de Davídov fêz estalar o chicote. Os bois dianteiros arrancaram. Emocionado, Davídov colocou as mãos na rabiça. Marchando atrás da charrua via os torrões de terra pegajosa e negra serem cortados pela lâmina, subirem pelo rêlho, depois caírem e depositarem-se de lado, como peixes mortos.

Antes de comer qualquer coisa, Davídov lavrou quase um quarto de hectare. Esfomeado, comeu um pouco de cozido. Quando terminaram de comer, piscou para Maidannikov:

— Vamos recomeçar?

— Estou pronto... Aniuska — gritou para a mulher, — traga os bois.

E, novamente, o rêlho começou a cortar os torrões amontoados pelos séculos. As raízes das ervas revolvidas, encarquilhadas, voltam-se para o céu. A crista musgosa do sulco, esmigalhada, revira e funde-se na sombra das cavidades abertas. Doce e estimulante é o leve odor que se desprende da terra negra. O sol está ainda alto, e já o couro pelado do boi-guia cobre-se de suor...

À tarde, Davídov sentia uma dor lancinante nos pés, esfolados pelas botas. Tinha os rins arrebentados. Tropeçando, media o setor que trabalhara. Um sorriso espalhou-se em seus lábios gretados e enegrecidos de pó: em um dia lavrara um hectare.

— Bem, quanto é que você fêz? — perguntou com um sorriso irônico Kujenkov, vendo-o chegar ao acampamento arrastando as pernas.

— Quanto pensa?

— Deve ter lavrado um meio hectare...

— Só isso?... Um hectare e mais uma volta de arado.

Kujenkov, ocupado em untar com graxa de marmota um pé que ferira nos dentes de uma grade, suspirou e foi medir o setor de Davídov... Meia hora mais tarde, quando a noite caiu, voltou e sentou-se ao lado do fogo.

— Por que não diz nada, Kujenkov? — perguntou Davídov.

— Meu pé está doendo... Não há nada a dizer, você fêz o hectare, e daí? Bela coisa! — disse com mau humor.

Estendeu-se perto do fogo e cobriu-se com o gibão.

— Taparam sua bôca? Agora não vai mugir mais? — disse rindo Maidannikov.

Kujenkov, entretanto, fêz-se de surdo.

Davídov deitou-se perto da cabana e fechou os olhos.

A fogueira exalava um odor de cinza de madeira. Os pés incomodavam-no, fatigados pela marcha. Uma dor aguda percorria-lhe o braço. Em qualquer posição que ficasse, não se sentia bem e tinha sempre que virar para outro lado... Logo que se deitou, viu correr diante dos olhos, a gleba negra removida: a lâmina branca do rêlho deslizava sem ruído; do lado, mudando de contôrno, a terra desfilava, fervendo como alcatrão... Acometido por uma vertigem e nauseado, Davídov abriu os olhos e chamou Maidannikov.

— Não consegue dormir? — perguntou-lhe êste.

— Não, a cabeça fica dando voltas... Vejo a terra saindo debaixo do arado...

— Ah!, é sempre assim quando não se está acostumado.

Percebia-se um tom de simpatia em sua voz.

— Quando a gente fica o dia inteiro olhando para os pés, é natural que fique tonto. E, além disso, há a terra com aquêle cheiro diabólico que embriaga. Amanhã, Davídov, deve ter cuidado para não abaixar muito o nariz. Interesse-se pelas coisas que ficam ao redor.

Nessa noite Davídov não percebeu nem as picadas das pulgas, nem o relinchar dos cavalos, nem o grito de um tardio bando de patos selvagens que passava por cima do caniçal — dormia como um justo. Antes de nascer o dia, acordando, viu Maidannikov aproximar-se da cabana, envolvido no abrigo.

— Onde estêve? — perguntou com voz pastosa de sono.

— Fui guardar nossos bois, os seus e os meus... Comeram uma boa ração. Levei-os para o fundo da ravina, lá a erva é mais gorda.

A voz rouca de Maidannikov afastou-se ràpidamente e, depois, extinguiu-se. Davídov não entendeu o fim da frase: o sono havia feito com que deitasse a cabeça sôbre a peliça úmida de orvalho e recaísse no esquecimento.

Nesse dia, Davídov lavrou um hectare e mais duas voltas de arado; Liubichkin, justamente um hectare; Kujenkov, um pouco menos. E, coisa totalmente inesperada, Antip Gratch

foi o primeiro na classificação; êle que, até então, estava entre os últimos, entre os que, por brincadeira, Davídov chamava a "equipe dos fraquinhos". Haviam dado a êle os magros bois de Borodin. Durante a comida não disse nada a respeito de quanto havia lavrado. Depois do jantar, sua mulher, que conduzia os bois para êle, dera de comer aos animais da junta em seu avental, onde colocara as seis libras de "concentrado", que constituíam a ração das bêstas. Antip juntara ali até miolo de pão e restos do jantar, dizendo que "isso não seria de mais".

Liubichkin, vendo isso, brincou:

— Está agüentando o repuxo, Gratch?

— Tome cuidado para não ficar para trás! Ainda não disse a última palavra sôbre o trabalho — desafiou Gratch, a quem o ar primaveril tornara ainda mais moreno.

E, realmente, agüentara o repuxo: à tarde terminara de lavrar um hectare e um quarto.

Já era noite escura quando Maidannikov trouxe os bois de volta. À pergunta de Davídov: "Quanto?" respondeu roucamente:

— Um e meio, menos uma volta... Dê-me fumo, não fumei o dia todo.

Assim falando, olhava Davídov com os olhos fatigados, porém triunfantes.

Depois do jantar, Davídov fêz o balanço:

— A emulação socialista, camaradas da segunda brigada, está sendo feita entre nós de forma espantosa! O ritmo adotado é fabuloso. A direção do colcós expressa à brigada seu agradecimento bolchevique. A lacuna que existia, caros camaradas, foi preenchida por nós, é claro. E, como não seria preenchida, se na prática ficou provado que as cotas eram realizáveis? Trata-se agora de atacar a terra com as grades. Além disso, é preciso passar as grades em três sentidos. Agradeço especialmente a Maidannikov, que é, sem dúvida alguma, o melhor *udarnik* (*).

As mulheres lavaram as vasilhas. Os homens de charrua haviam deitado. Os bois fôram levados para as pastagens.

(*) Trabalhador das brigadas de choque.

Maidannikov já estava cochilando quando sua mulher deslizou para perto dêle, sob o gibão. Catucando-o com o cotovêlo, perguntou:

— Kondrat, Davídov elogiou você... Mas, que é afinal um *udarnik*?

Maidannikov ouvira várias vêzes a palavra, mas não sabia explicar o que fôsse. "Deveria ter perguntado a Davídov" — pensou com ligeiro despeito, dado que não queria ficar diminuído aos olhos de sua mulher. Devia responder alguma coisa. Dessa forma, explicou-lhe como pôde:

— Um *udarnik*, é o que quer saber? Como você é tonta! Um *udarnik*? Hum!... É... Como poderei explicar de maneira que você entenda? Veja, por exemplo um fuzil... bem, êle tem um percursor que bate na espolêta e é também chamado *udarnik*. No fuzil, essa peça é a principal, não se pode atirar sem ela... Para o colcós é a mesma coisa: o *udarnik* é a figura principal, entendeu?... Bem, agora veja se dorme e não me amole mais!

A quinze de maio, o plantio de cereais, no fundamental, estava terminado em todo o distrito. O colcós *Stálin* de Gremiatchi-Log havia executado totalmente o plano. No dia dez, ao meio-dia, a terceira brigada terminara de semear os oito últimos hectares de milho e girassol. Davídov mandara imediatamente um emissário a cavalo para anunciar ao comitê do Partido o fim do plantio.

Dava gôsto ver o trigo de outono. Mas, no setor da segunda brigada, havia quase cem hectares de trigo de Kuban que sòmente haviam sido semeados nos primeiros dias de maio. Davídov temia que êsse atraso impedisse o trigo de brotar. Êsses temores eram partilhados por Liubichkin. Ostrovnov, por sua vez, declarou simplesmente:

— Não, não brotará. Por coisa alguma. Querem semear em qualquer época do ano e querem que isso dê certo? Os livros dizem que no Egito semeia-se e colhe-se o trigo duas

vêzes por ano. Mas, camarada Davídov, Gremiatchi-Log não é o Egito. Aqui temos que semear na época certa.

Davídov aborrecia-se:

— Vamos, já vem você com oportunismo! Vai brotar, estou dizendo; e, se fôr preciso, vamos fazer a colheita duas vêzes, pronto! Esta terra é bem nossa: tiraremos dela o que quisermos, é claro.

— Está falando como criança.

— Bem, veremos. Você, cidadão Ostrovnov, manifesta desvios de direita em tudo que diz. Ora, isso para o Partido, é um desvio indesejável e nocivo. Êsse desvio está ficando muito claro em você, não se esqueça disso.

— Não estou falando de desvios, estou falando da terra. Não entendo nada de desvios.

Mas Davídov, mesmo cheio de esperanças pelo trigo de Kuban, não deixava também de duvidar. Todo dia encilhava um cavalo e ia ver as lavouras calcinadas pelo sol, já preparadas mas que apresentavam uma côr negra, pesada e sinistra.

A terra secava ràpidamente. O grão, mal nutrido, não tinha fôrça para fazer brotar o germe, cujo dardo, tenro e débil, permanecia escondido sob a terra aquecida, sofrendo a ação do sol.

Davídov descia do cavalo e, de joelhos, cavava a terra com os dedos; examinava, na palma da mão, os grãos de trigo, dos quais saía um talo fininho. Sentia um amargo sentimento de piedade por êsses milhões de grãos enterrados, sedentos de luz e quase condenados à morte.

Sentir-se impotente era o que mais o enraivecia. Se chovesse, o trigo cobriria os campos com verde pelúcia. A chuva, porém, não vinha. A campina estava invadida por possantes vagas de ervas, vivazes e pouco exigentes.

Uma tarde, apresentou-se em casa de Davídov uma delegação de velhos.

— Viemos fazer uma humilde súplica — disse o velho Akim, o Papa-Galinhas, cumprimentando e procurando em vão o icone, para fazer o sinal-da-cruz.

— Diga do que se trata... Não há imagens santas por aqui, avô, não adianta procurar.

— Ah!, não há?... Não quer dizer nada, não faz mal... Bem... nós os velhos, queríamos...

— Sim?

— Parece que o trigo, na segunda brigada, não vai brotar.

— Ainda não sabemos nada, avô.

— Em todo caso é o que parece.

— E então?

— É preciso chuva, não?

— Sim, é o que falta.

— Então, se é o que falta, você poderia nos fazer um favor... Permita que chamemos o pope, êle celebraria uma missa.

— E para quê? perguntou Davídov, enrubescendo ligeiramente.

— Ora, para que o bom Deus nos mande chuva.

— Bem, avô... vá-se embora e não me fale mais nisso!

— Não falar nisso? Mas, diga-nos, o trigo não é nosso?

— É do colcós.

— E nós o que somos? Não somos colcosianos?

— Sim, e eu sou o presidente do colcós.

— Compreendemos isso, camarada. Você não crê em Deus; não pedimos que acredite. Mas deixe-nos seguir nossa fé. Nós somos crentes.

— Não. Não permitirei isso. Foi a assembléia dos colcosianos que mandou vocês aqui?

— Não, foram os velhos que decidiram.

— Vejam... Vocês não são numerosos. De qualquer forma, a reunião do colcós não permitiria isso. Para nós, quem deve influir na agricultura é a ciência, e não o pope.

Davídov falou longamente, com prudência, esforçando-se para não ferir o sentimento religioso dos velhos. Êstes continuavam em silêncio. Nagulnov chegou quando êle terminava. Ouvira dizer que os velhos — uma delegação de crentes — haviam ido pedir a Davídov autorização para fazer celebrar uma missa.

— Então, a resposta é não? — suspirou, levantando-se o velho Akim.

— Exatamente! De qualquer forma, é inútil, teremos chuva de qualquer maneira.

Os velhos saíram, seguidos de perto por Nagulnov. Êste fechou cuidadosamente a porta do quarto de Davídov e disse em voz abafada:

— Vocês são uns velhos caducos. Conheço vocês de longe! Têm sòmente uma coisa na cabeça: viver a seu modo. Demônios cabeçudos é o que são! Se pudessem fazer tudo que lhes dá na telha, ficariam o tempo todo organizando festas patronais, levando ícones em procissão pela estepe, pisando no trigo... Se chamarem o pope sem permissão, eu chamarei ao mesmo tempo os bombeiros para regar vocês até virarem sopa. Entenderam? E o pope, é melhor que não apareça por aí. Do contrário, eu pelarei êsse garanhão cabeludo na frente de todos, com as tesouras de pelar carneiros. Sim, eu o pelarei para que tenha vergonha, e o mandarei passear. Entenderam?

Voltou para o quarto de Davídov e sentou-se no baú, carrancudo e de mau humor.

Davídov, desconfiado, perguntou-lhe:

— Que estava cochichando com os velhos?

— Falávamos do tempo — respondeu Nagulnov sem pestanejar.

— E daí?

— Bem, ficaram firmemente decididos a não celebrar a missa.

— Que foi que disseram? — disse Davídov, voltando-se para esconder um sorriso.

— Disseram que compreendiam que a religião é ópio... Mas, por que ficam-me aborrecendo? Você gruda na gente como sarna, quando dá em cima de alguém, não sossega... "Que disse a êles?... e êles que disseram?" Disse o que tinha a dizer. Você é que tem mania de democracia. Discute, suplica. Na minha opinião, não é assim que se deve falar com êsses velhos. Estão intoxicados, chafurdam na ignorância. Não vale a pena gastar saliva com êles, é melhor levá-los a passo de marcha: um, dois e pronto!

Davídov, sempre sorrindo, fêz um gesto de desalento. Decididamente, Nagulnov era incorrigível!

Durante duas semanas, Nagulnov ficara fora do Partido. Nesse meio tempo, a direção do comitê de setor havia sido

mudada: Kortjinski e Khomutov tinham sido exonerados de suas funções.

O novo secretário do comitê, tendo recebido da comissão de contrôle o apêlo de Nagulnov, enviara a Gremiatchi-Log um membro do secretariado para fazer a revisão do caso. Depois disso, a decisão relativa à expulsão de Nagulnov foi revogada, considerando-se que a severidade da pena não correspondia à falta cometida. Além disso, uma série de agravantes levantada contra Nagulnov ("decomposição moral", "deboche sexual") tinha ficado desmentida durante a segunda inquirição.

Nagulnov foi censurado e o caso encerrou-se ali.

Davídov, que provisòriamente executava as funções de secretário da célula, enviando os arquivos para Nagulnov, perguntara-lhe:

— Então, já se corrigiu? Não vai forçar a mão outra vez?

— Estou corrigido, e como! Sòmente, trata-se de saber quem forçou a mão: eu ou o comitê.

— Os dois. Cada um de seu lado.

— E eu acho que neste assunto, o comitê não saiu tão limpo assim...

— Como assim? Por que não deram ordem para que fôsse devolvido o gado aos ex-colcosianos? E isso não é coletivização forçada? Claro que é. Temos pessoas que saem do colcós sem que lhes devolvamos nada! nem gado nem material. Então, é claro, não tendo para onde ir, voltam para o colcós. Voltam resmungando, mas voltam.

— Mas o gado e o material fazem parte do fundo indivisível do colcós.

— De que serve êsse fundo, já que voltam de má vontade? Eu lhes diria na cara: "Tomem, arrebentem-se com êsse material! Estrangulem-se!" E os manteria a uma distância de tiro de fuzil do colcós. Você, tornou a aceitar uma centena dêsses vira-casacas e acredita que poderá fazer dêles colcosianos conscientes e organizados! Vá pentear macacos! Essa gente viverá no colcós mas continuará virando o focinho para a vida individual, e isso até à morte... Ah, eu conheço essa turma! Se não devolvemos o gado, desvio de esquerda. Se os aceitamos

de novo no colcós, desvio de direita. É que, agora, meu caro, estou calejado em política; você não me poderá enganar.

— Calejado polìticamente? Você que nem compreende que é impossível acertar as contas imediatamente com os que saem, antes do fim dos trabalhos!

— Não, isso eu compreendo.

— Ah, Nagulnov, Nagulnov! Você não pode viver sem cometer ratas. Vive perdendo o rumo, decididamente!...

Ficaram discutindo durante muito tempo e terminaram por agastar-se. Davídov retirou-se.

* * *

Nessas duas semanas, muitas modificações haviam ocorrido em Gremiatchi-Log. Para grande espanto de tôda a aldeia, Marina Poiarkova casara-se com Demid Moltchun, o qual se instalou em casa dela. À noite, êle próprio puxara uma carroça e levara para lá o escasso pecúlio, depois de tapar a porta e as janelas de sua choça.

— Marina encontrou sapato que lhe serve. Os dois juntos trabalharão mais que um trator — dizia-se em Gremiatchi.

André, arrasado com a notícia dêsse casamento, fêz-se de forte no princípio. Depois, fraquejando, começou a beber às escondidas. Davídov, entretanto, logo percebeu o que se passava e avisou-o:

— Deixe disso, André. Isso não adianta nada.

— Sei disso. É o vexame que me arrasa. Não acredita?... Por quem, essa cadela foi-me trocar, hein? Por quem!

— Isso é lá com ela.

— Mas é vergonhoso para mim.

— Se é vergonhoso ou não, é com você, mas nada de bebidas. Não é hora para isso. Logo vamos começar a limpar os campos de ervas daninhas.

Ora, como que de propósito, Marina encontrava-se cada vez mais nos lugares freqüentados por André. Tinha um ar satisfeito e feliz.

Demid trabalhava como um boi em sua minúscula propriedade: em poucos dias, arrumara os tetos e cavara uma adega

imensa. Carregava nos ombros vigas e madeiras de cento e cinqüenta quilos.

Marina lavava, fazia-lhe roupas, remendava-lhe a roupa de baixo. Diante das vizinhas não regateava elogios ao companheiro, gabando a fôrça de trabalho de Demid.

— Aquêle que é homem útil numa granja. É forte como um urso; basta pôr a mão em qualquer coisa e pronto, está feito! É verdade que não fala muito, mas que tem isso? Assim não haverá tantas brigas entre nós.

André, que ouvira dizer que Marina estava satisfeita com a sorte, pensava tristemente:

"Ah!, Marina, não podia eu reparar os telhados e cavar uma adega? Você arruinou minha vida."

Gaiev, o despojado, voltara do exílio. A comissão eleitoral da região havia restaurado seus direitos de cidadão.

Davídov, sabendo de seu retôrno, convocou-o imediatamente à Direção.

— Que vai fazer agora, cidadão Gaiev? Vai continuar como particular ou quer entrar para o colcós?

— Tenho que estudar o caso ainda — respondeu Gaiev, que guardava rancor pelo injustificado confisco.

— Mas deve decidir alguma coisa.

— É provável que fique no colcós.

— Então, faça o pedido.

— E meus bens?

— Os animais estão no colcós. Os instrumentos também. O resto foi distribuído. Vai ser um pouco complicado. Devolveremos o que pudermos. O que faltar será pago em dinheiro.

— E o trigo? Vocês me tomaram até o último grão.

— Ah!, isso é simples. Vá procurar o administrador; êle dirá ao homem do armazém que entregue a você, para os primeiros tempos, uns dez pudes de farinha.

Nagulnov, sabendo do fato, indignou-se:

— Davídov está fazendo o colcós virar uma espécie de albergue. Se é isso que quer, basta colocar um anúncio no *Molot* dizendo que aceita os deportados e exilados que cumpriram pena — dizia êle a André.

A célula de Gremiatchi, depois de terminado o plantio, dobrara seus efetivos. Candidataram-se ao Partido, Liubich-

kin, Lostchilin — colcosiano da terceira brigada e que fôra durante três anos assalariado agrícola de Borodin — e Uchakov. No dia em que a célula devia reunir-se para a admissão de Liubichkin e dos outros Nagulnov propusera Maidannikov:

— Diga-me, Maidannikov, por que não entra para o Partido? Eu ficarei responsável por você de muito boa vontade. Você serviu sob minhas ordens, em meu esquadrão: e assim como foi um herói cavaleiro vermelho, hoje é um colcosiano excepcional. Enfim, como se explica que ainda não pertença ao Partido? Você sabe, as coisas estão de tal forma que a revolução mundial pode começar de uma hora para outra. Pode ser que nós ainda tenhamos que servir no mesmo esquadrão, para defender o Poder soviético. E você, nesse tempo todo, fica sem Partido! Isso não está certo. Vamos, faça o pedido!

Maidannikov suspirou e disse o que guardava há muito tempo:

— Bem, camarada Nagulnov, a consciência não me permite entrar para o Partido, por enquanto... Se fôr necessário, combaterei novamente para defender o Poder soviético e trabalharei honestamente no colcós. Quanto a me inscrever no Partido, não... não posso.

— E por quê? — perguntou Nagulnov, franzindo as sobrancelhas.

— É que, até agora, embora pertença ao colcós, fico doente pensando em meus bens.

Os lábios de Maidannikov tremeram violentamente. Em voz baixa, falou mais depressa:

— O coração me queima quando penso em meus bois... Dão-me piedade... Não estão sendo tratados como merecem... Por causa de Akim, meu cavalo ficou com o pescoço esfolado quando arrastava a grade. Quando vi isso, não pude comer o dia inteiro... Será possível que haja alguém capaz de colocar um arreio daquele tamanho num cavalinho tão bom? É isso que faz com que não possa. Enquanto tiver ainda sentimento de propriedade, a consciência não me permite entrar para o Partido. É assim que vejo as coisas.

Nagulnov refletiu e disse:

— Tem razão. Espere ainda um pouco. Lutaremos sem descanso contra tudo que não ande direito no colcós. Os arreios deverão ser ajustados. Mas, enquanto você sonhar com os bois, é claro que não pode aderir ao Partido. Entra-se quando não se tem mais saudades do que se possuía antes. É preciso ser puro e completamente limpo, tendo em mira apenas uma coisa: chegar à revolução mundial. Meu pai vivia folgadamente. Queria que eu, desde criança, aprendesse a dirigir a granja. Mas eu não suportava aquilo. Não tinha nada com aquilo! Deixei a vida regalada e as quatro parelhas de bois, para trabalhar como empregado, para provar a miséria... De modo que você não deve entrar para o Partido, enquanto não se livrar dessa mesquinhez que é o sentimento de propriedade!

A notícia da entrada de Liubichkin, Uchakov e Lostchilin para o Partido correu logo por Gremiatchi-Log. Alguns cossacos, por brincadeira, disseram ao velho Chukar:

— Que está esperando para fazer seu pedido? Não é do "ativo"? Vão dar um pôsto a você, comprará uma bela pasta de couro e passeará com ela debaixo do braço.

Chukar ficou pensando no assunto. Uma tarde foi procurar Nagulnov.

— Boa tarde, caro Makar.

— Boa tarde. Que quer?

— Bem, o pessoal está entrando para o Partido...

— E então? Vamos, fale.

— Puxa! Como você é apressado.

— Sou sempre assim. Enfim, que há?

— É que estou com vontade de fazer a mesma coisa. Não vou passar o resto da vida lidando com cavalos, não é verdade? Não casei com êles.

— Ahn? Que é que você quer?

— Vou dizer claramente: quero entrar para o Partido. Se vim aqui é para saber que cargo vão me dar, etc... Deixe ver o que é preciso escrever...

— Mas, diga-me... Você pensa que a gente entra no Partido para ganhar cargos?

— Todos os que estão no Partido têm cargos.

Nagulnov conteve-se e mudou de conversa:

— O pope estêve com você na Páscoa?

— Evidentemente.

— Deu alguma coisa para êle?

— Como era natural. Um par de ovos e naturalmente um pedaço de toucinho, cêrca de meia libra.

— Então, você crê em Deus até agora?

— Bem, para falar a verdade, não acredito muito; mas, se por acaso fico doente, ou quando tenho um desgôsto, ou ainda quando a tempestade é muito forte, aí sim, eu rezo um pouco; nesses momentos, penso e repenso em Deus.

Nagulnov propusera-se ser amável com Chukar, explicar-lhe detalhadamente porque não poderiam aceitá-lo no Partido. Mas, começando sem se ter munido de uma provisão de paciência, bruscamente soltou um destampatório:

— Vá para o inferno, velho idiota! Você dá ovos para o pope, faz um Jordão com água gelada, sonha em ter um cargo e nem sequer é capaz de preparar uma ração para os cavalos. O diabo sabe como o Partido precisa de um moinho de palavras como você! Será possível que essas coisas só aconteçam comigo? Pensa, por acaso, que o Partido aceita tudo que é traste velho? A única coisa que você sabe fazer é falar, nada mais. Vamos, caia fora e não me aborreça! Pois estou com os nervos à flor da pele... Minha saúde não permite que fale com mais doçura. Caia fora, vamos!

"Ah!, escolhi uma hora péssima! Deveria ter vindo depois do jantar", lamentava-se de si para si Chukar, fechando precipitadamente a porta.

Uma última novidade que entristeceu Gremiatchi-Log, principalmente suas mocinhas, foi a morte de Dimok.

Efim Trubatchev e Batalshtchikov, condenados pelo tribunal a diversas penas de trabalhos forçados, haviam escrito que, no caminho para a estação, Dimok sentira saudades da região, da liberdade, e tentara fugir. O miliciano que escoltava os detentos gritara três vêzes: "Alto!" Mas Dimok, com o corpo curvado, corria através dos campos, dirigindo-se para um bosque próximo. Faltavam apenas uns trinta metros para atingir a mata, quando o miliciano, ajoelhando-se, com a arma no ombro, ao terceiro disparo, matou instantâneamente.

Com exceção da tia, não havia ninguém para chorar o órfão. As môças que Dimok havia iniciado na arte pouco

difícil do amor, se tiveram alguma pena, consolaram-se bem depressa.

"Tudo passa, tudo cansa, tudo acaba." E as lágrimas das jovens são como orvalho quando surge o sol...

39

Foi em mil novecentos e trinta que desapareceu pela primeira vez a "estação-morta".

Em outros tempos, quando se vivia à maneira antiga, êsses dois meses eram chamados, com justiça, de "estação-morta". Quando terminava o plantio, os lavradores preparavam-se calmamente para a ceifa. Nas pastagens, os bois e cavalos repousavam, ganhavam fôrças. Os cossacos ocupavam-se com pequenas coisas, preparavam ancinhos, reparavam carroças, segadoras, etc. Era raro ver um camponês começar a preparar um alqueire para as lavouras de maio. O silêncio pesava sôbre as aldeias. Ao meio-dia não se encontrava ninguém pelas ruas. Os homens, se não estavam viajando, ficavam repousando em casa ou manejando preguiçosamente o machado. As mulheres, sonolentas, instaladas na sombra, catavam piolhos. O vazio e a modôrra reinavam por tôda parte.

Mas, no primeiro ano de vida coletiva, a "estação-morta" fôra suprimida de Gremiatchi-Log.

Enquanto brotava o trigo, procedia-se ao extermínio das ervas daninhas.

— Vamos limpar três vêzes os campos, para destruir até o último brôto de erva daninha no colcós — declarou Davídov na reunião.

Ostrovnov exultava. Êle, que era tão ativo e trabalhador, ficava encantado com esta maneira de dirigir uma exploração agrícola. Os aldeões agitavam-se, atarefados, absorvidos pelas ocupações.

"O Poder soviético eleva-se bem alto, sobe cada vez mais. Trata-se de saber até onde irá, matutava Ostrovnov. Querem que matemos as ervas daninhas, que reviremos os alqueires, que alimentemos os animais e que reparemos o material. Mas será que as pessoas vão querer trabalhar?

Será que saberão obrigar as mulheres a arrancar ervas daninhas? Nunca se viu isso. Em tôda a região dos cossacos do Don, nunca fizeram isso. O que era errado. A colheita será mais abundante, certamente. Eu também, velho imbecil que sou, deveria ter feito o mesmo, pois, no mínimo, as mulheres ficariam ocupadas durante o verão" — pensava, recordando-se do tempo em que, como camponês independente, não limpara os trigais.

Falando com Davídov, dizia-lhe:

— Vai haver muito trigo, camarada Davídov. Antigamente, o homem atirava a semente e esperava que nascesse. Mas o que nascia? Trigo, sim, mas misturado com ervas más. Começava-se a bater, o trigo parecia bom, mas, na moenda, era a custo que se conseguia quarenta pudes por hectares, às vêzes menos.

Quando o pessoal de Gremiatchi pilhara os depósitos, Davídov quisera destituir Ostrovnov do pôsto de administrador. Uma terrível suspeita surgira em sua mente... Acreditava ter visto, na face do velho entre a multidão, além da expressão de mêdo, um sorriso de malévola expectativa. Pelo menos era o que acreditava ter visto.

No dia seguinte, chamara Ostrovnov e, mandando que todos se retirassem, falou com êle sòzinho, a meia-voz.

— Que estava fazendo perto dos depósitos?

— Tentava fazer com que os outros raciocinassem, camarada Davídov. Dizia aos inimigos que refletissem, que não roubassem o trigo coletivizado — respondeu Ostrovnov sem pestanejar.

— E quanto às mulheres?... Por que disse a elas que eu é que tinha as chaves dos depósitos?

— Eu disse isso? Não acredite!... Nunca!

— Foram as próprias mulheres que me disseram isso, quando me arrastavam pela aldeia.

— Mentira! Posso jurar. É uma calúnia... É que me detestam...

Davídov hesitou em aplicar a decisão. Logo depois, Ostrovnov desenvolveu uma atividade tão intensa para preparar a limpeza dos trigais, para providenciar tudo que era necessário à organização da alimentação comum, fêz chover sôbr

a Direção tal volume de projetos de exploração racional do solo, que Davídov foi novamente conquistado pela energia do administrador.

Tôdas as circunstâncias contribuíram para consolidar a posição de Ostrovnov, por instantes comprometida. Davídov decidiu conservá-lo de qualquer forma e encorajar de tôdas as maneiras o espírito de iniciativa, verdadeiramente incansável dêsse homem.

Até Nagulnov mudara de atitude com relação a Ostrovnov. Na reunião da célula dissera:

— Não importa que por seu caráter nos seja estranho, se sabe como fazer progredir uma lavoura. Enquanto não formarmos um homem tão competente quanto êle, Ostrovnov permanecerá como administrador. Nosso Partido é inteligente! Possui milhões de cérebros; é por isso que é tão forte. Entre os engenheiros encontram-se muitos que são canalhas e contra-revolucionários completos. Deveríamos tê-los encostado no muro há tempos, por causa da sua moral... Mas não! Damos de comer a êles e dizemos: "Você tem instrução. Tome, aí tem dinheiro; empanturre-se até arrebentar; compre meias de sêda para sua amante, para diverti-la, mas moa o cérebro, faça obras de engenharia para o bem da revolução mundial." que o bom Deus faz, é para nosso bem"? Viva sua vida antiga, o fato é que obedecem. Se os fuzilássemos, que vantagem teríamos? Umas calças poídas, talvez um relógio com berloques, mais nada. Enquanto que dessa forma, trabalham e nos trazem centenas de benefícios. Com Ostrovnov é a mesma coisa: basta que faça diques, que cave poços, tudo isso para o bem do Poder soviético e para auxiliar a vinda da revolução mundial.

A vida de Ostrovnov equilibrara-se novamente. Percebia que tôdas as fôrças organizadas por trás de Polovtsev, que presidiam aos preparativos de rebelião, haviam fracassado daquela vez. Estava firmemente convencido de que não haveria mais insurreições, que o momento propício tinha passado; que uma reviravolta se operara no espírito dos cossacos, mesmo daqueles que mais hostilizavam o Poder soviético.

"Suponho que Polovtsev e Liatievski fugiram para o estrangeiro" — pensava êle.

Ao acerbo despeito de não ter podido derrotar o Poder soviético, mesclava-se uma alegria apaziguante, um sentimento de satisfação: nada, daí por diante, poderia perturbar sua existência afortunada. Vendo passar um miliciano por Gremiatchi-Log, já não sentia desfalecimento de mêdo, enquanto que, antigamente, bastava a imagem de um capote negro para fazê-lo tremer de angústia.

Sua velha mãe, quando ficava sòzinha com êle, perguntava:

— Quando virá o fim dêsse Poder de ateus? Os nossos vão chegar logo?

Ostrovnov, indignado pela pergunta inoportuna, respondia com voz cheia de amargura e de cólera:

— Que tem você com isso, mãe?

— Como? Que tenho com isso? Fecham as igrejas, desapropriam os bens dos popes... É justo isso?

— Já está muito velha, mamãe, reze suas orações... Não lhe interessam mais os assuntos dêste mundo.

— E os oficiais? Para onde foram? O outro, o pobre caolho, que fumava o tempo todo, que fim levou? Você também não vale nada! Ainda há pouco pedia a bênção, e agora serve êsse desgraçado Poder!

A velha não cessava de resmungar. Não podia compreender por que motivo o filho não queria mais "mudar de Poder".

— Mamãe, você me irrita! Acabe com essas histórias tôlas! Para que repisar essas coisas? Ainda mais sabendo que você é capaz de falar sôbre isso na frente de outras pessoas... Quer que eu morra, mamãe? Não é você quem diz: "Tudo que o bom Deus faz, é para nosso bem?" Viva sua vida tranqüilamente. Tem um abismo à sua frente, cale o bico e não diga nada. Ninguém tira o pão de sua bôca. Que quer ainda, meu Deus?

As conversações com a mãe deixavam Ostrovnov fora de si. Não se acalmava durante muito tempo. Recomendava às mulheres e a Simon, com severidade redobrada:

— Vigiem muito bem a avó! Ela terminará por causar minha perda. Quando um estranho passar pela porta, tranquem-na imediatamente no quarto.

Desde então, a velha ficava trancada dia e noite. Sòmente no domingo permitiam que saísse. Ia encontrar as mulheres de sua idade, velhinhas carcomidas como ela. As queixas e lamentos, então, se sucediam:

— Minhas boas amigas!... Sabem, meninas, Iakov e a mulher me trancam com duas voltas de chave... Não como senão pão sêco... Sim, pão que molho com minhas lágrimas. Antes, durante a quaresma, quando os oficiais, o comandante de Iakov e seu amigo, moravam comosco, davam-me uma boa sopa de repôlho e outras coisas. Agora, não sei o que têm contra mim. Minha nora, meu filho, são todos iguais... Ah!, a vida que me fazem levar, minhas amigas: ainda que seja meu filho, deixa-me desesperada... É malvado como uma inflamação. Por quê?, é o que pergunto. Há pouco tempo vinha-me pedir a bênção para demolir o Poder dos ateus. Agora, se digo alguma coisa, pragueja e me "agoniza" com uma porção de tolices...

40

Desde que começara o plantio, a ex-mulher de Nagulnov, Luchka, que gostava de viver intensamente, pusera-se a trabalhar nos campos. Fazia parte da terceira brigada e instalara-se ali permanentemente. Durante o dia guiava os bois de Krasnokutov. À noite, perto da cabana em que morava, ouvia-se até de madrugada o som das balalaicas, o suspirar dos contrabaixos e as notas agudas do acordeão. Rapazes e môças cantavam e dançavam. E era Luchka quem dirigia a sarabanda.

Para ela, a vida era luminosa e simples. Nenhuma preocupação, nenhuma inquietação enrugava-lhe a testa vazia de pensamentos. Com passo ligeiro e seguro, seguia pela vida, com as sobrancelhas levantadas, cheia de atenção, como se esperasse, de um momento para outro, uma nova alegria. Quanto a Nagulnov, deixara de pensar nêle no dia seguinte ao divórcio. Timóteo estava muito longe... E, além disso, não seria Luchka quem iria chorar a perda dos amigos... Às môças e mulheres que lhe falavam de sua semiviuvez, dizia

com ar de desprêzo: "Terei sempre poixes como êsses ao redor de mim!"

Com efeito, tinha bastante e, às vêzes, demais.

Os rapazes e os casados jovens da terceira brigada disputavam os favores de Luchka. No acampamento, perto da cabana, à luz da Lua, os cossacos gastavam as solas dançando "cracovianas" e "polonesas" frenéticas.

Muitas vêzes, entre os homens de charrua, semeadores e estorroadores, que dançavam e procuravam conquistar a intimidade de Luchka, estouravam disputas, cheias de palavras ofensivas, que degeneravam em brigas ferozes. Tudo por causa de Luchka. Ora, ela tinha um ar tão acessível, tão amável! Ainda mais que tôda aldeia conhecia sua ligação escandalosa com Timóteo. Cada um queria ter a honra de ocupar o lugar, bem a contragosto deixado por Timóteo, e de muito boa vontade por Nagulnov.

Dubtsov tentara fazê-la compreender que aquilo não era direito, mas foi inútil.

— Faço meu trabalho, não é verdade? Quanto a dançar e fazer o amor, ninguém tem o direito de me impedir. Você, tio Dubtsov, não grite tanto, ouviu? Cubra-se com o gibão e vá dormir. Se está com inveja e quer tomar parte na brincadeira, então venha. Nós aceitamos também os bexigosos. Parece que são notáveis no amor! — zombava Luchka.

Quando teve ocasião de ir a Gremiatchi, Dubtsov apelou para Davídov:

— Você arranja as coisas magnìficamente, camarada Davídov — disse com voz queixosa. — Para Liubichkin mandou o velho Chukar. Para mim, Luchka Nagulnova. É para nos sabotar que faz isso, ou é por outra coisa? Venha ver à noite o que se passa no acampamento... Luchka pôs fogo em todos os rapazes. Distribui sorrisos para cada um, como se fôssem promessas. E os palhaços ficam ao redor dela como galos novos. De noite, dançam até fazer o solo gemer. Dá pena vê-los arrebentar os calcanhares, batem de tal forma com êles na terra que nem ligam para o que possa acontecer. Perto da cabana, o chão está tão pisado que parece cimento. Até se apagarem as estrêlas, a farra continua, parece que estão em férias... Quando fui ferido, durante a guerra alemã,

fiquei internado num hospital em Kharkov. Bem, quando nos restabelecemos, as enfermeiras nos levaram para ver a ópera. Que bagunça: uns gritam como uns perdidos, outros dão saltos, outros ainda tocam violino. Não se compreende nada. É uma confusão que deixa a gente tonta! Lá na brigada é a mesma coisa: berram canções, derreiam músicos e fazem piruêtas. Uma verdadeira núpcia de cachorros! Ficam bancando os loucos até de madrugada e, quando chega o dia, que trabalho quer que façam? Dormem em pé, deixam-se pisar pelos bois... Camarada Davídov, de duas uma: ou você tira da brigada essa peste da Luchka, ou manda que ela se comporte como uma mulher casada.

— Mas quem pensa que sou? — irritou-se Davídov. — Sou por acaso o confessor dela?... Ora, deixe-me em paz! Será que precisam aborrecer-me com besteiras?... Que quer você? Que dê aulas de recato a ela? Se trabalhar mal, expulse-a da brigada, é claro. Pelas menores coisas vêm a Direção: "Camarada Davídov, quebraram um arado", "Camarada Davídov, uma égua está doente". Ou então: "Temos lá uma mulher fazendo coisas", e sou eu que tenho de resolver isso? Chega! É preciso reparar o arado? Procure o ferreiro. Para o cavalo, o veterinário. Afinal de contas, quando é que vão aprender a resolver as coisas pessoalmente? Até quando terei que guiar vocês? Vamos, chega, caia fora!

Dubtsov saiu, bastante descontente com a entrevista.

Sòzinho, Davídov fechou a porta com estrépito e trancou-a. Fumou dois cigarros seguidos. O relato de Dubtsov deixara-o inquieto. Se ficara encolerizado e gritara, não era porque os chefes de brigada, na ignorância de suas obrigações, aborreciam-no efetivamente com tôda a espécie de questões minúsculas; fôra porque Luchka, segundo Dubtsov, "distribuía sorrisos a cada um, como se fôssem promessas".

Depois da brincadeira que havia feito com Luchka no dia em que se encontraram perto da Direção e em que ela, com um sorriso malicioso sob os cílios baixos, pedira-lhe para arranjar um noivo e terminara por se oferecer a êle, Davídov, sem perceber, mudara de atitude em relação a ela. Desde algum tempo, surpreendia-se, cada vez mais freqüentemente, a pensar nessa mulherzinha insignificante, de uma frivolidade

incrível. Antes, experimentava por ela uma espécie de piedade matizada de repugnância e indiferença, enquanto que, agora, sentia coisa completamente diferente... O fato de Dubtsov trazer aquela estúpida queixa contra Luchka, servira apenas de pretexto aparente para se encolerizar.

Sentia-se atraído por Luchka em hora bem inoportuna, justamente no meio do plantio, no momento em que era necessário empregar o máximo de esforços. Certamente, o que contribuíra para gerar êsse sentimento, era o fato de que Davídov passara todo o inverno "como um arcebispo", como lhe dizia brincando André Razmetnov. Talvez também a primavera exercesse seu império sôbre a carne sensível do inatacável presidente do colcós de Gremiatchi, que saíra honrosamente de tôdas as campanhas econômicas e políticas.

Cada vez com mais freqüência, acordava à noite sem razão: então, punha-se a fumar, com o rosto dolorosamente crispado, prestando atenção à suave canção e aos trinados apaixonados dos rouxinóis. Depois, fechava raivosamente a janela, tapava a cabeça com as cobertas e ficava estendido até às primeiras luzes da aurora, sem conseguir fechar os olhos, com o largo peito tatuado sôbre o travesseiro.

A primavera de mil novecentos e trinta — irresistível e precoce — povoara os jardins e os bosques de tantos rouxinóis, que o vazio da noite ficava repleto de canções triunfantes, que não cessavam nem durante o dia. As curtas noites primaveris não eram suficientes para apaziguar seus ardores amorosos. "Os porcos vão em dois turnos!" — murmurava Davídov ao amanhecer, empolgado por forte lassidão, lutando bravamente contra a insônia.

Luchka Nagulnova ficou na brigada até o fim do plantio. Logo que terminou a limpeza dos trigais, deixou o campo e, naquela noite mesmo, procurou Davídov.

Depois de jantar, êle deitara-se no quarto, lendo a *Pravda*.

Alguém — poder-se-ia dizer um camundongo — arranhou a porta, enquanto uma doce voz feminina perguntava:

— Pode-se entrar?

— Entre.

Davídov saltou do leito e vestiu a jaqueta.

Luchka entrou e fechou a porta sem ruído. Um lenço negro envelhecia seu rosto curtido pelo vento. As sardas que lhe cobriam as faces queimadas de sol apareciam em relêvo. Mas os olhos, na sombra do lenço, estavam ainda mais sorridentes e brilhantes que nunca.

— Vim fazer uma visita...

— Entre, sente-se.

Davídov, assombrado e alegre com sua vinda, puxou uma banqueta, abotoou a blusa e sentou-se novamente na cama.

Esperava, sem dizer nada, desajeitado e tomado de inquietação.

Luchka dirigiu-se com desembaraço para a mesa; com cuidado ajeitou a saia para não amarrotá-la e sentou-se.

— Como vai, presidente do colcós?

— Vou indo...

— Não fica nunca aborrecido?

— Não há tempo nem motivo para isso.

— E o tempo, não custa a passar sem mim?

Davídov, que nunca se perturbava, enrubesceu e franziu o cenho. Luchka, afetando humildade, baixou os olhos. Um sorriso esboçara-se em seus lábios.

— Que foi que você disse? — perguntou êle em tom inseguro.

— Se seu tempo não custa a passar!

— Não, posso lhe garantir. Vem para tratar de algum assunto?

— Sim... Que há de novo nos jornais? E a revolução mundial, como vai?

Luchka, pondo os cotovelos na mesa, assumiu um ar sério e circunspecto. Não havia mais nenhum traço de seu diabólico sorriso.

Davídov controlava-se:

— Há muita coisa de novo... Então, que deseja?

Havia probabilidades de que a dona da casa espionasse a entrevista. Davídov pisava em brasas. A situação era difícil, insustentável, por assim dizer. No dia seguinte, a proprietária iria espalhar por Gremiatchi a notícia de que a ex-espôsa de Nagulnov vinha encontrar seu locatário à noite, e seria o fim da reputação inatacável de Davídov.

Ávidas de mexericos, as comadres começariam a comentar nas ruas e perto dos poços. Ouvindo, os colcosianos teriam um sorriso malicioso. André começaria a importunar o camarada apanhado nas rêdes de Luchka. Depois, aumentando, o rumor terminaria por chegar ao distrito, à *União Agrícola*. Teria um processo nas costas. Diriam: "Se não terminou o plantio até o dia dez, é por que recebia mulheres em casa. É claro que se ocupava mais das coisas do amor do que das sementes."

O secretário do comitê de zona dissera, com razão, antes de enviar os que pertenciam aos Vinte e Cinco Mil para os distritos: "No campo, devem manter o prestígio da classe operária, guarda avançada da revolução mundial. É preciso ser extremamente prudente. Não falo das grandes coisas, é necessário dar atenção aos menores detalhes da vida diária. Se gastarem um copeque com bebida, a aldeia criará em tôrno disso, cem rublos políticos..."

Davídov suava só de pensar nas conseqüências que poderiam advir da visita de Luchka e da conversa com ela. Estava ameaçado de descrédito.

Luchka continuava sentada, sem perceber as apreensões de Davídov. Êste, com a voz ligeiramente enrouquecida pela emoção, perguntou, desta vez, em tom severo:

— Enfim, que a traz aqui? Fale e terminemos logo com isso. Não tenho tempo a perder com você, é claro.

— Não se lembra do que disse há tempos? Não pedi permissão a Nagulnov, mas tenho certeza de que êle é contra...

Davídov levantou-se e, gesticulando, disse:

— Estou ocupado. Depois. Mais tarde.

Nesse momento, estava pronto a fechar-lhe a bôca risonha com a mão, para fazê-la calar-se.

Ela compreendeu. Franziu a testa com ar desdenhoso:

— Está bem... Dê-me um jornal, alguma coisa interessante.

Não tenho mais nada a dizer a você. Desculpe o incômodo...

Saiu. Davídov soltou um suspiro de alívio.

Um minuto mais tarde, porém, com os cotovelos apoiados na mesa, os dedos raivosamente enfiados nos cabelos, pensava: "Ah! que bêsta que sou, nem é preciso dizer!... E se falarem, que tem isso? Então, não tenho mais o direito de receber uma mulher em minha casa? De qualquer forma não sou um monge! Em primeiro lugar, ninguém tem nada com isso. Desde que me agrade posso perfeitamente passar meu tempo disponível com ela. Contanto que o trabalho não seja prejudicado. Não tenho que me importar com o resto! E, agora, ela não voltará mais, é claro. Fui muito brutal... E logo viu que eu estava com mêdo... Que estupidez!"

Entretanto, não tinha de que se lamentar: Luchka não pertencia à categoria de mulheres que desistem fàcilmente. Tinha em mira conquistar Davídov. Com efeito, não queria ligar seu destino a um rapaz qualquer de Gremiatchi. Para quê? Para mofar até a velhice junto à estufa e arrebentar-se na estepe, conduzindo bois? Davídov, pelo menos, era um belo homem, de ombros largos, simpático. Não se parecia com Nagulnov, sempre enfiado nos negócios e esperando a revolução mundial. Também não se parecia com Timóteo... Tinha um pequeno defeito: uma falha bem no meio do maxilar. Mas Luchka já havia decidido. Sua vida breve, mas rica de experiências, ensinara-lhe que, para avaliar um homem, os dentes não eram o ponto essencial.

No dia seguinte, voltou à noitinha, desta vez tôda enfeitada e ataviada, mais provocante que nunca. O pretexto da visita eram ainda os jornais.

— Vim devolver o jornal... Pode me dar mais? Não teria um livro, por acaso? Alguma coisa apaixonante... sôbre amor...

— Jornais, sim, mas livros não tenho nenhum. Não sou biblioteca.

Luchka, sem esperar convite, sentou-se e entabulou, com ar grave, uma conversa a respeito do plantio na terceira brigada, os defeitos que notara na granja leiteira que acabava de ser montada em Gremiatchi. Adaptava-se com uma ingenuidade cândida a Davídov, interessava-se pelas coisas que, acreditava, deviam tocá-lo de perto.

Desconfiado a princípio, Davídov deixou-a falar. Depois, interessado, expôs-lhe os projetos que tinha em mente para a organização da granja. Contou-lhe, entre outras coisas, os recentes progressos técnicos realizados no estrangeiro para o tratamento do leite. Por fim, disse, não sem azedume:

— Precisamos é de dinheiro. Primeiro, para comprar crias de boas vacas leiteiras. Depois, é preciso procurar um touro de raça... E tudo isso bem depressa, pois uma leiteria bem instalada nos daria grandes benefícios! É claro que o colcós verá melhorar assim sua receita. Que existe ali atualmente? Uma desnatadeira de quatro vinténs que nunca dará o rendimento desejado. E é tudo. Não temos sequer vasilhas especiais para leite. Despejamo-lo em jarras. Não está certo isso. Veja, você acaba de dizer que o leite azeda. Por quê? Sòmente porque o colocam em recipientes sujos.

— Os jarros não são bem secados no forno, é por isso que o leite azeda.

— É o que digo. Não cuidam do vasilhame como devem. Você deveria se ocupar disso. Faça o que é preciso ser feito, e a Direção sempre ajudará você. Pois, sem isso, que vai acontecer? O leite se perderá, se não cuidarem das vasilhas e se as mulheres que ordenham as vacas continuarem a proceder como já vi... Já faz tempo, uma mulher sentou-se ao lado da vaca, não lavou o úbere, os bicos estavam cobertos de sujeira, de estêrco... Além disso, as mãos da mulher não estavam nada limpas. Sabe-se lá o que teria pegado antes de ir ordenhar? Não tive tempo para cuidar dêsse assunto. Mas voltarei a êle. E você, em vez de enfarinhar o rosto com tôda sorte de pós e de tinturas, poderia ficar ordenhando as vacas na granja. Será nomeada superintendente, enviaremos você a um curso, aprenderá como se deve proceder e será uma mulher qualificada.

Luchka suspirou:

— Ah, não! Terão que passar sem mim. Há gente bastante para pôr tudo em ordem. Não tenho interêsse em ser superintendente e não quero, absolutamente, fazer cursos. Seria muito aborrecido. Gosto de trabalhar sem exageros, para ter tempo de descansar. Só os imbecis se arrebentam de tanto trabalhar.

— Já está novamente dizendo tolices — disse Davídov, despeitado. Mas não insistiu.

Luchka levantou-se para sair. Davídov acompanhou-a. Marchavam lado a lado na rua escura, sem dizer nada. Pouco depois, Luchka, que não tardara em descobrir tôdas as preocupações de Davídov, perguntou:

— Foi ver hoje o trigo do Kuban?

— Sim.

— E então?

— Vai mal. Se não chover esta semana, receio que não brote. E, veja o que acontecerá então! Os velhos que vieram pedir permissão para celebrar uma missa, vão caçoar, é claro! "Vejam, não permitiu que rezássemos uma missa, e o bom Deus não deu chuva!" O bom Deus dêles não tem nada a ver com o assunto, quando o barômetro fica fixo no "variável". Mas êles vão-se agarrar à estúpida fé. De qualquer modo é uma pena!... Foi também culpa nossa. Não deveríamos ter-nos preocupado tanto com as hortas, milho, cevada, etc., mas sim, plantado o trigo mais cedo. Foi nosso êrro. O mesmo aconteceu com o *melionopus*. Bem que avisei ao parvo do Liubichkin! Considerando os dados agronômicos e as nossas condições, essa variedade é a que mais nos convém...

Davídov animara-se de novo, e falaria muito tempo com ardor, se Luchka não o interrompesse com impaciência evidente.

— Chega, vamos, chega de falar de trigo! Venha sentar-se aqui que é melhor. Pelo menos descansaremos.

E indicou-lhe o declive do valado, estranhamente azul sob a luz da Lua.

Desceram até êle, e Luchka, arrepanhando cuidadosamente a saia, propôs:

— Você poderia pôr a jaqueta sôbre a erva, pois tenho mêdo de me sujar. Estou com meu vestido domingueiro...

Quando estavam sentados sôbre a jaqueta estendida, aproximou da face sorridente de Davídov seu rosto, que se havia tornado singularmente belo e grave.

— Basta de conversa sôbre trigo e colcós! Não se trata disso, agora... Não sente o odor das fôlhas novas dos álamos!

Então, as hesitações de Davídov se dissiparam. Desejava Luchka, embora sempre temendo que uma ligação com ela comprometesse sua autoridade moral.

Quando se levantou, seu pé fêz rolar pela ribanceira torrões de argila sêca. Luchka continuou deitada de costas, com os braços abertos e os olhos cerrados com lassidão. Durante um minuto os dois ficaram em silêncio. Bruscamente, ela endireitou-se com vivacidade e abraçou as pernas dobradas. Um riso silencioso fazia-lhe estremecer o corpo. Ria como se lhe fizessem cócegas.

— Que foi? — perguntou Davídov, surprêso e vexado.

Luchka cessou de rir imediatamente. Estirou as pernas e, acariciando com as mãos os quadris e o ventre, disse com ar sonhador, com voz satisfeita e arrulhante:

— Ah!, como estou me sentindo leve...

— Só lhe faltam asas para voar, não? — grunhiu Davídov.

— Você não tem motivo para ficar aborrecido... Sinto o ventre leve, leve... Como se não houvesse nada dentro... Foi por isso que ri. Queria que chorasse, por acaso? Sente-se, por que se levantou?

Davídov obedeceu sem se apressar. "Que fazer agora? É preciso acertar isso, de acôrdo com as normas, pois vai ser duro para Nagulnov, e para todos... Estava bem tranqüilo, para que fui arranjar dor de cabeça?" — pensava olhando de soslaio para o rosto de Luchka, esverdeado pelo luar.

Esta, sem tocar a terra com as mãos, levantou-se, ágil e sorridente. Cerrando as pálpebras, perguntou:

— Estou bem?

— Como dizer?... — respondeu Davídov, indeciso, estreitando as frágeis espáduas de Luchka...

41

No dia seguinte, depois da chuva torrencial que caiu sôbre Gremiatchi-Log, Ostrovnov foi a cavalo até o bosque Vermelho. Queria escolher pessoalmente os carvalhos desti-

nados à construção do dique e que deveriam ser abatidos no dia seguinte pelos homens da terceira brigada.

Ostrovnov partira bem cedo. O cavalo, abanando a cauda cuidadosamente atada, marchava sem pressa. As patas dianteiras, desferradas, resvalavam contìnuamente no pegajoso barro, mas Ostrovnov não levantou o chicote uma única vez: não tinha pressa. Fumava, deixando as rédeas prêsas no arção da sela, e olhando a estepe que se estendia ao redor de Gremiatchi-Log, ondo cada ravina, cada vale e cada terraço eram-lhe familiares e queridos. Admirava as lavouras, amolecidas, cheias d'água, o trigo lavado pela chuva oblíqua.

"Conseguiu a chuva que queria, o velhaco da bôca quebrada — pensava com mágoa e despeito. — Agora, o trigo de Kuban vai brotar. Até parece que o próprio Deus está a favor dêste maldito Poder soviético. Antigamente, só tínhamos más colheitas... mas de mil novecentos e vinte e um para cá, as searas têm sido excelentes. A natureza inteira é pelo Poder soviético. Nessas condições, manter-se-á para sempre! Não, se os aliados não nos derem uma ajuda para derrubar os comunistas, sòzinhos não conseguiremos nada... Não adianta nenhum Polovtsev, por maior que seja sua sabedoria. A fôrça leva tudo de vencida e não adianta marchar contra a corrente. Além disso, as pessoas tornaram-se malditas, odiosas e perversas!... Um denuncia o outro com a maior facilidade... Contanto que se salve a própria vida!... Depois de nós, o dilúvio!... Sim, os tempos são duros! Daqui há um ou dois anos, quem sabe o que acontecerá?... *De qualquer* forma, quero crer que nasci sob uma boa estrêla, pois não me aconteceu nada quando me meti com Polovtsev. Deveria estar frito! Deus seja louvado, tudo se arranjou da melhor maneira. Agora, só me resta esperar para ver. Se não nos separamos desta vez do Poder soviético, pode bem ser que as coisas corram melhor da próxima vez."

Sôbre os talos de erva voltados para o sol, sôbre os brotos vigorosos do trigo, gotas de orvalho tremiam como pérolas. O vento do oeste as secava; caíam com um luzir de arco-íris sôbre a terra doce e embriagadora, saturada de chuva.

Nas orlas do caminho, estagnavam poças, esperando que o solo sugasse a água. Acima de Gremiatchi-Log aparecia

já, mais alto que os álamos, o rosado nevoeiro da madrugada. No azul opaco, o crescente argentino da Lua empalidecia, surpreendido pela aurora, como se lavado pelo aguaceiro.

A Lua tinha uma finura de filigrana, inclinada, prometendo chuvas abundantes. Ostrovnov, olhando-a, apegou-se definitivamente à idéia: "Sim, a colheita será excelente."

Chegou à floresta cêrca de meio-dia. Peou o cavalo e deixou-o pastar. Tirando da cintura uma machadinha de carpinteiro, começou a fazer entalhes nos troncos dos carvalhos da cota reservada para Gremiatchi-Log. Na orla do bosque marcou umas cinco ou seis árvores. Ia entalhar a seguinte: era um carvalho magnífico, alto como um mastro de navio, surpreendentemente reto e que dominava orgulhosamente os olmos já caducos da vizinhança. Um ninho de corvo fazia mancha em sua sombria e brilhante copa. A julgar pela espessura do tronco, devia ser da mesma idade que Ostrovnov. Êste, cuspindo nas mãos, olhou com piedade melancólica para a árvore condenada.

Fêz um corte e escreveu com lápis-cópia as iniciais *C. G.* Em seguida, depois de empurrar com a ponta das botas os cavacos úmidos de seiva que juncavam o chão, sentou-se para fumar.

"Quantos anos já viveu, velho irmão! Nada foi capaz de vencer você. Agora, é necessário que morra... Virão abatê-lo, desbastá-lo e cortar seus adornos — os ramos e os brotos — a machadadas; arrastarão você até o tanque e será fixado na terra para servir de suporte para o dique — pensava Ostrovnov, com os olhos voltados para a copada ramagem do carvalho. — E ficará no tanque do colcós até ser comido pela podridão. E, numa enchente de primavera, será arrastado até lá embaixo, no barranco... E será seu fim."

Uma tristeza, uma angústia indizível apoderou-se de Ostrovnov.

"E se eu o perdoasse, hein? Se o deixasse aí? O colcós tem de sobra." E, com o coração leve, decidiu: "Ora, viva e cresça, a vida é bela para você: não conhece impostos, contribuições, não é obrigado a viver no colcós!... Continue, então, como o Senhor ordenou."

Levantou-se ràpidamente, apanhou um punhado de barro argiloso e recobriu cuidadosamente o entalhe. Depois afastou-se, satisfeito e calmo...

Quando tinha marcado sessenta e sete carvalhos, Ostrovnov, emocionado, montou e partiu, acompanhando o limite do bosque.

Uma voz interpelou-o:

— Iakov Lukitch, espere um pouco!

Detrás de uma moita espinhosa apareceu um homem. Estava coberto com um gorro de peles e vestido com um gibão desabotoado. A face era escura e magra, a pele caía nos pomos, os olhos fundos nas órbitas. Um bigode negro destacava-se sôbre os lábios pálidos e gretados, como se fôsse pintado a carvão.

— Não me reconhece?

O homem tirou o gorro. Olhando com cuidado ao redor, saiu do esconderijo. Sòmente então Ostrovnov reconheceu Timóteo, o filho de Frol, o Arreganhado.

— De onde vem? — perguntou, assombrado pelo encontro e pelo aspecto de Timóteo, terrìvelmente magro e irreconhecível.

— Venho de onde não se volta mais... Do exílio... De Kotlas...

— Mas como? Você fugiu?

— Sim... Diga-me, pai Ostrovnov, não tem nada aí? Tem pão?

— Sim.

— Dê-me um pedaço, pelo amor de Deus! Faz cinco dias que só como bagas podres...

Sua garganta teve um espasmo, como se fôsse vomitar.

Os lábios tremiam, os olhos luziam como os de um lôbo, vendo Ostrovnov tirar da blusa um pedaço de pão.

Avançou para o alimento com tal fúria, que Ostrovnov ficou boquiaberto. Mordia vorazmente a crosta tostada, virava o pão entre os dedos em gancho, engolindo-o quase sem respirar. Sòmente quando engoliu o último pedaço levantou os olhos turvos, que haviam instantâneamente perdido o brilho febril.....

— Como está com fome, meu jovem... — disse Ostrovnov cheio de compaixão.

— Pois não disse que não comia há cinco dias? Ora comia uma baga podre, ora uma amora do ano passado... Não agüento mais...

Como fêz para chegar aqui?

— A pé, da estação. Andava durante a noite — respondeu Timóteo em voz baixa.

Empalidecia progressivamente, como se, para comer, houvesse gasto as últimas energias. Um soluço irresistível sacudiu-o, fazendo com que se contorcesse dolorosamente.

— E seu pai? Está vivo? Sua família vai bem? — informava-se Ostrovnov que, sempre montado, olhava inquietamente para os lados.

— Meu pai morreu de pneumonia. Mamãe e minha irmã ficaram por lá... E por aqui, que aconteceu? Como vai Luchka?

— Pois saiba, jovem, que se divorciou...

— Onde está agora? — disse animadamente Timóteo.

— Mora em casa da tia...

— Vou pedir um favor a você, Iakov Lukitch. Quando voltar à aldeia, diga-lhe que me traga qualquer coisa para comer... Hoje mesmo... Sem falta, ouviu? Estou fraco e não posso andar. Preciso refazer-me... Cento e setenta verstas na escuridão! Você sabe o que é marchar à noite, numa região que não se conhece. Avança-se às cegas... Então? Dirá a ela que me traga de comer? Quando recuperar um pouco as fôrças, irei até a aldeia. Morria de saudades dela!...

E sorriu confusamente.

— Como vai fazer para viver? — indagou Ostrovnov, desagradàvelmente impressionado com o encontro.

Timóteo, com expressão dura, respondeu:

— Não sabe? Agora virei lôbo. Descansarei e, à noite, irei desenterrar meu fuzil... Escondi-o na granja... Depois, acertarei as contas. Para mim, só há um caminho. Querem matar-me, pois matarei também. Há vários para quem destino uma ameixa de chumbo... Vão ver se é bom! Passarei o verão na floresta, até o outono. Com as primeiras neves, irei

para Kuban ou para qualquer outra parte. O mundo é vasto... Há centenas como eu...

— Mas, sabe de uma coisa? A Luchka do Nagulnov, já há algum tempo que se esfrega no presidente do colcós — disse, com voz hesitante, Ostrovnov que já vira mais de uma vez Luchka correr para o alojamento de Davídov.

Timóteo deitou-se ao lado de uma moita. Uma dor intolerável no estômago obrigava-o a deitar-se. Entretanto, mesmo fazendo pausas, disse:

— Davídov será o primeiro a cair... Luchka é fiel... Os velhos amôres não se esquecem... Não é como um serviço que se presta... Sempre saberei achar o caminho de seu coração... Nunca ficará fechado para mim... Olá! o seu pão está me matando... Meu ventre está arrebentando... Então, você dirá a Luchka que me traga toucinho e pão... Pão, principalmente...

Ostrovnov avisou Timóteo que, no dia seguinte, iam cortar as árvores.

Saindo da floresta, foi aos campos da segunda brigada para inspecionar o trigo de Kuban. Em tôda extensão da lavoura, negra como carvão até recentemente, os brotos haviam aflorado, cobrindo o solo com um tapete de verdura tenra...

Ostrovnov sòmente entrou na aldeia à noite. Da cavalariça do colcós dirigiu-se para casa, sempre sob a penosa impressão que lhe causara o encontro com Timóteo e que o deixara perturbado durante todo o dia. Mas, uma novidade bem mais terrível o esperava.

Do vestíbulo viu sua nora sair precipitadamente da cozinha. Ela sussurrou-lhe ao ouvido:

— Pai... tem gente aí...

— Quem?...

— Polovtsev e o outro... o caolho. Chegaram ao anoitecer. Estávamos ordenhando as vacas, mamãe e eu... Estão lá, no quarto. Polovtsev bebeu demais... Quanto ao outro, não sei de nada. Dão pena, de tão esfarrapados. Estão cheios de piolhos, pode-se ver os bichos passeando pela roupa dêles.

Vozes partiam do pequeno quarto. Liatievski, tossindo, dizia, mordaz e zombeteiramente:

— Evidentemente! Quem é você, então, caro senhor? E o que pergunto, excelentíssimo Sr. Polovtsev! Eu mesmo vou-lhe dizer... Quer? Ainda que não queira! Você é um patriota sem pátria, um general sem exército. E se acha essas comparações muito abstratas, então... não passa de um jogador, sem um mísero copeque no bôlso!

Ostrovnov ouviu a voz afogada de Polovtsev. Sem fôrças, apoiou-se à parede e apertou a cabeça entre as mãos... O passado recomeçava.

F I M

Coleção ROMANCES DO POVO

Direção de JORGE AMADO

Volumes já publicados:

I — B. Polevói — **UM HOMEM DE VERDADE** (esgotado)
II — N. Ostrovsky — **ASSIM FOI TEMPERADO O AÇO**
III — Ferreira de Castro — **A LA E A NEVE**
IV — T. Siomúchkin — **O GRANDE NORTE**
V — Jacques Roumain — **DONOS DO ORVALHO**
VI — Dmitri Fúrmanov — **TCHAPAIEV**
VII — Galina Nikolaieva — **A COLHEITA**
VIII — Ilya Ehrenburg — **A TEMPESTADE** (vol. 1º)
IX — Ilya Ehrenburg — **A TEMPESTADE** (vol. 2º)
X — Howard Fast — **ESPARTACO**
XI — Alina Paim — **A HORA PRÓXIMA**
XII — Piotr Pavlenko — **A FELICIDADE**
XIII — Alexandr Bek — **A ESTRADA DE VOLOKOLAMSK**
XIV — Howard Fast — **A TRAGÉDIA DE SACCO E VANZETTI**
XV — Konstantin Fédin — **PRIMEIRAS ALEGRIAS**
XVI — A. Serafimovitch — **A TORRENTE DE FERRO**
XVII — Ting Ling — **SOL SÔBRE O RIO SANGKAN**
XVIII — Mulk Raj Anand — **COOLIE**
XIX — Anna Seghers — **OS MORTOS PERMANECEM JOVENS**
XX — Mikhail Cholokov — **TERRA E SANGUE**

A sair

Konstantin Fédin — **UM VERÃO EXTRAORDINARIO**
Ivan Olbracht — **ANA**
Alfredo Gravina — **FRONTEIRAS AO VENTO**
Dalcídio Jurandir — **COMPANHEIROS**
Vasco Pratolini — **CRÔNICA DOS POBRES AMANTES**
V. Nekrassov — **A ALDEIA NATAL**
Nikolai Chundik — **A RENA VELOZ**